ZECHARIA SITCHIN

A ESCADA PARA O CÉU

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.org*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

ZECHARIA SITCHIN

A ESCADA PARA O CÉU

O Caminho percorrido pelos Povos Antigos
para atingir a Imortalidade

Livro II de As Crônicas da Terra

Formatação/conversão ePub: Relíquia

Tradução de EVELYN DE MASSARO

EDITORA BEST SELLER

1980

logoacervo

SUMÁRIO

Capítulo 1
EM BUSCA DO PARAÍSO
Capítulo 2
OS ANTEPASSADOS IMORTAIS
Capítulo 3
A VIAGEM DO FARAÓ PARA A OUTRA VIDA
Capítulo 4
A ESCADA PARA O CÉU
Capítulo 5
OS DEUSES QUE VIERAM AO PLANETA TERRA
Capítulo 6
NOS DIAS ANTES DO DILÚVIO
Capítulo 7
GILGAMESH: O Rei que Não Queria Morrer
Capítulo 8
CAVALEIROS DAS NUVENS
Capítulo 9
O LOCAL DE ATERRISSAGEM
Capítulo 10
TILMUN: A TERRA DOS FOGUETES
Capítulo 11
MONTE ENGANADOR
Capítulo 12
AS PIRÂMIDES DE DEUSES E REIS
Capítulo 13
FALSIFICANDO O NOME DO FARAÓ
Capítulo 14
O OLHAR DA ESFINGE

CAPÍTULO 1
EM BUSCA DO PARAÍSO

Contam as antigas escrituras que houve uma época em que a imortalidade estava ao alcance da humanidade. Era uma idade de ouro, o homem vivia com seu Criador no Jardim do Éden, cuidava do pomar e Deus passeava, gozando a brisa vespertina. "Iahweh Deus fez crescer do solo toda espécie de árvores formosas de ver e boas de comer, e a Árvore da Vida no meio do jardim e a Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal. Um rio saía do Éden para regar o jardim e de lá se dividia formando quatro braços. O primeiro chama-se Fison (...); o segundo rio chama-se Geon (...); o terceiro rio chama-se Tigre (...); o quarto rio é o Eufrates."
Adão e Eva tinham permissão para comer os frutos de todas as árvores, com exceção do fruto da Árvore do Conhecimento. Quando desobedeceram à ordem (tentados pela serpente), Deus ficou preocupado com o assunto da imortalidade:

Depois disse Iahweh Deus:
Se o homem já é como um de nós,
Versado no bem e no mal,
Que agora ele não estenda a mão
E colha também da Árvore da Vida,
E coma e viva para sempre!"
E Iahweh Deus o expulsou do Jardim do Éden
Para cultivar o solo de onde fora tirado.
Ele baniu o homem e colocou,
Diante do Jardim do Éden,
Os querubins e a chama da espada flamejante,
Para guardar o caminho da Árvore da Vida.

Assim, o homem foi expulso do lugar onde a vida eterna esperava por ele. E, embora banido, jamais cessou de recordar, ansiar e tentar atingir a imortalidade.
Desde a expulsão do paraíso, os heróis têm ido aos Confins da Terra em

busca da imortalidade. A alguns escolhidos foi dado encontrá-la; gente simples afirmou ter chegado a ela por acaso.
No decorrer dos tempos, a procura do paraíso foi algo que sempre dizia respeito a cada indivíduo. Entretanto, nos meados deste milênio, essa busca tornou-se uma empreitada oficial de poderosos reinos.
Segundo nos levaram a acreditar, o Novo Mundo foi descoberto quando os exploradores procuravam uma rota marítima para a Índia em busca de riquezas. Isso é verdade, mas apenas em parte, pois o que Fernando e Isabel, os reis da Espanha, mais desejavam era encontrar a Fonte da Eterna Juventude, uma fonte de poderes mágicos cujas águas rejuvenesciam os velhos e mantinham as pessoas eternamente jovens, porque brotava de um poço do paraíso.
Nem bem Colombo e seus homens desembarcaram no que pensavam ser as ilhas da Índia (as "Índias Ocidentais"), eles passaram a combinar a exploração das novas terras com a busca pela lendária fonte cujas águas "tornavam os velhos novamente jovens". Os espanhóis interrogaram, sob tortura, os "índios" capturados para que revelassem a localização secreta da mítica fonte.
Quem mais se destacou nessas investigações foi Ponce de León, soldado profissional e aventureiro espanhol, que saiu das fileiras para terminar como governador de parte da ilha de Hispaniola, que atualmente é o Haiti, e de Porto Rico. Em 1511, ele assistiu ao interrogatório de alguns índios aprisionados. Ao descreverem a ilha que habitavam, os nativos falaram de suas pérolas e outras riquezas, e enalteceram as maravilhosas virtudes de suas águas. Existe uma fonte, contaram, onde um ilhéu "gravemente oprimido pela velhice" foi beber. Depois disso "ele recuperou sua força varonil e praticava todos os desempenhos viris, tendo novamente tomado uma esposa e gerado filhos".
Ouvindo com crescente entusiasmo, Ponce de León, ele próprio um homem de mais de 50 anos, convenceu-se de que os índios descreviam a mítica fonte das águas rejuvenescedoras. A observação final dos nativos lhe pareceu a parte mais notável do relato, pois na corte da Espanha, bem como em toda a Europa, abundavam quadros feitos pelos maiores artistas e sempre que eles pintavam cenas de amor ou alegorias sexuais incluíam uma fonte no cenário. Talvez o mais famoso desses quadros seja O Amor Sagrado e o Amor Profano, de Ticiano. Na pintura, a fonte insinua o máximo em matéria de amor - as águas que tornavam possíveis "todos os

desempenhos viris" ao longo da eterna juventude.
O relatório de Ponce de León para o rei Fernando aparece nos registros mantidos pelo historiador oficial da corte, Pietro Martire di Anghiera. Como este afirma em seu Decade de Orbe Novo (Décadas do Novo Mundo), os índios vindos das ilhas Lucaias, ou Bahamas, revelaram que "há uma ilha onde existe uma fonte perene de água corrente de tal excelsa virtude que ingerida, quem sabe acompanhada de alguma dieta, torna os velhos novamente jovens". Muitos estudos, como a obra de Leonardo Olschki, Ponce de León's Fountain of Youth: History of a Geographical Myth (A Fonte da Juventude de Ponce de León: História de um Mito Geográfico), estabeleceram que a "Fonte da Juventude era a mais popular e característica expressão das emoções e expectativas que agitaram os conquistadores do Novo Mundo". Sem dúvida, Fernando, rei da Espanha, era um dos que esperavam ansiosamente a confirmação da notícia.
Assim, quando chegou a carta de Ponce de León, o rei não perdeu tempo. Concedeu de imediato ao aventureiro uma patente de descobrimento (com data de 23 de fevereiro de 1512), autorizando a partida de uma expedição da ilha de Hispaniola tomando rumo norte. O Almirantado recebeu ordem de auxiliar Ponce de León e dar-lhe as melhores embarcações e marinheiros, com os quais talvez descobriria sem demora a ilha de "Beininy" (Bimini). O rei deixou bem explícita uma instrução: "Depois de teres atingido a ilha e ficares sabendo o que existe nela, tu me mandarás um relatório".
Em março de 1513, Ponce de Leon partiu para o norte com a intenção de encontrar a ilha de Bimini. A desculpa pública para a expedição era "procurar ouro e outros metais", mas a verdadeira meta era encontrar a Fonte da Eterna Juventude. Os marinheiros logo desconfiaram disso quando viram não apenas uma ilha, mas centenas delas, as Bahamas. Ao ancorarem em uma após outra, os grupos de desembarque receberam instruções de procurarem não ouro, mas uma fonte incomum. Águas de riachos foram testadas e bebidas sem efeitos extraordinários aparentes. No Domingo de Páscoa - Pasca de Flores, em espanhol -, foi avistado um longo litoral e Ponce de León chamou a "ilha" de Flórida. Acompanhando a costa e desembarcando várias vezes, ele e seus homens exploraram as florestas e beberam a água de inúmeras fontes. Todavia, nenhuma delas pareceu realizar o milagre tão almejado.
Contudo, o fracasso da missão não conseguiu abalar a convicção de que existia mesmo a tal fonte no Novo Mundo. Ela só precisava ser descoberta.

Mais índios foram interrogados. Alguns aparentavam muito menos idade do que realmente afirmavam ter; outros repetiram lendas que confirmavam a existência da água milagrosa. Urna delas, transcrita em Creation Myths of Primitive America (Mitos da Criação da América Primitiva), de J. Curtin, diz que quando Olelbis, "aquele que está sentado no alto", estava para criar a humanidade, mandou dois emissários à Terra para construírem uma escada que ligaria o Céu e a Terra. A meio caminho, deveriam instalar um local de repouso, onde haveria uma lagoa da mais pura água potável. No topo da escada criariam duas fontes, uma para se beber e outra para banhos.
Disse Olelbis: "Quando um homem ou uma mulher envelhecer, deixem-no subir a esse cume, beber e banhar-se. Com isso, sua juventude será restaurada".
A convicção de que a fonte existia em algum lugar daquelas ilhas era tão forte que em 1514 - um ano depois da malograda expedição de Ponce de León - Pietro Martire escreveu (em sua Segunda Década) ao papa Leão X informando:

A uma distância de 325 léguas de Hispaniola, dizem, existe uma ilha chamada Boyuca, aliás Ananeo, que, segundo aqueles que exploraram seu interior, possui urna fonte extraordinária, cujas águas rejuvenescem os velhos.
Que Sua Santidade não pense que isso esteja sendo dito leviana ou irrefletidamente, pois esse fato é considerado verdadeiro na corte, e de uma maneira tão formal, que todos, mesmo aqueles cuja sabedoria ou fortuna os distinguem das pessoas comuns, o aceitam como verdade.

Ponce de León, sem se deixar desanimar, concluiu, após pesquisas adicionais, que deveria procurar urna fonte ligada a um rio, possivelmente através de um túnel subterrâneo. Então, se a fonte ficava numa ilha qualquer, seu manancial não seria um rio da Flórida?
Em 1521, a Coroa espanhola ordenou que Ponce de León fizesse urna nova expedição, desta vez centralizando as buscas na Flórida. Não existem dúvidas sobre o verdadeiro propósito dessa missão. Poucas décadas depois, o historiador espanhol Antonio de Herrera & Tordesillas afirmou em sua Historia General de Las Indias (História Geral das Índias): "Ele (Ponce de León) saiu em busca daquela fonte sagrada, tão afamada entre os índios, e do rio cujas águas rejuvenesciam os velhos". A intenção era descobrir a

fonte na ilha de Bimini e o rio na Flórida, onde, segundo afirmavam os índios de Cuba e Hispaniola, "os velhos que nele se banhavam tornavam-se jovens de novo".
Em vez da juventude eterna, Ponce de León encontrou a morte ao ser atingido por uma flecha dos índios caraíbas. Assim, embora a procura individual por uma poção ou ungüento que consiga adiar o dia final talvez jamais termine, a busca organizada, sob comando real, chegou ao fim.

Teria a busca sido inútil desde o início? Fernando, Isabel, Ponce de León e todos que navegaram e morreram procurando pela Fonte da Juventude seriam apenas tolos que acreditavam em contos de fada primitivos?
Não, no entender deles. As Sagradas Escrituras, crenças pagãs e relatos documentados de grandes viajantes juntavam-se para garantir que realmente existia um lugar cuja água (ou néctar de seus frutos) podia conceder a imortalidade, mantendo a pessoa eternamente jovem.
Antigos contos falando de um local secreto, urna fonte secreta, um fruto ou planta secreta que salvaria seus descobridores da morte eram comuns na península Ibérica, corno um legado dos celtas que habitaram a região num passado distante. Corriam histórias sobre a deusa Idunn, que vivia junto a um riacho sagrado e guardava maçãs mágicas num baú. Quando os deuses envelheciam, iam procurá-la para comerem as frutas e se tornarem novamente jovens. De fato, Idunn significava "jovem de novo" e as maçãs consistiam no "elixir dos deuses".
Seriam esses contos populares um eco da lenda de Héracles (nome grego de Hércules) e seus doze trabalhos? Uma sacerdotisa do deus Apolo, ao prever o que esperava o herói, lhe garantira: "Quando tu os completares, tornar-te-ás um dos mortais". O penúltimo trabalho de Héracles seria colher e trazer as divinas maçãs de ouro das Hespérides. Estas, as "Ninfas do Poente", habitavam as proximidades do monte Atlas, na Mauritânia.

Os gregos, e depois os romanos, nos legaram muitos contos sobre homens imortalizados. Apolo ungiu o corpo de Sarpédon e ele durou várias gerações. Afrodite presenteou Faon com uma poção mágica. Ao ungir-se com ela, Faon transformou-se num belo jovem "que despertou amor no coração de todas as mulheres de Lesbos". O menino Demofonte, ungido com ambrosia pela deusa Deméter, com certeza teria se tornado imortal se sua mãe, ignorando a identidade da deusa, não o houvesse tirado de suas

mãos.
Havia também a história de Tântalo, tornado imortal ao se alimentar de néctar e ambrosia que roubara da mesa dos deuses. Quando ele matou o próprio filho para servir sua carne aos deuses, estes o puniram banindo-o para uma terra onde abundavam a água e os frutos, mas que permaneciam eternamente fora de seu alcance. (O deus Hermes ressuscitou o jovem assassinado.) Já Odisseu (nome grego de Ulisses), a quem a ninfa Calipso ofereceu a imortalidade se ele aceitasse ficar em sua companhia para sempre, preferiu arriscar-se a voltar para o lar e a esposa.
E a história de Glauco, um simples pescador que se transformou num deus do mar? Um dia ele observou que um peixe que pescara, ao entrar em contato com uma determinada erva, voltara à vida e saltara para a água. Comendo a erva, Glauco mergulhou atrás dele e, em conseqüência, os deuses Oceano e Tétis admitiram-no em seu círculo e o transformaram numa deidade.
O ano em que Colombo zarpou da Espanha, 1492, foi também o ano em que terminou a ocupação muçulmana da península Ibérica, com a rendição dos mouros em Granada. Ao longo dos quase oito séculos de contenda árabe-cristã na região, houve uma imensa interação das duas culturas. As histórias do Corão, o livro sagrado dos muçulmanos, que também falavam sobre o peixe e a fonte da vida, eram conhecidas tanto por mouros como por católicos. O fato do conto em questão ser quase idêntico ao da lenda grega de Glauco, o pescador, era tomado como uma confirmação de sua autenticidade. Ele também foi um dos motivos para a busca da lendária fonte da Índia, a terra que Colombo partiu para alcançar e imaginou ter encontrado.
A parte do Corão que contém a história do peixe é a 18ª. sura, que fala das viagens de Moisés, o herói bíblico do Êxodo do Egito, explorando vários mistérios. Como parte dos preparativos para cumprir seu destino como mensageiro de Deus, ele teria de receber o conhecimento de que ainda carecia de um misterioso "servo de Deus". Acompanhado de apenas um criado, Moisés deveria procurar esse enigmático mestre com a ajuda de uma única pista: levaria consigo um peixe seco e, no lugar onde o peixe saltaria e desapareceria, encontraria o "servo de Deus".
Depois de muita caminhada infrutífera, o criado sugeriu que desistissem da busca. Moisés, porém, insistiu, dizendo que não pararia até alcançar "a junção dos dois rios". E foi lá, sem ser notado pelos viajantes, que o milagre

aconteceu:

Mas, quando eles chegaram à junção,
Esqueceram-se do peixe,
Que mergulhou no rio,
Como se entrasse num túnel.

Depois de muito caminhar, Moisés disse ao criado: "Pegue nossa refeição matinal", mas o homem respondeu que o peixe sumira:

Quando chegamos à pedra,
Não viste o que aconteceu?
De fato esqueci-me do peixe.
Satã me fez esquecer de contar-vos.
Ele mergulhou no rio de uma forma maravilhosa.
E Moisés disse:
"Era isso que procurávamos".

A história do Corão sobre o peixe seco que ressuscitou e voltou para o mar através de um túnel ia além do conto grego similar porque falava não de um modesto pescador, mas do venerável Moisés. Ela também não apresentava o incidente como uma descoberta casual, mas como uma ocorrência prevista pelo Senhor, que conhecia exatamente a localização da água da vida, que poderiam ser identificadas pela ressurreição do peixe.
Como católicos devotos, o rei e a rainha da Espanha devem ter aceitado literalmente a visão descrita no Apocalipse: "Mostrou-me depois um rio de Água da Vida, brilhante como cristal, que saía do trono de Deus (...) No meio da praça, de um lado e do outro do rio, há árvores da vida que frutificam doze vezes (...)" Sem dúvida acreditaram nas promessas do livro: "A quem tem sede darei a fonte de água viva" e "conceder-lhe-ei comer da Árvore da Vida que está no paraíso de Deus". Além disso, sem dúvida, estavam a par das palavras do salmista bíblico:

Tu dás-lhes de beber de teu rio da eternidade;
Pois contigo está a fonte da vida.

Portanto, era indubitável a existência da fonte da vida e do rio da

eternidade, pois era o que atestavam as Sagradas Escrituras. O único problema era onde e como encontrá-los.
A 18ª. sura do Corão oferece algumas pistas importantes. Ela relata os três paradoxos da vida apresentados a Moisés depois de ele ter localizado o servo de Deus. Em seguida, o mesmo trecho do Corão passa a descrever três episódios: uma visita a uma terra onde o sol se põe, depois para uma terra onde o sol se levanta, ou seja, o leste, e finalmente para uma mais distante, onde o mítico povo de Gog e Magog (os contendores bíblicos do fim dos tempos) vinha causando incontáveis danos à Terra. Para acabar com a desordem, o herói do conto - aqui chamado de Du-al'Karnain (Possuidor de Dois Chifres) - fechou uma passagem entre duas íngremes montanhas com blocos de ferro e em seguida derramou sobre eles chumbo derretido, construindo uma barreira tão impressionante que até os poderosos Gog e Magog não foram capazes de escalá-la. Assim separados, os dois não puderam mais causar prejuízos à Terra.
A palavra Karnain, em árabe ou hebraico, significa tanto "duplos chifres" como" duplos raios". Os três episódios adicionais, que vêm logo depois dos Mistérios de Moisés, parecem, devido ao uso do termo, manter como personagem principal o herói bíblico, que bem poderia ter recebido o apelido de Du-al'Karnain porque seu rosto "tinha raios" - irradiava - depois de ele descer do monte Sinai, onde se encontrara face a face com Deus. Os cristãos medievais, todavia, atribuíam a alcunha e a viagem às três terras a Alexandre, o Grande, rei da Macedônia, que no século IV a.C. conquistara a maior parte do mundo conhecido na época, alcançando até a Índia.
Essa crença popular, intercambiando Moisés e Alexandre, tinha origem nas tradições relacionadas com as conquistas e aventuras do rei da Macedônia, que incluíam não apenas o feito na terra de Gog e Magog como também um episódio sobre um peixe seco que voltara à vida quando Alexandre e seu criado encontraram a fonte da vida!

60. Veja, disse Moisés
Ao seu criado, não
Desistirei até atingir
A junção dos dois Mares ou (até) passar
Anos e anos em viagem.

61. Mas, quando eles chegaram

À junção, esqueceram-se
De seu peixe, que tomou
Seu rumo através do mar,
(Direto) como se num túnel.
62. Quando tinham prosseguido
(Alguma distância), Moisés disse
Ao seu criado: Traga-nos nossa
Refeição matinal; com certeza
Sofremos muita fadiga
Nesta (etapa de) nossa viagem.

63. Ele respondeu: Viste
(o que aconteceu) quando
Chegamos à pedra?
Realmente me esqueci
Do peixe; ninguém senão
Satã me fez esquecer
De te contar;
Ele tomou seu rumo através
Do mar de uma maneira maravilhosa!

64. Moisés disse: Era isso que
Procurávamos.
Assim eles voltaram
Em seus passos, seguindo
(O caminho pelo qual tinham vindo).

Os relatos a respeito de Alexandre que corriam por toda a Europa e Oriente Médio na época medieval baseavam-se nos supostos textos de um historiador grego chamado Calístenes, sobrinho de Aristóteles. Indicado pelo rei para registrar seus feitos, triunfos e aventuras na expedição asiática, morreu na prisão por ter criticado o soberano por adotar costumes orientais; seus escritos desapareceram misteriosamente. Séculos depois, começou a circular na Europa um texto em latim que seria uma tradução das crônicas originais de Calístenes. Os eruditos denominaram esses textos de "pseudo-Calístenes" .
Por muitos séculos, acreditou-se que as muitas versões das façanhas de

Alexandre circulando pela Europa e Oriente Médio originavam-se desses pseudo-Calístenes em latim. Todavia, descobriu-se mais tarde que existiam textos similares em muitos outros idiomas, inclusive hebraico, persa, siríaco, armênio e etíope, bem como pelo menos três versões em grego. Esses vários textos, alguns com origem na Alexandria do século II a.C., divergem em alguns pontos. Mas suas impressionantes similaridades indicam claramente uma fonte comum - talvez até mesmo as crônicas de Calístenes ou, como muitas vezes se afirma, cópias das cartas de Alexandre para sua mãe, Olímpia, e para seu mestre, Aristóteles.

As extraordinárias aventuras em que estamos interessados começaram depois que Alexandre terminou a conquista do Egito. Os textos não esclarecem que direção o rei tomou, nem há certeza de que os episódios seguem uma ordem cronológica ou geográfica. Entretanto, um dos primeiros contos pode explicar a confusão popular entre Alexandre e Moisés. Aparentemente o rei da Macedônia tentou sair do Egito como o herói bíblico, separando as águas do mar Vermelho e fazendo seus seguidores atravessarem-no a pé.

Ao atingir o mar, Alexandre decidiu dividir as águas construindo no meio dele uma muralha de ferro e chumbo derretida e seus pedreiros "continuaram derramando chumbo e outros materiais derretidos na água até que a estrutura chegou acima da superfície". Em seguida, o rei fez seus homens erigirem sobre a muralha uma torre e um pilar, onde mandou esculpir sua própria figura, ostentando dois chifres na cabeça. Então escreveu no monumento: "Aquele que chegar a este lugar e navegar sobre o mar saiba que eu o fechei".

Tendo assim contido as águas, Alexandre e seus homens começaram a atravessar o mar a pé. Contudo, como medida de precaução, enviaram à frente alguns prisioneiros. Quando estes atingiram a torre no meio do mar, "as ondas derramaram-se sobre eles, o mar os engoliu e todos pereceram (...) Quando o Dois Chifres viu o acontecido, sentiu um poderoso medo do mar" e desistiu da tentativa de imitar Moisés.

Mesmo assim, ainda ansioso por descobrir "as trevas" no outro lado do mar, Alexandre fez vários desvios, durante os quais, segundo os textos, visitou as fontes dos rios Eufrates e Tigre, lá estudando "os segredos do céu, das estrelas e dos planetas".

Deixando suas tropas para trás, Alexandre voltou para o País das Trevas, alcançando uma montanha na margem do deserto chamada Mushas. Depois

de vários dias de viagem, avistou um "caminho reto, sem muros, onde não havia nem altos nem baixos". Nesse ponto o rei deixou seus poucos e fiéis companheiros e prosseguiu sozinho. Depois de uma caminhada de doze dias e doze noites, "percebeu o esplendor de um anjo". Entretanto, ao se aproximar, viu que o anjo era uma "fogueira flamejante". Alexandre então convenceu-se de que chegara à "montanha da qual todo o mundo é cercado."

O anjo ficou tão surpreso quanto Alexandre. "Quem és tu e por que estás aqui; oh, mortal?", perguntou, imaginando como aquele homem conseguira "penetrar nesta escuridão, onde nenhum outro foi capaz de entrar." Alexandre respondeu que o próprio Deus o guiara e dera-lhe forças para "chegar a este lugar, que é o paraíso".

A essa altura, para convencer o leitor de que o paraíso, e não o inferno, era atingível por meio de passagens subterrâneas, o autor do antigo texto relatava um longo diálogo entre Alexandre e o anjo sobre temas relacionados com Deus e o homem. Terminada a conversa, o anjo mandou Alexandre voltar para junto de seus amigos, mas o rei insistiu em ter respostas para os mistérios do Céu e da Terra, Deus e o homem. No final, disse que só partiria se recebesse algo que nenhum outro homem obtivera antes. Concordando, o anjo disse: "Eu te contarei algo que fará com que tu vivas e não morras". "Prossiga", falou o Dois Chifres. E o anjo explicou:

No país da Arábia, Deus colocou o negrume da escuridão total, onde está escondido o tesouro desse conhecimento. Lá também fica a fonte que é a chamada de "Água da Vida". Aquele que beber dela, nem que seja uma única gota, jamais morrerá.

O anjo atribuiu outros poderes mágicos a essa Água da Vida, tal como conceder o dom de um homem voar pelo céu, como os anjos. Não precisando de maiores incentivos, Alexandre indagou, ansioso: "Em que região da Terra está situada essa fonte?" A enigmática resposta do anjo foi: "Pergunte aos homens de lá que são herdeiros do conhecimento". Dito isso, deu a Alexandre um cacho de uvas para com elas alimentar suas tropas.

Voltando para junto de seus companheiros, Alexandre contou-lhes a aventura e deu a cada um uma uva. Mas, "à medida que arrancava uma, outra crescia em seu lugar". Assim, um único cacho serviu para alimentar todos os soldados e suas montarias.

O jovem soberano então começou a indagar sobre os sábios que poderia encontrar. Perguntava a cada um que lhe indicavam: "Já leste nos livros que Deus tem um lugar de trevas onde está oculto o conhecimento e que lá fica a fonte da vida?" As versões gregas dizem que Alexandre foi até os Confins da Terra para encontrar o sábio. Já os etíopes sugerem que o sábio estava ali mesmo, entre sua tropa. Chamava-se Matun e conhecia as antigas escrituras. O lugar, disse o sábio, "jaz bem perto do sol quando ele se levanta do lado direito" .

Ainda pouco informado depois de tantos enigmas, Alexandre colocou-se nas mãos de seu guia. Novamente foram para um lugar de trevas. Depois de muito caminhar, o rei cansou-se e mandou Matun prosseguir sozinho para encontrar a trilha certa. Para ajudá-lo a enxergar na escuridão, deu-lhe uma pedra que lhe chegara às mãos em circunstâncias milagrosas, como um presente de um antigo rei que agora vivia entre os deuses. Era uma pedra que Adão trouxera do paraíso, mais pesada do que qualquer outra substância da Terra.

Matun, apesar de todos os cuidados, acabou se perdendo. Então, tirou a pedra mágica do bolso e colocou-a no chão. Assim que ela tocou o solo, começou a emitir luz e Matun pôde ver um poço. Ele ainda não tinha consciência de que chegara à fonte da vida. A versão etíope descreve o que se seguiu:

Ora, o homem tinha consigo um peixe seco e, estando muito faminto, foi até a água para lavá-lo e prepará-lo para cozinhar... Mas, assim que o peixe tocou na água, saiu nadando.

"Quando Matun viu isso, despiu-se e entrou na água atrás do peixe, encontrando-o vivo. "Percebendo que aquele era o "poço da Água da Vida", banhou-se e bebeu. Ao sair do poço, não sentia mais fome nem preocupações mundanas, pois se tomara o El-Khidr, "o sempre verde" - aquele que seria eternamente jovem.

Ao voltar para o acampamento, Matun não contou nada sobre sua descoberta a Alexandre (a quem a versão etíope chama de "Aquele de Dois Chifres"). Logo em seguida o rei retomou a busca, tateando na escuridão à procura da trilha certa. De repente avistou a pedra abandonada por Matun "brilhando nas trevas e ela agora tinha dois olhos, que lançavam raios de luz". Percebendo que encontrara o caminho, Alexandre avançou correndo,

mas foi contido por uma voz que o censurou pelas suas sempre crescentes ambições e profetizou que em vez de encontrar a vida eterna ele logo morreria. Aterrorizado, Alexandre voltou para junto de seus companheiros, desistindo da busca.
Segundo algumas versões, foi um pássaro com feições humanas que falou com Alexandre e o fez retornar quando "ele chegou a um lugar cravejado de safiras, esmeraldas e jacintos". Na suposta carta do rei a sua mãe, foram dois homens-pássaros que o impediram de prosseguir.
Na versão grega do pseudo-Calístenes, foi André, o cozinheiro de Alexandre, que pegou o peixe seco para lavá-lo numa fonte "cujas águas relampejavam". Quando o peixe tocou na água, reviveu e escapou das mãos do cozinheiro. Percebendo o que encontrara, o homem bebeu a água e depois guardou um pouco numa tigela de prata, mas não contou a ninguém sobre sua descoberta. Quando Alexandre (que nesta versão estava acompanhado de 360 homens), prosseguindo sua busca, chegou a um lugar que brilhava, embora lá não se visse sol, nem a lua e as estrelas, encontrou o caminho bloqueado por dois pássaros com feições humanas.
"Volte", ordenou um deles, "porque o lugar em que estás pisando pertence somente a Deus. Volte, maldito, pois na Terra dos Abençoados tu não podes pôr os pés!" Estremecendo de medo, Alexandre e seus homens recuaram, mas, antes de deixarem o local, pegaram um pouco de terra e pedras no chão como lembrança. Depois de vários dias de marcha saíram do país da noite eterna e, ao chegarem à luz, viram que o "o solo e as pedras" que tinham apanhado eram na realidade pérolas, pedras preciosas e pepitas de ouro.
Só então o cozinheiro contou a Alexandre sobre o peixe que ressuscitara, mas guardou segredo sobre ter bebido e guardado a água. O rei ficou furioso, agrediu o homem e o expulsou do acampamento. O cozinheiro, porém, recusou-se a partir sozinho, pois se apaixonara por uma filha de Alexandre. Assim, revelou o segredo a ela e a fez beber a água. Quando Alexandre descobriu o acontecido, também baniu a jovem: "Tu te transformaste num ser divino, pois te tornaste imortal. Portanto, não podes mais viver entre os homens. Vá para a Terra dos Abençoados". Quanto ao cozinheiro, o rei atirou-o ao mar com uma pedra presa no pescoço. Mas, em vez de se afogar, o cozinheiro transformou-se em Andrêntico, o demônio do mar.
"E assim", somos informados, "termina o conto do cozinheiro e a donzela.”

Para os eruditos conselheiros dos reis e rainhas medievais, a simples existência de inúmeras versões sobre a mesma história servia para confirmar tanto a antiguidade como a autenticidade da lenda de Alexandre e da fonte da vida. Mas onde, onde ficavam essas águas mágicas?

Depois da fronteira do Egito, na península do Sinai, a arena das atividades de Moisés? Ou perto da região onde nascem o Tigre e o Eufrates, em algum lugar ao norte da Síria? Teria Alexandre ido aos Confins da Terra - a Índia - para procurar a fonte ou só se lançara em sua busca depois de voltar de lá?

Enquanto os estudiosos medievais esforçavam-se para decifrar os enigmas, novas obras sobre o tema, com base em fontes cristãs, começaram a moldar um consenso em favor da Índia. Um texto em latim chamado Alexander Magni Inter ad Paradisum, uma homilia de Alexandre escrita em siríaco pelo bispo Jacó de Sarug, e a Recension of Josippon, em armênio - todos com o relato sobre o túnel, os homens-pássaros e a pedra mágica -, situavam o País das Trevas ou Montanha das Trevas nos Confins da Terra. Lá, diziam alguns desses escritos, Alexandre navegou pelo rio Ganges, que não era outro senão o rio Fison, do paraíso. Ali mesmo na Índia (ou numa ilha de seu litoral), o rei alcançara os portões do paraíso.

Enquanto essas conclusões tomavam forma na Europa na Idade Média, uma nova luz foi lançada sobre o assunto, vinda de uma fonte totalmente inesperada. Em 1145, o bispo alemão Otto de Freising registrou em seu Chronicon um relato sobre uma impressionante epístola. O papa, contou, recebera uma carta de um governante cristão da Índia, cuja existência era completamente desconhecida. Esse rei afirmava que o rio do paraíso ficava localizado em seus domínios.

O bispo Otto dava o nome do bispo Hugo de Gebal (uma cidade da costa mediterrânea da Síria) como tendo sido o intermediário que levara a carta ao papa. O autor da epístola, segundo se dizia, chamava-se João, o velho, ou, por ser um sacerdote da Igreja Católica, Preste João. Ele afirmava ser descendente direto de um dos magos que haviam visitado Cristo no seu nascimento. Preste João derrotara os reis muçulmanos da Pérsia e estabelecera um florescente reino cristão na região dos Confins da Terra.

Atualmente alguns estudiosos pensam que todo esse caso foi forjado com objetivos propagandísticos. Outros crêem que os relatórios que chegaram ao papa eram distorções de eventos que realmente estavam acontecendo. Cinqüenta anos antes o mundo cristão lançara a Primeira Cruzada contra o

domínio muçulmano no Oriente Médio (inclusive a Terra Santa) e havia pouco, em 1.144, sofrera uma derrota esmagadora na cidade de Edessa. Enquanto isso, nos Confins da Terra, os governantes mongóis tinham começado a sacudir os portões do império muçulmano e haviam derrotado o sultão Sanjar em 1.141. Quando a notícia chegou às cidades costeiras do Mediterrâneo, foi enviada ao papa sob a roupagem de um rei cristão erguendo-se para derrotar os infiéis pela retaguarda.

Se a busca pela Fonte da Juventude não estava entre os motivos para a Primeira Cruzada (1.095), aparentemente fazia parte das subseqüentes, pois logo que o bispo Otto registrou a existência de Preste João e do rio do paraíso em seus domínios, o papa emitiu uma conclamação formal para o reinício das cruzadas. Dois anos depois, em 1.147, o imperador Conrado da Alemanha, acompanhado de muitos outros nobres e governantes, partiu para a Segunda Cruzada.

Enquanto a sorte dos cruzados alternadamente brilhava e se esvanecia, a Europa foi de novo varrida por notícias de Preste João e suas promessas de auxílio. Segundo os cronistas da época, em 1.165 ele enviou uma carta ao imperador de Bizâncio, ao imperador romano e a reis menores, onde declarava sua nítida intenção de ir à Terra Santa com seus exércitos. Mais uma vez ele descrevia seu reino em termos entusiásticos, como convinha a um lugar onde estava situado não apenas o rio do paraíso, mas também os portões do paraíso.

A ajuda prometida jamais chegou. O caminho da Europa para a Índia não foi aberto. Por volta do final do século XIII, as cruzadas haviam deixado de existir, terminando numa derrota final nas mãos dos muçulmanos.

Todavia, mesmo enquanto as cruzadas avançavam e recuavam, a crença fervorosa na existência das águas do paraíso na Índia continuava a crescer e a se disseminar.

Antes do final do século XII, uma nova e popular versão das façanhas de Alexandre, o Grande, começou a espalhar-se nos acampamentos e praças de cidades. Chamada de Romance de Alexandre, era (como se sabe atualmente) obra de dois franceses que basearam esse poético e entusiasmado relato na versão latina do pseudo-Calístenes e outras "biografias" do rei da Macedônia disponíveis na época. O que menos interessava aos cavaleiros, soldados e cidadãos que freqüentavam as tabernas era a autoria do texto. O importante era que ele criava, numa linguagem que conseguiam entender, imagens vivas das aventuras de

Alexandre em terras estranhas.
Entre elas estava o conto das três fontes maravilhosas. Uma rejuvenescia os velhos, a segunda garantia a imortalidade e a terceira ressuscitava os mortos. As três, explicava o Romance, ficavam localizadas em países diferentes, já que procediam do Tigre e Eufrates, na Ásia oriental, do Nilo, no Egito, e do Ganges, na Índia. Eram esses os quatro rios do paraíso. E, apesar de eles correrem em diferentes regiões, todos provinham de uma única fonte: o Jardim do Éden, exatamente como dizia a Bíblia.
O Romance afirmava que Alexandre e seus homens tinham encontrado a fonte do rejuvenescimento e garantia que 56 companheiros idosos do rei "recuperaram a cútis dos 30 (anos) depois de beberem da Fonte da Juventude". À medida que se disseminavam as traduções do Romance, esse evento era descrito cada vez com maiores detalhes. Não apenas a aparência, como também a força e virilidade dos velhos soldados tinham sido restauradas.
Mas, como chegar à fonte, se a rota para a Índia estava bloqueada pelos muçulmanos pagãos?
De tempos em tempos os papas procuravam se comunicar com o enigmático Preste João, "O ilustre e magnífico rei das Índias e filho amado de Cristo". Em 1.245, Inocêncio IV despachou o frei Giovanni da Pian del Carpini via Rússia meridional, com ordens de entrar em contato com o rei mongol, o khan, acreditando que os mongóis eram nestorianos (um ramo da igreja ortodoxa) e o khan o próprio Preste João. Em 1.254, o rei-padre Haithon, da Armênia, viajou incógnito pelo leste da Turquia até alcançar o acampamento de um chefe mongol no sul da Rússia. Os registros dessa viagem cheia de aventuras diziam que a rota o levara a uma passagem estreita às margens do mar Cáspio, chamada de Os Portões de Ferro. A especulação de que esse caminho era muito parecido com o percorrido por Alexandre, o Grande (que derramara ferro derretido para fechar um desfiladeiro), serviu para alimentar a idéia de que os portões do paraíso, nos Confins da Terra, podiam ser alcançados.
Aos emissários de papas e reis, que procuravam o reino de Preste João, logo se juntaram comerciantes aventureiros, como Nicolo e Matteo (Maffeo) Pólo, e posteriormente o filho do primeiro, Marco Pólo (1.260-1.295) e cavaleiros como o alemão Guilherme de Bondensele (1.336).
Enquanto esses relatos atraíam o interesse da Igreja e das cortes européias, coube mais uma vez a uma obra de literatura popular despertar o

entusiasmo das massas. Seu autor apresentava-se como: "Eu, John Maundeville, Cavaleiro, nascido na cidade de St. Albans, na Inglaterra, que me fiz ao mar no ano de Nosso Senhor Jesus de 1.322". Escrevendo ao regressar de suas viagens 34 anos depois, Sir John explicava que "dirigi-me para a Terra Santa e Jerusalém, e também para a terra do Grande Khan e do Preste João, para a Índia e diversos outros países, bem como para as muitas e estranhas maravilhas que lá existem".
No Capítulo 27 do livro The Voyages and Travels of Sir John Maundeville, Knight (As Navegações e Viagens de Sir John Maundeville, Cavaleiro), está escrito:

Esse imperador, Preste João, possui um território muito extenso e tem muitas boas e nobres cidades em seus domínios, e muitas grandes ilhas, pois todo o país da Índia é dividido em ilhas por causa das grandes enchentes que vêm do paraíso... E essa terra é muito boa e rica... Nas terras do Preste João existem coisas muito variadas e muitas pedras preciosas, tão enormes que os homens delas fazem travessas, pratos, xícaras etc...

Em seguida, sir John descreve o rio do paraíso:

Nesse país o mar é chamado de mar de Gravelly... a três dias de distância dele ficam grandes montanhas, das quais procede um grande rio que vem do paraíso, e ele é de pedras preciosas, sem nenhum pingo de água. Ele corre pelo deserto e vai formar o mar de Gravelly quando atinge seu ponto final.

Mais além do rio do paraíso, havia uma grande ilha, larga e comprida, chamada Milsterak, que era um paraíso na Terra. Lá ficava "o mais belo jardim que se pode imaginar; dentro dele há árvores dando todos os tipos de frutos, toda espécie de ervas virtuosas e perfumadas". Esse paraíso, afirma sir John, possuía maravilhosos pavilhões e câmaras, obras de um homem rico e demoníaco, cujo propósito era oferecer "os mais variados prazeres sexuais".
Depois de atiçar a imaginação (e cobiça) de seus leitores com relatos sobre pedras preciosas e outras riquezas, o autor passa a brincar com seus desejos sexuais. O lugar, escreve, estava repleto "das mais graciosas donzelas abaixo de 15 anos que se pode encontrar e rapazes dessa mesma idade, todos ricamente vestidos com roupas bordadas a ouro. O homem me disse

que eles eram anjos". E esse homem demoníaco...

Ele também mandou construir três belos e nobres poços, cercados de pedras de jaspe e cristal, lavrados com ouro e cravejados de pedras preciosas e grandes pérolas do Oriente. Fez instalar um cano sob a terra, de modo que os três poços, a sua vontade, podem verter um deles leite, o outro vinho e o outro, ainda, mel. Esse lugar ele chamou de paraíso.

Esse proprietário empreendedor atraía para sua ilha "bons cavaleiros, robustos e nobres" e, depois de hospedá-los, os persuadia a matar os inimigos de seu reino, dizendo-lhes que não deveriam temer a morte pois, se perecessem, seriam ressuscitados e rejuvenescidos.

Depois da morte eles voltariam a esse paraíso, passariam a ter a idade das donzelas e poderiam brincar com elas. Posteriormente seriam mandados para um paraíso ainda mais belo, onde veriam o deus da natureza face a face, em toda sua majestade e bem-aventurança.

Todavia, explica John Maundeville, esse ainda não era o verdadeiro paraíso da Bíblia. No Capítulo 30, ele afirma que este ficava muito além das terras que Alexandre, o Grande, tinha percorrido. A rota para alcançá-lo seguia rumo leste, na direção de duas ilhas ricas em minas de ouro e prata, "onde o mar Vermelho se separa do oceano".

E além dessas ilhas e terras, e dos desertos do reino do Preste João, indo direto para o leste, os homens não encontram nada senão montanhas e grandes rochas; e lá fica a região das trevas, onde ninguém consegue enxergar, nem de dia nem de noite... E esse deserto e esse lugar de escuridão vão da costa até o paraíso terrestre onde Adão, nosso primeiro pai, e Eva foram colocados.

Era dali que fluíam as águas do paraíso:

E no ponto mais alto do paraíso, exatamente no meio dele, há um poço do qual saem quatro rios que atravessam diversas regiões, dos quais um é o Fison ou Emtak, ou Ganges, que corre através da Índia e possui muitas pedras preciosas, muito alume e muita areia de ouro.

E o outro rio é o chamado Nilo, ou Geon, que corre pela Etiópia e depois pelo Egito.
E o outro é chamado Tigre, e corre pela Assíria e pela Armênia, a Grande.
E o outro é chamado Eufrates e corre pela Média, Armênia e Pérsia.

Confessando que ele mesmo não atingiu o Jardim do Éden bíblico, sir John Maundeville esclarece: "Nenhum mortal pode se aproximar desse local sem uma graça especial de Deus; por isso, desse lugar não posso falar mais".
Apesar dessa confissão, as muitas versões em muitas línguas que derivaram do original inglês garantiam que o Cavaleiro afirmou: "Eu, John Maundeville, vi a fonte e, por três vezes, junto com meu companheiro, bebi de suas águas e desde então me sinto muito bem!"
O fato de o autor, na versão inglesa, queixar-se de que estava com gota reumática e aproximando-se do fim de seus dias não fez diferença para os que se encantaram com seus relatos maravilhosos.
Atualmente os estudiosos da época acreditam que "sir John Maundeville, Cavaleiro" pode ter sido um médico francês que jamais viajou, mas soube juntar com grande habilidade os relatos de aventureiros que não hesitaram em se arriscar, enfrentando os perigos e desconfortos de viagens para locais tão distantes.
Escrevendo sobre as visões que motivaram a exploração que levou à descoberta da América, Angel Rosenblat (La Primera Visión de América y Otros Estudios; A Primeira Visão da América e Outros Estudos) resumiu: "A crença num paraíso terrestre estava associada a um desejo de natureza messiânica: encontrar a Fonte da Eterna Juventude. Toda a Idade Média sonhou com ela. Nas novas imagens do paraíso perdido, a Árvore da Vida transformara-se na fonte da vida e depois num rio ou Fonte da Juventude". A motivação era a certeza de que "a Fonte da Juventude ficava na Índia... uma fonte que curava todos os males e garantia a imortalidade. O fantástico John Maundeville a encontrara em sua viagem à Índia... no reino cristão do Preste João". Chegar à Índia e às águas que procediam do paraíso tornou-se um "símbolo do desejo humano por prazer, juventude e felicidade".
Com as rotas terrestres fechadas pelos muçulmanos, os reis cristãos da Europa começaram a procurar uma rota marítima para a Índia. Nos meados do século XV, o reino de Portugal, sob Henrique, o Navegador, destacou-se como a principal potência na corrida para se atingir o Oriente navegando em torno da África. Em 1445, o navegador português Dinis Dias chegou à

foz do rio Senegal e, atento ao propósito da viagem, escreveu: "Dizem que ele vem do Nilo, sendo um dos mais gloriosos rios da Terra, pois procede do Jardim do Éden e do paraíso terrestre". Outros exploradores se seguiram a ele, avançando cada vez mais na direção do cabo ao sul do Continente Negro. Finalmente, em 1499, Vasco da Gama e sua frota deram a volta em torno da África e atingiram a meta tão desejada: a Índia.

No entanto, os portugueses, que haviam começado a Era do Descobrimento, não conseguiram vencer a corrida. Estudando diligentemente os mapas antigos e todos os relatos dos que tinham se aventurado ao Oriente, um navegador italiano, Cristóvão Colombo, concluiu que, partindo para o oeste, ele conseguiria alcançar a Índia por uma rota muito mais curta do que a procurada pelos portugueses. Em busca de um patrocinador, Colombo chegou à corte de Fernando e Isabel trazendo consigo uma versão comentada do livro de Marco Pólo (que também levou em sua primeira viagem). Para defender suas idéias, apontou até mesmo os textos de John Maundeville, que um século e meio antes explicara que, indo-se ao Oriente mais longínquo, chega-se ao Ocidente" devido à esfericidade da Terra... pois Nosso Senhor fez a Terra redonda".

Em janeiro de 1492, Fernando e Isabel derrotaram os muçulmanos e os expulsaram da península Ibérica. Não seria aquilo um sinal divino, indicando que onde os cruzados tinham malogrado a Espanha conseguiria êxito? Em 3 de agosto do mesmo ano, Colombo zarpou sob a bandeira espanhola com o objetivo de encontrar uma rota marítima ocidental para a Índia. Em 12 de outubro, avistou terra. Até sua morte, em 1506, Colombo continuava certo de que descobrira as ilhas que constituíam grande parte do lendário reino de Preste João.

Vinte anos depois, o rei Fernando concedeu a Ponce de León a patente de descobrimento, instruindo-o a encontrar sem demora as águas rejuvenescedoras.

Os espanhóis pensavam que estavam imitando Alexandre, o Grande. Mal sabiam que seguiam os passos de uma antiguidade muito maior.

CAPÍTULO 2
OS ANTEPASSADOS IMORTAIS

A curta existência de Alexandre da Macedônia - ele morreu aos 33 anos, na Babilônia - foi recheada de conquistas, aventuras, explorações e um ardente desejo de chegar aos Confins da Terra e desvendar os mistérios divinos. Não se pode dizer que essa busca foi em vão.

Filho da rainha Olímpia e presumivelmente de seu marido, o rei Filipe II, Alexandre teve como mestre Aristóteles, que lhe ensinou a sabedoria antiga. Depois de muitas brigas conjugais que resultaram em divórcio, Olímpia fugiu da corte levando seu filho. Veio a reconciliação e em seguida a morte: o assassinato de Filipe, que levou à coroação de Alexandre aos 20 anos de idade. As primeiras expedições militares do jovem rei culminaram com sua ida a Delfos, sede do renomado oráculo, onde ele ouviu a primeira de várias profecias prevendo-lhe fama - mas vida curta.

Sem se deixar abater, Alexandre partiu - como os espanhóis fariam 1.800 anos depois - à procura da Água da Vida. Para isso, precisava abrir caminho para o leste, pois era de lá que tinham vindo os deuses: o grande Zeus (nome grego de Júpiter), que atravessara o Mediterrâneo a nado, saindo da cidade fenícia de Tiro e chegando à ilha de Creta; Afrodite, que também surgira na ilha, vinda do mar; Posêidon, que viera da Ásia Menor, trazendo consigo o cavalo; Atena, que levara à Grécia a oliveira originária da Ásia ocidental. Era na Ásia, também, segundo os historiadores gregos, cujas obras Alexandre tanto estudara, que ficavam as águas que mantinham as pessoas eternamente jovens.

Ele também ouvira contar a história de Cambises, o filho do rei persa, Ciro, que atravessara a Síria, a Palestina e o Sinai para atacar o Egito. Depois de derrotar os egípcios, Cambises tratou-os com crueldade e profanou o templo do deus Amon. Em seguida, resolveu seguir para o sul e atacar "os longevos etíopes". Ao descrever esses eventos - escrevendo um século antes de Alexandre -, Heródoto disse (História, Livro III):

Os espiões (de Cambises) partiram para a Etiópia sob o pretexto de levarem presentes para o rei, mas sua verdadeira missão era anotar tudo o que viam

e especialmente observarem se existia mesmo naquele país aquilo que é chamado de "A Mesa do Sol".

Depois de contarem ao rei etíope que "80 anos era o mais longo tempo de vida entre os persas", os espiões/emissários o interrogaram sobre a longevidade de seu povo. Confirmando os rumores.

O rei levou-os a uma fonte onde, depois de se lavarem, notaram que estavam com a pele macia e lustrosa, como se tivessem tomado banho de óleo. E da fonte emanava um perfume como o de violetas.

Voltando a Cambises, os espiões descreveram a água "como tão fraca que nada conseguia flutuar nela, nem madeira ou outras substâncias leves; nela tudo afundava". E Heródoto concluiu:

Se o relato sobre essa fonte é verdadeiro, então seria o uso da água que dela verte que os torna (os etíopes) tão longevos.

A lenda da Fonte da Juventude na Etiópia e a violação do templo de Amon por Cambises têm grande peso nas aventuras de Alexandre. A importância desse segundo evento estava relacionada com os rumores de que o jovem rei não era filho de Filipe, mas fruto de uma união entre sua mãe, Olímpia, e o deus egípcio Amon. As relações tensas entre Filipe e Olímpia contribuíam para reforçar a suspeita.
De acordo com o relatado em várias versões do pseudo-Calístenes, a corte de Filipe foi visitada por um faraó egípcio chamado pelos gregos de Nectanebo. Ele era um mago, um adivinho, que secretamente seduziu a rainha. Olímpia nada sabia na época, mas foi o deus Amon que a visitou disfarçado de Nectanebo. Por isso, ao parir Alexandre, ela deu à luz um deus, o mesmo cujo templo Cambises profanou.
Depois de derrotar os persas na Ásia Menor, Alexandre voltou-se para o Egito. Esperando forte oposição dos vice-reis persas que governavam o Egito, surpreendeu-se ao ver aquele grande território cair em suas mãos sem resistência. Um bom presságio, sem dúvida. Sem perder tempo, Alexandre dirigiu-se ao Grande Oásis, sede do oráculo de Amon. Lá o próprio deus (segundo as lendas) confirmou o verdadeiro parentesco do jovem rei. Ouvindo essa afirmação, os sacerdotes egípcios deificaram Alexandre como

faraó. Daí em diante, ele será mostrado nas moedas de seu reino como Zeus-Amon, ostentando dois chifres. Na qualidade de um deus, Alexandre passou a considerar seu desejo de escapar do destino dos mortais não um privilégio, mas um direito.
Saindo do Grande Oásis, Alexandre foi para Karnak, ao sul, o centro da adoração de Amon, numa viagem que tinha mais coisas do que saltava à vista. Grande centro religioso desde 3.000 a.C., Karnak era um conglomerado de templos, santuários e monumentos a Amon construídos por várias gerações de faraós. Uma das mais colossais e impressionantes edificações era o templo mandado erigir pela rainha Hatshepsut mil anos antes da época de Alexandre. Essa soberana também tinha a fama de ser filha de Amon, tendo nascido de uma rainha a quem o deus visitara sob um disfarce!
Não se sabe o que aconteceu em Karnak, mas o fato é que em vez de conduzir suas tropas de volta ao leste, na direção do coração do Império Persa, Alexandre escolheu uma pequena escolta e alguns amigos fiéis para o acompanharem numa expedição ainda mais para o sul. Seus perplexos companheiros foram levados a acreditar que o rei estava saindo numa viagem de recreio, procurando os prazeres do amor.
Esse interlúdio tão pouco característico foi incompreensível tanto para os generais de Alexandre como para os historiadores da época. Tentando racionalizar os que registraram as aventuras do jovem rei descreveram a mulher que ele pretendia visitar como uma femme fatale "cuja beleza nenhum homem vivo conseguiria elogiar de maneira suficiente". Ela era Candace, rainha de um país ao sul do Egito (o atual Sudão). Revertendo o conto sobre Salomão e a rainha de Sabá, desta vez foi o rei que viajou para a terra da rainha. Sem que seus companheiros soubessem, Alexandre procurava não o amor, mas o segredo da imortalidade.
Depois de uma estada agradável, a rainha Candace, como presente de despedida, concordou em revelar a Alexandre o segredo da localização da "maravilhosa caverna onde os deuses se congregam". Seguindo as indicações, o rei encontrou o lugar sagrado.

Ele entrou com alguns poucos soldados e viu uma névoa azulada. Os tetos brilhavam como iluminados por estrelas. As formas externas dos deuses estavam fisicamente manifestadas; uma multidão os servia em silêncio.
De início, ele (Alexandre) ficou surpreso e assustado, mas permaneceu ali

para ver o que acontecia, pois avistou algumas figuras reclinadas cujos olhos brilharam como raios de luz.

A visão das "figuras reclinadas" conteve Alexandre. Seriam deuses ou mortais deificados? Então uma voz o assustou ainda mais. Uma das "figuras" tinha falado.

E houve um que disse: "Saudações, Alexandre, sabe quem sou?"
E ele (Alexandre) falou: "Não, meu senhor".
O outro disse: "Sou Sesonchusis, o rei conquistador do mundo que se juntou às fileiras dos deuses".

Alexandre encontrara exatamente a pessoa que procurava. Se ele estava surpreso, os ocupantes da caverna não pareciam muito impressionados. Era como se sua chegada fosse aguardada. Ele foi convidado a entrar para conhecer "o Criador e Supervisor de todo o Universo". Entrou e "viu uma névoa brilhante como fogo e, sentado num trono, o deus que uma vez avistara sendo adorado pelos homens de Rokôtide, o Senhor Serápis". (Na versão grega, foi o deus Dioniso.)
Alexandre aproveitou a oportunidade para tocar no assunto de sua longevidade: "Senhor, quantos anos viverei?!
Não houve resposta. Sesonchusis tentou consolar Alexandre, pois o silêncio do deus falou por si. Contou que, apesar de ter se juntado às fileiras dos deuses, "não tive tanta sorte como você... pois, embora tenha conquistado o mundo inteiro e subjugado tantos povos, ninguém se recorda de meu nome; mas você possuirá grande fama... terá um nome imortal mesmo depois da morte". E terminou confortando Alexandre com as seguintes palavras: "Você viverá ao morrer, e assim não morrerá", querendo dizer que ele seria imortalizado por uma fama duradoura.
Desapontado, Alexandre deixou as cavernas e "continuou a viagem que tinha de fazer" para procurar conselhos de outros sábios na tentativa de escapar do destino de um mortal, de imitar outros que antes dele tinham obtido êxito em se juntarem aos deuses imortais.
Segundo uma versão, entre aqueles que Alexandre partiu para procurar e encontrou foi Henoc, o patriarca bíblico dos tempos antes do dilúvio, o bisavô de Noé. O encontro deu-se num lugar nas montanhas, "onde fica situado o paraíso, a Terra dos Vivos", o 1ocal "onde moram os santos". No

alto de uma montanha havia uma estrutura brilhante, de onde se elevava para o céu uma imensa escadaria feita de 2.500 lajes de ouro. Num vasto salão ou caverna, Alexandre viu "estátuas de ouro, cada uma em seu nicho", um altar de ouro e dois imensos "castiçais de ouro" com cerca de 20 metros de altura.

Sobre um divã próximo via-se a forma reclinada de um homem envolto numa colcha bordada com ouro e pedras preciosas, e acima dele estavam os galhos de uma videira feita de ouro, cujos cachos de uva eram formados por jóias.

O homem falou de repente, identificando-se como Henoc. "Não sonde os mistérios de Deus", alertou. Atendendo ao aviso, Alexandre partiu para juntar-se às suas tropas, mas não antes de receber como presente de despedida o cacho de uvas que milagrosamente alimentou todo seu exército. Numa outra versão, Alexandre não encontrou apenas um, mas dois homens do passado: Henoc e o profeta Elias, que, segundo as tradições bíblicas, jamais morreram. O caso aconteceu quando o rei atravessava um deserto. Subitamente seu cavalo foi tomado por um "espírito" que o transportou, junto com seu cavaleiro, para um cintilante tabernáculo, onde Alexandre viu os dois homens. Seus rostos brilhavam, os dentes eram mais brancos do que leite, os olhos tinham o fulgor da estrela matutina. Tinham "grande estatura e aparência graciosa". Depois de contarem quem eram, eles disseram que "Deus escondeu-os da morte". Falaram também que aquele lugar era a "Cidade do Celeiro da Vida", de onde emanava a "cristalina Água da Vida". Mas, antes de Alexandre descobrir mais ou conseguir beber a água, um "carro de fogo" arrebatou-o dali e ele viu-se de novo com suas tropas.
(Segundo a tradição muçulmana, mil anos depois também o profeta Maomé foi levado para o céu montado em seu cavalo branco.)
O episódio da caverna dos deuses e tantos outros das histórias sobre Alexandre seriam pura ficção, meros mitos? Ou seriam contos embelezados, baseados em fatos históricos?
Existiu mesmo uma rainha Candace, uma cidade real chamada Shamar, um conquistador do mundo inteiro como Sesonchusis? Até bem recentemente, esses nomes pouco significavam para os estudiosos da Antiguidade. Se eram figuras da realeza egípcia ou de uma mítica região da África, estavam tão encobertos pelo passar dos séculos como os monumentos egípcios pela

areia. Erguendo-se acima do deserto, as pirâmides e a esfinge só aumentavam o enigma.
Os hieróglifos, indecifráveis, apenas confirmavam a existência de segredos que talvez não devessem ser desvendados. Os relatos da Antiguidade transmitidos por gregos e romanos foram se dissolvendo em lendas c pouco a pouco caindo na obscuridade.
Foi só em 1798, quando Napoleão conquistou o Egito, que a Europa começou a redescobrir a região. Junto com as tropas de Napoleão chegaram pesquisadores sérios que passaram a remover a areia e a levantar a cortina do esquecimento. Então, perto da cidadezinha de Rosetta, foi encontrada uma placa de pedra com a mesma inscrição em três idiomas. Estava ali a chave para decifrar a língua e as inscrições do Egito Antigo, os registros dos feitos dos faraós, a glorificação de seus deuses.
Por volta de 1820, exploradores europeus, que penetraram na direção sul atingindo o Sudão, reportaram a existência de antigos monumentos, inclusive pirâmides de ângulos agudos, num ponto do Nilo chamado Méroe. Uma expedição real da Prússia descobriu impressionantes ruínas em escavações realizadas em 1842-1844. Entre 1912 e 1914, outros arqueólogos encontraram locais sagrados. Os hieróglifos indicaram que um deles era chamado de Templo do Sol - talvez o exato lugar onde os espiões de Cambises tinham visto "A Mesa do Sol". Escavações posteriores somadas aos dados já conhecidos, mais a contínua decifração dos hieróglifos estabeleceram que realmente existiu naquela região, no primeiro milênio a.C., um reino núbio. Era a bíblica Terra de Cuch.
E existiu mesmo uma rainha Candace. As inscrições revelaram que nos primórdios do reino núbio ele era governado por uma sábia e benevolente rainha chamada Candace. Daí em diante, sempre que uma mulher ascendia ao trono - o que não era incomum -, ela adotava o nome como símbolo de grande soberania. E, ao sul de Méroe, dentro do território desse reino, havia uma cidade chamada Sennar - possivelmente a Shamar mencionada nas lendas de Alexandre.
E quanto a Sesonchusis? A versão etíope do pseudo-Calístenes diz que quando Alexandre viajara para o (ou do) Egito, ele e seus homens passaram por um lago cheio de crocodilos. Ali um antigo governante mandara construir um caminho para a travessia do lago. "Havia uma edificação na margem do lago e sobre essa edificação ficava um altar pagão no qual se lia: 'Sou Coch, rei do mundo, o conquistador que atravessou este lago'.”

Seria esse conquistador do mundo um soberano que reinara sobre Cuch ou Núbia? Na versão grega dessa lenda, o homem que fizera o monumento para marcar a travessia do lago - descrito como parte das águas do mar Vermelho - chamava-se Sesonchusis. Assim, Sesonchusis e Coch seriam uma só pessoa, um faraó que reinou sobre o Egito e a Núbia. Os monumentos núbios mostram um governante como esse recebendo o Fruto da Vida, sob a forma de tamareiras, das mãos de um "Deus Brilhante".
Os registros egípcios falam de um grande faraó que, no início do segundo milênio a.C., foi realmente um conquistador do mundo. Seu nome era Senusret e ele também era devoto de Amon. Os historiadores gregos lhe atribuem a conquista da Líbia e da Arábia, e, significativamente, da Etiópia e de todas as ilhas do mar Vermelho, e mais de grandes partes da Ásia, penetrando mais a leste do que mais tarde fizeram os persas. Ele também teria invadido a Europa a partir da Ásia Menor. Heródoto descreveu os grandes feitos desse faraó, a quem chama de Sesóstris, acrescentando que ele erigia pilares comemorativos em todos os lugares por que passava.
"Os pilares que ele erigiu ainda são visíveis", escreveu Heródoto. Assim, quando Alexandre viu o pilar junto ao lago, teve a confirmação do que o historiador grego registrara um século antes.
Sesonchusis realmente existiu. Seu nome egípcio significa: “Aqueles cujos nascimentos vivem". E, em virtude de ser um faraó do Egito, ele tinha todo o direito de ir juntar-se às fileiras dos deuses e viver para sempre.

Na procura pela Água da Vida ou eterna juventude, era importante ter-se certeza de que a busca não seria em vão, que outros tinham sido bem-sucedidos no passado. Além disso, se a água procedia de um paraíso perdido, encontrar os que nele haviam estado não seria um meio de descobrir como chegar até ele?
Foi com isso em mente que Alexandre tentou encontrar os Antepassados Imortais. Se realmente esteve com eles não é significativo. O importante é que nos séculos que precederam a era cristã, Alexandre ou seus historiadores (ou ambos) acreditavam que esses ancestrais realmente existiam, que em tempos para eles antigos e distantes os homens podiam se tornar imortais se os deuses assim o desejassem.
Os autores ou redatores das histórias de Alexandre contam vários incidentes onde o jovem rei encontrou-se com Sesonchusis, Elias e Henoc, ou apenas com este último. A identidade do faraó podia apenas ser adivinhada por eles

e assim a maneira como Sesonchusis foi transladado para a imortalidade não é descrita. O mesmo não acontece com Elias, o companheiro de Henoc no Templo Brilhante, segundo uma das versões da lenda de Alexandre.
Elias é o profeta bíblico que viveu em Israel no século IX a.C., durante o reinado de Acab e Ocozias. Como indica o nome que adotou (Eliyah - "Meu Deus é Iahweh"), ele era inspirado pelo deus hebreu, cujos fiéis estavam sendo perseguidos pelos seguidores do deus cananeu Baal. Depois de um retiro num local secreto perto do rio Jordão, onde aparentemente foi instruído pelo Senhor, Elias recebeu "um manto tecido de pêlos" e tornou-se capaz de fazer milagres. Morando perto da cidade fenícia de Sídon, o primeiro milagre que ele realizou foi fazer um pouquinho de azeite e uma colher de farinha durarem para o resto da vida de uma viúva que lhe concedera abrigo. Logo em seguida, precisou clamar a Deus para reviver o filho dessa mulher, que acabara de falecer em virtude de "uma forte doença". Elias também podia convocar o Fogo de Deus, que vinha bem a calhar em seus contínuos entreveros com reis e sacerdotes que sucumbiram às tentações pagãs.
As escrituras dizem que Elias não morreu na Terra, pois "subiu ao céu num turbilhão". Segundo as tradições judaicas, Elias continua imortal e até hoje elas mandam que ele seja convidado a visitar os lares judeus na véspera da Páscoa. Sua ascensão ao céu está descrita com grandes detalhes no Velho Testamento. Como contado em II Reis, Capítulo 2, o evento não foi súbito ou inesperado. Ao contrário, tratou-se de uma operação planejada, cujo local e hora foram comunicados a Elias com antecedência.
O lugar marcado ficava no vale do Jordão, na margem esquerda do rio - talvez a mesma área onde Elias fora ordenado como "Homem de Deus". Quando saiu de Gilgal em sua última viagem, Elias encontrou dificuldade em livrar-se de seu dedicado discípulo Eliseu. Durante o caminho, os dois profetas foram repetidamente interpretados por discípulos menores, "os filhos dos profetas", que perguntavam se era verdade que naquele dia Deus levaria Elias para o céu.
Deixemos o narrador bíblico contar a história com suas próprias palavras:

Eis o que aconteceu quando Deus arrebatou Elias ao céu num turbilhão:
Elias e Eliseu partiram de Gilgal.
E Elias disse a Eliseu:
"Fica aqui, pois Iahweh me enviou só até Betel";

Mas Eliseu respondeu:
"Tão certo como Iahweh vive e tu vives, não te deixarei!"
E desceram a Betel.
Os filhos dos profetas que moravam em Betel foram ao encontro de Eliseu e disseram-lhe:
"Sabes que hoje Iahweh vai levar o mestre por sobre tua cabeça?”
Ele respondeu:
"Sei, mas calai-vos".

Desta vez Elias admitiu que seu destino era Jericó, às margens do rio Jordão, e pediu ao seu companheiro para parar ali e deixá-lo seguir sozinho. Novamente Eliseu recusou-se e insistiu em ir com o profeta. "E eles foram a Jericó.”

Os filhos dos profetas que moravam em Jericó aproximaram-se de Eliseu e lhe disseram:
"Sabes que hoje Iahweh vai levar teu mestre por sobre tua cabeça?”
Ele respondeu:
"Sei, mas calai-vos".

Contrariado em seu desejo de prosseguir sozinho, Elias pediu a Eliseu para ficar em Jericó e deixá-lo ir sozinho até a margem do rio, Todavia Eliseu recusou-se a se separar de seu mestre. Encorajados, "cinqüenta homens dos filhos dos profetas foram também, mas ficaram parados a distância enquanto os dois (Elias e Eliseu) se detinham à beira do Jordão".

Então Elias tomou seu manto, enrolou-o e bateu com ele nas águas, que se dividiram de um lado e de outro, de modo que ambos passaram a pé enxuto.

Depois que passaram para a outra margem, Eliseu pediu a Elias que lhe fosse dado o espírito santo, mas antes que pudesse ouvir uma resposta:

E aconteceu que enquanto andavam e conversavam eis que um carro de fogo e cavalos de fogo os separaram um do outro e Elias subiu ao céu no turbilhão.
Eliseu olhava e gritava:
Meu pai! Meu pai!

O carro e a cavalaria de Israel!
Depois não mais o viu...

Atordoado, Eliseu ficou imóvel por alguns instantes. Depois viu o manto que Elias deixara para trás. Isso acontecera por acidente ou fora proposital? Determinado a descobrir, Eliseu pegou o manto e voltou à margem do rio. Invocando o nome de Iahweh, bateu com ele nas águas e eis "que as águas se dividiram de um lado e de outro, e Eliseu atravessou o rio". E os filhos dos profetas, os discípulos que tinham ficado na margem esquerda do rio, na planície de Jericó, "viram-no a distância e disseram: 'O espírito de Elias repousa sobre Eliseu!'; vieram ao seu encontro e prostraram-se diante dele".
Incrédulos, apesar de terem visto com seus próprios olhos, os cinqüenta discípulos duvidaram que Elias fora mesmo levado ao céu para sempre. O turbilhão do Senhor podia tê-lo arrebatado e lançado em algum vale ou montanha. A despeito das objeções de Eliseu, eles o procuraram por três dias. Eliseu então falou: "Não dissera eu que não fôsseis?" Ora, ele sabia muito bem qual era a verdade: O Deus de Israel levara Elias para o céu num carro de fogo.

O relato do encontro de Alexandre com Henoc, que está nas lendas sobre o rei da Macedônia, introduziu na busca pela imortalidade um "antepassado imortal", especificamente mencionado tanto no Velho como no Novo Testamento, cujas lendas são muito anteriores ao aparecimento da Bíblia e já estavam registradas quando esta foi escrita. Segundo a Bíblia, Henoc foi o sétimo patriarca pré-diluviano da linhagem de Adão através de Set (para distingui-lo da amaldiçoada linhagem proveniente de Caim). Ele era o bisavô de Noé, o herói do dilúvio. O quinto capítulo do Gênesis dá a lista das genealogias desses patriarcas, as idades com que tiveram seus primogênitos e a idade com que morreram. Entretanto, Henoc é uma exceção. Não existe menção sobre sua morte. Explicando que ele "andou com Deus", o Gênesis afirma que, com a idade real ou simbólica de 365 anos (o número de dias do ano solar), Henoc "desapareceu" da Terra, "pois Deus o arrebatou".
Ampliando essa crítica afirmação bíblica, os comentaristas judeus freqüentemente citaram fontes mais antigas que pareciam descrever a real ascensão ao céu de Henoc, onde ele foi transformado em Metatron, o "Príncipe do Semblante" de Deus, que ficava postado atrás de Seu trono.

Segundo essas lendas, como reunidas por I. B. Lavner em seu livro Kol Agadoth Israel (Todas as Lendas de Israel), quando Henoc foi chamado à casa do Senhor, um cavalo de fogo veio buscá-lo. Na época, o patriarca pregava virtude ao povo. Quando o povo viu o cavalo flamejante descendo do céu, pediu uma explicação a Henoc, que falou: "Saibam que chegou a hora de deixá-los e subir aos céus". Mas, quando ele começou a montar o cavalo, o povo recusou-se a deixá-lo partir e o seguiu por todos os lados durante uma semana. "Então, no sétimo dia, um carro de fogo puxado por anjos e cavalos flamejantes desceu e arrebatou Henoc." Enquanto o patriarca subia, os anjos queixaram-se ao Senhor: "Como pode um homem nascido de mulher ascender aos céus?" Deus salientou a piedade e devoção de Henoc e abriu para ele os Portões da Vida e da Sabedoria, e vestiu-o com uma roupa magnífica e uma coroa luminosa.

Como em outros casos, as referências mais críticas nas escrituras muitas vezes sugerem que o antigo redator partia da hipótese de que o leitor conhecia outros textos mais detalhados sobre o tema em questão. Existem até menções específicas a esses escritos - o "Livro da Virtude" ou "O Livro das Guerras de Iahweh" - que devem ter realmente existido, mas perderam-se no tempo. No caso de Henoc, o Novo Testamento amplia uma afirmação crítica de que o patriarca foi "levado" por Deus "a fim de escapar da morte", mencionando um Testemunho de Henoc, escrito ou ditado por ele antes de ser "arrebatado" para a imortalidade. (Hebreus, 11:5.) Considera-se que a Epístola de São Judas, 14, falando das profecias de Henoc, faz referências a textos escritos pelo patriarca.

Vários escritos cristãos ao longo dos séculos também contêm insinuações ou referências similares. De fato, circulam pelo mundo, desde o século II a.C., diferentes versões de um Livro de Henoc. Quando os manuscritos foram estudados no século XIX, os eruditos concluíram que eles provinham basicamente de duas fontes. A primeira, identificada como I Henoc e chamada de O Livro Etíope de Henoc, é a tradução para o grego de um original em hebraico ou aramaico. A outra, chamada II Henoc, é uma tradução eslávica de um original grego cujo título completo era O Livro dos Segredos de Henoc. The Apocrypha and Pseudepigrapha of the Old Testament (Os Apócrifos e Pseudoepígrafes do Velho Testamento), que R. H. Charles começou a publicar em 1913, ainda é a principal tradução dos livros de Henoc e outros escritos primitivos que foram excluídos do Velho e Novo Testamentos canonizados.

Escrito na primeira pessoa, O Livro dos Segredos de Henoc começa numa hora precisa e em local determinado.

No primeiro dia do primeiro mês do 365º. ano eu estava só em minha casa, repousando em meu leito, e adormeci... Então surgiram diante de mim dois homens muito altos, como eu jamais vira na Terra. Tinham o rosto brilhante como o sol, os olhos eram como candeias acesas e fogo saía de seus lábios. As vestes que usavam pareciam de penas, os pés eram roxos. Suas asas eram mais brilhantes do que o ouro e as mãos mais brancas do que a neve. Eles estavam junto à cabeceira e me chamaram pelo nome.

Como Henoc dormia quando esses estranhos chegaram, ele faz questão de registrar que agora estava acordado: "Vi claramente esses homens parados diante de mim". O patriarca saudou-os, tomado pelo medo, mas os dois o tranqüilizaram:

Alegra-te, Henoc, não te assustes.
O Deus Eterno mandou-nos aqui e hoje tu ascenderás conosco ao céu.

Os dois então disseram a Henoc para acordar sua família e os criados, dando-lhes ordens para não procurá-lo "até o Senhor devolver-te a eles". O patriarca obedeceu, aproveitando a oportunidade para instruir seus filhos sobre o caminho da virtude. Então chegou a hora da partida:

Quando terminei de falar com meus filhos, os dois homens me chamaram, tomaram-me em suas asas e me colocaram nas nuvens; e eis que as nuvens se movimentaram... Subindo mais, vi o ar e, mais alto ainda, o espaço celeste. Inicialmente eles me puseram no Primeiro Céu e mostraram-me um mar imenso maior do que o terrestre.

Ascendendo ao céu em "nuvens que se movimentavam", Henoc foi transportado para o Primeiro Céu, onde "duzentos anjos governam as estrelas", e em seguida para o sombrio Segundo Céu. Daí ele foi para o Terceiro, onde lhe mostraram:

Um jardim agradável à vista, belas e perfumadas árvores e frutos. No meio dele fica uma Árvore da Vida - no lugar onde Deus repousa quando vem ao

paraíso.

Impressionado com a magnificência da árvore, Henoc tenta descrever a Árvore da Vida com as seguintes palavras: "Ela é mais bela do que qualquer coisa já criada; em todos os lados parece feita de ouro e carmim, e é transparente como o fogo". Das raízes saíam quatro rios que vertiam mel, leite, vinho e azeite, e eles desciam desse paraíso celeste para o Jardim do Éden fazendo uma volta em torno da Terra. Esse Terceiro Céu e sua Árvore da Vida eram guardados por trezentos anjos "muito gloriosos" e era ali que ficavam situados o Lugar dos Justos e o Lugar Terrível, onde os maus sofriam torturas.
Subindo para o Quarto Céu, Henoc pôde ver os luminares e várias criaturas formidáveis, além da Hoste do Senhor. No Quinto Céu, mais "hostes"; no Sexto, "bandos de anjos que estudam a revolução das estrelas". Atingindo o Sétimo Céu, onde os maiores anjos andavam apressadamente de um lado para o outro, Henoc viu Deus - "de longe" - sentado em seu trono.
Os dois homens alados e sua nuvem movente colocaram o patriarca na fronteira do Sétimo Céu e partiram. Por isso, o Senhor mandou o anjo Gabriel buscá-lo para trazê-lo a Sua Presença.
Durante 33 dias Henoc foi instruído sobre toda a sabedoria e eventos do passado e futuro. Depois desse período, um anjo "com fisionomia muito fria" o devolveu à Terra. No total, Henoc ficou sessenta dias ausente da Terra. Todavia, esse retorno só se deu para ele poder ensinar aos filhos as leis e mandamentos. Trinta dias depois, o patriarca foi novamente levado para o céu - desta vez para sempre.

Escrito tanto na forma de testamento pessoal como na de uma resenha histórica, o Livro Etíope de Henoc, cujo título primitivo provavelmente era Palavras de Henoc, descreve não apenas as viagens para o céu como também uma jornada pelos quatro Cantos da Terra. Enquanto viajava "para os confins norte da Terra", o patriarca avistou "um grande e glorioso artefato", cuja natureza não é descrita, e nesse local, bem como nos confins leste da Terra, viu "três portais do céu dentro do céu", através dos quais sopravam granizo e neve, frio e geada.
"Daí fui para os confins sul da Terra" e lá, pelos portais do céu, saíam o orvalho e a chuva. Em seguida, Henoc foi ver os portais ocidentais, através dos quais passavam as estrelas seguindo seu curso.

No entanto, os principais mistérios e segredos do passado e futuro só foram revelados a Henoc quando ele chegou "ao meio da Terra" e para o leste e oeste desse ponto. O "meio da Terra" era o local do futuro Templo Sagrado de Jerusalém. Em sua viagem para o leste desse lugar, Henoc chegou à Árvore do Conhecimento e, na para o oeste, foi-lhe mostrada a Árvore da Vida.
Na jornada para o leste, Henoc passou por montanhas e desertos, viu cursos de água saindo de picos rochosos cobertos de neve e gelo ("água que não corre") e mais árvores perfumadas. Seguindo cada vez mais para o leste, encontrou-se sobre as montanhas que ladeiam o mar de Eritreu (mar Vermelho e o mar da Arábia) e, prosseguindo, passou por Zotrel, o anjo que guardava a entrada do paraíso, e entrou no Jardim da Virtude. Lá, entre muitas árvores magníficas, avistou a Árvore do Conhecimento. Era alta como um pinheiro, com folhas parecidas com a da alfarrobeira e frutos como os cachos de uma videira. O anjo que acompanhava Henoc confirmou que aquela era exatamente a árvore cujo fruto Adão e Eva tinham comido antes de serem expulsos do Jardim do Éden.
Em sua viagem para oeste, Henoc chegou a "uma cadeia de montanhas de fogo, que ardiam dia e noite". Mais além, chegou a um lugar cercado por seis montanhas separadas por "ravinas íngremes e profundas". Uma sétima montanha elevava-se entre elas "parecendo um trono, toda cercada de árvores aromáticas; entre elas havia uma cujo perfume eu jamais sentira... e seus frutos eram como as tâmaras de uma palmeira".
O anjo que acompanhava Henoc explicou que a montanha do meio era o trono "onde o Grande Santo, o Senhor da Glória, o Rei Eterno irá sentar-se quando vier à Terra". E a respeito da árvore, cujos frutos pareciam tâmaras, disse:

Quanto à árvore perfumada, nenhum mortal tem permissão de tocá-la até o Grande Julgamento...
Seus frutos serão alimento para os eleitos...
Seu aroma estará em seus ossos
E eles terão vida longa na Terra.

Foi durante essas viagens que Henoc viu "os anjos receberem longos cordões, pegarem suas asas e partirem para o norte". Quando perguntou o que estava acontecendo, o anjo acompanhante falou: "Eles partiram para

medir... trarão as medidas dos justos para os justos e as cordas dos justos para os justos... todas essas medidas revelarão os segredos da Terra".
Terminada a viagem a todos os locais secretos da Terra, chegou a hora de Henoc partir para o céu. E, como outros depois dele, foi levado para uma "montanha cujo cume alcançava o céu" e para um País das Trevas.

E eles (os anjos) me levaram a um lugar onde os que lá estavam eram como fogo flamejante e, quando desejavam, apareciam como homens.
E eles me levaram para um lugar de trevas e para uma montanha cujo pico chegava ao céu.
E eu vi a câmara dos luminares, os tesouros das estrelas e do trovão nas grandes profundezas, onde havia um arco e flechas flamejantes com sua aljava, uma espada flamejante e todos os raios.

No caso de Alexandre, nessa etapa crucial da jornada a imortalidade escapou de suas mãos porque ele fora procurá-la contrariando seu destino. No entanto, Henoc, como os faraós depois dele, viajava sob a bênção divina. Assim, nesse ponto foi considerado digno de prosseguir e por isso "eles me levaram à Água da Vida".
Continuando em frente, o patriarca chegou à Casa de Fogo:

Entrei até me aproximar de uma parede feita de cristais e cercada de línguas de fogo, o que me causou medo.
Avancei por entre as labaredas e cheguei perto de uma grande casa feita de cristais. As paredes e o assoalho eram um mosaico de cristal. O teto parecia o caminho das estrelas e dos raios, e entre eles pairavam flamejantes querubins e seu céu era como água.
Um fogo resplandecente cercava as paredes e os portais ardiam com fogo.
Entrei nessa casa e ela era quente como o fogo e fria como o gelo...
Olhei para dentro dela e vi um imponente trono. Parecia de cristal e suas rodas eram como o sol brilhante, e houve o aparecimento de querubins.
E, por sob o trono saíam rios de fogo, de modo que não pude olhar além dele.

Depois de atingir o "Rio de Fogo", Henoc foi levado para o alto. Então pôde ver toda a Terra - "as desembocaduras de todos os rios da Terra... todos os marcos de fronteira da Terra... e os ventos carregando as nuvens". Subindo

mais, ficou onde os ventos estiram as abóbadas da Terra e têm sua estação entre o céu e a Terra. Vi os ventos do céu que giram e trazem a circunferência do Sol e de todas as estrelas. Seguindo "os caminhos dos anjos", Henoc chegou a um ponto do "firmamento do céu acima", do qual pôde ver "o fim da Terra".

Desse lugar, conseguiu avistar a expansão dos céus e "sete estrelas como grandes montanhas cintilantes", "sete montanhas de magníficas pedras". Do ponto onde observava esses corpos celestiais, "três ficavam para o leste, na região do fogo celeste", e foi ali que o patriarca viu "colunas de fogo" subindo e descendo, erupções "além de qualquer medida, tanto em largura como comprimento". No outro lado, os três corpos celestiais estavam "para o sul" e lá Henoc viu "um abismo, um lugar sem firmamento do céu sobre ele e nenhuma terra firme embaixo... um vácuo, um local assustador". Quando pediu uma explicação ao anjo que o transportava, ouviu: "Lá os céus foram completados... é o fim do céu e da Terra, uma prisão para as estrelas e hostes do céu".

A estrela do meio "chegava ao céu como o trono de Deus". Dava a impressão de ser de alabastro "e a cúpula do trono parecia feita de safira". A estrela era como "um fogo flamejante".

Continuando o relato sobre sua viagem aos céus, Henoc diz: "Prossegui até onde as coisas eram caóticas e lá vi algo terrível". O que o impressionou foram "estrelas do céu amarradas umas às outras". O anjo explicou: "São as estrelas do céu que transgrediram o mandamento do Senhor e estão presas aqui até 10 mil anos se passarem".

O patriarca então conclui sua história: "E eu, Henoc, sozinho vi a visão, o fim de todas as coisas, e nenhum homem os verá como eu". Depois de receber todo tipo de sabedoria no reino celestial, ele foi devolvido à Terra para transmitir esses ensinamentos aos outros homens. Por um período de tempo não especificado, "Henoc permaneceu escondido e nenhum filho de homem sabia onde ele morava ou o que fora feito dele". Porém, quando o dilúvio se aproximava, Henoc escreveu seus ensinamentos e aconselhou seu bisneto Noé a ser virtuoso e digno de salvação.

Cumprida essa obrigação, o patriarca mais uma vez "foi elevado de entre aqueles que habitavam a Terra. Ele foi carregado para o alto na Carruagem dos Espíritos e seu nome desapareceu entre eles".

CAPÍTULO 3

A VIAGEM DO FARAÓ PARA A OUTRA VIDA

As lendas sobre as aventuras de Alexandre e sua busca pela vida eterna que se disseminaram pela Europa da Idade Média continham elementos claramente extraídos dos relatos sobre os antepassados imortais, como cavernas, anjos, fogo subterrâneo, cavalos e carruagens de fogo. Todavia, antes da era cristã, a crença generalizada (também de Alexandre, seus historiadores ou ambos) era que quem desejava atingir a imortalidade precisaria imitar os faraós egípcios.

Foi devido a essa crença que a alegada semi-divindade de Alexandre teve de ser atribuída a um complicado envolvimento com uma deidade egípcia em vez de ele simplesmente alegar uma afinidade qualquer com um deus de sua região. É um fato histórico, não mera lenda, que o rei da Macedônia achou necessário, assim que rompeu as fileiras persas na Ásia Menor, seguir para o Egito - e não perseguir o inimigo -, onde procuraria a confirmação de suas supostas "raízes egípcias", podendo então começar sua busca pela Água da Vida.

Enquanto os hebreus, gregos e outros povos da Antiguidade contavam lendas sobre alguns poucos homens que escaparam do destino dos mortais por terem recebido um convite divino, os antigos egípcios transformaram esse privilégio num direito. E não era um direito universal, nem algo reservado aos excepcionalmente virtuosos, mas um direito restrito ao soberano egípcio pelo simples fato de ele ocupar o trono. O motivo, segundo as tradições do Egito Antigo, era que os primeiros reis daquela terra não tinham sido homens, mas deuses.

Essas tradições egípcias afirmavam que em épocas imemoriais os "Deuses do Céu" chegaram à Terra, vindos do Disco Celestial. Quando o Egito sofreu uma grande inundação, "um grande deus que veio (à Terra) no mais antigo dos tempos" chegou ao país e literalmente ergueu-o de sob as águas e lama, representando o Nilo e fazendo extensas obras de drenagem e contenção. (Era por isso que o Egito tinha o nome de "Terra Elevada".) Esse antigo deus chamava-se Ptah - "O Construtor". Contava-se que ele era um grande cientista, mestre engenheiro e arquiteto, o Principal Artífice dos

deuses, que até contribuíra para a criação e formação do homem. Seu cajado freqüentemente era mostrado sob a forma de uma vara graduada, bem parecida com a usada pelos agrônomos modernos na medição de terras .
Segundo as tradições, Ptah retirou-se para o sul, onde pôde controlar as águas do Nilo por intermédio das comportas que instalara numa caverna secreta localizada na primeira catarata do rio (o local da atual represa de Assuã). Todavia, antes de deixar o Egito, Ptah construiu sua primeira cidade sagrada e deu-lhe o nome de An, em honra ao Deus do Céu (a bíblica On, que os gregos chamavam de Heliópolis). Ali instalou como primeiro governante divino do país seu próprio filho, Ra (assim chamado em honra do globo celeste).
Ra, um grande "Deus do Céu e da Terra", mandou construir um santuário especial em An para abrigar o Ben-ben - o "objeto secreto" que transportara à Terra.
Com o passar do tempo, Ra acabou dividindo o reino entre seus dois filhos, Osíris e Set, mas o governo conjunto dos irmãos não deu certo. Set estava sempre tentando derrubar e matar Osíris. Depois de muitas marchas e contramarchas, Set finalmente conseguiu enganar Osíris fazendo-o entrar num ataúde, que logo mandou vedar e afundar. Ísis, irmã e esposa de Osíris, conseguiu encontrar o ataúde, que flutuara, indo chegar às praias do atual Líbano. Esta escondeu o corpo do marido e partiu para pedir ajuda aos outros deuses que poderiam ressuscitar Osíris. Set, porém, descobriu o corpo e cortou-o em pedaços, dispersando-os pelos quatro cantos da Terra. Auxiliada por sua irmã, Néftis, Ísis conseguiu reunir todos os pedaços (exceto o falo) e, recompondo o corpo mutilado do marido, devolveu-o à vida.
Osíris, ressuscitado, foi viver no Outro Mundo, entre os outros deuses celestiais. Dele as sagradas escrituras egípcias falam:

Ele adentrou os Portões Secretos,
A glória dos Senhores da Eternidade,
Ao lado daquele que brilha no horizonte,
No caminho de Ra.

O lugar de Osíris no trono do Egito foi assumido por seu filho, Hórus. Quando ele nasceu, sua mãe, Ísis, o escondeu entre os juncos do Nilo (exatamente como, segundo a Bíblia, fez a mãe de Moisés) para mantê-lo

fora do alcance de Set. O menino, porém, foi picado por um escorpião e morreu. Sem perder tempo, Ísis apelou a Thot, um deus com poderes mágicos, que acorreu em seu socorro. Thot, que estava nos céus, veio à Terra no "Barco dos Anos Astronômicos", de Ra, e ajudou-a a trazer Hórus de volta à vida.

Ao crescer, Hórus desafiou Set pelo trono. A luta estendeu-se por vários territórios, os deuses perseguindo-se pelos céus. Hórus atacou Set de um Nar, termo que no antigo Oriente Médio significava "Pilar Flamejante". As ilustrações do Período Pré-Dinástico do Egito mostram esse carro celestial como um longo objeto cilíndrico com uma cauda parecida com um funil e uma ponta rombuda, da qual saem raios, um tipo de submarino celestial. Na parte dianteira, o Nar tinha dois faróis, ou "olhos", que, de acordo com as lendas egípcias, mudavam de cor, passando do azul para o vermelho.

Houve marchas e contramarchas nas lutas, que duraram vários dias. Do Nar, Hórus disparou um "arpão" especialmente projetado contra Set. Este ficou ferido, perdendo os testículos, o que só serviu para deixá-lo ainda mais furioso. Na batalha final, sobre a península do Sinai, Set disparou um raio de fogo em Hórus e este perdeu um "olho". Os grandes deuses solicitaram uma trégua e reuniram-se em conselho. Depois de muita vacilação e indecisão, o Senhor da Terra decidiu-se em favor de Hórus e concedeu-lhe o Egito, declarando-o legítimo herdeiro da linha de sucessão Ra-Osíris. Depois disso, Hórus passou a ser representado com os atributos do falcão, enquanto Set era mostrado como uma deidade asiática, simbolizado pelo jumento, o animal de carga dos nômades.

A ascensão de Hórus ao trono unido das Duas Terras (Alto e Baixo Egito) manteve-se, ao longo de toda a história egípcia, como o ponto onde a realeza recebeu sua perpétua conexão divina, pois todo Faraó era considerado sucessor de Hórus e ocupante do trono de Osíris.

Por motivos inexplicados, o governo de Hórus foi seguido de um período de caos e declínio. Não se sabe quanto tempo ele durou. Finalmente, por volta de 3.200 a.C., uma "raça dinástica" chegou à região e um homem chamado Menés ascendeu ao trono de um Egito reunificado. Foi então que os deuses concederam ao país a civilização e aquilo que hoje chamamos de religião. O reinado iniciado por Menés continuou por 26 gerações de Faraós até a dominação persa em 525 a.C. e depois atravessou os períodos grego e romano (quando reinou Cleópatra).

Quando Menés, o primeiro faraó, estabeleceu o reino unido, escolheu um

ponto médio do Nilo, um pouco ao sul de Heliópolis, para nele instalar a capital dos dois Egitos. Imitando as obras de Ptah, mandou fazer um aterro elevando-se acima das águas do Nilo e nele construiu Mênfis, dedicando seus templos a Ptah. Mênfis perdurou como centro político-religioso do país por mais de mil anos.

A cerca de 2.200 a.C., houve grandes conturbações no Egito, cuja natureza não está clara para os estudiosos. Alguns acham que invasores asiáticos dominaram o país, escravizando o povo e acabando com a adoração dos deuses. Seja o que tenha restado de um simulacro de independência, ele foi mantido no Alto Egito - as regiões menos acessíveis ao sul. Quando a ordem foi restaurada, cerca de 150 anos depois, o poder político-religioso - atributo da realeza emanava de Tebas, uma antiga mas não tão imponente cidade do Alto Egito, às margens do Nilo.

O deus de Tebas era chamado Amen - "O Oculto" -, o Amon que Alexandre considerava seu divino pai. Como deidade suprema, ele era adorado como Amen-Ra, "O Ra Oculto", e não está bem claro se era o mesmo antigo Ra, agora de alguma forma invisível ou "oculto", ou uma outra divindade qualquer.

Os gregos chamavam Tebas de Dióspolis, "A Cidade de Zeus", pois igualavam Amon ao supremo deus do Olimpo, fato que tornou mais fácil para Alexandre ligar-se a Amon. Foi para Tebas que ele apressou-se a ir depois de receber a confirmação do oráculo no oásis de Siwa.

Em Tebas e suas redondezas (agora conhecidas como Karnar, Luxor e Deir-el-Bahari), Alexandre encontrou os santuários e templos dedicados a Amon, que continuam impressionantes nos dias de hoje, apesar de estarem em ruínas. Em sua maioria, esses monumentos foram construídos pelos faraós da 12ª. Dinastia, um dos quais provavelmente era "Sesonchusis", que procurara pela Água da Vida 1.500 anos antes do rei da Macedônia. Um dos templos colossais foi erigido pela rainha Hatshepsut, que também tinha a fama de ser filha do deus Amon.

Essas alegações de parentesco divino não eram incomuns. A reivindicação do faraó ao estado de divindade, baseado no simples fato de ocupar o trono de Osíris, às vezes era ampliada por alegações que o governante era filho ou irmão deste ou daquele deus ou deusa. Os estudiosos consideram que essas afirmações só têm significado simbólico, mas alguns faraós, como três reis da 5ª. Dinastia garantiam que eram fisicamente filhos de Ra, por ele gerados através da fecundação da esposa do alto sacerdote de seu templo.

Outros reis atribuíam sua descendência de Ra a meios mais sofisticados. Dizia-se que o deus incorporava-se no faraó reinante e, através desse subterfúgio, podia ter relações sexuais com a rainha. Assim, o herdeiro do trono podia afirmar ser descendente direto de Ra. Mas, além dessas pretensões específicas de uma origem divina, todos os faraós eram teologicamente considerados a encarnação de Hórus e assim, por extensão, filhos de Osíris. Em conseqüência, o faraó tinha direito à vida eterna exatamente da maneira experimentada por Osíris: ressurreição após a morte, uma Outra Vida.
Era a esse círculo de deuses e faraós semi-divinos que Alexandre ansiava se juntar.
A crença era de que Ra e os outros imortais conseguiam viver para sempre porque estavam sempre se rejuvenescendo. Assim, os faraós recebiam nomes significando, por exemplo, "Aquele que Repete Nascimentos" ou "Repetidor de Nascimentos". Os deuses rejuvenesciam ingerindo comida e bebida divinas em seu domicílio. Portanto, para o rei conseguir uma Outra Vida, desta vez eterna, precisaria se juntar aos deuses em sua morada, para também alimentar-se do divino sustento.
Os antigos encantamentos apelavam aos deuses para compartilharem com o faraó sua comida divina: "Levem este rei convosco para que ele possa comer o que comeis, beber o que bebeis, viver onde viveis". E, mais especificamente, como escrito na pirâmide do faraó Pepi:

Dai sustento a este rei Pepi
De vosso eterno sustento,
Vossa eterna bebida.

O falecido faraó esperava encontrar esse sustento no reino celestial de Ra, na "Estrela Imorredoura". Lá, num mítico "Campo das Oferendas" ou "Campo da Vida", crescia a "Planta da Vida". Um texto da pirâmide de Pepi I o descreve passando por guardas com a aparência de "pássaros emplumados", para ser recebido pelos emissários de Hórus. Com eles:

Ele viajou para o Grande Lago,
Junto ao qual descem os Grandes Deuses.
Os Grandes da Estrela Imorredoura
Dão a Pepi a Planta da Vida

Da qual eles vivem,
Para que ele também possa viver.

As representações egípcias mostram o falecido (às vezes com sua esposa) nesse paraíso celestial, bebendo a Água da Vida, da qual nasce a Planta da Vida, sob a forma de tamareira, com seus frutos doadores de vida.
O destino celestial do rei morto era o local de nascimento de Ra, ao qual este voltara depois de sua morte na Terra. Lá o próprio deus era sempre rejuvenescido ou "acordado de novo" porque periodicamente a Deusa dos Quatro Jarros lhe servia um certo elixir. Assim, a esperança do faraó era ser servido do mesmo elixir pela deusa, para "com ele refrescar seu coração para a vida". Quanto a Osíris, ele se rejuvenescia banhando-se na Água da Juventude. Por isso, foi prometido a Pepi I que Hórus "contará para ti uma segunda estação de juventude" e "renovará tua juventude nas águas que têm o nome de Água da Vida".
Depois de ganhar uma nova vida e até ficar rejuvenescido, o faraó levaria uma existência paradisíaca: "Sua provisão é entre os deuses: sua água é vinho, como a de Ra. Quando Ra come, dá a ele; quando Ra bebe, dá a ele". E, com um toque de psicoterapia do século XX, o texto acrescenta: "Ele dorme profundamente todos os dias... passa melhor hoje do que ontem".
O faraó parecia pouco preocupado com o paradoxo de que primeiro teria de morrer para então conseguir a imortalidade. Como surpresa governante das Duas Terras do Egito, ele gozava da melhor vida possível na Terra. Mesmo assim, a ressurreição entre os deuses era uma perspectiva muito atraente. Além disso, somente seu corpo físico seria embalsamado e emparedado, pois os egípcios acreditavam que cada pessoa possuía um Ba, algo semelhante ao que chamamos de "alma", que, como um pássaro, subia aos céus depois da morte, e também um Ka - em geral traduzido por Duplo, Espírito Ancestral, Essência ou Personalidade -, e era sob essas formas que o faraó via-se trasladado para a Outra Vida. Samuel Mercer, em sua introdução para os Textos das Pirâmides, concluiu que Ka significava a personificação mortal de um deus. Em outras palavras, o conceito sugeria a existência de um elemento divino no homem, um duplo celestial ou divino que podia retomar a vida no outro mudo.
Mas, se uma outra vida era possível, não era nada fácil obtê-la. O falecido rei tinha de viajar por uma longa e desafiadora estrada, e submeter-se a longas e elaboradas cerimônias antes de se pôr a caminho.

A deificação do faraó começava com sua purificação e incluía o embalsamento (mumificação) para ele ficar parecido com Osíris, com todos os membros amarrados por ataduras. O corpo embalsamado então era levado numa procissão fúnebre até uma edificação encimada por uma pirâmide, diante da qual havia um pilar oval.

Dentro desse templo funerário, sacerdotes conduziam rituais visando a aceitação do faraó pelos deuses no final da viagem. O rito, chamado nos textos fúnebres egípcios de "Abertura da Boca", era supervisionado por um sacerdote Shem - sempre mostrado vestindo uma pele de leopardo. Os estudiosos acreditam que o ritual era literalmente o que diz seu nome: o sacerdote, usando uma ferramenta curva de cobre ou ferro, abria a boca da múmia ou de uma estátua representando o faraó. No entanto, está claro que o ritual era primariamente simbólico, com o objetivo de abrir para o morto a "boca" ou entrada dos céus.

A essa altura. a múmia estava envolta em muitas camadas de ataduras de linho e coberta pela máscara fúnebre de ouro. Assim, tocar sua boca (ou da estátua) só podia ser um ato simbólico. De fato, o sacerdote não se dirigia ao falecido, mas aos deuses, pedindo-lhes para "abrirem a boca" para o faraó poder ascender à vida eterna. Eram feitos também apelos especiais ao "Olho" de Hórus, perdido na batalha com Set, para ele providenciar a "Abertura da Boca", de modo que fosse aberto "um caminho para o rei entre os Luminosos, para que ele possa se estabelecer entre eles".

A tumba terrestre do faraó (e assim, por conjetura, apenas temporária) - segundo os textos e descobertas arqueológicas - tinha uma porta falsa em seu lado leste, ou seja, a argamassa era assentada de modo a dar impressão da existência de uma porta, mas ali, na verdade, havia uma parede sólida. Purificado, com os membros amarrados e a "boca" aberta, o faraó então era visualizado levantando-se, sacudindo a poeira da Terra e saindo pela porta falsa. Segundo um relato nos Textos das Pirâmides que descreve o processo de ressurreição passo a passo, o faraó não podia atravessar a parede sozinho. "Tu estás diante da porta que contém as pessoas até ele, que é o chefe do departamento" - um mensageiro divino encarregado dessa tarefa -, "vir ao teu encontro. Ele segura-te pelo braço e te leva para o céu, para o teu pai."

Assim, auxiliado por um mensageiro divino, o faraó saía da tumba lacrada pela porta falsa. E os sacerdotes cantavam: "O rei está a caminho do céu! O rei está a caminho do céu!"

O rei está a caminho do céu
O rei está a caminho do céu
No vento, no vento.
Ele não é impedido;
Não há ninguém para contê-lo.
O rei está só, filho dos deuses.
Seu pão virá do alto, com Ra.
Sua oferenda sairá dos céus.
O rei é aquele "Que Volta de Novo".

Porém, antes de o faraó subir ao céu para comer e beber com os deuses, precisava empreender uma árdua e perigosa viagem. Sua meta era um país chamado Neter-Khert, "A Terra dos Deuses da Montanha". Esse local às vezes era pictoricamente escrito em hieróglifos colocando-se o símbolo para Deus (Neter) sobre uma balsa, pois, de fato, para atingir essa terra o faraó tinha de atravessar um longo e tortuoso lago de Juncos. A área pantanosa seria vencida com a ajuda de um Barqueiro Divino. Todavia, antes de transportar o morto, ele o interpelava sobre suas origens: O que o fazia pensar que tinha o direito de atravessar o lago? Seria mesmo filho de um deus ou deusa?
Depois do lago, de um deserto e uma cadeia de montanhas, passando por deuses guardiães, o rei chegava ao Duat, a mágica "Morada para Subir às Estrelas", cuja localização e nome vêm confundindo os estudiosos há muito tempo. Alguns pensam que se tratava do Outro Mundo, a Morada dos Espíritos, para o qual o rei, tal como Osíris, deveria ir. Outros afirmam que ele era um Mundo Subterrâneo e, de fato, muitas das cenas que o descrevem mostram um labirinto de túneis, cavernas com deuses que não podem ser vistos, poças de água fervente, luzes fantasmagóricas, câmaras guardadas por pássaros e portas que se abrem sozinhas. Essa terra mágica possuía doze divisões e era atravessada em doze horas.
O Duat sempre foi motivo de perplexidade para os eruditos porque, apesar de sua natureza terrestre (era atingido através de uma passagem nas montanhas) e características subterrâneas, em hieróglifos seu nome era escrito com a utilização de uma estrela ou falcão alçando vôo como símbolos determinativos ou simplesmente com uma estrela dentro de um círculo indicando uma associação celestial.

Por mais confusos que sejam, os Textos das Pirâmides, ao seguirem o progresso do faraó ao longo de sua vida, morte, ressurreição e translação para uma Outra Vida, consideravam como o maior problema humano a incapacidade de voar como os deuses. Um deles resume esse problema e sua solução em duas sentenças: "Os homens são enterrados, os deuses voam para o alto. Façam com que este rei voe para o céu (para ficar) entre seus irmãos, os deuses". Um texto da pirâmide do faraó Teti expressava a esperança do faraó e seus apelos aos deuses nas seguintes palavras:

Homens caem,
Eles não têm Nome.
Peguem vosso Teti pelos braços.
Levem o rei Teti para o céu,
Para ele não morrer na Terra entre os homens.

E, assim, cabia ao faraó percorrer os labirintos subterrâneos até conseguir encontrar um deus que carregava a Árvore da Vida e um que era o "Arauto do Céu". Eles abririam as portas secretas e o levariam até o Olho de Hórus, uma escada celestial pela qual entraria num objeto capaz de mudar de cor, passando de azul para vermelho quando "potencializado". Então, ele mesmo transformado no deus-falcão, subiria aos céus para sua Outra Vida na Estrela Imorredoura. Lá, o próprio Ra lhe daria as boas-vindas.

Os Portões do Céu estão abertos para ti;
As portas do Lugar Fresco estão abertas para ti.
Tu encontrarás Ra parado ali, esperando por ti.
Ele tomará tua mão,
Ele te levará para o Duplo Santuário do Céu;
Ele te colocará no trono de Osíris...
Tu ficarás em pé, amparado, equipado como um deus...
Entre os Eternos, na Estrela Imorredoura.

Muito do que atualmente se sabe sobre o tema veio dos Textos das Pirâmides - milhares de versos agrupados em centenas de Elocuções - que foram descobertos gravados ou pintados (na escrita hieroglífica do Egito Antigo) nas paredes, passagens e galerias das pirâmides de cinco faraós -

Unas, Teti, Pepi I, Merenra e Pepi II - que reinaram entre 2.350 e 2.180 a.C. Esses textos foram organizados e numerados por Kurt Sethe em sua magnífica obra Die altaegyptischen Pyramidentexte, que até hoje permanece como a mais importante fonte de referência sobre o assunto, junto com sua contrapartida em inglês, The Pyramid Texts, de Samuel A. B. Mercer.

Os milhares de versos que compõem os Textos das Pirâmides parecem ser apenas uma coleção de invocações repetitivas, desliga das umas das outras, com súplicas aos deuses e exaltação dos reis. Para obter algum sentido de todo esse material, os eruditos elaboraram teorias sobre uma mudança de teologias no Egito Antigo, com um conflito e posteriormente uma fusão entre uma "religião solar" e uma "religião celeste", entre um culto de Ra e um de Osíris, e assim por diante, salientando que estamos lidando com material que se acumulou ao longo de milênios.

Para os estudiosos que encaram essa massa de versos como expressões de mitologias primitivas, fruto da imaginação de pessoas que estremeciam de pavor ao ouvirem o trovão ou vento rugindo e chamavam esses fenômenos naturais de "deuses", esse versos continuam tão confusos como sempre. Porém, há um ponto sobre o qual não existem dúvidas: todos concordam que esses textos foram extraídos pelos escribas da época de escrituras mais antigas e aparentemente bem organizadas, coerentes e inteligíveis.

Inscrições posteriores em sarcófagos e ataúdes, e também em papiros (estes, em geral, acompanhados de ilustrações), comprovam que os versos, Elocuções e Capítulos - com títulos como "Capítulo daqueles que ascendem" - foram copiados do "Livro dos Mortos", como" Aquele que está no Duat", "O Livro dos Portões" ou "O Livro dos Dois Caminhos". Os peritos acreditam que, por sua vez, esses "livros" eram versões de duas obras básicas anteriores: velhos escritos que tratavam da jornada celestial de Ra e uma fonte qualquer posterior a eles enfatizando a bem-aventurança na Outra Vida para aqueles que se juntassem a Osíris ressuscitado. Ambas falavam de comida, bebida e prazeres na Morada Celestial. Versos dessas antigas obras costumavam também ser gravados em talismãs para propiciarem ao usuário "união com mulheres noite e dia" ou "desejo de mulheres" o tempo todo.

As teorias acadêmicas, contudo, deixam sem explicação os aspectos mais intrigantes das informações oferecidas por esses textos. O Olho de Hórus, por exemplo, era um objeto que existia independentemente do deus, sendo

algo em cujo interior o faraó podia entrar e que mudava de cores, indo do azul para o vermelho, quando era "potencializado". Há também balsas auto-propelidas, portas que se abrem sozinhas, deuses de rostos brilhantes que não podem ser vistos. No Mundo Subterrâneo, supostamente habitado somente por espíritos, são mostrados "cabos de cobre" e "pontes levadiças". E o mais intrigante aspecto de todos: Por que, se a transfiguração do faraó o levava para o Mundo Subterrâneo, os textos afirmam que "o rei está indo para o céu?"

No conjunto, os versos indicam que o rei está seguindo o caminho dos deuses, atravessando um lago da mesma maneira que um deus fez anteriormente, usando um barco como o de Ra e ascendendo "equipado como um deus", tal como Osíris etc. etc. Então nos ocorrem as perguntas: E se esses textos não eram fantasias primitivas, mera mitologia, mas relatos sobre uma viagem simulada, onde o falecido faraó era visualizado imitando o que os deuses realmente tinham feito? Não seriam esses textos cópias (com a substituição do nome dos deuses pelo do rei) de escrituras mais antigas, tratando das viagens de deuses, não de faraós?

Um dos mais famosos egiptólogos do passado, Gaston Maspero (L'Archéologie Égyptienne e outras obras), analisando os Textos das Pirâmides com base na forma gramatical e outros indícios, sugeriu que eles se originaram nos primórdios da civilização egípcia, talvez até mesmo antes do surgimento da escrita com hieróglifos. Mais recentemente, J. H. Breasted, em Development of Religion and Thought in Ancient Egypt (Desenvolvimento da Religião e Pensamento no Egito Antigo), concluiu que não resta dúvida de que existiu um material mais antigo, quer o possuamos ou não. Ele encontrou nos textos informações sobre condições de civilização e eventos que confirmam a veracidade dos textos como transmissores de informações factuais e não meras fantasias. "Para alguém de imaginação ativa", diz Breasted, "eles abundam em quadros de um mundo há muito desaparecido, do qual são apenas um reflexo."

Vistos em seu todo, os textos e ilustrações posteriores descrevem uma viagem a um reino que começa ao nível do solo, prossegue para o subsolo e termina numa abertura pela qual os deuses - e os reis que os imitavam - eram lançados em direção ao céu. Daí a conotação hieroglífica combinando um local subterrâneo com uma função celestial.

Terão os faraós, saindo de seus sepulcros para a Outra Vida, realmente feito esse caminho para o céu? Os próprios antigos egípcios afirmavam que a

viagem não era para ser feita pelo cadáver mumificado, mas pelo Ka (Duplo) do rei. Porém, eles visualizaram esse Duplo reencenando um avanço real por lugares que acreditavam verdadeiramente existir.
Então, se os textos refletem um mundo que existiu mesmo, a viagem do faraó para a imortalidade, embora sendo uma imitação, não estaria seguindo passo a passo viagens verdadeiras feitas em épocas pré-históricas?
Sigamos esses passos; entremos no Caminho dos Deuses.

CAPÍTULO 4
A ESCADA PARA O CÉU

Imaginemo-nos no magnífico templo funerário do faraó. Depois de terem mumificado e preparado o corpo, os sacerdotes Shem agora cantam para os deuses, pedindo-lhes para abrir um caminho e portões. O mensageiro divino já chegou ao outro lado da porta falsa, pronto a ajudar o faraó a passar pela parede de pedra e iniciá-lo em sua viagem.

Ao passar pela porta falsa no lado leste da tumba, o Ka do faraó recebia instruções sobre o rumo que deveria tomar. Para não haver equívocos, ele era explicitamente alertado para não seguir para oeste. "Os que para lá vão, jamais voltam!" Seu destino era o Duat, na Terra dos Deuses da Montanha. Lá, ele entraria na "Grande Casa dos Dois... a Casa de Fogo", onde, durante uma "noite de anos somados", seria transformado num Ser Divino, ascendendo "para o lado leste do céu".

O primeiro obstáculo na rota do faraó era o lago de Juncos, uma grande área pantanosa constituída por um série de lagoas contíguas. Em termos simbólicos, ele tinha a bênção de seu deus guardião, que separaria as águas do lago para facilitar-lhe a travessia. Em termos práticos, a viagem pelos pântanos só seria possível porque no lago havia o Barqueiro Divino que transportava os deuses num barco construído por Khnum, o Divino Artesão. O barqueiro, contudo, ficava estacionado na outra margem do lago e o faraó encontrava grande dificuldade em convencê-lo de que tinha direito de ser apanhado e transportado.

O barqueiro interrogava o faraó sobre suas origens. Era mesmo filho de um deus ou uma deusa? Tinha o nome inscrito no "Registro dos Dois Grandes Deuses"? O rei explicava sua reivindicação de ser de "semente divina" e dava garantias de sua retidão. Em alguns casos, apenas isso era o bastante. Em outros, o faraó precisava apelar a Ra ou Thot para conseguir atravessar o lago, quando então o barco, remos e timão adquiriam vida própria, tomados por forças estranhas, e o rei só tinha de ficar segurando o leme, que era autopropulsionado. Bem, o fato é que, de uma forma ou de outra, o faraó conseguia atravessar o lago e dirigir-se para "Os Dois que Trazem o Céu mais Perto".

Ele desce para o barco, como Ra, nas margens das Águas Meandrantes.
O rei rema no barco Hanbu
Ele pega o leme que o leva
Para a planície de "Os Dois que Trazem o Céu mais Perto",
Na terra que começa depois do lago de Juncos.

O lago de Juncos ficava situado na margem leste dos domínios de Hórus. Além dele, localizavam-se os territórios de seu adversário, Set, as "terras da Ásia". Como seria de se esperar numa fronteira tão delicada, o faraó descobria que a margem leste era patrulhada por quatro "guardas de travessia, aqueles que usam cachos nos lados da cabeça". O penteado desses guardas era, sem dúvida alguma, sua característica mais notável. "Negros como carvão (os cabelos) eram arranjados em cachos em torno da testa, têmporas e nuca, com tranças no meio da cabeça." , Combinando diplomacia com firmeza, o faraó novamente confirmava suas origens divinas, garantindo que fora chamado por "meu pai, Ra". Conta-se que um rei usou de ameaças: "Retardem minha travessia e eu arrancarei seus cachos como se arrancam flores de lótus da lagoa!" Outro clamou aos deuses para virem em seu auxílio. O fato é que, usando um expediente qualquer, o faraó conseguia prosseguir em sua jornada.
O rei agora deixa as terras de Hórus. O lugar ao leste que tenta alcançar, embora ele viaje sob a égide de Ra, fica na "região de Set". Sua meta é uma área montanhosa, as Montanhas do Leste e a rota o leva para uma passagem entre duas montanhas, "as duas montanhas que se atemorizam diante de Set". No entanto, o faraó primeiro precisa atravessar uma região árida e estéril, um tipo de terra de ninguém entre os domínios de Hórus e Set. É nesse ponto que os versos das Elocuções crescem em ritmo e urgência, pois o rei está se aproximando do lugar Oculto, onde ficam localizadas as Portas do Céu, e outros guardas vêm interpelá-lo: "Aonde vais?”
Os protetores do Faraó respondem por ele: "Ele vai para o céu para ter vida e alegria; para poder ver seu pai, para poder ver Ra". Enquanto os guardas analisam o pedido, o próprio faraó suplica: "Abram a fronteira... inclinem a barreira... deixem-me passar como passam os deuses".
Tendo vindo do Egito, das terras de Hórus, o rei e seus protetores reconhecem a necessidade de prudência. Nessa altura, muitos versos e elocuções são empregados para deixar claro que o faraó é uma pessoa

neutra na briga entre os deuses. Ele é apresentado tanto como "nascido de Hórus, aquele diante de cujo nome a Terra treme", como "concebido por Set, aquele diante de cujo nome o céu treme". O faraó enfatiza não somente sua afinidade com o deus Ra, pai dos dois, como também declara que viaja "a serviço de Ra", com isso criando um salvo-conduto vindo de uma autoridade mais alta. Com astuciosa eqüidistância, os Textos das Pirâmides fazem ver aos grandes deuses que eles teriam interesse na continuação da viagem, pois Ra sem dúvida apreciaria à ajuda dada a alguém viajando a seu serviço.
Finalmente os guardas da terra de Set permitem que o faraó continue em direção ao desfiladeiro. Seus protetores certificam-se de que ele está consciente da importância do momento:

Tu agora estás a caminho dos lugares altos
Na terra de Set.
Na terra de Set.
Tu serás colocado nos lugares elevados,
Naquela alta Árvore do Céu do Leste
Onde sentam-se os deuses.

O rei chega ao Duat.
O Duat era concebido como um Círculo dos Deuses, em cuja parte superior havia uma abertura para o céu (simbolizado pela deusa Nut), através da qual podia ser alcançada a Estrela Imorredoura (simbolizada pelo Disco Celestial). Algumas fontes insinuam que na verdade essa área era um vale mais oblongo ou oval, cercado de montanhas. No qual havia um rio que se dividia em muitos braços, mas ele era pouco navegável e na maior parte do tempo o barco de Ra tinha de ser puxado ou movimentar-se sozinho, como um "barco de terra", um trenó.
O Duat tinha doze divisões, descritas de maneira variada com campos, planícies, círculos murados, cavernas ou salões, que começavam ao nível do solo e continuavam terra adentro. O falecido rei levava doze horas para atravessar esse impressionante e encantado reino, o que só era possível porque Ra colocava a sua disposição seu barco ou trenó mágico, onde ele viajava auxiliado pelos seus deuses protetores.
Havia sete espaços ou desfiladeiros nas montanhas que circundavam o Duat e dois deles ficavam nas montanhas ao leste do Egito (isto é, nas montanhas

do lado oeste do Duat), que eram chamadas de "O Horizonte" ou "O Chifre" do "Lugar Oculto". O desfiladeiro que Ra atravessara tinha 220 atru (cerca de 40 quilômetros) de comprimento e seguia o curso de um rio. O rio, porém, costumava secar e o barco de Ra precisava ser puxado. O desfiladeiro era guardado e tinha fortificações "cujas portas eram fortes".

O faraó, como indicam alguns papiros, tomava a rota que levava para um segundo desfiladeiro, mais curto, com cerca de 22 quilômetros de comprimento. Os desenhos dos papiros o mostram no barco ou trenó de Ra passando entre dois picos de montanhas. Em cada um desses picos está postada uma companhia de doze deuses guardiães. Os textos descrevem também um Lago de Água Fervente próximo dessa área, cujas águas, a despeito de sua natureza flamejante, são frias ao toque. Um fogo queima no subsolo. O local tem um forte cheiro betuminoso ou de "sódio", que afasta os pássaros. No entanto, não muito longe dali, está representado um oásis com arbustos ou árvores baixas.

Uma vez vencido o desfiladeiro, o rei encontra outras companhias de deuses guardiães. "Entre em paz", dizem eles. O faraó chega, assim, à segunda divisão do Duat.

Essa segunda divisão é chamada, devido ao rio que atravessa, de Urnes, nome que alguns estudiosos comparam com Urano, o deus dos céus grego. Com cerca de 22 por 50 quilômetros, essa divisão é habitada por pessoas de cabelos compridos que comem a carne de seus jumentos e dependem dos deuses para água e sustento, pois o lugar é árido e os rios estão sempre secos. Até mesmo a embarcação do próprio Ra precisara se transformar num "barco de terra" para atravessá-la. Essa região está associada ao Deus da Lua e a Hathor, a Deusa da Turquesa.

Auxiliado pelos deuses protetores, o faraó passa em segurança pela segunda divisão e na Terceira Hora atinge Net-Asar, "o rio de Osíris". De tamanho similar à anterior, essa terceira divisão é habitada pelos "Lutadores" e é nela que ficam os quatro deuses encarregados dos quatro pontos cardeais.

As descrições pictóricas que acompanham os textos surpreendentemente mostram o rio de Osíris como um curso de água que corre mansamente por uma área cultivada. Depois de passar por entre uma cadeia de montanhas, ele divide-se em afluentes. Nesse ponto, vigiada pelos lendários pássaros Fênix, fica a "Escada para o Céu", e o Barco Celestial de Ra é representado como estando no alto de uma montanha ou subindo ao céu em rios de fogo.

A essa altura, novamente aumenta o ritmo das orações e Elocuções. O rei

invoca seus "protetores mágicos" para que "este homem da Terra possa entrar no Neter-Khert" sem ser incomodado. O faraó aproxima-se do Duat; ele encontra-se perto do Amen-Ta, o "Lugar Oculto".
Foi lá que Osíris subiu para a Vida Eterna. Era lá que "Os Dois que Trazem o Céu mais Perto" ficavam "contra o firmamento", como duas árvores mágicas. O faraó oferece uma prece a Osíris. O título do capítulo no Livro dos Mortos é: "Capítulo de Fazer Seu Nome Garantido no Neter-Khert".

Conceda-me meu Nome na Grande Casa dos Dois;
Que meu Nome seja concedido na Casa de Fogo.
Na noite dos anos somados e da contagem de meses,
Que eu seja um Ser Divino,
Que eu sente no lado leste do céu.
Que o deus me empurre por trás,
Eterno é seu Nome.

O faraó já consegue avistar a "Montanha de Luz".
Ele chegou à Escada para o Céu.
Os Textos das Pirâmides dizem que esse lugar "era a escadaria para se atingir as alturas". Os degraus são descritos como "os degraus para o céu, assentados para o rei, para que ele possa através deles subir aos céus". O hieróglifo para a Escada para o Céu às vezes é uma única escada (que também costumava ser fundida em ouro e usada com talismã) ou mais freqüentemente uma escada dupla como uma pirâmide de degraus. Essa Escada para o Céu fora construída pelos deuses da cidade de An - localização do principal templo de Ra - para que pudessem "unir-se com o Alto".

A meta do rei é a Escada Celestial, uma escada de mão ou Ascensor que o transportará para o alto. Todavia, para chegar a ela, que fica na Casa de Fogo, a Grande Casa dos Dois, ele precisa primeiro entrar no Amen-Ta, a Terra Oculta de Seker, deus dos Territórios Selvagens.
Essa região, chamada de País das Trevas ou Terra da Escuridão, é descrita como um círculo fortificado que só pode ser atingido pela entrada numa montanha e a descida por seus corredores em espiral, protegidos por portas secretas. O faraó precisa ingressar nessa quarta divisão do Duat, mas a entrada na montanha é ladeada por dois muros e a passagem entre eles está

tomada por labaredas e protegida por deuses guardiães.
Quando o próprio Ra chegar à parte de acesso ao Lugar Oculto, "ele atenderá aos desígnios" - ou seja, seguirá os procedimentos "dos deuses que ficam lá dentro, usando apenas a voz, sem vê-los". Ora, poderia a voz de um simples faraó resultar na abertura das portas dessa divisão? Os textos lembram ao rei que somente "aquele que conhece a planta dos túneis escondidos que ficam na Terra de Seker" poderá viajar pelo Lugar das Passagens Subterrâneas c comer o pão dos deuses.
Mais uma vez o faraó apresenta suas credenciais: "Sou o Touro, um filho dos ancestrais de Osíris", proclama. Então os deuses protetores pronunciam em seu favor as palavras cruciais que lhe abrirão a entrada:

A admissão não é recusada para ti No portão do Duat;
As portas dobráveis da Montanha de Luz
Estão abertas para ti;
Os ferrolhos, por si mesmos, abrem-se para ti.
Tu pisas o Salão das Duas Verdades;
O deus que lá está saúda-te.

Pronunciada a fórmula ou senha correta, um deus chamado Sa emite uma ordem. A uma palavra sua as chamas se extinguem, os guardas se afastam, portas se abrem automaticamente e o faraó entra no mundo subterrâneo.
"A boca do chão se abre para ti, a porta leste do céu está aberta para ti", anunciam os deuses do Duat para o rei. Eles o tranqüilizam afirmando que, apesar de estar entrando pela boca do chão, aquilo é de fato o Portão para o Céu, a tão ansiada porta leste.
A viagem durante a quarta hora e as seguintes conduz o faraó através de túneis e cavernas onde deuses com variadas funções às vezes são vistos e em outras apenas ouvidos. Nesse lugar há canais subterrâneos, onde deuses navegam de um lado para o outro em barcos silenciosos. Existem também luzes fantasmagóricas, águas fosforescentes, lanternas que iluminam o caminho. Ao mesmo tempo encantado e apavorado, o rei prossegue na direção dos "pilares que alcançam o céu".
Os deuses que ele vê ao longo do caminho estão em sua maioria organizados em grupos de doze e são chamados de "Deuses das Montanhas", "Deuses da Montanha da Terra Oculta" ou "Donos do Tempo na Terra Oculta". Os desenhos que acompanham alguns dos antigos textos

fornecem a identificação desses deuses pelos diferentes cetros que carregam, o que usam na cabeça ou então representando suas características animais. Eles têm cabeça de falcão, chacal ou leão. Serpentes também aparecem bastante, representando guardas subterrâneos ou criados dos deuses na Terra Oculta.
Os textos e as antigas ilustrações sugerem que o faraó entrou num complexo circular subterrâneo, dentro do qual corre um grande túnel em espiral, que primeiro desce e depois sobe. As representações, mostrando um corte transversal da área, apresentam um túnel descendente com cerca de 12 metros de altura, teto e piso lisos, ambos feitos de um material sólido, com uma espessura de 50 a 90 centímetros. O túnel está dividido em três níveis e o rei avança pelo corredor do meio. O superior e inferior são ocupados por deuses serpentes e estruturas para uma variedade de funções.
O trenó do rei, puxado por quatro deuses, começa a avançar deslizando silenciosamente pelo corredor do meio; apenas uma luz que sai da proa do veículo ilumina o caminho. Porém, a passagem fica bloqueada por uma divisória em ângulo, o que obriga o faraó a descer e continuar a pé.
Essa divisória, como mostram as representações em seção transversal, é a parede de um poço que corta os três níveis de túneis (que têm uma inclinação de 15 graus) num ângulo bem maior, com aproximadamente 40 graus. Esse poço parece começar acima dos túneis, talvez ao nível do solo, ou mais acima dentro da montanha, e dá a impressão de terminar quando atinge o piso do túnel Inferior. Esse poço é chamado de Ra-Stau - "O Caminho das Portas Ocultas" - e, de fato, no primeiro e segundo níveis há espaços que poderiam ser câmaras de compressão, com fechamento pneumático. Segundo os textos, essas câmaras permitem que Seker e outros "deuses ocultos" passem por esse poço, apesar de a "porta não ter folhas". O faraó, que desceu do trenó, passa misteriosamente pela parede inclinada sob o comando de algum deus, cuja voz ativa a abertura pneumática. No outro lado, ele é recebido por representantes de Hórus e Thot, e passa de um para o outro.
Continuando a descida, o faraó vê "deuses sem rosto" - deuses cujo rosto não pode ser visto. Ofendido ou apenas curioso, ele suplica:

Descobri vossos rostos,
Tirai vossos elmos,
Quando vierdes ao meu encontro.

Pois, olhai, eu [também] sou um deus poderoso,
Vindo para estar entre vós.

Todavia, os deuses não atendem à súplica e os textos explicam que mesmo eles, "esses seres ocultos, não vêem nem encaram" seu próprio chefe, o deus Seker, "quando ele próprio está sob essa forma, quando encontra-se dentro de sua morada no solo".
Prosseguindo sua descida em espiral, o faraó passa por uma porta e vê-se no terceiro nível, o mais profundo. Ele entra numa antecâmara, decorada com o emblema do Disco Celestial, e é saudado pelo deus que nos textos é chamado de "O Mensageiro dos Deuses" e por uma deusa que usa o emblema emplumado de Shu, "Aquele que Repousou no Firmamento sobre a Escada para o Céu". Como indicado no Livro dos Mortos, o faraó proclama:

Salve, dois filhos de Shu!
Salve, filhos do lugar do Horizonte...
Posso subir?
Posso prosseguir viagem como Osíris?

A resposta tem de ser positiva, pois são esses dois deuses que dão passagem ao faraó, abrindo uma porta pesada c permitindo sua entrada nos corredores que só os deuses ocultos podem utilizar.
Na quinta Hora, o faraó alcança as partes subterrâneas mais profundas, os caminhos secretos de Seker. Seguindo corredores que sobem e descem, ele não consegue ver o deus. Os desenhos em seção transversal mostram Seker como uma pessoa com cabeça de falcão, em pé sobre uma serpente e segurando duas asas dentro de uma estrutura oval completamente lacrada, situada na parte mais inferior do túnel, que é guardada por duas esfinges. Apesar de o rei não poder ver essa câmara, ele ouve "um ruído forte, como o ouvido nas alturas do céu quando ele é perturbado por uma tempestade", Da câmara lacrada verte uma lagoa subterrânea cujas "águas são como fogo". Por sua vez, tanto a câmara como a lagoa estão encerradas dentro de uma estrutura em forma de casamata, com uma câmara de compressão compartimentalizada à esquerda e uma enorme porta à direita. Para maior proteção, empilhou-se terra sobre a câmara vedada, Esse monte de terra é encimado por uma deusa, qual se vê apenas a cabeça, projetando-se no

corredor pelo qual desce o faraó. O símbolo para escaravelho, que significa "rolar, vir a ser", liga a cabeça da deusa com um objeto ou câmara arredondada que fica na passagem superior, no qual estão empoleirados dois pássaros.

Os textos e símbolos nos informam que, embora Seker estivesse oculto, sua presença podia ser conhecida até mesmo na escuridão por causa de um brilho “que sai da cabeça e dos olhos do grande deus, cuja carne irradia luz". Essa estrutura tripla - deusa, escaravelho (Kheper) e câmara superior - aparentemente servia para permitir que o deus oculto fosse informado do que acontecia fora de sua câmara hermeticamente fechada. O texto ao lado do escaravelho diz: "Vejam Kheper que, assim que ele (o barco?) é puxado para o alto deste círculo, liga-se com os costumes do Duat. Quando este deus fica na cabeça da deusa, ele fala palavras para Seker todos os dias".

A passagem do faraó por sobre a câmara oculta de Seker e a estrutura através da qual era informado do evento era considerada uma fase crucial da viagem. Na Antiguidade, os egípcios não eram os únicos a acreditar que cada falecido enfrentava um momento de julgamento, um determinado instante onde seus feitos e coração eram pesados e avaliados. Dependendo do resultado do julgamento, a lama ou Duplo era condenada às Águas Flamejantes do inferno ou abençoada para gozar das águas frescas e vivificantes do paraíso. Segundo relatos muito antigos, era na passagem pela câmara de Seker que acontecia o momento da verdade para o faraó.

Falando pelo deus do Duat, a deusa, da qual só se via a cabeça, anunciava a decisão favorável: "Venha em paz para o Duat... avança em teu barco na estrada que fica dentro da terra". Denominando-se a si mesma de Ament ("A Oculta"), ela acrescentava "Ament te chama para o firmamento, como o Grande que está no horizonte".

Passando pelo teste, não morrendo uma segunda vez, o rei renascia. Seu caminho agora o leva para uma fileira de deuses, cuja tarefa seria punir os condenados, mas ele prossegue, incólume. Volta ao seu barco ou trenó e é acompanhado por uma procissão de deuses, dos quais um segura o emblema da Árvore da Vida.

O faraó foi considerado digno de uma Outra Vida.

Deixando a zona de Seker, o faraó entra na sexta divisão, que é associada a Osíris. (Em certas versões do Livro dos Portões, era nessa hora que Osíris julgava os mortos). Deuses com cabeça de chacal, que "Abrem Caminhos",

convidam o rei a dar um mergulho refrescante na lagoa subterrânea ou lago da Vida, como o próprio Grande Deus fizera ao passar anteriormente por ali. Outros deuses, "que zumbem como abelhas", residem em cubículos cujas portas vão se abrindo sozinhas enquanto o faraó avança. À medida que ele progride, os epítetos dos deuses assumem uma conotação mais técnica. Lá estão doze deles "que seguram a corda no Duat" e doze "que seguram o cordão de medir".
A sexta divisão é ocupada por uma série de câmaras bem próximas umas das outras. Um caminho curvo recebe o nome de "O Caminho Secreto do Lugar Oculto". O barco do faraó é puxado por deuses vestindo peles de leopardo, exatamente como os sacerdotes Shem que conduzem a cerimônia de Abertura da Boca.
Estaria o rei se aproximando da Abertura ou Boca da Montanha? No Livro dos Mortos, nesse ponto os capítulos têm títulos como: "O capítulo de cheirar o ar e conseguir força". O veículo do faraó agora "possui poderes mágicos... ele viaja por onde não existe rio e não há ninguém para puxá-lo; ele realiza isso por meio de palavras de poder", que saem da boca de um deus.
À medida que o faraó vai passando para a sétima divisão, atravessando um portão guardado, os deuses e o ambiente vão perdendo suas características" subterrâneas" e começam a assumir aspectos celestiais. O rei encontra o deus com cabeça de falcão, Heru-Her-Khent, que usa na cabeça o emblema do Disco Celestial e cujo nome escrito em hieróglifos inclui o símbolo da escada. Sua tarefa é "enviar os deuses-estrela para seu caminho e fazer as deusas-constelação prosseguir em seu caminho". Nas representações, esse grupo de doze deuses e doze deusas era mostrado junto com emblemas de estrelas. Os cânticos para eles eram dirigidos aos "deuses estrelados" ...

Que são divinos em carne, cujos poderes mágicos tomaram vida...
Que se unem dentro de suas estrelas, que se erguem para Ra...
Que suas estrelas guiem as duas mãos de Ra para que ele possa viajar em paz para o Lugar Oculto.

Nessa divisão estão presentes duas companhias de deuses associados com o Ben-Ben, o misterioso objeto de Ra guardado em seu templo na cidade de An (Heliópolis). Eles são "aqueles que possuem o mistério", que montam guarda ao objeto dentro da Het-Benben (A Casa do Ben-Ben), e oito que

guardam o lado de fora, mas que também "entram dentro do Objeto Oculto". Nessa sétima divisão há nove objetos enfileirados, representando o símbolo Shem que, escrito em hieróglifos, significa "Seguidor".
O faraó agora chega às partes do Duat associadas com An, o deus que deu nome à cidade de Heliópolis. Na Nona Hora ele vê o local de repouso dos doze "Divinos Remadores do Barco de Ra", que operam o celestial "Barco dos Milhões de Anos" de Ra. Na Décima Hora, depois de passar por um portão, o faraó entra num lugar fervilhante de atividade. A tarefa dos deuses que lá estão é fornecer Chamas e Fogo para o barco de Ra. Um dos deuses é chamado de "Capitão dos Deuses do Barco". Dois outros são aqueles "Que Ordenam o Curso das Estrelas". Eles e outros deuses são pintados por um, dois ou três símbolos para estrela, como indicando uma patente qualquer relacionada com os céus.
Na passagem da décima para a 11ª. divisão, aumenta rapidamente a afinidade com os céus. Os deuses ostentam emblemas de estrelas ou do Disco Celestial. Há oito deusas com emblemas de estrelas "que vieram da morada de Ra". O faraó vê a "Estrela Dama" e a "Estrela Cavalheiro", e deuses cuja função é fornecer "força para emergir" do Duat ou "fazer o Objeto de Ra avançar para a Casa Oculta nos Céus Superiores".
Aqui também existem deuses e deusas cuja tarefa é equipar o faraó para uma viagem celestial "por sobre o firmamento". Acompanhado de outros deuses, ele é impelido a entrar numa "serpente", dentro da qual "se libertará da pele", emergindo depois "sob a forma de um Ra rejuvenescido". Alguns dos termos dos Textos das Pirâmides empregados neste trecho ainda não estão decifrados ou compreendidos, mas o processo pode ser claramente entendido: o faraó, tendo entrado vestido como chegara ao Duat, agora emerge como um falcão, "equipado como um deus". Ele põe no chão a veste Mishdt; coloca nas costas o "traje-marca"; tira sua divina veste Shuh e põe o "colar do amado Hórus", que é como "um colar no pescoço de Ra". Feito isso, "o rei estabelece-se como um deus, está igual a eles", e diz ao deus que o acompanha: "Se tu vais para o Céu, o rei também vai para o Céu".
Nessa altura, as ilustrações dos antigos textos mostram um grupo de deuses trajados de maneira incomum, com macacões justos enfeitados por golas redondas.
Esse grupo é conduzido ou dirigido por um deus com o emblema do Disco Celestial sobre a cabeça, que está com os braços estirados entre as asas de

uma serpente que tem quatro pernas humanas. Contra um fundo estrelado, deus e serpente olham para uma outra serpente que, embora sem asas, claramente voa enquanto carrega sentado em seu dorso o deus Osíris.
Depois de ter sido adequadamente equipado, o rei é levado para uma abertura no centro de uma parede semicircular. Ele passa pela porta oculta e agora avança por um túnel que tem "1.300 cúbitos (aproximadamente 650 metros) de comprimento", chamado de "Alvorecer no Final". O faraó chega a um vestíbulo; emblemas do Disco Alado são vistos por todos os lados. Ele encontra "deusas que lançam luz sobre o caminho de Ra" e um cetro mágico que representa "Set, o Observador".
Os deuses explicam ao impressionado faraó:

Esta caverna é o amplo salão de Osíris
No qual é trazido o vento;
O vento norte, refrescante,
Te erguerá, oh, rei, como Osíris.

Agora o faraó está na décima segunda divisão, na hora final da viagem. Ela é o "limite máximo da espessa escuridão". O ponto que o rei atingiu é chamado de "Montanha da Ascensão de Ra". Ele olha para cima e se surpreende: o Barco Celestial de Ra paira diante de seus olhos em toda sua impressionante majestade.
O rei agora está junto a um objeto que recebe o nome de "O Ascensor para o Firmamento". Alguns textos sugerem que o próprio Ra preparou o Ascensor para o faraó, "de modo que o rei possa nele subir aos céus"; outros dizem que o Ascensor foi feito ou montado por vários deuses. Ele também é "o Ascensor que transportou Set" na direção dos céus. Como Osíris só conseguiu atingir o firmamento com esse Ascensor, ele também é necessário para que o faraó possa ser trasladado, tal como o grande deus, para a vida eterna.
O Ascensor ou Escada Divina não era uma escadinha qualquer. Dizem os textos que ela era amarrada com cabos de cobre: "seus tendões são como os do Touro do Céu". As "partes em pé nos dois lados" eram cobertas de um tipo de "pele"; os degraus eram talhados em Sesha (significado desconhecido); e uma "grande escora foi colocada sob ele por Aquele que Amarra".
As ilustrações do Livro dos Mortos mostram uma Escada Divina

semelhante, às vezes com o sinal Ankh ("Vida") estendendo-se simbolicamente para o Disco Celestial no firmamento, sob a forma de uma torre alta, com uma superestrutura. Estilizada, a torre também aparece nos hieróglifos ("Ded") e significa "Perenidade". Esse símbolo estava especialmente associado a Osíris, pois conta-se que diante de seu templo, em Abidos, havia um par de Ded para lembrar os dois objetos que ficavam na Terra de Seker e possibilitavam a subida do deus ao céu.
Uma longa Elocução dos Textos das Pirâmides é ao mesmo tempo um hino ao Ascensor ou "Escada Divina" e uma prece para que ele seja concedido ao faraó Pepi:

Saudações, divino Ascensor;
Saudações, Ascensor de Set.
Fica em pé, Ascensor de deus;
Fica em pé, Ascensor de Hórus pelo qual Osíris foi para o céu...
Senhor do Ascensor...
Para quem dareis a Escada de deus?
Para quem dareis a Escada de Set,
De modo que Pepi possa por ela subir ao céu e prestar serviço como cortesão de Ra?
Permita que a Escada de deus seja dada a Pepi;
Permita que a Escada de Set seja dada a Pepi para Pepi poder por ela subir ao céu.

O Ascensor era operado por quatro homens-falcão, os "Filhos de Hórus" (o deus-falcão), que eram "os marinheiros do barco de Ra". Esses quatro jovens também recebiam o nome de "Filhos do Firmamento" e eram eles "que vêm do lado leste do firmamento... que preparam duas bóias para o rei, para ele assim poder subir para o horizonte, para Ra". Eram esses quatro moços que "juntavam" montavam, preparavam - o Ascensor para o faraó. "Eles trazem o Ascensor... eles preparam o Ascensor... eles levantam o Ascensor para o rei... para o rei poder por ele subir aos céus."
O faraó faz uma prece:

Que meu "Nome" me seja dado na Grande Casa dos Dois;
Que meu "Nome" me seja chamado na Casa de Fogo, na noite dos Anos Somados.

Algumas ilustrações mostram o faraó recebendo um Ded - a Perenidade. Abençoado por Ísis e Néftis, ele é levado por um deus-falcão até um Ded semelhante a um foguete, equipado com aletas.
A prece do faraó suplicando a "Perenidade", um "Nome", uma "Escada Divina", foi atendida. Agora ele está para começar sua efetiva subida aos céus.
Embora o faraó tenha pedido uma única Escada Divina, dois Ascensores são erguidos. Tanto o "Olho de Ra" como o "Olho de Hórus" são preparados e colocados em posição, um na" asa de Thot" e o outro na "asa de Set". Os deuses explicam para o perplexo faraó que o segundo barco é para o "filho de Aten", um deus que veio do Disco Alado - talvez o mesmo com o qual o faraó conversou na "câmara de equipamento".

O Olho de Hórus está montado
Sobre a asa de Set.
Os cabos estão amarrados.
Os barcos estão montados.
Que o filho de Aten não fique sem barco.
O rei está, com o filho de Aten;
Ele não está sem barco.

"Equipado como um deus", o faraó é ajudado por duas deusas "que seguram seus cabos" para ele poder subir no olho de Hórus. O termo "Olho" (de Hórus, de Ra), que pouco foi substituindo a palavra Ascensor ou Escada, agora está, cada vez mais sendo deslocado pela palavra "barco". O "olho" ou "barco" onde o faraó entra tem cerca de 770 cúbitos (aproximadamente 350 metros) de comprimento. Um deus encarregado desse barco está sentado na sua proa. Ele recebe a ordem: "Leve este rei contigo na cabine de teu barco".
Enquanto o rei "desce para o poleiro" - um termo que indica um lugar elevado, como o que os pássaros usam para repousar - ele consegue ver o rosto do deus que comanda a cabine "pois o rosto do deus está aberto". O faraó "senta-se no divino barco", entre dois deuses; o banco é chamado "Verdade que torna vivo". "Dois chifres" projetam-se da cabeça (ou capacete) do faraó; "ele prende em si aquilo que saía da cabeça de Hórus". O faraó está conectado, pronto para a ação. Os textos que tratam da viagem

de Pepi I para a Outra Vida descrevem esse momento: "Pepi está usando os trajes de Hórus, as vestes de Thot; tem Ísis diante dele e Néftis atrás; Apuat, o que Abre Caminhos, abriu uma via para ele; Shu, O que Segura o Firmamento, o levantou; os deuses de An o fazem subir à Escada e o colocam diante do firmamento; Nut, a deusa do firmamento, estende a mão para ele". O momento mágico chegou. Bastam apenas duas portas serem abertas e o faraó - como Ra e Osíris anteriormente - emergirá triunfante do Duat e seu barco navegará nas Águas Celestiais. Ele ora em silêncio: "Oh, Altíssimo... tu, Porta do Céu; o rei veio a ti; faça com que essa porta se abra para ele", Os dois "pilares Ded estão em pé", eretos, imóveis,
Então, subitamente, "as Portas Duplas do céu se abrem!" O texto explode em manifestações de êxtase:

A Porta para o Céu está aberta!
A Porta para o Céu está aberta!
A abertura das janelas celestiais está aberta!
A Escada para o Céu está aberta;
Os Degraus de Luz são revelados...
A Porta Dupla para o Céu está aberta;
A Porta Dupla do Khebhu está aberta para Hórus do leste, ao amanhecer.

Deuses-macaco, simbolizando a lua minguante ("O Amanhecer"), começam a pronunciar "palavras mágicas de poder que farão o esplendor sair do Olho de Hórus". O "esplendor" - que já foi relatado como sendo a característica mais marcante da Montanha de Luz, com seus dois picos - se intensifica:

O deus-firmamento fortaleceu o esplendor para o rei que o rei possa elevar-se ao Céu como o Olho de Ra.
O rei está neste Olho de Hórus, onde é ouvida a ordem dos deuses.

O "Olho de Hórus" começa a mudar de cor, passando do azul para o vermelho. Há muita atividade e agitação por todos os lados:

O Olho de Hórus está vermelho de cólera.
Seu poder ninguém suporta.
Seus mensageiros se apressam, seu corredor aperta o passo.

Eles anunciam àquele que ergue o braço no leste: "deixa este passar".
Que o rei ordene aos pais, os deuses:
"Silenciai... colocai as mãos na boca...parai na porta do horizonte, abri as Portas Duplas (do Céu)".

O silêncio é quebrado. Agora há som e fúria, rugidos e estremecimento:

O Céu fala, a Terra treme;
A Terra treme;
Os dois agrupamentos de deuses gritam;
O chão se abre...
Quando o rei ascende ao Céu quando ele passa por sobre a abóbada (na direção do Céu)...
A Terra ri, o firmamento sorri quando o rei ascende ao Céu.
O Céu grita de alegria por ele;
A Terra estremece por ele.
A tempestade uivante o impele.
Ela ruge como Set.
Os guardiães das partes do Céu
Abrem as portas do Céu para ele.

Então, "as duas montanhas se dividem" e há o lançamento na direção do céu nebuloso do amanhecer, na qual não se vêem mais as estrelas noturnas:

O firmamento está encoberto, as estrelas escureceram.
Os arcos estão agitados, os ossos da Terra tremem.

No meio da agitação, rugidos e estremecimentos, o "Touro do Céu" (" cuja barriga é cheia de mágica") ergue-se da "Ilha da Chama". Então cessa o burburinho e o faraó está no alto - "surgindo como um falcão":

Eles vêm o rei surgir como um falcão, como um deus;
Para viver com seus pais, alimentar-se com suas mães...
O rei está no Touro do Céu... cuja barriga é cheia de mágica da Ilha da Chama.

A Elocução 422 fala com eloqüência desse momento:

Oh, este Pepi!
Tu partiste
Tu és um Glorioso, poderoso como um deus, sentado como Osíris!
Tua alma está dentro de ti;
Teu Poder ("controle") tens atrás de ti;
Tua cabeça a coroa-Misut está junto de tua mão.
Tu ascendes para tua mãe, a deusa do Céu
Ela segura teu braço, ela te mostra o caminho para o horizonte, para o lugar onde está Ra.
As Portas Duplas do Céu estão abertas para ti.
As Portas Duplas do Céu estão abertas para ti.
Tu sobes, oh, Pepi... equipado como um deus.

(Uma ilustração na tumba de Ramsés IX sugere que as Portas Duplas eram abertas inclinando-as para fora, movimento conseguido com a manipulação de rodas e polias operadas por seis deuses em cada folha. Assim, pela abertura em formato de funil, o gigantesco falcão construído pelas mãos do homem podia emergir).
Com grande satisfação diante dessa façanha do faraó, os textos anunciam aos seus súditos: "Ele, que voa, está voando; este rei Pepi voa para longe de vós, mortais. Ele não é da Terra, ele é do Céu... Este rei Pepi voa como uma nuvem para o firmamento, como um pássaro do alto do mastro; este rei Pepi beija o firmamento como um falcão; ele alcança o firmamento do deus do horizonte". O faraó, continuam os Textos das Pirâmides, agora está "no Carregador do Firmamento, aquele que sustenta as estrelas; no interior da sombra das Paredes de Deus, ele cruza o firmamento".
O faraó não está apenas voando; ele orbita a Terra:

Ele envolve o firmamento como Ra,
Ele volteia pelo firmamento como Thot...
Ele viaja sobre as regiões de Hórus,
Ele viaja sobre as regiões de Set...
Por duas vezes ele rodeou completamente os céus,
Ele girou sobre as duas terras...
O rei é um falcão que ultrapassou os falcões;
Ele é um Grande Falcão.

(Um verso dos textos afirma também que o rei "cruza o firmamento como Sunt, que corta os céus nove vezes numa noite", mas o significado do termo Sunt e, portanto, a comparação, continuam indecifrados.)
Ainda sentado entre "esses dois companheiros que viajam pelo firmamento" o rei voa para o horizonte oriental, bem longe no céu. Seu destino é o Aten, o Disco Alado, que também é chamado de Estrela Imorredoura. As orações, agora, centram-se em fazê-lo chegar em segurança ao Aten: "Aten, deixa-o ascender a ti; envolva-o em teu abraço", entoam os textos, falando em prol do faraó. Como o Aten é a morada de Ra, as preces procuram garantir boas-vindas para o rei, apresentando-o em sua chegada à Morada Celestial como um filho voltando para o pai:

Ra do Aten
Teu filho veio a ti;
Pepi vem a ti;
Permita que ele ascenda para ti;
Envolva-o em teu abraço.

Agora "há um clamor no céu: 'Vemos uma nova coisa', dizem os deuses celestiais, 'um Hórus nos raios de Ra'." O faraó - "à caminho do Céu, no vento" - "avança no Céu, corta o firmamento", esperando ser bem recebido em seu destino.
A viagem celestial durará oito dias: "Quando a hora da manhã vier, a hora do oitavo dia, o rei será convocado por Ra"; os deuses que guardam a entrada do Aten ou da morada de Ra o deixarão passar, pois o próprio Ra estará esperando na Estrela Imorredoura:

Quando essa hora do amanhã chegar...
Quando o rei estiver lá, na estrela que fica no lado inferior do Céu, ele será considerado um deus, ouvido como um príncipe.
O rei os chamará;
Eles virão, aqueles quatro deuses que ficam em pé nos cetros-Dam do Céu, para que possam dizer o nome do rei para Ra, anunciar seu nome Hórus dos Horizontes:
Ele veio a ti!
O rei veio a ti!

Navegando no "lago que é o céu" o faraó chega perto "das praias do céu". Enquanto vai se aproximando, os deuses da Estrela Imorredoura anunciam como esperado: "Ele chegou... Ra lhe deu seu braço na Escada para o Céu. 'Aquele que Conhece o Lugar' vem, dizem os deuses". Lá nos portões do Palácio Duplo, Ra de fato aguarda o faraó:

Tu encontras Ra parado lá;
Ele te saúde, pega teu braço;
Ele te conduz para o celestial Palácio Duplo;
Ele te coloca no trono de Osíris.

E os textos anunciam: "Ra pegou o rei para si, para o Céu, no lado leste do Céu... o rei está naquela estrela que irradia no Céu".
Agora falta um último detalhe. Na companhia de "Hórus do Duat", descrito como "o grande e verde divino falcão", o faraó parte para encontrar a Árvore da Vida no centro do lugar das Oferendas. "Este rei Pepi vai para o Campo da Vida, o local de nascimento de Ra nos céus. Vê Kebehet aproximando-se dele com os quatro jarros que usa para refrescar o coração do Grande Deus no dia em que ele acorda. Ela refresca o coração deste rei Pepi e assim o refresca para a vida!"
Missão cumprida, os textos anunciam com júbilo:

Salve este Pepi!
Toda a vida que satisfaz te é dada;
"A eternidade é tua", diz Ra...
Tu não pereces, tu não faleces para sempre e sempre.

O rei subiu à Escada para o Céu; ele chegou à Estrela Imorredoura; seu tempo de vida é a eternidade, seu limite a perenidade.

CAPÍTULO 5

OS DEUSES QUE VIERAM AO PLANETA TERRA

Hoje em dia, os vôos espaciais são coisas corriqueiras. Lemos sobre projetos de estações orbitais sem nem mesmo piscar o olho; o desenvolvimento de um ônibus espacial reutilizável não é encarado com espanto, mas com aprovação pelas suas potencialidades econômicas. Isso tudo acontece, claro, porque vimos com nossos próprios olhos, na imprensa e televisão, astronautas viajarem no espaço e naves não tripuladas,aterrissarem em outros planetas. Aceitamos as viagens espaciais e os contatos interplanetários porque escutamos com nossos próprios ouvidos um mortal chamado Neil Armstrong, o comandante da Apolo 11, comunicar pelo seu rádio - para o mundo todo ouvir - a primeira descida do homem em outro corpo celestial, a Lua:

Houston!
Aqui base da Tranqüilidade.
O Águia pousou!

Águia não era apenas o codinome para módulo lunar, mas também o epíteto da nave Apolo 11 e o orgulhoso apelido pelo qual os três astronautas se identificavam. O Falcão também já viajara pelo espaço e pousara na Lua. No imenso Museu Aéreo e Espacial do Instituto Smithsoniano de Washington, qualquer pessoa pode ver e tocar os artefatos que foram lançados ou utilizados como veículos de apoio no programa espacial americano. Numa seção especial, onde são simulados pousos na Lua com o auxílio do equipamento original, o visitante ainda pode ouvir a mensagem gravada que procede da superfície lunar:

Certo, Houston.
O Falcão está na planície, em Hadley!

Foi depois desse comunicado que o Centro Espacial de Houston anunciou ao mundo: "Esse foi um jubilante Dave Scott comunicando que a Apolo 15

pousou na planície em Hadley".

Até poucas décadas atrás, a noção de que um mortal comum podia vestir algumas roupas especiais, prender-se na parte dianteira de um comprido objeto e depois lançar-se para longe da superfície da Terra parecia absurda. Um ou dois séculos atrás, uma idéia como essa nem teria surgido, pois não havia nada na experiência ou conhecimento humanos para desencadear fantasias desse tipo.

No entanto, como acabamos de ler, os egípcios - há 5 mil anos - conseguiam prontamente visualizar tudo isso acontecendo ao seu faraó: ele viajaria até uma área de lançamento a leste do Egito; entraria num complexo subterrâneo, cheio de túneis e câmaras; passaria em segurança pela usina atômica e câmara de radiação da instalação. Em seguida, vestiria a roupa e o equipamento de um astronauta; entraria na cabine de um Ascensor e se sentaria preso por correias entre dois deuses. Então, quando se abrissem as Portas Duplas, revelando o céu da madrugada, os motores a jato entrariam em ignição e o Ascensor se transformaria numa escada Divina, pela qual o faraó atingiria a Morada dos Deuses no seu "Planeta de Milhões de Anos".

Em que telas de televisão os antigos egípcios podiam ter visto essas coisas acontecerem para acreditar tão firmemente que tudo isso era realmente possível?

Na ausência de aparelhos de televisão em suas casas, a única alternativa seria eles poderem ter ido a um espaço-porto para ver os foguetes subirem e descerem, ou visitarem um "Museu Smithsoniano" com esses artefatos em exposição, acompanhados por guias assistindo a simulações de vôos. Os indícios sugerem que os antigos egípcios vivenciaram exatamente isso: viram o local de lançamento, os equipamentos pesados e os astronautas com seus próprios olhos. Todavia, os astronautas não eram terráqueos indo para um determinado lugar, mas sim criaturas de outros mundos que tinham vindo ao planeta Terra.

Fascinados pela arte, os antigos egípcios pintaram em suas tumbas o que viram ou vivenciaram em sua vida. Os desenhos cheios de detalhes de arquitetura das câmaras e corredores subterrâneos do Duat foram encontrados no túmulo de Seti I. Uma pintura ainda mais surpreendente foi descoberta na tumba de Huy, vice-rei da Núbia e da península do Sinai durante o reinado do famoso Tutancâmon. Decorada com cenas de pessoas,

lugares e objetos das duas regiões que Huy governava, a tumba, muito bem preservada até os dias de hoje, mostra em cores vivas um foguete espacial. O corpo está contido num silo subterrâneo e o estágio superior, com o módulo de comando, fica ao nível do solo. O corpo é sub-dividido, como um foguete de vários estágios. Em sua parte inferior, duas pessoas cuidam de mangueiras e alavancas; há uma fileira de mostradores circulares acima delas. O corte transversal do silo mostra que ele é cercado por cavidades tubulares para troca de calor ou outra função qualquer relacionada com energia.

Ao nível do solo, a base hemisférica do estágio superior está claramente pintada como estando queimada, como resultado de uma reentrada na atmosfera terrestre. O módulo de comando grande o bastante para abrigar três ou quatro pessoas - tem a forma cônica e nele há "orifícios de inspeção" verticais em torno de sua parte inferior. A cabine está cercada por adoradores, num ambiente que exibe tamareiras e girafas.

A câmara subterrânea é ornamentada com peles de leopardo, o que fornece um vínculo direto com certas fases da viagem do faraó para a imortalidade. A pele de leopardo era a veste característica dos sacerdotes Shem que realizavam a cerimônia de Abertura da Boca e, simbolicamente, reproduzia os trajes dos deuses que puxavam o faraó pelo "Caminho Secreto do Lugar Oculto", do Duat - um simbolismo repetido para enfatizar a afinidade entre a viagem do rei e o foguete especial no silo subterrâneo.

Como deixam claro os Textos das Pirâmides, o faraó, em sua translação para a vida eterna, embarcava numa viagem simulando a feita pelos deuses. Ra e Set, Osíris e Hórus, e outros tinham subido aos céus daquela maneira. Todavia, os egípcios também acreditavam que os Grandes Deuses tinham vindo à Terra nesse mesmo Barco Celestial. Na cidade de An (Heliópolis), o mais antigo centro de veneração do Egito, o deus Ptah construiu, uma estrutura especial - uma espécie de Instituto Smithsoniano -, dentro do qual uma cápsula espacial de verdade podia ser vista e reverenciada pelo povo!

Esse objeto secreto, o Ben-Ben, ficava guardado no Het-Benben, o "templo do Ben-Ben". Sabemos, pela escrita em hieróglifos no local, que essa estrutura parecia uma enorme torre de lançamento dentro da qual um foguete mantinha-se apontado para Cima, para o céu.

Segundo os antigos egípcios, o Ben-Ben era um objeto sólido que viera do Disco Celestial, a "Câmara Celestial" dentro do qual o próprio grande Deus Ra aterrissara. O termo ben (literalmente: “Aquele que Flui para Fora")

transmite o significado combinado de "brilhar" e "atirar para o céu".
Uma inscrição da estela do faraó Pi-Ankhi (por Brugsch, Dictionnaire Géographique de I'Ancienne Égypte) dizia:

O rei Pi-Ankhi subiu a escada até a grande janela para poder ver o deus Ra dentro do Ben-Ben. O próprio rei, em pé e sozinho, empurrou o ferrolho e abriu as duas folhas da porta. Então ele viu seu pai Ra no esplêndido santuário do Het-Benben. Ele viu o Maad, a Barcaça de Ra; e viu Sektet, a Barcaça do Aten.

O santuário, como sabemos a partir de antigos textos, era guardado e cuidado por dois grupos de deuses. Havia os que "ficam do lado de fora do Het-Benben", mas tinham acesso às partes mais secretas do templo, pois sua tarefa era receber as oferendas dos peregrinos e colocá-las no santuário. Os outros eram primariamente guardiães, não apenas do Ben-Ben, mas de todas "as coisas secretas de Ra que estão no Het-Benben". Tal como os turistas hoje em dia acorrem ao Museu Smithsoniano para ver, admirar e até tocar nos reais veículos que estiveram no espaço, os devotos egípcios faziam viagens a Heliópolis para reverenciar e orar para o Ben-Ben, provavelmente com um fervor religioso semelhante ao dos fiéis muçulmanos que fazem peregrinações a Meca, onde vão rezar na Kaaba (uma pedra negra que, acredita-se, é uma réplica da "Câmara Celestial" de Deus).
No santuário de Heliópolis havia uma fonte ou poço cujas águas eram famosas pelos seus poderes de cura, especialmente em questões de virilidade e fertilidade. O termo ben de fato, com o passar do tempo, adquiriram as conotações de virilidade e reprodução e podem ter dado origem ao significado de "descendência masculina" que a palavra ben tem em hebraico. A água da fonte do santuário também era boa para o rejuvenescimento, o que, por sua vez, deu origem à lenda do pássaro Ben, chamado de Fênix pelos gregos que visitavam o Egito. Segundo essas lendas, Fênix era uma águia com plumagem vermelha e dourada e, a cada quinhentos anos, quando estava para morrer, ia a Heliópolis e de uma maneira qualquer renascia das cinzas de si mesma (ou de seu pai).
Heliópolis e suas águas curativas continuaram sendo veneradas até o início da era cristã. As tradições locais afirmam que, quando Maria e José fugiram para o Egito com o Menino Jesus, descansaram perto do poço do santuário.
As histórias egípcias contam que o santuário foi destruído várias vezes por

inimigos invasores. Nada resta dele atualmente; o Ben-Ben também desapareceu. No entanto, ele era representado nos monumentos como uma câmara cônica, dentro da qual se podia ver um deus. Os arqueólogos encontraram um modelo em escala do Ben-Ben, feito de pedra, mostrando um deus fazendo um gesto de boas-vindas em sua porta deslizante. O verdadeiro formato da Câmara Celestial provavelmente foi pintado na tumba de Huy. Sem dúvida, o fato de os modernos módulos de comando - as cápsulas que abrigam os astronautas no alto dos foguetes durante o lançamento - serem tão semelhantes ao Ben-Ben é resultado de uma similaridade de propósito e função.

Na ausência do Ben-Ben em si, existe uma prova física - não simples desenhos ou modelos em escala - vinda do santuário de Heliópolis? Já vimos acima que, segundo os textos egípcios, havia outras coisas secretas de Ra em exibição ou apenas guardadas no templo. No Livro dos Mortos, nove objetos incorporados ao hieróglifo para Shem foram desenhados na divisão relativa ao templo de Heliópolis, o que pode significar que realmente existiam outros nove objetos relacionados com o espaço ou peças de espaçonaves em exibição no santuário.

Os arqueólogos podem ter encontrado uma réplica de um desses objetos menores. Trata-se de uma peça de formato estranho, cheia de curvas e recortes, que tem intrigado os estudiosos desde sua descoberta em 1936. É importante dizer que esse objeto foi encontrado - entre outros "objetos de cobre incomuns" - na tumba do príncipe herdeiro Sabu, filho do rei Adjib da 1ª. Dinastia. Portanto, é certo que ele foi colocado ali por volta de 3.100 a.C., e assim, poderia ser mais antigo, mas certamente não mais recente do que aquela data.

Relatando as descobertas em Sakkarah (um pouco ao sul das Grandes Pirâmides de Gizé), Walter B. Emery (Great Tombs of the First Dynasty) descreveu o objeto como "um recipiente de xisto em forma de tigela" e acrescentou que "não foi apresentada nenhuma explicação satisfatória para o estranho formato dessa peça". O objeto foi feito de um único bloco de xisto - uma rocha muito quebradiça que facilmente se separa em camadas finas e irregulares. Se fosse colocado em uso, o objeto logo teria se quebrado. Assim, essa rocha em particular deve ter sido escolhida por ser o material adequado para se esculpir uma forma muito incomum e delicada, como meio de preservar o formato e não de utilizar a peça. Isso levou outros estudiosos, como Cyril Aldred (Egypt to the End of the Old

Kingdom), a concluírem que o objeto de pedra "possivelmente imita uma forma que originalmente era de metal".
Mas que metal poderia ter sido usado no quarto milênio a.C. para produzir esse objeto, que processo de polimento de precisão, que metalúrgicos especializados estariam disponíveis para criar um design tão delicado e complexo em termos estruturais? E, acima de tudo, com que propósito?
Um estudo técnico do formato peculiar do objeto lançou pouca luz sobre seu uso ou origem. A peça redonda, com cerca de 60 centímetros de diâmetro e menos que 10 centímetros em sua parte mais espessa, foi obviamente feita para se ajustar a uma haste e girar em torno de um eixo. Seus três recortes, seguindo uma curva incomum, sugerem uma possível imersão num líquido durante a rotação.
Depois de 1936, nenhum esforço foi feito para se decifrar o enigma. Porém, sua possível função acorreu a minha mente em 1976, quando eu lia uma revista técnica onde eram mostrados os desenhos de um revolucionário tipo de volante desenvolvido na Califórnia e ligado ao programa espacial americano. O volante, preso à haste giratória de uma máquina ou motor, vem sendo usado há menos de dois séculos como um meio de regular a velocidade de maquinaria, bem como para acumular energia para um único arranco, como nos compressores de metal (e, mais recentemente, na aviação).
Via de regra, os volantes têm apresentado as bordas espessas, pois a energia se acumula na circunferência da roda. Contudo, por volta de 1970, os engenheiros da Lockheed Missile & Space Company inventaram um modelo completamente diferente - uma roda de bordas leves -, afirmando que ele é mais adequado para economizar energia em trens de transporte de massa ou para armazená-la em ônibus elétricos. A Airesearch Manufacturing Company continuou as pesquisas e desenvolveu um modelo desse volante - que não chegou a ser aperfeiçoado - hermeticamente lacrado dentro de uma carcaça cheia de lubrificante. O fato de esse volante revolucionário ser muito parecido com o objeto de 5 mil anos descoberto no Egito é impressionante, mas torna-se ainda mais espantoso quando se descobre que essa peça, encontrada numa tumba de 3.100 a.C., é semelhante a uma parte do equipamento ainda em desenvolvimento no ano de 1978!
Onde está o original em metal desse volante de pedra? E os objetos que aparentemente ficavam em exibição no santuário de Heliópolis? E, a

propósito, onde está o próprio Ben-Ben? Como tantos outros artefatos, cuja existência na Antiguidade foi sem dúvida documentada pelos povos antigos, eles desapareceram, talvez destruídos por calamidades naturais ou guerras, ou desmontados e levados para outros lugares - como butim ou para serem escondidos em locais há muito esquecidos. É possível que tenham sido transportados de volta aos céus, mas podem ainda estar conosco, sem identificação, perdidos em algum porão de museu. Ou - como a lenda da Fênix que liga Heliópolis à Arábia poderia sugerir - escondidos sob a câmara lacrada da Kaaba em Meca...

Podemos conjeturar, contudo, que a destruição, desaparecimento ou retirada dos objetos sagrados do santuário provavelmente ocorreu durante o chamado Primeiro Período Intermediário do Egito. Nessa época, desfez-se a unificação do Egito e passou a reinar uma total anarquia. Sabemos que os santuários de Heliópolis foram destruídos durante esses anos de desordem. Talvez tenha sido nesse período que Ra deixou seu templo em Heliópolis e tornou-se Amon - "O Deus Oculto".

Quando a ordem começou a ser restaurada, o que primeiro se deu no Alto Egito sob a 11ª. Dinastia, a capital passou a ser Tebas e o deus supremo Amon (ou Amen). O faraó Mentuhotep (Neb-Hepet-Ra) construiu um imenso templo perto de Tebas, dedicou-o a Ra e encimou-o com um enorme pyramidion para homenagear a Câmara Celestial de Ra.

Logo depois de 2.000 a.C., ao iniciar-se o reinado da 12ª. dinastia, houve a reunificação do Egito, a ordem foi restaurada e voltou a existir o acesso a Heliópolis. O primeiro faraó dessa dinastia, Amen-Em-Hat I, logo começou a reconstruir os templos e santuários dessa cidade. Mas, se ele conseguiu devolver os objetos sagrados ou precisou contentar-se com cópias de pedra, não se sabe com certeza. Seu filho, o faraó Sen-Usert (Hjeper-Ka-Ra) - o Sesóstris ou Scsonchusis dos historiadores gregos - erigiu diante do templo duas enormes colunas de granito (com mais de 20 metros de altura), no alto, réplicas da Câmara Celestial de Ra, um pyramidion coberto de ouro ou prata (electro). Um desses obeliscos de granito continua no local onde foi erigido há aproximadamente 4 mil anos. O outro foi destruído no século XII.

Os gregos chamavam esses pilares de obeliscos, significando "cortadores com ponta". Os egípcios lhes davam o nome de Raios dos Deuses. Muitos outros foram erigidos, sempre em pares, diante de entradas de templos, durante a 18ª. e 19ª. dinastias. Posteriormente, alguns foram levados para

Nova York, Londres, Paris e Roma. Os faraós afirmavam que erigiam esses obeliscos para "obter (dos deuses) o dom da vida eterna" ou "obter a vida perene", pois eles imitavam em pedra o que os antigos reis tinham visto (e presumivelmente atingido) no Duat, a Montanha Sagrada: os foguetes espaciais dos deuses.

Muitas lápides tumulares atuais, onde está gravado o nome da pessoa falecida, são cópias em pequena escala de obeliscos, um costume que tem raízes na época em que deuses e suas naves espaciais eram uma realidade.

A palavra egípcia para esses Seres Celestiais era NTR - um termo que nas línguas do antigo Oriente Médio significava "Aquele que Observa". Como todos os sinais nessa escrita, ele deve originalmente ter representado um objeto real, visível. As sugestões dos eruditos variam de uma pá com cabo longo até uma flâmula. Margaret A. Murray (The Splendor That Was Egypt) oferece uma visão mais atual. Ao mostrar que a cerâmica do período pré-dinástico mais primitivo era ornamentada com desenhos de barcos carregando um pau com duas bandeirolas, como se fosse uma insígnia, ela conclui que "o mastro com as duas flâmulas tornou-se o hieróglifo para Deus".

O interessante nesses desenhos primitivos é que eles mostravam os barcos chegando de um país estrangeiro. Quando incluíam pessoas, eram remadores sentados comandados por um chefe muito alto, distinguido pelos chifres projetando-se de seu capacete - a marca registrada de um Neter.

Assim, de maneira pictórica, os egípcios afirmaram desde seus primórdios que os deuses tinham vindo de um outro lugar, o que confirma as lendas de como o Egito começou - o deus Ptah, tendo vindo do sul e encontrando a área inundada, executou grandes obras de contenção e represamento, tornando a terra habitável. Na antiga geografia egípcia existia um lugar chamado Ta Neter - "Lugar ou Terra dos Deuses" -, os estreitos na extremidade sul do mar Vermelho, que agora têm o nome de Bab-el-Mandeb. Foi através desse estreito que os navios com a insígnia NTR transportando os deuses de chifre chegaram ao Egito.

O nome egípcio para o mar Vermelho era mar de UR. O termo Ta Ur significava a Terra Estrangeira no Leste. Henri Gauthier, que compilou o Dictionnaire de Noms Géographiques, extraindo todos os nomes de lugares nos textos em hieróglifos, salientou que o sinal para Ta Ur "era um símbolo que designava um elemento náutico... ele significa você tem de ir de barco para o lado esquerdo". Examinando o mapa da região na Antiguidade,

vemos que uma curva para a esquerda, para alguém que saía do Egito e passava pelos estreitos de Bab-el-Mandeb, o levaria para a península Arábica, na direção do golfo Pérsico.
Existem outras pistas. Ta Ur significa literalmente A Terra de Ur, e o nome Ur é bem conhecido. Ele foi o local de nascimento de Abraão, o patriarca hebreu. Descendente de Sem (Shem), filho mais velho de Noé, o herói bíblico do dilúvio, ele nasceu na cidade de Ur, na Caldéia, filho de Taré: "Taré tomou seu filho Abraão, seu neto Ló, o filho de Arã e sua nora Sarai. mulher de Abraão. Ele os fez sair de Ur dos caldeus para irem ao país de Canaã."

No início do século XIX, quando os arqueólogos e lingüistas começaram a decifrar a história e os registros escritos do Egito, a única fonte que citava Ur era o Velho Testamento. A Caldéia, porém, era bem conhecida, pois tratava-se do nome usado pelos gregos para denominar a Babilônia, o antigo reino da Mesopotâmia.
O historiador grego Heródoto, que visitou o Egito e a Babilônia no século XV a.C., descobriu muitas similaridades nos costumes dos dois povos. Descrevendo o recinto sagrado do supremo deus Bel (a quem chamou de Júpiter Belus) e a enorme torre com vários andares onde ele ficava, na cidade da Babilônia, ele escreveu que "na torre superior há um templo espaçoso e dentro dele fica um divã de tamanho incomum, ricamente ornamentado, com uma mesa de ouro ao seu lado. Não existe nenhum tipo de estátua no local e ninguém ocupa a câmara, exceto uma mulher que, segundo os caldeus, sacerdotes desse deus, a deidade mesmo escolhe... Eles também afirmam... que o deus desce em pessoa a essa câmara e dorme no divã. Essa história é parecida com a dos egípcios sobre o que aconteceu na cidade de Tebas, onde uma mulher sempre passa a noite no templo do Júpiter tebano (Amon)".
Quanto mais os estudiosos do século XIX foram aprendendo sobre o Egito e comparando o quadro histórico emergente com os escritos de historiadores gregos e romanos, mais dois fatos foram se salientando: Primeiro, a civilização egípcia e sua grandeza não foram uma flor isolada que desabrochou num deserto cultural, mas parte de um desenvolvimento conjunto que ocorreu em todas as terras antigas. Segundo, os contos bíblicos sobre outras terras e reinos, sobre cidades fortificadas e rotas de

comércio, sobre guerras e tratados, migrações e estabelecimento em locais diferentes, não eram apenas verdadeiros, mas também exatos.
Os hititas, conhecidos durante séculos apenas pelas breves citações na Bíblia, surgiram nos registros egípcios como poderosos adversários dos faraós. Uma página totalmente desconhecida da História - uma batalha importantíssima entre o exército egípcio e as legiões hititas, que teve lugar em Cades, na parte norte de Canaã, foi descoberta descrita não apenas em textos, mas também representada em paredes de templos. Nesse evento, houve até um toque de interesse pessoal, pois o faraó terminou casando-se com a filha de um rei hitita num esforço para cimentar a paz entre eles.
Os filisteus, "povos do mar", fenícios, horreus, amorreus - povos e reinos até essa época conhecidos através do Velho Testamento - começaram a surgir como realidades históricas à medida que ia progredindo o trabalho arqueológico no Egito. No entanto, pelos relatos, as maiores civilizações de todas pareciam ter sido os antiqüíssimos impérios da Assíria e Babilônia. Mas onde estavam seus magníficos templos e outros restos de sua grandeza? E onde estavam seus registros históricos?
Os viajantes que percorriam a Terra entre os Dois Rios, a vasta planície entre o Tigre e o Eufrates, só relatavam a presença de morros - tells, em árabe e hebraico. Na ausência de rochas, mesmo as mais grandiosas estruturas da Mesopotâmia tinham de ser construídas de tijolos de barro. As guerras, as intempéries e o tempo as haviam reduzido a montes de terra. Em vez de edificações monumentais, as escavações nessas áreas só resultavam na descoberta de pequenos artefatos, entre eles tábulas de argila cozida inscritas com marcas em forma de cunha. Já em 1686, um viajante chamado Engelbert Kampfer visitara Persépolis, a antiga capital dos reis persas que lutaram contra Alexandre e, de monumentos existentes ali copiara sinais e símbolos nessa escrita cuneiforme, como a que está no selo real de Dario. No entanto, ele pensou que eram apenas enfeites. Mais tarde, quando se percebeu que aquilo eram inscrições, não houve meios de se saber de que língua se tratava ou como elas poderiam ser decifradas.
Aconteceu com a escrita cuneiforme o mesmo que houve com os hieróglifos egípcios. A chave para decifrá-la surgiu sob a forma de uma inscrição em três idiomas, encontrada gravada nas rochas das montanhas ameaçadoras situadas numa área da Pérsia chamada Behistun. Em 1835, um major do Exército inglês, Henry Rawlinson, conseguiu copiar a inscrição e daí em diante decifrar a escrita e seus idiomas. Descobriu-se então que o

texto estava escrito em persa antigo, elamita e acadiano. O acadiano foi a língua-mãe de todos os idiomas semitas e foi através do conhecimento do hebraico que os estudiosos conseguiram ler e compreender as inscrições sobre os assírios e babilônios da Mesopotâmia.
Impulsionado por essas descobertas, um inglês nascido em Paris chamado Henry Austen Layard viajou a Mossul, um centro de caravanas ao noroeste do Iraque, na época parte do Império Otomano, no ano de 1840. Lá ele foi hóspede de William F. Ainsworth, cuja obra Researches in Assyria, Babylonia and Chaldea (1838) - junto com relatórios anteriores e pequenas descobertas feitas por Claudius J. Rich (Memoir on te Ruins of Babylon) - não apenas incendiou sua imaginação como resultou num apoio científico e monetário por parte do Museu Britânico e da Royal Geographical Society. Versado tanto nas referências bíblicas pertinentes como nos clássicos gregos, Layard recordou-se de que um oficial do exército de Alexandre relatara ter visto na área "um lugar com pirâmides e restos de uma antiga cidade", ou seja, urna cidade cujas ruínas já eram consideradas antigas na época do rei da Macedônia!
Os amigos de Layard lhe mostraram os vários tells existentes na área, indicando que havia antigas cidades enterradas sob eles. Seu entusiasmo atingiu o ponto máximo quando ele chegou a um lugar chamado Birs Nimrud. "Vi pela primeira vez o grande monte cônico de Nimrud elevando-se contra o céu claro do fim da tarde", escreveu Layard mais tarde, em sua autobiografia. "A impressão que ele exerceu sobre mim jamais será esquecida." Não seria aquele o lugar onde o oficial de Alexandre vira a pirâmide meio enterrada? Com toda a certeza, o local estava associado ao bíblico Nemrod, "o valente caçador diante de Iahweh", que fundara os reinos e cidades reais da Mesopotâmia (Gênesis, X).

Os sustentáculos de seu reino foram Babel, Arac e Acad,
Cidades que estão todas no país de Sennar.
Desse país saiu Assur,
Que construiu Nínive, Reobot-Ir, Cale e Resen...

Com o apoio do major Rawlinson, que a essa altura era o cônsul e residente britânico em Bagdá, Layard voltou a Mossul em 1845 para começar as escavações em seu querido tell Nimrud. Mas, apesar do que iria encontrar, a láurea de primeiro arqueólogo moderno da Mesopotâmia não coube a ele.

Dois anos antes, Paul-Émile Botta, arqueólogo e cônsul francês em Mossul, amigo de Layard, já tinha iniciado escavações numa colina um pouco ao norte da cidade, na outra margem do rio Tigre. Os nativos chamavam o lugar de Khorsabadi; as inscrições cuneiformes ali encontradas o identificaram como Dur-Sharru-Kin, a antiga capital do bíblico Sargão, rei da Assíria. Elevando-se sobre a vasta cidade, seus palácios e templos, havia realmente uma pirâmide construída em sete andares, chamada de zigurate.
Incentivado pelas descobertas de Botta, Layard começou a cavar em seu morro, onde acreditava descobrir Nínive, a capital assíria citada na Bíblia. Apesar de as escavações revelarem apenas um centro militar assírio chamado Kalhu (a bíblica Cale), os tesouros ali encontrados valeram todos os esforços. Havia entre eles um obelisco erigido pelo rei Salmanasar II, no qual constava, entre os que lhe pagavam tributo, "Jehu, filho de Omri, rei de Israel".
Com isso, as descobertas assírias confirmavam a veracidade histórica do Velho Testamento.
Encorajado, Layard começou a escavar em 1849 uma colina que ficava diretamente em frente a Mossul, na margem leste do Tigre. O lugar, chamado pelos residentes da área de Kuyunjik, provou ser Nínive, a capital fundada por Senaqueribe, o rei assírio cujo exército foi derrotado pelo anjo de Iahweh quando sitiou Jerusalém (Reis II, 18). Depois dele, Nínive serviu corno capital de Asaradão e Assurbanipal. Os tesouros de Nínive levados para o Museu Britânico ainda constituem a mais impressionante porção da ala assíria.
À medida que o ritmo das escavações se acelerava, com outras equipes arqueológicas de várias nações entrando na corrida, todas as cidades mencionadas na Bíblia (com uma única exceção de menor importância) foram sendo descobertas. Mas, enquanto os museus do mundo se enchiam de tesouros antigos, os achados mais valiosos eram as simples tábulas de argila - algumas tão pequenas que se acomodavam na palma da mão do escriba - onde os assírios, babilônios e outros povos na Ásia oriental escreviam contratos comerciais, sentenças de tribunais, registros de casamento e heranças, listas geográficas, informações matemáticas, fórmulas médicas, leis e regulamentos, histórias das famílias reais, de fato, todos os aspectos da vida de sociedades avançadas e altamente civilizadas. Contos épicos, lendas sobre a Criação, provérbios, textos filosóficos, canções de amor e temas semelhantes constituíam uma vasta herança

literária. E havia os assuntos celestiais - listas de estrelas e constelações, informações planetárias, tábuas astronômicas; e também listas de deuses, seus relacionamentos familiares, atributos, tarefas e funções - deuses chefiados por doze Grandes Deuses, "Deuses do Céu e da Terra", aos quais estavam associados os doze meses do ano, as doze constelações do zodíaco e os dozes corpos celestes de nosso sistema solar.
Como às vezes as próprias inscrições declaravam, sua linguagem se originava do acadiano. Esses e outros indícios confirmaram a narrativa bíblica de que a Assíria e a Babilônia - que surgiram na cena histórica por volta de 1.900 a.C. - tinham sido precedidas por um reino chamado Acad. Este foi fundado por Sharru-Kin - "O Governante Virtuoso" -, a quem chamamos de Sargão I, que viveu a cerca de 2.400 a.C. Algumas de suas inscrições também foram encontradas e nelas ele se vangloriava de que, por graça de seu deus Enlil, seu império se estendia do golfo Pérsico até o mar Mediterrâneo. Sargão I denominava a si mesmo "Rei de Acad, rei de Kish", e afirmava ter "derrotado Uruk, derrubado sua muralha... ter sido vitorioso na batalha com os habitantes de Ur".
Muitos eruditos acreditam que Sargão I era o bíblico Nemrod, de modo que os versos da Bíblia se aplicam a ele e a uma capital chamada Kish (ou Cuch, segundo a grafia bíblica), onde já existia a realeza mesmo antes de Acad:

Cuch gerou Nemrod,
Que foi o primeiro potentado sobre a terra...
Os sustentáculos de seu reino
Foram Babel, Arac e Acad,
Cidades que estão todas no país de Sennar.

A real cidade de Acad foi descoberta ao sudeste da Babilônia, o mesmo acontecendo com Kish, encontrada a sudeste de Acad. De fato, quanto mais os arqueólogos desciam pela planície entre o Tigre e o Eufrates, maior era a antiguidade das cidades escavadas. Num local hoje chamado de Warka, a cidade de Uruk, que Sargão afirmava ter derrotado - a bíblica Arac -, foi descoberta e levou os arqueólogos do terceiro milênio a.C. para o quarto milênio a.C! Nesse local eles encontraram a primeira cerâmica cozida em forno; provas do uso da roda de oleiro; um calçamento de blocos de calcário que é o mais antigo de seu tipo; o primeiro zigurate ou pirâmide de degraus;

e os primeiros registros escritos da Humanidade: textos e selos cilíndricos gravados em alto-relevo, que, quando rolados sobre argila úmida, deixavam uma impressão permanente.
Ur, o local de nascimento de Abraão, também foi encontrada mais ao sul, onde ficava o litoral do golfo Pérsico na Antiguidade. Tinha sido um grande centro comercial, com um imenso zigurate, e sede de várias dinastias. Seria então a parte mais antiga da Mesopotâmia, a mais meridional, a bíblica Terra de Sennar - o lugar onde aconteceram os eventos da torre de Babel?
Uma das maiores descobertas da Mesopotâmia foi a biblioteca de Assurbanipal, em Nínive, que continha mais de 25 mil tábulas de argila ordenadas por assunto. Um rei de grande cultura, Assurbanipal colecionava todos os textos em que conseguia colocar as mãos e, além disso, mandava seus escribas copiar e traduzir inscrições que de alguma forma ou de outra não estavam disponíveis. Muitas tábulas estavam identificadas pelos escribas como "cópias de velhos textos". Um grupo de 23 tábulas, por exemplo, terminava com um post-scriptum: "23ª. tábula; linguagem de Shumer não modificada". O próprio Assurbanipal declarou numa inscrição:

O deus dos escribas me concedeu a dádiva do conhecimento de sua arte.
Fui iniciado nos segredos da escrita.
Posso até ler as intricadas placas em shumeriano.
Entendendo as enigmáticas palavras gravadas em pedra
Dos dias antes do dilúvio.

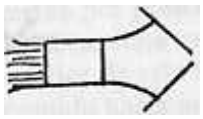
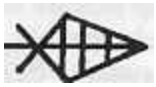
Em 1853, Henry Rawlinson sugeriu à Sociedade Asiática Real que possivelmente havia uma língua desconhecida que precedia o acadiano, salientando que os textos assírios e babilônios freqüentemente usavam palavras emprestadas desse idioma, em especial quando se tratava de textos científicos ou religiosos. Em 1869, Jules Oppert propôs num encontro da Sociedade Francesa de Numismática e Arqueologia que fosse reconhecida a existência de uma linguagem assim primitiva e das pessoas que falavam e escreviam. Ele mostrou que os acadianos chamavam seus antecessores de Shumerianos e falavam da Terra de Shumer.
Era essa, de fato, a bíblica Terra de Sennar (Shin'ar), o país cujo nome - Shumer - significava, literalmente, Terra dos Observadores. E era a mesma Ta Neter dos egípcios, a Terra dos Observadores, da qual tinham vindo os deuses para o Egito.

Por mais difícil que tenha sido na época, os estudiosos acabaram aceitando, depois da grandeza e antiguidade do Egito ser desenterrada, que a civilização, como conhecida no Ocidente, não começara em Roma ou na Grécia. Como ficaria a situação agora que estava provado, como os próprios egípcios tinham sugerido, que a civilização e a religião começaram não no Egito, mas no sul da Mesopotâmia?

No século que se seguiu às primeiras descobertas na Mesopotâmia, tornou-se evidente, além de qualquer dúvida, que foi realmente na Suméria (os estudiosos decidiram-se pela grafia Sumer, por acharem-na de pronúncia mais fácil) que começou a civilização moderna. Foi lá, logo depois de 4.000 a.C. - há quase 6 mil anos - que todos os elementos essenciais de uma alta civilização subitamente desabrocharam, como que vindo do nada e sem motivo aparente. Praticamente não existe nenhum aspecto de nossa atual cultura e civilização cujas raízes e precursores não possam ser encontrados na Suméria: cidades, arranha-céus, ruas, mercados, celeiros, docas, escolas, templos; metalurgia, medicina, cirurgia, manufatura de tecidos, arte culinária, agricultura, irrigação; o uso de tijolos, a invenção do forno para cerâmica; a primeira roda conhecida na Humanidade, carros e carroças; embarcações e navegação; comércio internacional; pesos e medidas; o sistema monárquico, leis, tribunais, júris; a escrita e arquivos; música, notas musicais, instrumentos musicais, dança e acrobacia; animais domésticos e zoológicos; a arte da guerra, o artesanato, a prostituição. E, acima de tudo, o estudo e conhecimento dos céus e dos deuses "que vieram do Céu para a Terra".

Que fique bem esclarecido aqui que nem os acadianos nem os sumérios chamavam esses visitantes da Terra de deuses. Só depois, com o paganismo, é que a noção de seres divinos ou deusa infiltrou-se em nossa linguagem e pensamento. Se emprego o termo aqui é somente devido ao seu uso e aceitação generalizados.

Os acadianos chamavam-nos de Ilu - "Os Altíssimos" -, do qual se origina o bíblico El. Os cananeus e fenícios chamavam-nos de Ba' al - "Senhor". Porém, nos primórdios de todas essas religiões, os sumérios chamavam-nos de DIN.GIR. "Os Virtuosos dos Foguetes Espaciais". Na primitiva escrita pictográfica dos sumérios (que posteriormente foi estilizada para a cuneiforme), os Termos DIN e GIR eram escritos.

Quando os dois estão combinados, podemos ver que o "cortador" ou GIR, com forma semelhante a um módulo de comando cênico-piramidal, ajusta-se perfeitamente ao nariz do DIN, mostrado como um foguete de vários estágios. Além disso, quando verticalizamos a palavra-desenho, descobrimos que ela é impressionantemente parecida com o foguete espacial dentro do silo subterrâneo pintado na tumba do egípcio Huy.

A partir de lendas cosmológicas dos sumérios e seus poemas épicos, de textos contando a biografia desses deuses, de listas de suas funções, relacionamentos familiares e cidades, de cronologias e histórias da chamada Lista de Reis, e de uma riqueza de outros textos, inscrições e desenhos, consegui montar um relato coerente sobre o que houve nos tempos pré-históricos e como tudo aconteceu.

Essa história começa em épocas primevas, quando nosso sistema solar ainda era jovem. Um grande planeta surgiu vindo do espaço sideral e foi atraído por ele. Os sumérios chamavam esse invasor de NIBIRU, "O Planeta da Travessia"; os babilônios lhe davam o nome de Marduk. Quando ele estava passando pelos planetas externos de nosso sistema solar, sua trajetória se encurvou devido à força de atração, o que o colocou em curso de colisão com um velho membro do sistema solar - um planeta chamado Tiamat. Quando os dois se aproximaram, os satélites de Marduk cortaram Tiamat ao meio. Sua parte inferior foi esmigalhada em pedaços pequenos e esses restos planetários formaram os cometas e o cinturão de asteróides - o "bracelete celeste" - que orbita entre Júpiter a Marte. A parte superior de Tiamat e o principal satélite desse planeta foram atirados numa nova órbita, tornando-se a Terra e a Lua.

Marduk, intacto, foi capturado numa vasta órbita elíptica em torno do Sol, o que o faz voltar ao local da "batalha celeste", entre Júpiter e Marte, a cada 3.600 anos terrestres. E foi assim que nosso sistema solar ficou com doze corpos celestes - o Sol, a Lua (que os sumérios consideravam um corpo celeste por seu próprio direito), os nove planetas que conhecemos e o 12º.: Marduk.

Quando Marduk invadiu nosso sistema solar, trouxe com ele a semente da vida e, na colisão com Tiamat, um pouco dessa semente passou para sua

parte que sobreviveu - o planeta Terra. Ao se desenvolver, essa vida começou a copiar a evolução em Marduk e foi por isso que, quando na terra a espécie humana estava em seus primórdios, em Marduk os seres inteligentes já tinham atingido altos níveis de civilização e tecnologia.
Era do 12º. membro do sistema solar, diziam os sumérios, que os astronautas tinham vindo à Terra - os "Deuses do Céu e da Terra". E foi a partir das crenças dos sumérios que todos os outros povos da Antiguidade adquiriram seus deuses e religiões. Esses deuses, afirmavam os sumérios, tinham criado a Humanidade e posteriormente lhe dado a civilização, ou seja, todo o conhecimento, todas as ciências, inclusive uma parcela incrível de uma astronomia sofisticada.
Esse conhecimento astronômico abrangia o reconhecimento do sol como o corpo central de nosso sistema planetário e a cognição de todos os planetas que conhecemos atualmente, inclusive os externos - Urano, Netuno e Plutão - que são descobertas relativamente recentes da astronomia moderna e não poderiam ter sido observados e identificados a olho nu. E, tanto nas listas e textos planetários, bem como em descrições pictográficas, os sumérios insistiam na existência de mais um planeta - NIBIRU, Marduk que no ponto de sua órbita mais próximo da Terra passava entre Marte e Júpiter.
A sofisticação em conhecimento celeste - que os sumérios atribuíam aos astronautas vindos de Marduk - não era limitada à familiaridade com o sistema solar. Havia o universo infinito, cheio de estrelas. Foi na Suméria - e não séculos depois, na Grécia, como se imaginava - que pela primeira vez as estrelas foram identificadas, agrupadas em constelações e localizadas no céu, recebendo nomes. Todas as constelações que atualmente vemos no céu do hemisfério norte e a maioria das do hemisfério sul estão listadas nas tábulas astronômicas dos sumérios - em sua ordem correta e com os nomes que usamos até hoje!
Da maior importância eram as constelações que parecem rodear o plano ou faixa na qual os planetas orbitam o Sol. Chamadas pelos sumérios de UL.HE ("O Rebanho Luminoso") - que os gregos adotaram com o nome de zodiakos kyklos ("O Círculo dos Animais") e nós ainda denominamos de zodíaco - elas foram arranjadas em doze grupos para formar as Casas do Zodíaco. Não apenas os nomes que os sumérios deram a esses grupos - Touro, Gêmeos, Câncer, Leão etc. - como suas descrições pictóricas permaneceram imutáveis ao longo dos milênios. As representações egípcias do zodíaco, muito posteriores, eram quase idênticas às dos sumérios.

Além dos conceitos da astronomia esférica que empregamos até hoje (inclusive as noções do eixo celestial, pólos, eclíptica, equinócios e outras), que já estavam aperfeiçoados na época dos sumérios, havia também uma surpreendente familiaridade com o fenômeno da Precessão. Como sabemos atualmente, há uma ilusão de retardamento na órbita da Terra quando um observador marca a posição do Sol numa data fixada (tal como o primeiro dia da primavera) contra as constelações do zodíaco que funcionam como um pano de fundo no espaço. Causada pelo fato de o eixo da Terra ser inclinado em relação ao plano de sua órbita em torno do Sol, esse retardamento ou precessão é infinitesimal em termos de duração de vida dos seres humanos, pois em 72 anos a mudança no pano de fundo zodiacal é de somente 1 grau do círculo celestial de 360 graus.

Uma vez que o círculo do zodíaco que rodeia a faixa onde a Terra e outros planetas orbitam em torno do Sol foi dividida em doze casas arbitrárias, cada uma ocupa 1/12 do círculo completo ou um espaço celestial de 30 graus. Assim, a Terra leva 2.160 anos (72 x 30) para retardar através do vão completo de uma casa zodiacal. Em outras palavras, se um astrônomo colocado na Terra esteve observando o céu no dia de primavera quando o Sol começou a subir contra a constelação ou casa de Peixes, seus descendentes, 2.160 anos depois, observarão o evento com o Sol contra o pano de fundo da constelação adjacente, a casa de Aquário.

Nenhum homem, talvez nem mesmo uma única nação, poderia ter observado, notado e compreendido esse fenômeno na Antiguidade. Todavia, as provas são irrefutáveis: os sumérios, que começaram sua contagem no tempo na Era de Touro (que se iniciou a cerca de 4.400 a.C.), tinham ciência e registraram em suas listas astronômicas as mudanças precessionais anteriores para Gêmeos (cerca de 6.500 a.C.), Câncer (cerca de 8.700 a.C.) e Leão (cerca de 10.900 a.C.). Nem é preciso dizer que foi reconhecido por volta de 2.200 a.C. que o primeiro dia de primavera - Ano-Novo para os povos da Mesopotâmia - retardou os plenos 30 graus e passou para a constelação ou "Era" de Áries, o Carneiro (KU.MAL em sumérios).

Foi reconhecido por alguns estudiosos do passado, que combinaram seu conhecimento de egiptologia e assiriologia com astronomia, que as descrições escritas e pictóricas empregavam a Era do Zodíaco como um grandioso calendário celeste, pelo qual os eventos da Terra eram relacionados com a escalada maior dos céus. Esse conhecimento tem sido utilizado em tempos mais recentes como um auxílio cronológico pré-

histórico e histórico em estudos como o de G. de Santillana e H. von Dechend (Hamlet's Mill). Não há dúvida, por exemplo, de que a esfinge com traços de leão ao sul de Heliópolis e as com aspecto de carneiro, que guardavam os templos de Karnak, mostravam as eras zodiacais em que tinham ocorrido os eventos que elas representavam ou nas quais os deuses ou reis relacionados com eles tinham sido supremos.

O ponto básico desse conhecimento de astronomia e, por conseqüência, de todas as religiões, crenças, eventos e descrições do mundo antigo, era a convicção de que existe mais um planeta em nosso sistema solar, o de maior órbita, um planeta supremo ou "Senhor Celestial" - o que os egípcios chamavam de Estrela Imorredoura ou "O Planeta dos Milhões de Anos" -, a Morada Celestial dos Deuses. Os povos da Antiguidade, sem nenhuma exceção, rendiam homenagem a esse planeta, o de mais vasta e majestosa órbita. No Egito, Mesopotâmia e todos os outros lugares, seu onipresente emblema era o do Disco Alado.

Reconhecendo que o Disco Celestial nas ilustrações egípcias representava a Morada Celestial de Ra, os estudiosos sempre insistiram em referir-se a Ra como um "deus do Sol" e ao Disco Alado como "Disco Solar". Agora já deve estar claro que não era o Sol, mas o 12º. Planeta que assim era representado. De fato, as pinturas egípcias faziam uma distinção nítida entre o Disco Celestial e o Sol. Como pode-se ver, ambos eram mostrados no céu (representado pela forma arqueada da deusa Nut). Então, está claro que não se trata de um corpo celestial, mas de dois. Também pode-se ver perfeitamente que o 12º. Planeta é mostrado corno um globo ou disco celestial, enquanto o Sol é mostrado emitindo seus raios benevolentes.

Então os antigos egípcios, como os sumérios, sabiam, mil anos atrás, que o sol era o centro do sistema solar e que ele era constituído de doze corpos celestes? A prova disso está nos mapas celestiais pintados nos sarcófagos.

Um desses sarcófagos, muito bem conservado, descoberto em 1857 por H. K. Brugsch numa tumba de Tebas, mostra a deusa Nut ("O Céu") no painel central (pintado na parte superior do ataúde), cercada pelas doze constelações do zodíaco. Nas laterais do sarcófago, as fileiras inferiores mostram as doze horas do dia e da noite. Logo em seguida vêm os planetas - os Deuses Celestiais - que são mostrados viajando em suas órbitas predeterminadas, os Barcos Celestiais (os sumérios chamavam as órbitas de "destinos" dos planetas).

Na posição central, vemos o globo do sol, emitindo raios. Perto dele, ao lado da mão esquerda de Nut, vemos dois planetas: Mercúrio e Vênus. (Vênus está corretamente pintado como sendo mulher - ele era o único considerado feminino por todos os povos da Antiguidade). Depois, no painel lateral, à esquerda do corpo da deusa, estão a Terra (seguida do emblema de Hórus), a Lua, Marte e Júpiter como Deuses Celestiais viajando em seus barcos.

No painel lateral à direita do corpo de Nut, localizam-se outros quatro Deuses Celestiais na parte inferior - continuando depois de Júpiter -, sem Barcos Celestiais, pois suas órbitas eram desconhecidas para os egípcios: Saturno, Urano, Netuno e Plutão. A época da mumificação do corpo está marcada pelo Lanceiro apontando sua arma na parte média do Touro.

Assim, encontramos todos os planetas em sua ordem correta, inclusive os externos, que só foram descobertos em tempos bastante recentes. O próprio Brugsch, que encontrou o sarcófago, como outros de sua época, não tinham conhecimento da existência de Plutão.

Os eruditos, que estudaram o conhecimento planetário da Antiguidade, partiam da hipótese de que os povos antigos acreditavam que cinco planetas - entre eles o Sol - giravam em torno da Terra. Qualquer desenho ou referências escritas a outros planetas eram, segundo afirmavam, devido a algum tipo de "confusão". Mas não havia confusão nenhuma. Existia, sim, uma impressionante exatidão: o Sol é o centro do sistema solar, a Terra é um planeta e, além dela, da Lua e dos oito planetas que conhecemos atualmente, há um outro planeta, muito maior. No sarcófago ele está pintado em destaque, acima da cabeça de Nut, como um importante Senhor Celestial em seu enorme Barco Celestial, ou seja, sua órbita.

Há 450 mil anos - segundo nossas fontes sumérias -, os astronautas vindos desse Senhor Celestial desceram no planeta Terra.

CAPÍTULO 6
NOS DIAS ANTES DO DILÚVIO

Entendendo as enigmáticas palavras gravadas em pedra dos dias antes do dilúvio.

Assim afirmou, numa inscrição auto-laudatória, o rei assírio Assurbanipal. De fato, ao longo da diversificada literatura da antiga Mesopotâmia, encontrava-se aqui e ali referência a um dilúvio que varrera a Terra. Quando os eruditos começaram a encontrá-las, ficaram em dúvida - seria o relato bíblico sobre o dilúvio não um mito ou alegoria, mas o registro de um evento verdadeiro e não recordado apenas pelos hebreus?

Além disso, mesmo essa única sentença na inscrição de Assurbanipal estava cheia de dinamite científica. Ela não somente confirmava que existira um dilúvio como também declarava que por ter sido ensinado pelo Deus dos Escribas, o rei era capaz de ler inscrições antediluvianas, "as enigmáticas palavras gravadas em pedra dos dias antes do dilúvio". Ora, isso só podia significar que mesmo antes do dilúvio já havia escribas e talhadores, idiomas e escrita - que existira uma civilização nos remotos antediluvianos!

Já fora bastante traumático os eruditos serem obrigados a reconhecer que as raízes de nossa moderna civilização ocidental não estavam na Grécia ou Judéia do primeiro milênio a.C., na Assíria e Babilônia do segundo milênio a.C. e nem mesmo no Egito do terceiro milênio a.C., mas na Suméria do quarto milênio a.C. Agora a credibilidade científica teria de voltar ainda mais para trás, para uma época que até os sumérios chamavam de "velhos dias" - para uma enigmática era "antes do dilúvio".

No entanto, todas essas revelações chocantes deveriam ser notícia velha para qualquer pessoa que tivesse se dado ao trabalho de ler as palavras do Velho Testamento dentro de seu verdadeiro significado: depois que a Terra e o cinturão de asteróides foram criados (O Rak'ia, ou Céu do Gênesis), a Terra tomou forma, criou-se "o Adão" e o homem foi colocado no Jardim que ficava no Éden. Todavia, por intermédio das maquinações de uma brilhante "serpente" que se atreveu a desafiar Deus, Adão e sua companheira, Eva, adquiriram um certo conhecimento que não deviam

possuir. Diante disso, o Senhor, falando a seres cujos nomes não aparecem na Bíblia, preocupou-se com a possibilidade de o homem, "como já é um de nós", poder também se servir da Árvore da Vida e comer e viver para sempre. Assim:

Ele baniu o homem
E colocou diante do Jardim do Éden
Os Querubins e a chama da Espada Fulgurante
Para guardar o caminho da Árvore da Vida.

Dessa forma Adão foi expulso do maravilhoso pomar que o Senhor plantara no Éden, para daí em diante "comer as ervas do campo" e obter seu sustento "com o suor de seu rosto". E Adão "conheceu Eva, sua mulher; ela concebeu e deu à luz Caim... e também deu à luz Abel, irmão de Caim. Abel tornou-se pastor de ovelhas e Caim cultivava o solo".
Assim, a afirmação que a Bíblia faz sobre uma civilização antediluviana segue duas linhas, começando com a de Caim. Depois de assassinar Abel - existe uma insinuação de homossexualidade como a causa -, Caim foi banido para o leste, para a Terra de Nod, a "Terra das Migrações". Lá sua mulher deu à luz Henoc um nome que significa "fundação". A Bíblia explica que Caim "tornou-se um construtor de cidade" quando seu filho nasceu" e deu à cidade o nome de seu filho, Henoc". (A aplicação do mesmo nome para uma pessoa e a cidade associada a ele foi um costume que prevaleceu ao longo de toda a história da Antiguidade do Oriente Médio.)
A linha de Caim continuou com Irad, Mavíael, Matusalém e Lamec. O primeiro filho de Lamec foi Jubal - nome que no hebraico original (Yuvat) significa "o tocador de flauta". Como explica o Livro do Gênesis, ele foi "o pai de todos que tocam a lira e charamela".
Um segundo filho de Caim, Tubalcaim, "foi o pai de todos os laminadores em cobre e ferro". O que aconteceu com esse habilidoso povo do leste na terra de Nod não ficamos sabendo, pois o Velho Testamento, considerando maldita a linha de Caim, perde todo o interesse em dar a lista de sua genealogia e seu destino.
O Livro do Gênesis, em seu Capítulo 5, volta a Adão e ao seu terceiro filho, Set. Adão, somos informados, tinha 130 anos quando Set nasceu e viveu mais oitocentos anos, durando portanto, no total, 930 anos. Set, que foi pai

de Enós aos 105 anos, viveu até os 912 anos. Enós teve Cainã aos 90 anos e morreu com 905. Cainã viveu 910 anos. Seu filho Malaleel tinha 895 anos quando morreu. E seu filho, Jared, faleceu aos 962 anos.
Sobre todos esses patriarcas antediluvianos, o Livro do Gênesis fornece um mínimo de informações: o nome de seus pais, a idade que tinham por ocasião do nascimento de seus herdeiros masculinos e ("depois de gerarem filhos e filhas") a idade com que morreram. No entanto, o patriarca que se segue a eles recebe um tratamento especial:

Quando Jared completou 162 anos, gerou Henoc...
Quando Henoc completou 65 anos, gerou Matusalém.
Henoc andou com Deus. Depois do nascimento de Matusalém,
Henoc viveu trezentos anos e gerou filhos e filhas.
Toda a duração da vida de Henoc foi de 365 anos.

E aí segue-se a explicação - uma explicação impressionante - do por que Henoc foi considerado digno de tanta atenção e detalhes biográficos: Henoc não morreu!

Henoc andou com Deus, depois desapareceu,
Pois Deus o arrebatou.

Matusalém foi o patriarca mais longevo; viveu 969 anos e gerou Lamec. Lamec, que viveu 777 anos, gerou Noé, o herói do dilúvio. Neste ponto do Gênesis existem informações mais detalhadas: Lamec deu esse nome ao seu filho porque a Humanidade estava passando por uma época de grande sofrimento e o solo era estéril e improdutivo. Ao chamar o filho de Noé ("Descanso"), Lamec expressou a esperança de que "este nos trará descanso de nossa luta e frustrações na terra que Deus amaldiçoou".
E assim, ao longo de dez gerações de patriarcas antediluvianos abençoados com o que os eruditos chamam de durações de vida "legendárias", a narrativa bíblica chega aos momentosos eventos do dilúvio.
O dilúvio é apresentado no Livro do Gênesis como uma oportunidade aproveitada por Iahweh para fazer "desaparecer da superfície da Terra os homens que criei". Os antigos autores acharam necessário fornecer uma explicação para uma decisão tão drástica. Segundo somos informados, ela

teve a ver com as perversões carnais dos homens, especificamente com as relações sexuais entre "as filhas dos homens" e "os filhos de Deus".
A despeito dos esforços monoteístas dos compiladores e editores do Livro do Gênesis, lutando para proclamar a fé numa única deidade num mundo que na época acreditava em muitos deuses, restam numerosos deslizes em que a narrativa bíblica fala de deuses no plural. O próprio termo para "deidade" (quando o Senhor não é especificamente chamado de Iahweh) não é o singular El, mas o plural Elohim. Quando ocorre a idéia de criar Adão, a narrativa adota o plural: "Deus (Elohim) disse: Façamos o homem a nossa imagem, como nossa semelhança". E, depois do incidente com o fruto do conhecimento, Elohim de novo falou no plural, dirigindo-se a seres não identificados.
E agora transpira de quatro enigmáticos versos do Livro do Gênesis, Capítulo 6, que preparam a cena para o dilúvio, que não apenas existiam deidades (Elohim) no plural, como elas até tinham filhos (também no plural). Esses filhos aborreceram o Senhor ao fazer sexo com as filhas dos homens, aumentando seu pecado ao gerarem filhos ou semi-deuses a partir dessa cópula ilícita:

Quando os homens começaram a ser numerosos
Sobre a face da Terra e lhes nasceram filhas,
Os filhos de Deus viram
Que as filhas dos homens eram belas
E tomaram como mulheres
Todas as que mais lhes agradavam.

O Velho Testamento explica ainda:

Ora, naquele tempo (e também depois),
Quando os filhos de Deus se uniam às filhas dos homens e estas lhes davam filhos,
Os Nefilim habitavam sobre a Terra;
Estes eram os Poderosos da Eternidade, o Povo do Shem.

Nefilim - tradicionalmente traduzido "gigantes" - significa literalmente "Aqueles que Foram Lançados Sobre" a Terra. Eles eram os "filhos dos deuses" - o povo do Shem, ou seja, o povo dos foguetes espaciais.

Voltamos, então, à Suméria e aos DIN.GIR, "Os Justos dos Foguetes Espaciais".
Peguemos agora os registros sumérios no ponto onde paramos anteriormente - 450 mil anos atrás.

Foi há cerca de 450 mil anos, afirmam os textos sumérios, que astronautas de Marduk chegaram à Terra em busca de ouro. Precisavam dele não para a confecção de jóias, mas para alguma necessidade premente ligada à sobrevivência no 12º. planeta.
O primeiro grupo de desembarque era composto de cinqüenta astronautas; eles eram chamados Anunnaki - "Os do Céu que Estão na Terra". Esse grupo desceu no mar Arábico e daí foi para o alto do golfo Pérsico, lá estabelecendo sua primeira Estação Terrestre, E.RI.DU - "Lar no Longínquo Construído". O comandante era um brilhante cientista e engenheiro que adorava navegar pelos mares, e cujo hobby era pescar. Ele era chamado E.A. - "Aquele Cuja Casa É Água" - e desenhado como o protótipo de Aquário; mas, por ter liderado a aterrissagem, recebeu o título de EN.KI - "Senhor Terra". Como todos os outros deuses sumérios, o aspecto que o distinguia era o toucado com chifres.
O plano original, ao que tudo indica, era extrair ouro da água do mar, mas ele provou ser insatisfatório. A única alternativa que restou foi obtê-lo da maneira mais difícil: extrair o minério do sudeste da África, transportá-lo em embarcações até a Mesopotâmia para ali derretê-lo e refiná-lo. Em seguida, os lingotes de ouro eram enviados para o espaço no ônibus espacial, que os deixava numa nave que orbitava a Terra. Ali eles ficavam esperando a chegada periódica de uma nave-mãe, que levava o precioso metal para o planeta dos astronautas.
Para tornar tudo isso possível, mais Anunnaki tiveram de vir à Terra e logo eles eram seiscentos. Outros trezentos cuidavam do ônibus espacial e da estação orbital. Um espaço-porto foi construído em Sippar ("Cidade dos Pássaros"), na Mesopotâmia, num local alinhado com o marco geográfico mais notável do Oriente Médio - os picos do monte Ararat. Outros povoados com várias funções - como o centro de fundição e refinação de Bad-Tibira, um centro médico chamado Suripak - foram instalados de modo a formar um Corredor de Aterrissagem em forma de flecha. No centro exato, NIBRU.KI - "O Lugar do Cruzamento na Terra" (Nippur em acadiano), estabeleceu-se o Centro de Controle da Missão.

O comandante-geral desse vasto empreendimento no planeta Terra era EN.LIL - "O Senhor do Comando". Na escrita pictográfica primitiva dos sumérios, o nome de Enlil e do seu Centro de Controle da Missão eram desenhados como um complexo de estruturas com antenas altas e grandes telas de radar.

Tanto Ea-Emki como Enlil eram filhos do governante do 12º. Planeta na época, AN (Anu em acadiano), cujo nome significava "Aquele dos Céus" e era escrito pictograficamente como uma estrela *. Apesar de ser o primogênito, Ea não era o herdeiro do trono, pois esse direito cabia a Enlil, por ter nascido de uma outra esposa de Anu que também era sua meia-irmã. Talvez devido ao aumento de abrangência do empreendimento, Enlil foi enviado à Terra e tirou o comando de Ea, o chamado Senhor Terra. A situação complicou-se ainda mais com a chegada do Primeiro Oficial Médico -NIN.HUR.SAG ("Senhora do Pico da Montanha") - meia-irmã tanto de Ea como de Enlil, o que estimulou os dois a procurar seus favores, pois um filho de um deles com Ninhursag herdaria o trono. O constante ressentimento de Ea contra o irmão, somado à crescente competição entre os dois, acabou derramando-se sobre seus descendentes e foi a causa subjacente dos muitos eventos que se seguiram.

Com a passagem dos milênios na Terra - embora para os Anunnaki cada 3.600 anos terrestres fossem apenas um de seu próprio ciclo de vida -, esses astronautas sem patente começaram a protestar. Caberia mesmo a eles, como homens ligados a missões espaciais, ficarem cavando minério em túneis quentes, escuros e poeirentos? Ea, talvez evitando atritos com o irmão, passava cada vez mais tempo no sudeste da África, longe da Mesopotâmia. Os Anunnaki que lutavam nas minas dirigiam suas queixas para ele e juntos eles conversavam sobre suas insatisfações mútuas.

Então, um dia, quando Enlil chegou à área de mineração numa viagem de inspeção, foi dado o sinal. Houve um motim. Os Anunnaki saíram das minas, atiraram suas ferramentas no fogo, dirigiram-se para a casa onde Enlil estava e cercaram-na, gritando: "Basta!”

Enlil entrou em contato com Anu e ofereceu-se para desistir do comando e voltar ao seu planeta. Anu veio à terra. Montou-se uma corte marcial. Enlil exigiu que o instigador do motim fosse condenado à morte. Os Anunnaki, como um todo, recusaram-se a divulgar sua identidade. Ouvindo os depoimentos, Anu concluiu que, na verdade, o trabalho era duro demais. Mas como interromper a mineração do ouro?

Foi então que Ea ofereceu uma solução. Contou que, no sudeste da África, vagava um ser que poderia ser treinado para executar algumas das tarefas de mineração, desde que a "marca dos Anunnaki" pudesse ser colocada neles. Ea referia-se aos homens e mulheres que tinham evoluído na Terra, mas que ainda estavam num nível de evolução muito distante do atingido pelos habitantes do 12º. Planeta. Depois de muita deliberação, ele recebeu carta branca: "Crie um Lulu, 'um trabalhador primitivo'; que ele suporte o jugo dos Anunnaki".

Ninhursag, na qualidade de Primeiro Oficial Médico, iria ajudá-lo na empreitada. Houve muitas tentativas e erros até se encontrar o procedimento correto. Extraindo o óvulo de uma mulher-macaco, Ea e Ninhursag o fertilizaram com o esperma de um jovem astronauta. Em seguida implantaram esse ovo não no útero da mulher-macaco, mas no de uma astronauta. Finalmente foi conseguido o "Modelo Perfeito" e Ninhursag gritou de alegria: "Eu o criei! Minhas mãos o fizeram!" E levantou para todos verem o primeiro Homo sapiens - o primeiríssimo bebê de proveta da Terra!

Porém, como qualquer outro híbrido, o terráqueo não podia procriar. Para se obter mais trabalhadores primitivos, outros óvulos de mulheres-macacos foram extraídos, fertilizados e reimplantados em úteros de "deusas do nascimento" - catorze de cada vez, das quais sete gerariam homens e sete, mulheres. À medida que os terráqueos começaram a se encarregar do trabalho de mineração no sudeste da África, os Anunnaki que labutavam na Mesopotâmia passaram a invejar seus colegas e começaram a clamar pela ajuda de trabalhadores primitivos. Apesar das objeções de Ea, Enlil apoderou-se de alguns terráqueos e levou-os para E.DIN - "A Morada dos Justos" na Mesopotâmia. O evento está registrado na Bíblia: "Iahweh Deus tomou o homem e o colocou no Jardim do Éden para cultivar e guardar".

Durante esse tempo todo, os astronautas que tinham vindo à Terra preocupavam-se com o problema da longevidade. Seus relógios biológicos estavam ajustados para seu próprio planeta. O tempo que ele levava para fazer uma órbita completa em torno do Sol era para seus habitantes um ano do ciclo de vida. Todavia, num único ano desses, a Terra orbitava o Sol 3.600 vezes, ou seja, 3.600 anos para a vida originária da Terra. Para manter seus ciclos vitais mais longos na Terra mais veloz, os astronautas consumiam um "Alimento da Vida" e uma "Água da Vida", que vinham do seu planeta natal. Nos laboratórios biológicos de Eridu, cujo emblema era o

sinal das Serpentes Enlaçadas, Ea tentava desvendar os segredos da vida, reprodução e morte. Por que os filhos nascidos de astronautas na Terra envelheciam tão mais rápido do que seus pais? Por que os homens-macacos tinham vida tão curta? Por que o híbrido Homo sapiens vivia bem mais do que o homem-macaco, mas tinha uma existência breve quando comparada com a dos visitantes à Terra? Seria devido a fatores ambientais ou a tendências genéticas?
Realizando novas experiências na manipulação genética de híbridos, e usando seu próprio esperma, Ea encontrou um outro "modelo perfeito" de terráqueo. Adapa, como o chamou, tinha uma inteligência maior e, acima de tudo, a capacidade de procriar, mas não possuía a longevidade dos astronautas:

Com amplo entendimento ele o aperfeiçoara...
Para ele dera o Conhecer;
A vida Eterna não lhe concedeu.

Assim Adão e Eva do Livro do Gênesis receberam a dádiva ou fruto não apenas do Conhecimento, mas também do Conhecer - o termo bíblico hebraico para a cópula com a intenção de gerar descendentes. Encontramos esse conto "bíblico" ilustrado num desenho sumério arcaico.
Enlil ficou indignado ao descobrir o que Ea fizera. Jamais se pretendera que o homem fosse capaz de procriar como os deuses. Ficou se perguntando o que viria em seguida. Ea daria ao homem uma vida eterna? No 12º. Planeta, Anu também ficou perturbado. "Levantando-se de seu trono, ordenou: Que tragam Adapa para cá"!
Temendo que seu humano aperfeiçoado fosse destruído na Morada Celestial, Ea instruiu-o para evitar o alimento e a água que lhe seriam oferecidos, pois conteriam veneno. Ele o aconselhou:

Adapa,
Tu estás indo diante de Anu, o Governante.
Tomarás a estrada para o céu.
Quando ao céu tu tiveres subido
E te aproximado do portão de Anu,
Nele encontrarás Tammuz e Gizzida esperando...
Eles falarão com Anu;

Farão com que o rosto benigno de Anu te seja mostrado.
Quando estiveres diante de Anu,
Quando te oferecerem o Pão da Morte,
Tu não o comerás.
Quando te oferecerem a Água da Morte,
Tu não a beberás...

"Então ele o fez tomar a estrada para o céu e para o céu Adapa subiu." Quando Anu viu Adapa, ficou impressionado com sua inteligência e o quanto aprendera de Ea sobre "o plano do Céu e da Terra". "O que faremos com ele?", perguntou aos seus conselheiros, já que Ea o "distinguira fazendo um Shem para ele" - permitindo que Adapa viajasse numa nave espacial da Terra para Marduk.

A decisão foi manter Adapa permanentemente em Marduk. Para ele poder sobreviver, "o Pão da Vida lhe foi trazido", bem como a Água da Vida. Porém, alertado por Ea, Adapa recusou-se a comer e a beber. Quando suas falsas razões foram descobertas, já era tarde demais; a oportunidade de obter a vida eterna havia passado.

Adapa foi devolvido à Terra - uma viagem durante a qual viu o "terrificante" espaço, "do horizonte do Céu ao zênite do Céu". Os deuses o ordenaram como Alto Sacerdote de Eridu e Anu lhe prometeu que dessa data em diante a Deusa da Cura trataria também dos males da humanidade. Porém, a meta máxima do mortal - a vida eterna - não seria mais alcançada.

Daí em diante, a raça humana proliferou. Os humanos não eram mais apenas escravos nas minas ou servos nos campos. Eles executavam todas as tarefas, construíam "casas" para os deuses - que chamamos "templos" - e logo aprenderam a cozinhar, dançar e tocar música para eles. Não demorou muito e os jovens Anunnaki, carentes de companhia feminina, começaram a fazer sexo com as filhas dos homens. Uma vez que todos provinham da mesma primeira semente da Vida e o homem era um híbrido criado com a "essência" genética dos Anunnaki, os astronautas e terráqueas descobriram que eram biologicamente compatíveis "e deles nasceram filhos".

Enlil observava esses eventos com crescente apreensão. O propósito original da chegada à Terra, o sentido da missão, de dedicação à tarefa não existiam mais. A principal preocupação dos Anunnaki parecia ser uma boa vida, e pior, na companhia de uma raça de híbridos!

Foi a própria natureza que ofereceu a Enlil a oportunidade de colocar um fim na deterioração dos costumes e ética dos Anunnaki. A Terra estava

entrando numa nova Idade do Gelo e o clima agradável sofria mudanças. À medida que ele ia esfriando, também se tornava mais seco. As chuvas tornaram-se menos freqüentes, as águas dos rios mais escassas. As colheitas fracassaram, a fome se espalhou. A Humanidade começou a enfrentar grandes sofrimentos; filhos escondiam alimentos de seus pais, mães comiam suas crianças. A pedido de Enlil, os deuses evitaram ajudar a Humanidade: "Eles que morram de fome, eles que sejam dizimados", decretou Enlil.

No "Grande Abaixo" - na Antártida - a Idade do Gelo também estava causando mudanças. De ano para ano a calota de gelo que cobria o continente no pólo sul tornava-se mais espessa. Sob a crescente pressão de seu peso, houve um aumento do atrito e calor em sua face interior. Logo a imensa calota flutuava numa placa escorregadia de lama. Na estação orbital veio o alerta: a calota de gelo estava entrando em equilíbrio instável; se ela escorregasse do continente para o oceano a imensa onda causada pelo impacto cobriria toda a Terra!

O perigo era iminente. No céu, o 12º. Planeta estava voltado para seu ponto mais próximo da Terra, entre Júpiter e Marte. Como já acontecera em ocasiões anteriores, sua força gravitacional causaria terremotos e instabilidade nos movimentos da Terra. Calculava-se que essa força gravitacional desencadearia o desligamento da calota polar, inundando a Terra com um dilúvio global. Os próprios astronautas não ficariam imunes à catástrofe.

Enquanto iniciavam-se os preparativos para juntar todos os Anunnaki perto do espaço-porto e deixar prontas as naves que os levariam para o espaço antes de a onda chegar, foram empregadas artimanhas para manter em segredo para a Humanidade o desastre iminente. Temendo a invasão do espaço-porto por uma turba desesperada, todos os deuses foram obrigados a jurar que não revelariam o segredo. "Quanto aos homens", disse Enlil, "eles que pereçam; que a semente do terráqueo seja eliminada da face da Terra."

Em Suripak, a cidade governada por Ninhursag, as relações entre o homem e os deuses tinham atingido seu ponto máximo. Lá, pela primeira vez, um terráqueo atingira a posição de rei. Com o crescimento dos sofrimentos da raça humana, ZI.U.SUD.RA (como os sumérios o chamavam) suplicou o auxílio de Ea. De vez em quando, Ea e seus marinheiros traziam clandestinamente para o rei e seu povo uma carga de peixe. Porém, agora a questão envolvia o próprio destino da Humanidade. Todo o trabalho de Ea e

Ninhursag pereceria "e viraria barro" - como Enlil desejava -, ou a semente da Humanidade deveria ser preservada?
Agindo por conta própria, mas atento ao seu voto de guardar segredo, Ea viu em Ziusudra a oportunidade de salvar a raça humana. Assim que o rei voltou para orar e suplicar no templo, Ea começou a sussurrar por trás de uma tela. Fingindo conversar consigo mesmo, deu instruções urgentes a Ziusudra:

Derruba a casa, constrói um barco!
Desiste de tuas posses, procura a vida!
Esquece o que tens, mantém tua alma viva!
Embarca a semente de todas as coisas vivas.
Esse barco construirás
Segundo as medidas.

A embarcação seria uma nave submergível, um "submarino" capaz de suportar a avalanche de água. Os textos sumérios contêm as dimensões e outras instruções estruturais para os vários conveses e compartimentos com tal riqueza de detalhes que é possível desenhar o barco, como o fez Paul Haupt. Ea também forneceu um navegador a Ziusudra, mandando-o dirigir a embarcação para o "Monte da Salvação", o monte Ararat. Sendo a cadeia de montanhas mais alta do Oriente Médio, seus picos seriam os primeiros a emergir da água.
O dilúvio veio como esperado. "Ganhando velocidade enquanto soprava" do sul, "submergindo montanhas, derrubando pessoas como numa batalha." Vendo a catástrofe de cima, enquanto orbitavam a Terra em sua nave, os Anunnaki e seus líderes perceberam o quanto tinham se enamorado da Terra e da Humanidade. "Ninhursag chorou... os deuses choraram com ela pela Terra... Os Anunnaki, tristonhos, sentavam e choravam" amontoados, gelados e famintos, em seu ônibus espacial.
Quando as águas abaixaram e os Anunnaki começaram a aterrissaram no Ararat, ficaram encantados ao descobrir que a semente da Humanidade estava salva. Porém, quando Enlil chegou, enfureceu-se ao ver que "uma alma viva escapara". Foram necessárias muitas súplicas dos Anunnaki e o poder de persuasão de Ea para fazê-lo entender seu ponto de vista - se a Terra ia ser repovoada, os serviços do homem seriam indispensáveis.

E foi assim que os filhos de Ziusudra e suas famílias foram enviados para povoar as cadeias de montanhas que flanqueavam a planície dos dois rios, esperando a hora quando essa área estivesse suficientemente seca para ser habitada. Quanto a Ziusudra, os Anunnaki:

A vida de um deus lhe deram;
Hálito eterno, como o de um deus, lhe concederam.

Isso foi conseguido através da troca do "Hálito da Terra" de Ziusudra pelo "Hálito do Céu". Então eles levaram Ziusudra, "o preservador da semente da Humanidade", e sua mulher, para "residirem no lugar longínquo".

Na Terra da Travessia,
Na Terra de Tihnun
No lugar onde Utu se eleva,
Eles o fizeram habitar.

Torna-se evidente, portanto, que as lendas sumérias sobre os deuses do Céu e da Terra, da criação do homem e do dilúvio foram a fonte da qual outras nações do antigo Oriente Médio extraíram seu conhecimento, crenças e "mitos". Já vimos como as crenças egípcias combinavam com as sumérias, como sua primeira cidade sagrada recebeu o nome em homenagem a An, como o Ben-Ben se assemelhava ao GIR sumério, e assim por diante.
Também é geralmente aceito nos dias de hoje que os relatos bíblicos sobre a Criação e os eventos que levaram ao dilúvio são versões hebraicas condensadas das tradições sumérias. O herói bíblico do dilúvio, Noé, era o equivalente do Ziusudra sumério (chamado de Utnapishtim nas versões acadianas). Todavia, enquanto os sumérios afirmavam que o herói do dilúvio fora tornado imortal, nada na Bíblia é dito a esse respeito sobre Noé. A imortalização de Henoc também recebe pouca atenção, ao contrário dos contos sumérios sobre Adapa e outros textos tratando da ascensão de escolhidos. Porém, essa abrupta atitude bíblica não foi capaz de impedir a disseminação, ao longo de milênios, de lendas sobre os heróis bíblicos e sua estada no paraíso ou seu retorno a ele.
Segundo lendas muitas antigas, que sobreviveram em várias versões originárias de uma composição com quase 2 mil anos de idade chamada O Livro de Adão e Eva, Adão adoeceu depois de completar 930 anos. Vendo o

pai "enfermo e sofrendo dores", seu filho Set ofereceu-se para ir "até o portão do paraíso mais próximo... e lamentar e suplicar a Deus; talvez ele me ouvirá e enviará Seu anjo para me trazer a fruta pela qual tu tanto ansiaste" - o fruto da Árvore da Vida.

Mas Adão, aceitando sua sina de mortal, só desejava alívio para as dores lancinantes. Assim, pediu a Eva, sua mulher, para ir em companhia de Set até "as vizinhanças do paraíso", para lá pedirem não o Fruto da Vida, mas uma única gota do "óleo da vida", que escorria da árvore sagrada, "para ungir-me com ele, de modo que eu possa ter alívio destas dores".

Tendo feito como Adão pediu, Eva e Set chegaram aos portões do paraíso e rogaram ao Senhor. Finalmente, o anjo Miguel apareceu para eles anunciando que a súplica não seria atendida. "O tempo da vida de Adão terminou", disse o anjo; sua morte não devia ser evitada ou adiada. Seis dias depois, Adão morreu.

Até mesmo os historiadores de Alexandre criaram um vínculo direto entre suas aventuras e Adão, o primeiro homem que viveu no paraíso e era prova de sua existência e poderes de conceder vida. Esse vínculo era uma pedra, única de seu tipo, capaz de emitir luz. Dizia-se que ela fora tirada do Jardim do Éden por Adão e daí passada de geração em geração até chegar às mãos de um faraó imortal, que a dera ao rei da Macedônia.

Essa trama de paralelos torna-se mais densa à medida que vamos tomando consciência da existência de outras lendas, como o antigo conto judaico que afirmava que o cajado, com o qual Moisés realizou muitos milagres, inclusive a separação das águas do lago de Juncos, foi trazido por Adão do Jardim do Éden. Adão deu-o a Henoc que por sua vez passou-o para seu bisneto Noé, o herói do dilúvio. Em seguida ele foi repassando-o pela linha de Sem, de geração em geração, até chegar a Abraão (o primeiro patriarca hebreu pós-diluviano). O bisneto de Abraão, José, levou o cajado consigo quando foi ao Egito, onde alcançou a mais alta posição na corte do faraó. Lá o cajado permaneceu entre os tesouros do reino e foi assim que chegou às mãos de Moisés, pois este foi criado na corte e vivia como um príncipe egípcio antes de fugir para a península do Sinai. Numa versão dessa lenda, o cajado era feito de uma única pedra; em outra, de um galho da Árvore da Vida que crescia no Jardim do Éden.

Nesses relacionamentos entrelaçados, voltando aos mais primevos dos tempos, também existiam lendas ligando Moisés a Henoc. Um conto judaico, chamado "A Ascensão de Moisés", fala que quando o Senhor

chamou Moisés no monte Sinai e encarregou-o de levar os israelitas para fora do Egito, este resistiu à missão por vários motivos, entre eles sua fala vagarosa e pouco eloqüente. De terminado a acabar com essa humildade, o Senhor decidiu mostrar a Moisés "os anjos", os mistérios do céu e o lugar onde ficava seu trono. Então "Deus ordenou a Metatron, o Anjo da Fisionomia, para conduzir Moisés até as regiões celestiais". Apavorado, Moisés perguntou a Metatron: "Quem és tu?" E o anjo (literalmente: "emissário") respondeu: "Sou Henoc, filho de Jared, seu ancestral". Acompanhado pelo angélico Henoc, Moisés viajou pelos sete céus, viu o inferno e o paraíso e em seguida foi devolvido ao monte Sinai, onde aceitou sua missão.

Um outro livro muito antigo lança mais luz sobre as ocorrências relacionadas com Henoc e sua preocupação com o iminente dilúvio e seu bisneto Noé. Chamado de "Livro dos Jubileus", ele também era conhecido na Antigüidade como o "Apocalipse de Moisés", pois teria sido escrito por este no monte Sinai enquanto um anjo lhe ditava as histórias do passado. (Os eruditos, contudo, acreditam que a obra foi composta no segundo século a.C.)

O relato segue de perto as narrativas bíblicas do Livro do Gênesis, mas fornece mais detalhes, como os nomes das mulheres e filhas dos patriarcas pré-diluvianos, e amplia os eventos experimentados pela Humanidade nessa época distante. A Bíblia nos informa que o pai de Henoc era Jared ("Descida"), mas não por que ele recebeu esse nome. O Livro dos Jubileus nos esclarece a respeito. Diz que os pais de Jared lhe deram esse nome:

Pois em seus dias os anjos do Senhor desceram à Terra –
Aqueles que são chamados de "Os Observadores" –
Para instruir os filhos dos homens
E implantar o julgamento e a retidão na Terra.

Dividindo as eras em "jubileus", o Livro dos Jubileus continua narrando que "no 11º. jubileu, Jared tomou para si uma esposa; Baraka ("Clarão do Raio") filha de Rasujal, uma filha do irmão de seu pai... e ela lhe deu um filho e chamou-o Henoc. Ele foi o primeiro entre os homens nascidos na Terra que aprendeu a escrita, o conhecimento e a sabedoria, e escrevia os sinais do céu de acordo com a ordem de seus meses num livro, para os homens poderem conhecer as estações do ano segundo a ordem de seus meses".

No 12º. jubileu, Henoc tomou por esposa Edni ("Meu Éden"), filha de Danel. Ela lhe deu um filho, Matusalém. Depois disso Henoc "esteve com os anjos de Deus por seis jubileus de anos e eles lhe mostraram o que existe nos céus e na Terra... e ele escreveu tudo".
Mas, àquela altura, a situação se complicava. O Gênesis conta que antes do dilúvio "os filhos dos deuses viram que as filhas dos homens eram belas e tomaram como mulheres todas as que mais lhes agradavam... Deus arrependeu-se de ter feito os homens... e Deus disse: farei os homens desaparecerem da face da Terra".
Segundo o Livro dos Jubileus, Henoc desempenhou algum tipo de papel nessa mudança de atitude do Senhor, pois "testemunhou sobre os Observadores que tinham pecado com as filhas dos homens; ele testemunhou contra todos". E foi para protegê-lo da vingança dos Anjos do Senhor pecadores que "ele foi retirado de entre os filhos do homem e levado ao Jardim do Éden". Especificamente mencionado como um dos quatro lugares de Deus na Terra, o Jardim do Éden foi o lugar onde Henoc se escondeu e escreveu seu Testamento.
Noé, o homem íntegro escolhido para sobreviver ao dilúvio, nasceu depois desses acontecimentos. Seu nascimento, ocorrido em épocas conturbadas, quando os "filhos dos deuses" relacionavam-se sexualmente com as mortais, causou uma crise conjugal na família. Como o Livro de Henoc nos conta, Matusalém "escolheu uma mulher para seu filho, Lamec, e ela engravidou e deu à luz um filho". Porém, quando o bebê - Noé - nasceu, havia algo de incomum:

Seu corpo era branco como a neve e vermelho como o desabrochar de uma rosa; seus cabelos e longos cachos eram brancos como a neve; seus olhos eram belos.
Quando ele abriu os olhos, iluminou a casa toda como o sol e a casa ficou muito brilhante.
Quando a parteira o ergueu, ele abriu a boca e conversou com o Senhor da Justiça.

Chocado, Lamec correu para seu pai, Matusalém, e falou:

Gerei um filho estranho, diferente do homem e parecido com os filhos do Deus do Céu, sua natureza é diversa, ele não é semelhante a nós...

E parece que não se originou de mim, mas dos anjos.

Desconfiando de que sua mulher fora impregnada por um dos anjos, Lamec teve uma idéia: Já que seu avô, Henoc, estava morando entre os filhos dos deuses, por que não lhe pedir para ir ao fundo da questão? Então, dirigindo-se a Matusalém, rogou: "E agora, meu pai, peço-te e imploro que procures Henoc, teu pai, e dele fique sabendo a verdade, pois sua morada é entre os anjos".
Matusalém atendeu ao pedido de Lamec e, ao chegar à Morada Divina, chamou Henoc e contou-lhe sobre o nascimento daquele menino incomum. Depois de fazer algumas indagações, Henoc garantiu a Matusalém que Noé era realmente filho de Lamec e que seu aspecto incomum anunciava que algo estava por vir: "Haverá um grande dilúvio e uma enorme destruição durante um ano, e só esse filho, que deverá receber o nome de Noé ("Descanso"), e sua família serão salvos". Esses acontecimentos do futuro, explicou Henoc ao seu filho, Eu li nas tábulas celestiais.
O termo empregado nessas escrituras antigas, mesmo que ex-bíblicas, para designar os "filhos dos deuses" envolvidos em bobagens antediluvianas, é Observadores. Trata-se do mesmo termo, Neter, que os egípcios usavam para os deuses e é o significado exato do nome Shumer, o local de sua aterrissagem.
Os vários livros antigos que lançam essa nova luz sobre os dramáticos eventos antediluvianos foram preservados em várias versões que são todas apenas traduções (diretas ou indiretas) de originais hebraicos há muito perdidos. No entanto, sua autenticidade foi confirmada pela famosa descoberta dos Manuscritos do Mar Morto, acontecida há poucas décadas, pois entre eles havia fragmentos de pergaminhos que sem dúvida eram parte dos originais em hebraico dessas "memórias de patriarcas".
De particular interesse para nós é um fragmento que trata do nascimento de Noé, do qual podemos aprender o termo original hebraico que tem sido traduzido como "Observadores" ou "Gigantes", não apenas em versões antigas, mas até mesmo por eruditos modernos, como T. H. Gaster (The Dead Sea Scriptures) e H. Dupont-Sommer (The Essene Writings from Qumran). Segundo esses estudiosos, a coluna II desse fragmento começa assim:

Veja, pensei em meu coração que a concepção era de um dos Observadores, um dos Santos, e (que a criança realmente pertencia) aos Gigantes.
E meu coração mudou dentro de mim por causa da criança.
Então eu, Lamec, apressei-me e fui a Bath-Enosh (minha) mulher, e lhe disse:
[Quero que jures] pelo Altíssimo, pelo Senhor Supremo, o rei de todos os mundos,
O governante dos Filhos do Céu, que tu me contarás com verdade se...

No entanto, quando examinamos o original em hebraico, vemos que ele não diz "Observadores", mas Nefilim - o exato termo usado no Livro do Gênesis, Capítulo 6.
Assim, textos e lendas antigas confirmam-se uns aos outros: A época antes do dilúvio foram os dias em que "Os Nefilim estavam sobre a Terra - os Poderosos, o Povo dos Foguetes".
Nas palavras das Listas de Reis Sumérios, o dilúvio "varreu" a Terra 120 shars (120 órbitas de 3.600 anos) depois da primeira aterrissagem dos astronautas, o que o coloca a cerca de 13 mil anos atrás. Foi exatamente a época quando a última Idade do Gelo terminou abruptamente, quando começou a agricultura; 3.600 anos depois veio a Nova Idade da Pedra (como a chamam os eruditos), a idade da cerâmica. Então, 3.600 anos depois, a civilização em seu todo desabrochou na "planície entre os rios", na Suméria.
"Todo o mundo se servia de uma mesma língua e das mesmas palavras", diz o Livro do Gênesis. Porém, logo que o povo se estabeleceu no país de Sennar (Suméria) e construiu casas de adobe, ele conspirou para "construir uma cidade e uma torre cujo ápice penetre nos céus".
Os textos sumérios dos quais foi extraído esse relato bíblico ainda não foram encontrados. No entanto, encontramos alusões ao evento em várias lendas sumérias. O que emerge é um aparente esforço por parte de Ea para conseguir o apoio da humanidade com o objetivo de assumir o controle das instalações espaciais dos Nefilim - mais um incidente do feudo entre os dois irmãos, que a essa altura propagara-se para seus descendentes. Como resultado desse evento, segundo nos conta a Bíblia, Deus decidiu dispersar a humanidade e "confundir" suas linguagens, ou seja, dar-lhe civilizações diferentes e separadas.

As deliberações dos deuses na era que se seguiu ao dilúvio são mencionadas em vários textos sumérios. A chamada Epopéia de Etana declara:

Os Grandes Anunnaki que decretam o destino ficaram trocando opiniões a respeito da Terra.
Eles que criaram as quatro regiões, que fundaram as povoações, que supervisionam a Terra, estavam altos demais para a Humanidade.

A decisão de estabelecer quatro regiões separadas na Terra foi combinada com a resolução de instalar intermediários (reis-sacerdotes) entre os deuses e a Humanidade. E assim "novamente a realeza foi descida à Terra, vinda do céu".
No esforço - que provou ser inútil - para pôr um fim ou diminuir as desavenças entre as famílias de Ea e Enlil, os deuses fizeram um sorteio entre elas para determinar quem ficaria com o domínio de cada região. Como resultado, a Ásia e a Europa foram entregues a Enlil e seus descendentes, e Ea recebeu a África.
A primeira região da civilização foi a Mesopotâmia e as terras adjacentes. A área montanhosa onde começou a agricultura e o povoamento, os países que vieram a ser conhecidos como Elam, Pérsia e Assíria, foram concedidos ao filho de Enlil, NIN.UR.TA, seu herdeiro e "Principal Guerreiro". Alguns textos sumérios contam os heróicos esforços desse deus para represar os desfiladeiros e garantir a sobrevivência de seus súditos humanos nos duros tempos que se seguiram ao dilúvio.
Quando as camadas de lama que cobriam a planície entre os dois rios secou o suficiente para permitir o repovoamento, a Suméria e as terras que daí se estendiam para o oeste, até o Mediterrâneo, foram entregues a um outro filho de Enlil, NAN.NAR (Sin em acadiano). Um deus benevolente, ele supervisionou a reconstrução da Suméria, reedificando as cidades antediluvianas em seus locais originais e fundando outras. Entre estas últimas estava sua favorita, Ur, a cidade onde nasceu Abraão. Nannar era sempre desenhado acompanhado pelo símbolo da lua crescente, a sua "contraparte" celestial. Ao filho mais novo de Enlil, ISH.KUR (que os acadianos chamavam de Adad), coube as terras a noroeste, a Ásia Menor e as ilhas do Mediterrâneo, de onde a civilização - "realeza" - acabou espalhando-se para a Grécia. Tal como veio acontecer com Zeus na Grécia, Adad era retratado montando um touro e segurando um feixe de raios.

Ea também dividiu a segunda região, a África, entre seus filhos. Sabe-se que um deles, chamado NER.GAL, reinou sobre as áreas mais meridionais do continente. Um outro filho, GI.BIL, aprendeu com o pai as artes da mineração e metalurgia, e assumiu o controle das minas africanas. Um terceiro filho, o favorito de Ea, recebeu dele o nome de MAR-DUK, em homenagem ao seu planeta natal, e aprendeu com o pai todo o conhecimento das ciências e astronomia. (A cerca de 2.000 a.C., Marduk usurpou a soberania da Terra e foi declarado Deus Supremo da Babilônia e "dos Quatro Cantos da Terra".) E, como já vimos, um quarto filho de Ea, cujo nome egípcio era Ra, presidiu a implantação do núcleo básico dessa região, a civilização do vale do Nilo.

A terceira região, como foi descoberto há apenas cinqüenta anos, ficava no subcontinente da Índia. Lá também uma grande civilização cresceu na Antiguidade, cerca de mil anos depois da Suméria. Ela é chamada de civilização do vale do Indo e seu centro era uma cidade real desenterrada num local chamado Harapa. Seu povo prestava homenagem não a um deus, mas a uma deusa, retratando-a em estatuetas de gesso como uma mulher sedutora, enfeitada com colares e os seios salientados por faixas que cruzavam seu corpo.

Como a escrita da civilização do Indo permanece indecifrada, ninguém sabe por que nome os harapanos chamavam sua deusa ou quem ela era exatamente. Concluo, porém, que ela era a filha de Sin, a quem os sumérios chamavam de IR.NI.NI ("A Dama Forte e Perfumada") e os acadianos de Ishtar. Os textos sumérios falam do domínio dessa deusa sobre um país longínquo chamada Arata, uma terra com colheitas de grãos e celeiros, tal como Harapa para onde ela fazia viagens aéreas, vestida de piloto.

Foi a necessidade de um espaço-porto que resultou na separação de uma quarta região para uso exclusivo dos Grandes Anunnaki. Todas as instalações espaciais da época em que tinham chegado à Terra - o espaço-porto em Sippar, o Centro de Controle da Missão em Nippur - foram arrastadas pelo dilúvio. A planície da Mesopotâmia ficava numa área de baixa altitude e continuaria lamacenta por milênios, impedindo a reconstrução desses complexos vitais. Um outro lugar, mais elevado porém adequado, afastado porém acessível, tinha de ser encontrado para o espaço-porto e suas instalações auxiliares. Seria uma "zona sagrada" - uma área restrita, na qual só se entraria com permissão especial. Em sumério ela era chamada de TIL.MUN - literalmente, a "Terra dos Mísseis".

Quem ficou à testa desse espaço-porto pós-diluviano foi o filho de Sin, e assim neto de Enlil, um irmão gêmeo de Irnini/Ishtu. Seu nome era UTU ("O Brilhante") - Shamash em acadiano. Foi ele que liderou com sucesso a Operação Dilúvio - a evacuação de Sipar. Sendo o chefe dos homens do espaço baseados na Terra, os "Águias", ele orgulhosamente usava seu uniforme de águia nas ocasiões formais.
Nos dias antes do dilúvio, segundo diziam as tradições, alguns poucos mortais escolhidos tinham conseguido decolar do espaço-porto: Adapa, que perdeu a oportunidade de se tornar imortal, Enmeduranki, a quem os deuses Shamash e Adad transportaram à Morada Celestial para ser iniciado nos segredos sacerdotais (e depois devolvido à Terra), e também Ziusudra ("Seus Dias de Vida Prolongados"), herói do dilúvio, que, junto com sua mulher, foi levado para viver em Tilmun.
Na época pós-diluviana, diziam os registros sumérios, Etana, um dos primitivos governantes de Kish, foi levado de Shem para a Morada dos Deuses, onde lhe seria concedida a Planta do Rejuvenescimento e Nascimento (mas ele também ficou assustado demais para completar a viagem). E o faraó Tutmés III afirmava em suas inscrições que o deus Ra o levara para o alto, mostrara-lhe os céus e depois o devolvera à terra:

Ele me abriu as portas do Céu.
Abriu para mim os portais de seu horizonte.
Voei para o firmamento como um falcão divino...
Para poder ver seus misteriosos modos no Céu...
Saciei-me com a compreensão dos deuses.

Nas lembranças posteriores da Humanidade, o Shem foi venerado como um obelisco e o foguete espacial saudado por "Águias" deu lugar a uma sagrada "Árvore da Vida". Mas na Suméria, onde os deuses eram uma realidade presente - tal como no Egito, quando reinaram os primeiros faraós -, Tilmun, a "Terra dos Mísseis", era um lugar real, um lugar onde o homem podia encontrar a imortalidade.
E lá, na Suméria, eles registraram a história de um homem que, sem ser convidado pelos deuses, partiu para reverter seu destino, apesar de tudo.

CAPÍTULO 7

GILGAMESH: O Rei que Não Queria Morrer

A lenda suméria sobre a primeira busca da imortalidade de que se tem notícia fala de um governante muito antigo, que suplicou ao seu divino protetor para deixá-lo entrar na "Terra dos Vivos". Os escribas da Antiguidade escreveram muitos relatos épicos sobre esse homem incomum, dizendo:

Coisas secretas ele viu;
O que está escondido do homem ele viu.
Ele até trouxe notícias dos tempos antes do dilúvio;
Ele fez a longa viagem, fatigante e difícil.
Regressou e, numa coluna de pedra, gravou sua labuta.

Desse antiqüíssimo conto sumério, só chegaram a nós menos de duzentas linhas. No entanto, conhecemos toda a história com base nas traduções feitas para todas as línguas de povos que se seguiram aos sumérios no Oriente Médio: assírios, babilônios, hititas e horreus. Todos contaram e recontaram essas lendas. As tábulas de argila onde foram registradas essas versões posteriores, algumas encontradas intactas, outras danificadas e muitas fragmentadas, prejudicando a leitura, depois de estudos que consumiram quase um século de trabalho, conseguem recompor o relato.
O núcleo básico de nosso conhecimento dessa lenda são doze tábulas em acadiano, que faziam parte da biblioteca de Assurbanipal em Nínive. Quem primeiro as trouxe à luz foi George Smith, cujo trabalho no Museu Britânico era selecionar, combinar e classificar os milhares de placas e fragmentos que chegavam ao museu vindos das escavações na Mesopotâmia. Num certo dia, sua atenção foi atraída para um pedaço de inscrição que parecia relatar a história do dilúvio. Estudando-a mais atentamente, Smith viu que não havia dúvidas: os caracteres cuneiformes, vindos da Assíria, contavam a história de um rei que procurara o herói do dilúvio e ouvira dele um relato em primeira pessoa do evento!

Com um entusiasmo bem compreensível, os diretores do museu enviaram George Smith ao sítio arqueológico específico para procurar os fragmentos que faltavam. Contando com uma boa dose de sorte, Smith encontrou-os em número suficiente para reconstruir o texto e adivinhar a seqüência correta das tábulas. Em 1876, ele mostrou, de maneira conclusiva, a seqüência, e publicou um livro sobre o assunto, The Chaldean Account of the Flood. (O Relato Caldeu Sobre o Dilúvio). Pelo estilo dos textos, Smith concluiu que eles tinham sido "compostos na Babilônia a cerca de 2000 a.C.”

De início, George Smith leu o nome do rei que procurou Noé como Izdubur e sugeriu que ele não devia ser outro senão o herói-rei bíblico Nemrod. Por algum tempo os estudiosos aceitaram essa idéia e referiam-se a esse conjunto de doze tábulas como" A Epopéia de Nemrod". No entanto, novas descobertas e pesquisas posteriores estabeleceram a origem suméria da lenda e o verdadeiro nome do herói da história: GIL.GA.MESH. Confirmou-se a partir de outros textos históricos, inclusive as Listas de Reis Sumérios, que esse homem fora governante de Uruk - a Arac da Bíblia por volta de 2.900 a.C. A Epopéia de Gilgamesh, como essa obra literária da Antiguidade atualmente é chamada, nos leva para quase 5 mil anos atrás.

É preciso conhecer a história da cidade de Uruk para captar a abrangência dramática da epopéia. Confirmando as narrativas bíblicas, os registros históricos da Suméria também relatavam que, depois do dilúvio, a realeza - dinastias reais - começou em Kish e daí foi transferida para Uruk em resultado das ambições de Irnini/Ishtar, que não gostava de seus domínios distantes da Suméria.

De início, Uruk era apenas a localização de um recinto sagrado, onde ficava uma Morada (templo) de An, o "Senhor do Céu", construída no alto de um enorme zigurate chamado E.AN.NA ("Casa de An”). Em suas raras visitas à Terra, An acabou desenvolvendo um carinho especial por Irnini e concedeu-lhe o título de IN.AN.NA - a "Amada de An" (mexericos muito antigos insinuam que esse amor não era meramente platônico) -, instalando-a no Eanna, que antes permanecia sempre desocupado.

Mas adiantava para Inanna ter uma cidade sem habitantes, um reino sem súditos? Não muito longe dali, ao sul, nas margens do golfo Pérsico, Ea vivia em semi-isolamento na cidade de Eridu, onde mantinha-se a par dos assuntos humanos, dispensando conhecimento e civilização à Humanidade. Sedutora e perfumada, Inanna fez uma visita a Ea, seu tio-avô. Embriagado

e apaixonado, ele atendeu aos desejos da sobrinha: tornar Uruk o novo centro da civilização suméria, a sede da monarquia, em substituição a Kish.
Para levar a cabo seus planos grandiosos, cujo objetivo final era sua entrada no Círculo Interno dos Grandes Doze Deuses, Inanna/ Ishtar procurou o apoio de seu irmão, Utu/Shamash. Enquanto nos dias antes do dilúvio a miscigenação entre os Nefilim e as filhas dos homens causava a ira dos deuses, a prática já não era reprovada.
Tanto é que o alto sacerdote do templo na época era um filho de Shamash com uma humana. Então, Inanna e Shamash o ungiram como rei de Uruk, dando início à primeira dinastia de reis-sacerdotes do mundo. Segundo a Lista de Reis Sumérios, ele reinou por 324 anos. Seu filho, "que construiu Uruk", governou 420 anos. Quando Gilgamesh, o quinto monarca dessa dinastia, subiu ao trono, Uruk já era um centro florescente, que dominava seus vizinhos e comerciava com terras distantes.
Sendo descendente do grande deus Shamash por parte de pai, e filho da deusa NIN.SUN, Gilgamesh era considerado "dois terços deus, um terço humano". Por isso, recebera o privilégio de ter seu nome escrito com o prefixo "divino".
Orgulhoso e autoconfiante, Gilgamesh começou seu reinado como um soberano benevolente e consciencioso, envolvido nas costumeiras tarefas de fortalecer as muralhas da cidade ou embelezar o recinto do templo. Porém, quanto mais aprendia sobre a história dos deuses e homens, mais se tornava pensativo e inquieto. Mesmo durante os momentos de diversão, seus pensamentos se voltavam para a morte. Ele viveria tanto como seus ancestrais semi-divinos em virtude de ser dois terços deus, ou o terço humano prevaleceria, determinando-lhe o tempo de vida de um mortal? Logo Gilgamesh confessou sua ansiedade a Shamash:

Em minha cidade o homem morre; oprimido está meu coração.
O homem perece; pesado está meu coração.
O homem, por mais alto que seja, não pode estender-se até o Céu;
O homem, por mais largo que seja, não pode cobrir a Terra.

"Conseguirei olhar por cima da parede?", perguntou a Shamash. "Será esse também meu destino?”
Evitando dar uma resposta direta - talvez por ele mesmo não sabê-la -, Shamash tentou fazer Gilgamesh aceitar sua sina, fosse qual fosse, e gozar a

vida enquanto podia:

Quando os deuses criaram a Humanidade,
A aquinhoaram com a morte.
A vida retiveram para si.

Portanto, prosseguiu:

Que fique cheia tua barriga, Gilgamesh.
Festeja dia e noite!
De cada dia faze uma festa de regozijo.
Dia e noite canta e dança!
Que tuas vestes estejam sempre imaculadas,
Lava a cabeça; banha-te em água.
Dá atenção ao pequeno que pega tua mão,
Deixa tua esposa deliciar-se em teu colo;
Pois este é o destino da Humanidade.

Mas Gilgamesh recusou-se a aceitar sua sina. Afinal, não era dois terços divino e só um terço humano? Por que a parte mortal, menor, e não o elemento divino deveria determinar seu destino? Andando de um lado para o outro durante o dia e inquieto à noite, Gilgamesh tentou manter-se jovem intrometendo-se na vida de recém-casados, insistindo em manter relações sexuais com a noiva antes do marido. Então, uma noite, teve uma visão que sentiu ser um presságio. Correu para a mãe e relatou-lhe o que acontecera, pedindo-lhe que interpretasse a visão:

Minha mãe,
Durante a noite, tendo ficado excitado,
Vaguei de um lado para o outro.
No meio (da noite) surgiram presságios.
Uma estrela tornou-se cada vez maior no céu.
O artesanato de Anu desceu em minha direção!

"O artesanato de Anu" que desceu dos céus caiu na Terra perto de Gilgamesh. Ele continuou a relatar:

Tentei levantá-lo; era pesado demais para mim.
Procurei sacudi-lo;
Não consegui movê-lo ou erguê-lo.

Enquanto tentava soltar o objeto, que deve ter se enterrado profundamente no solo, "o populacho atirou-se sobre ele, os nobres o cercaram". A queda do "artesanato de Anu" aparentemente foi observada por muita gente, pois "toda Uruk juntou-se em torno dele".
Os "heróis" - os homens fortes - ajudaram o rei em seus esforços para deslocar o objeto. "Os heróis o pegaram por baixo e eu puxei-o pela parte dianteira."
Embora o objeto não esteja completamente descrito nos textos, com toda a certeza não era um meteoro qualquer, mas um objeto manufaturado, digno de ser chamado de artesanato do grande Anu. Tudo indica que o leitor antigo não necessitava de maiores elaborações por estar familiarizado com o termo ou com o desenho do objeto, talvez algo como está mostrado num antigo selo cilíndrico real.
O texto de Gilgamesh descreve a parte inferior, que foi agarrada pelos heróis, usando um termo que pode ser traduzido por "pernas". Todavia, o objeto tinha também outras partes bem destacadas e podia-se até entrar nele, como fica claro pela continuação do relato de Gilgamesh sobre os eventos daquela noite:

Apertei com força a parte de cima.
Não consegui retirar a tampa nem levantar o Ascensor...
Com um fogo destruidor, no topo eu o rompi e entrei em suas profundezas.
Levantei a parte móvel
Aquela que Puxa para a Frente
E trouxe-a para ti.

Gilgamesh estava certo de que o aparecimento do objeto era um presságio dos deuses sobre seu destino. Sua mãe, a deusa Ninsun, contudo, teve de desapontá-lo. O que desceu do céu como uma estrela, falou, prevê a chegada de "um robusto camarada que salva; um amigo que virá para ti... ele é o mais poderoso da região... jamais te abandonará. Esse é o significado de tua visão".

Ninsun sabia do que estava falando pois, sem o conhecimento do filho e atendendo às súplicas do povo de Uruk para que se fizesse algo capaz de divertir o inquieto rei, os deuses arranjaram um homem selvagem para entrar na cidade e se engalfinhar em lutas com Gilgamesh. Seu nome era ENKI.DU - "A Criatura de Enki" -, um tipo de homem da Idade da Pedra que vivia nos territórios inóspitos, entre os animais. "Ele tinha o hábito de sugar o leite de criaturas selvagens." Esse homem costumava ser retratado nu, barbado e cabeludo, em geral acompanhado de seus amigos animais.
Desejando domesticá-lo, os nobres de Uruk contrataram uma prostituta. Enkidu, que até então só conhecera a companhia de animais, readquiriu seu elemento humano ao fazer amor com a mulher várias vezes. Depois disso, a prostituta levou-o para um acampamento na periferia da cidade, onde lhe foram ensinados a língua, as maneiras de Uruk e hábitos do rei. "Contenha Gilgamesh, seja um adversário a sua altura!", disseram os nobres a Enkidu.
O primeiro encontro entre os dois homens aconteceu à noite, quando Gilgamesh, tendo deixado o palácio, vagava pelas ruas à procura de aventuras sexuais. Enkidu enfrentou-o, barrando seu caminho. "Eles se atracaram, firmes como touros." Paredes estremeceram, batentes desmoronaram, enquanto os dois lutaram. Finalmente, "Gilgamesh dobrou o joelho e a luta terminou. Ele perdeu para o estranho". "Aplacada sua fúria, Gilgamesh virou de costas." Nesse momento, Enkidu dirigiu-se a ele e o rei recordou-se das palavras de sua mãe. Então esse homem era seu novo "amigo robusto". "Eles se beijaram e estabeleceram uma amizade."
À medida que os dois se tornavam amigos inseparáveis, Gilgamesh revelou a Enkidu seu temor do destino de um mortal.
Ao ouvir isso, "os olhos de Enkidu encheram-se de lágrimas, enfermo ficou seu coração, amargurado suspirou". Depois, disse ao amigo que havia um jeito de ele esquivar-se de sua sina, forçando sua entrada na Morada dos Deuses. Lá, se Shamash e Adad o apoiassem, os deuses poderiam lhe dar a condição de divindade a que tinha direito.
A "Morada dos Deuses", contou Emkidu, ficava na "Montanha dos Cedros". Ele a descobrira por acaso, contou, enquanto vagava pelos territórios inóspitos com seus amigos animais. O local, contudo, era guardado por um terrível monstro chamado Huwawa:

Eu a descobri, meu amigo, nas montanhas,
Enquanto vagava com os animais selvagens.

Por muitas léguas ela se estende na floresta;
Eu entrei nela.
Huwawa (está lá); seu rugido é como uma inundação,
Sua boca é fogo, seu hálito é morte...
O vigia da Floresta de Cedros, o Guerreiro Flamejante,
É poderoso, jamais descansa...
Designou-o Enlil para manter a Floresta de Cedros
Um terror para os mortais.

O fato de a principal tarefa de Huwawa ser impedir os mortais de entrar na Floresta de Cedros só espicaçou a determinação de Gilgamesh de ir àquele lugar. Com toda a certeza era lá que conseguiria se juntar aos deuses e escapar de sua sina de mortal.

Quem, meu amigo, pode escalar o céu?
Só os deuses, indo ao lugar subterrâneo de Shamash.
Os dias da Humanidade são numerados, nada alcançaram senão o vento.
Mesmo tu tens medo da morte, apesar de teu poder heróico.
Portanto, deixe-me ir a tua frente, que tua boca me diga:
"Avança, não tema!”

O plano era este: irem "ao lugar subterrâneo de Shamash", na Montanha dos Cedros, para conseguirem "escalar o céu", como fazem os deuses. Mesmo o mais alto dos homens, como salientava Gilgamesh antes, "não consegue estender-se até o céu". Mas agora ele pelo menos sabia onde ficava o lugar do qual o céu podia ser escalado. Então caiu de joelhos e rezou a Shamash: "Deixe-me ir, oh, Shamash! Minhas mãos estão erguidas em oração... ao Local de Aterrissagem, dê a ordem... Cubra-me com tua proteção!”
Infelizmente, a tábula que contém o texto em questão está quebrada e perderam-se as linhas que contêm a resposta do deus. Todavia, ficamos sabendo que "quando Gilgamesh examinou seu presságio... lágrimas escorreram pelo seu rosto". Aparentemente ele recebeu permissão de ir em frente - mas por sua conta e risco. Gilgamesh decidiu prosseguir e lutar contra Huwawa sem o auxílio do deus. "Se eu fracassar", disse, "o povo se lembrará de mim. Gilgamesh, dirão, tombou lutando com o feroz Huwawa." E continuou: "Mas, se eu tiver êxito, obterei um Shem, "o veículo com o qual se atinge a eternidade".

Enquanto Gilgamesh ordenava a produção de armas especiais para lutar contra Huwawa, os conselheiros de Uruk tentaram dissuadi-lo da empreitada. "Ainda és jovem, Gilgamesh", por que se arriscar a encontrar a morte numa aventura imprevisível, "onde não sabes o que conseguirás?" Reunindo todas as informações disponíveis sobre a Floresta de Cedros e seu guardião, alertaram o rei:

Ouvimos que Huwawa tem uma constituição impressionante.
Quem é capaz de enfrentar suas armas?
Desigual é a luta com a máquina de sitiar, Huwawa.

Mas Gilgamesh só "olhou a sua volta, sorrindo para seu amigo". Os boatos de que Huwawa era um monstro mecânico, "uma máquina de sitiar", só serviram para aumentar sua crença de que ele seria facilmente controlado pelas ordens dos deuses Shamash e Adad. Porém, como não obtivera de Shamash uma clara promessa de auxílio, decidiu recorrer a sua mãe: "De mãos dadas, Gilgamesh e Enkidu foram ao Grande Palácio, à presença de Ninsun, a grande rainha. Gilgamesh adiantou-se ao entrar no palácio: Oh, Ninsun... decidi fazer uma longa viagem ao lugar de Huwawa; uma batalha incerta irei enfrentar; trilhas desconhecidas percorrerei. Oh, mãe, ore a Shamash por mim?“
Atendendo ao pedido, "Ninsun entrou em sua câmara, vestiu o traje que assenta em seu corpo, o adorno que assenta em seu colo... pôs a tiara". Em seguida, ergueu as mãos em prece para Shamash - e colocou todo o ônus da aventura sobre ele: "Por que, tendo me dado Gilgamesh como filho", disse, falando retoricamente, "tu o dotaste de um coração inquieto? E agora tu o influenciaste a empreender uma longa jornada, ao lugar de Huwawa!" Dito isso, Ninsum pediu a proteção do deus para o filho:
Até ele atingir a Floresta de Cedros.
Até ele matar o feroz Huwawa.
Até o dia em que for e voltar.

Quando a população da cidade soube que seu rei iria mesmo ao Local de Aterrissagem, "aproximou-se dele", desejando-lhe sucesso. Os conselheiros foram mais práticos: "Deixa Enkidu entrar a tua frente; ele conhece o caminho... na floresta, que ele penetre nas trilhas de Huwawa... o que vai à frente, salva teu companheiro!" Eles também invocaram as bênçãos de

Shamash. "Que Shamash te conceda teu desejo; o que tua boca falou, que ele mostre aos teus olhos; que ele abra para ti o caminho barrado, a estrada revele para teus passos, a montanha descerre para teus pés!”
Ninsun disse algumas palavras de despedida. Virando-se para Enkidu, pediu-lhe para proteger Gilgamesh: "embora não tenhas saído de meu ventre, aqui te adoto pata guardares o rei como teu irmão!" Em seguida, colocou seu emblema no pescoço de Enkidu.
E os dois amigos partiram para sua perigosa aventura.

A quarta tábula da Epopéia de Gilgamesh é dedicada à jornada dos dois amigos pela Floresta de Cedros. Infelizmente ela está tão quebrada que, apesar da descoberta de fragmentos paralelos em língua hitita, é impossível montar-se um relato coerente.
Está claro, todavia, que eles viajaram por muito tempo, dirigindo-se para oeste. De tempos em tempos, Enkidu tentava persuadir Gilgamesh a desistir da empreitada. Huwawa, ele falou, pode ouvir uma vaca caminhando a 60 léguas de distância. Sua "rede" alcança longe; seu rugido reverbera do "Lugar Onde é Feita a Subida" até Nippur. Uma fraqueza se apodera de quem se aproxima dos portões da floresta. "Voltemos", rogou; mas o rei estava irredutível.

À montanha verde os dois chegaram.
Suas palavras foram silenciadas.
Eles se imobilizaram.
Parados, contemplaram a floresta;
Olharam a altura dos cedros,
Olharam a entrada da floresta.
Onde Huwawa costumava se mover, retas eram as pegadas, um canal flamejante.
Eles contemplaram a Montanha dos Cedros,
Morada dos Deuses,
A Encruzilhada de Ishtar.

Impressionados e cansados, os dois deitaram-se para dormir. No meio da noite, acordaram. "Tu me despertaste?", perguntou Gilgamesh a Enkidu, que prontamente negou. Nem bem tinham voltado a dormir quando

Gilgamesh de novo acordou o amigo. Vira algo espantoso, afirmou, embora não tivesse certeza se estava dormindo ou desperto:

Em minha visão, meu amigo,
O solo alto desmoronou.
Atirou-me ao chão, prendeu meus pés...
O olhar era dominador!
Um homem surgiu;
O mais belo do país era ele...
Tirou-me de sob o solo desbarrancado.
Deu-me água para beber; meu coração se aquietou.
No chão colocou meus pés.

Quem seria esse "homem" - "o mais belo do país" - que tirou Gilgamesh de sob o solo desbarrancado? O que seria aquele "olhar dominador" que acompanhara o deslizamento do talude? Enkidu não encontrou respostas. Cansado, virou-se e adormeceu. Porém, mais uma vez a tranqüilidade da noite foi perturbada.

No meio da vigília, o sono de Gilgamesh terminou.
Ele levantou-se, dizendo ao amigo:
Amigo, tu me chamaste?
Por que estou desperto?
Não me tocaste?
Por que estou tão assustado?
Algum deus passou por aqui?
Por que tenho a carne entorpecida?

Negando que acordara Gilgamesh, Enkidu deixou-o convencido de que "um deus passara por ali". Intrigados, os dois adormeceram, só para serem novamente acordados. E foi assim que Gilgamesh descreveu o que viu:

A visão que tive foi espantosa!
Os céus gritaram, a terra rugiu.
Embora o alvorecer se aproximasse, veio a escuridão.
Relâmpagos cintilaram, uma chama se ergueu.
As nuvens se avolumaram; choveu morte!
Então o fulgor desapareceu; o fogo apagou.

E tudo o que caíra transformou-se em cinzas.

Gilgamesh deve ter se dado conta de que testemunhara a subida de uma "Câmara Celestial": o solo estremecendo com a ignição e o rugido dos motores; as nuvens de pó e fumaça envolvendo a área, escurecendo o céu da madrugada; o brilho do fogo das turbinas visto através das nuvens espessas; e - enquanto a nave subia - seu fulgor desaparecendo. Sem dúvida nenhuma, "uma visão espantosa"! No entanto ela só serviu para encorajar Gilgamesh a prosseguir, pois confirmava que de fato eles tinham alcançado o Local de Aterrissagem.
Pela manhã, os dois amigos tentaram penetrar na floresta, tomando cuidado para evitar "as árvores-arma que matam". Enkidu encontrou o portão do qual falara. Mas, ao tentar abri-lo, foi atirado para trás por uma força invisível, que o deixou paralisado durante dez dias.
Quando voltou a se mexer e falar, Enkidu rogou a Gilgamesh: "Não entremos no coração da floresta". Este, contudo, tinha boas notícias para o amigo. Enquanto ele dormia, recuperando-se do choque, encontrara um túnel. Pelos sons que ouvira dentro dele, tinha certeza de que estava ligado ao "recinto onde são dadas as palavras de comando". Então disse a Enkidu: "Venha, não fique aí parado, meu amigo, desçamos juntos!"
Gilgamesh devia estar certo, pois os textos sumérios afirmam que:

Penetrando na floresta,
A morada secreta dos Anunnaki ele abriu.

A entrada do túnel estava coberta (ou escondida) pela vegetação e bloqueada com terra e pedras. "Enquanto Gilgamesh cortava as árvores, Enkidu cavava." Porém, mal os dois conseguiram fazer uma pequena abertura, o terror atacou: "Huwawa ouviu o barulho e se encolerizou". O monstro surgiu em cena, procurando os intrusos. Sua aparência "era poderosa, ele tinha os dentes de um dragão; sua cara era de leão; sua chegada foi como uma inundação se aproximando". Mais assustador era seu "raio brilhante", que, emanando da cabeça do monstro, "devorava árvores e mato". De sua força mortal, "ninguém escapava". Um selo cilíndrico sumério nos mostra um rei qualquer, Gilgamesh e Enkidu ao lado de um robô mecânico, sem dúvida o "Monstro com Raios Mortais" da epopéia.

Parece, pelos fragmentos de texto, que Huwawa conseguia se armar com "sete capas". Mas, quando chegou à cena, "só uma ele vestia". Vendo nisso sua oportunidade, os dois amigos tentaram preparar-lhe uma armadilha. Quando o monstro virou-se para enfrentar os intrusos, o raio mortal que lhe saía da cabeça desenhou uma trilha de destruição.
No momento oportuno, chegou socorro dos céus. Vendo a situação em que se encontravam os dois amigos, "dos céus falou o divino Shamash" . Avisando-os para não tentarem fugir, aconselhou: "cheguem bem perto de Huwawa". Então o deus convocou uma hoste de ventos rodopiantes "que bateram nos olhos de Huwawa" c neutralizaram seu raio. Como Shamash pretendia, "os raios desapareceram, o brilho toldou-se. Logo o monstro estava imobilizado: "ele não conseguia ir nem para a frente nem para trás". Foi então que Gilgamesh e Enkidu o atacaram: Enkidu golpeou o guardião, Huwawa, fazendo-o cair ao chão. Os cedros ao longo de uma distância de 2 léguas estremeceram, tão fragorosa foi a queda do monstro. Então Enkidu "matou-o".
Alegres com a vitória, mas exaustos da batalha, os dois camaradas pararam para descansar à beira de um riacho. Gilgamesh despiu-se para se lavar. "Ele atirou longe suas coisas sujas, vestiu as limpas; enrolou no corpo uma túnica franjada, amarrada com uma faixa." Não havia motivo para pressa; o caminho para a "Morada secreta dos Anunnaki" já não estava bloqueado.
Mal sabia Gilgamesh que o desejo de uma mulher logo faria sua vitória desmoronar...
Aquele lugar, como esclarecido anteriormente na epopéia, era "A Encruzilhada de Ishtar"; a deusa costumava usar esse Local de Aterrissagem. Ela, como Shamash, devia ter assistido à batalha talvez de sua Câmara Celestial ("alada"), como mostrado num selo hitita. Vendo Gilgamesh despir-se e banhar-se, "Ishtar levantou os olhos para a beleza de Gilgamesh".
Aproximando-se do rei, ela não mediu palavras para expressar o que lhe passava pela mente:

Venha, Gilgamesh, seja meu amante!
Conceda-me o fruto de teu amor.
Tu serás meu homem, Serei tua mulher!

Prometendo carros de ouro, um palácio magnífico, soberania sobre outros reis e príncipes, Ishtar estava certa de que seduzira Gilgamesh. Todavia, ao responder, ele salientou que não tinha nada para oferecer em troca dos favores de uma deusa. E, quanto ao "amor" de Ishtar; qual seria sua duração? Mais cedo ou mais tarde, falou, ela se livraria dele "como um sapato que aperta o pé de seu dono".

Recitando a lista dos homens com quem Ishtar se deitara, Gilgamesh recusou seus favores. Furiosa com a ofensa, a deusa pediu a Anu para mandar o "Touro do Céu" para esmagar o rei.

Atacados pelo Monstro Celeste, Gilgamesh e Enkidu esqueceram-se do objetivo de sua missão e correram para se salvar. Ajudando-os a fugir na direção de Uruk, Shamash permitiu que "cobrissem a distância de um mês e quinze dias em apenas três dias". Porém, na periferia da cidade, à beira do rio Eufrates, o "Touro do Céu" os alcançou. Quando ele "resfolegou", dois fossos abriram-se no solo, grandes bastante para conter duzentos homens cada. Enkidu caiu num deles, mas conseguiu saltar para fora e matou o monstro.

Não se sabe ao certo o que era o "Touro do Céu". O termo sumério - GUD.AN.NA - também podia significar "o atacante de Anu", ou seja, seu míssil cruzador. Os artistas da Antiguidade, fascinados com o episódio, freqüentemente retratavam Gilgamesh ou Enkidu lutando com um touro de verdade, com Ishtar (e às vezes Adad) assistindo. Mas, a partir do texto da epopéia, fica claro que a arma de Anu era um engenho mecânico, feito de metal e equipado com duas pinças (os "chifres"), que, segundo a descrição, eram "fundidos de trinta minas de lápis-lazúli, cada um deles com um revestimento com dois dedos de espessura". Alguns desenhos mostram um "touro" mecânico desse tipo descendo dos céus.

Derrotado o Touro do Céu, Gilgamesh "chamou os artífices, os armeiros", para ver o monstro mecânico e desmontá-lo. Então, triunfantes, ele e Enkidu foram prestar homenagem a Shamash.

Mas, "Ishtar, em sua morada, emitiu um grito de lamentação". Enquanto, no palácio, Gilgamesh e Enkidu descansavam dos festejos que tinham durado a noite toda, os deuses supremos, na Morada dos Deuses, consideravam as queixas de Ishtar. "E Anu disse a Enlil: como o Touro do Céu eles mataram e Huwawa também mataram, ambos devem morrer." Enlil, porém, contestou: "Enkidu deverá morrer, Gilgamesh não". Então Shamash

interveio. Afinal, ele contribuíra para os acontecimentos. Por que "Enkidu, o inocente, deveria morrer?"
Enquanto os deuses deliberavam, Enkidu foi acometido de um coma. Aflito e preocupado, Gilgamesh "andava de um lado para o outro diante do divã" onde seu amigo jazia, imóvel. Lágrimas amargas escorriam-lhe pelas faces. No entanto, apesar da tristeza que sentia pelo companheiro, seus pensamentos só giravam em torno de sua constante ansiedade. Um dia, tal como Enkidu, ele também ficaria à beira da morte? Depois de tantos esforços, teria o fim de um mortal qualquer?
Na assembléia, os deuses chegaram a um consenso. A sentença de morte imposta a Enkidu foi comutada para trabalhos forçados nas minas, onde ele passaria o resto de seus dias. Para executar a sentença, levando-o para seu novo domicílio, dois emissários "vestidos de pássaros, usando asas como traje", viriam procurá-lo. Um deles, "um jovem cujo rosto é escuro e parece um homem-pássaro no semblante", o transportaria à Terra das Minas:

Ele estará vestido como uma águia.
Pelo braço te conduzirá.
"Siga-me" (dirá); ele te levará
À Casa da Escuridão.
À morada acima do solo;
À morada onde os que entram jamais saem.
Uma estrada da qual não existe volta;
Uma casa cujos moradores são privados de luz,
Onde têm poeira na boca
E barro é seu alimento.

Um selo cilíndrico ilustra a cena, mostrando um emissário alado ("anjo") levando Enkidu pelo braço.

Ouvindo a sentença dada ao seu amigo, Gilgamesh teve uma idéia. Não muito longe da Terra das Minas, tinham-lhe informado, ficava a Terra dos Vivos, um lugar para o qual os deuses levavam os humanos que recebiam a dádiva da eterna juventude.
Esse local era a "morada dos antepassados" ungidos pelos deuses com as Águas Purificadoras. Lá, compartilhando da comida e bebida dos deuses, residiam:

Príncipes reais que tinham governado nos tempos de antanho;
Como Anu e Enlil, eles são servidos de carnes temperadas,
De odres, água fresca lhes é servida.

Não seria esse o lugar para onde fora levado o herói do dilúvio - Ziusudra/Utnapishtim -, de onde Etana "ascendera ao céu"?
E assim foi que "o senhor Gilgamesh decidiu partir para a Terra dos Vivos". Anunciando a Enkidu, agora recuperado, que o acompanharia em pelo menos parte da viagem, explicou:

Oh, Enkidu,
Mesmo os poderosos fenecem, encontram o fim fatídico.
(Portanto) nessa terra entrarei,
Montarei meu Shem.
No lugar onde os Shem têm sido erigidos,
Eu um Shem erigirei.

No entanto, passar a Terra das Minas para a Terra dos Vivos não era uma questão para ser resolvida por um mortal. Com palavras fortes, Gilgamesh foi aconselhado pelos anciãos de Uruk e sua mãe, a deusa Ninsun, a primeiro obter a permissão de Utu/Shamash:

Se na terra desejas entrar,
Avisa Utu, avisa Utu, o herói Utu!
Ele é o encarregado da terra;
A terra alinhada com os cedros é governada por Utu.
Avisa Utu!

Assim alertado, Gilgamesh ofereceu um sacrifício a Utu e suplicou seu consentimento e proteção:

Oh, Utu,
Na terra desejo entrar;
Seja meu aliado!
Na terra que se alinha com os frescos cedros
Desejo entrar, seja meu aliado!

Nos lugares onde os Shem foram erigidos,
Que eu erija meu Shem!

De início, Utu/Shamash duvidou se Gilgamesh conseguiria qualificar-se para entrar naquela região. Depois, atendendo a novas preces e súplicas, avisou o rei que ele teria de percorrer uma região seca e desolada: "a poeira das encruzilhadas será teu domicílio, o deserto será tua cama... espinhos e gravetos esfolarão teus pés... a sede assolará tuas bochechas". Tentando fazer seu protegido desistir da empreitada, o deus contou-lhe que "o lugar onde os Shem têm sido erigidos" era cercado por sete montanhas e os desfiladeiros entre elas ficavam guardados por "Poderosos", que podiam lançar "um fogo chamuscante" ou um "raio que não pode ser recuado". Todavia, no final, Utu cedeu: "As lágrimas de Gilgamesh ele aceitou como oferenda; sendo misericordioso, mostrou misericórdia".
No entanto, "o senhor Gilgamesh agiu de maneira frívola". Em vez de tomar o difícil caminho terrestre, resolveu fazer a maior parte da viagem numa confortável embarcação. Quando chegassem ao porto distante, Enkidu iria para a Terra das Minas e ele se dirigiria para a Terra dos Vivos. Então escolheu cinqüenta homens jovens e sem compromissos familiares para o acompanharem e serem os remadores. Sua primeira tarefa foi cortarem e levarem para Uruk as madeiras especiais com as quais seria construído o MA.GAN – uma "galera do Egito". Os ferreiros da cidade fizeram armas poderosas. Quando tudo ficou pronto, os aventureiros partiram.
Segundo os relatos, eles navegaram descendo o golfo Pérsico, sem dúvida pretendendo dar a volta na península Arábica e depois subir pelo mar Vermelho até o Egito. Todavia, a ira de Enlil não demorou a cair sobre eles. Afinal, Enkidu não fora avisado que um homem "anjo" o pegaria pelo braço para conduzi-lo à Terra das Minas? Como então estava navegando com o irrequieto Gilgamesh numa galera real, acompanhado de cinqüenta homens armados?
Ao entardecer, Utu - que deve ter assistido com grande preocupação à partida dos dois amigos - "foi embora de cabeça erguida". As montanhas ao longo da costa distante "tornaram-se escuras, sombras espalharam-se sobre elas". Então, "parado ao lado da montanha", havia alguém que, como Huwawa, podia emitir raios "dos quais nada escapava": "Ele parecia um touro da grande casa da Terra". Tudo indica que se tratava de uma torre de

vigia. Esse "touro" ou vigia assustador deve ter interpelado o barco e seus passageiros, pois Enkidu foi tomado pelo medo. Voltemos para Uruk, suplicou. Mas Gilgamesh não lhe deu atenção. Mandou que o barco fosse dirigido para a terra, determinado a lutar com o vigia - "aquele homem, se for um homem, ou deus, se for um deus".
Nesse instante, houve uma calamidade. O "tecido de trama tripla" - a vela - rasgou. Como que empurrada por uma mão invisível, a galera virou e logo afundou. Gilgamesh e Enkidu conseguiram nadar até a praia. Ao olharem para o mar, viram a embarcação naufragada com a tripulação ainda em seus postos, os cinqüenta homens parecendo incrivelmente vivos na morte:

Depois de ele ter afundado, no mar ter afundado,
No fim de tarde em que o barco Magan tinha afundado,
Depois de o barco, cujo destino era Magan, ter afundado,
Dentro dele, como ainda criaturas vivas,
Estavam sentados aqueles nascidos de um ventre.

Os dois amigos passaram a noite na praia desconhecida discutindo sobre que caminho deveriam tomar. Gilgamesh continuava determinado a atingir a "terra". Enkidu achou melhor voltarem à "cidade" - Uruk. Logo, porém, Enkidu foi tomado de fraqueza. Gilgamesh exortou-o a agarrar-se à vida. "Meu querido e débil amigo", chamou-o carinhosamente, "eu o levarei para a terra". No entanto, "a morte, que não faz distinções", não pôde ser evitada. Gilgamesh lamentou a perda do amigo por sete dias e sete noites, "até que um verme saiu de seu nariz". De início, começou a andar sem rumo: "Por seu amigo, Enkidu, Gilgamesh chora amargamente enquanto vagueia pelo mato... com tristeza na barriga, temendo a morte, vagou pelo mato". De novo o rei preocupava-se com seu destino - "temendo a morte" -, imaginando: "Quando eu morrer, não ficarei como Enkidu?”
Então sua determinação em escapar da sina dos mortais novamente se fortaleceu. "Devo descansar minha cabeça dentro da terra e dormir pelo resto dos anos?", gritou a Shamash. "Permita que meus olhos contemplem o sol, que eu me encha de luz!" Determinando seu curso pelo movimento do sol, "para a Vaca Selvagem, para Utnapishtim, filho de Ubar-Tutu, ele tomou a estrada". Gilgamesh caminhou por trilhas virgens, sem encontrar nenhum homem, procurando comida. "Que montanhas subiu, que rios atravessou, ninguém sabe", registraram tristemente os escribas.

Depois de muito tempo, como relatam as versões da epopéia encontradas em Nínive e sítios arqueológicos hititas, Gilgamesh aproximou-se de habitações. Ele estava chegando a uma região dedicada a Sin, o pai de Shamash. "Quando atingiu um desfiladeiro durante a noite, Gilgamesh viu leões e sentiu medo."

Ele ergueu a cabeça para Sin e orou:
"Que meus passos sejam dirigidos para o lugar onde os deuses rejuvenescem... Preserva-me!"

"À noite, enquanto dormia, ele acordou de um sonho" que interpretou como um presságio de Sin avisando-o de que iria "regozijar-se na Vida"; encorajado, Gilgamesh "como uma flecha desceu para o meio dos leões". Sua batalha com as feras foi amplamente retratada não apenas na Mesopotâmia como em todos os países da Antiguidade, até mesmo no Egito.
Ao alvorecer, Gilgamesh atravessou um desfiladeiro. Lá embaixo, a distância, avistou uma grande extensão de água, como um enorme lago, "impulsionado por longos ventos". Na planície junto a esse mar interior, avistou uma cidade protegida por uma muralha. Lá ficava o templo de Sin.
No lado de fora da cidade, junto ao "mar na baixada", Gilgamesh viu uma taberna. Aproximando-se dela, encontrou "Siduri, a cervejeira", que segurava "um jarro e uma tigela de mingau dourado". Mas, ao avistar o recém-chegado, a mulher assustou-se com sua aparência. Agindo de maneira bem compreensível, a cervejaria "trancou a porta, barrou o portão". Com grande esforço, Gilgamesh convenceu-a de sua verdadeira identidade e boas intenções, contando-lhe sobre suas aventuras e o propósito de sua viagem.
Depois que Siduri permitiu-lhe descansar, beber e comer, Gilgamesh mostrou-se ansioso por continuar. "Qual é o melhor caminho para a Terra dos Vivos?", quis saber. Seria preciso dar a volta no mar interior para atingir as montanhas ou ele poderia encurtar a jornada, atravessando as águas?

Agora, cervejeira, qual é o caminho...
Quais são seus marcos?
Dê-me, oh, dê-me seus marcos?
Se for adequado, pelo mar eu irei;

Senão, a rota terrestre pegarei.

Acontece que a escolha não era assim tão simples, pois o mar que Gilgamesh tinha diante de si era o "mar da Morte".

A cervejeira disse a ele, Gilgamesh:
É impossível atravessar o mar, Gilgamesh.
Faz muito tempo que ninguém vem do outro lado do mar.
O valente Shamash o atravessou
Mas, não sendo Shamash, quem pode atravessá-lo?
Trabalhosa é a travessia, desolado o caminho;
Estéreis são as Águas da Morte que ele contém.
Como então, Gilgamesh, pretendes atravessar o mar?

Gilgamesh não respondeu e Siduri prosseguiu, revelando-lhe que talvez poderia haver um meio de ele atravessar as Águas da Morte:

Gilgamesh,
Existe Urshanabi, o barqueiro de Utnapishtim.
Com ele estão as coisas que flutuam,
Na mata ele recolhe as coisas que colam.
Vá, deixa-o contemplar teu rosto.
Se for adequado, contigo ele atravessará;
Senão, tu voltarás.

Seguindo as indicações da cervejeira, Gilgamesh encontrou Urshanabi, o barqueiro. Depois de um longo interrogatório, onde o rei teve de dizer quem era, como chegara até ali e aonde pretendia ir, o barqueiro considerou-o digno de seus serviços. Usando varas compridas, os dois impulsionaram a jangada pelo mar. Em três dias, "deixaram para trás o passar de um mês e quinze dias", ou seja, fizeram o trajeto que por terra levaria 45 dias.

Então Gilgamesh chegou a TIL.MUN - "A Terra dos Vivos".

"Que caminho deverei tomar agora?", perguntou Gilgamesh. Urshanabi disse-lhe que ele teria de chegar a uma montanha: "o nome da montanha é Mashu".

As indicações do barqueiro constam nas versões hititas da epopéia, encontradas em fragmentos de tábulas descobertas em Boghazkoy e outros sítios arqueológicos. A partir deles, como reunidos por Johannes Friedrich em Die hethitischen Bruchstükes des Gilgamesh-Epos, ficamos sabendo que o rei foi avisado para encontrar e seguir "um caminho regular" que levava para o "Grande Mar, que fica bem distante". Deveria procurar por duas colunas de pedra, ou "marcos", que, como garantiu Urshanabi, "ao destino sempre me trazem". Ao encontrá-las faria uma curva para alcançar uma cidade chamada Itla, dedicada ao deus que os hititas denominavam de Ullu-Yah ("O das Montanhas"). Só com a bênção desse deus ele poderia prosseguir em sua jornada.
Seguindo as indicações, Gilgamesh chegou a Itla. Teve a impressão de estar avistando o Grande Mar a distância. Nessa cidade, ele comeu, bebeu, lavou-se, tornando-se novamente apresentável, como convém a um rei. Mais uma vez Shamash veio em seu auxílio, aconselhando-o a fazer oferendas a Ulluyah. Levando seu protegido para junto do Grande Deus, Shamash pediu-lhe: Aceite estas oferendas, "conceda-me a vida". No entanto, Kumarbi, um outro deus muito citado nas lendas hititas, foi contra: a imortalidade não pode ser concedida a Gilgamesh, disse ele.
Parece que ao se convencer de que não conseguiria um Shem, Gilgamesh pediu uma compensação. Poderia pelo menos conhecer seu antepassado, Utnapishtim? Enquanto os deuses deliberavam, ele (talvez com a conivência de Shamash?) deixou a cidade e começou a avançar para o monte Mashu, parando diariamente para oferecer sacrifícios a Ulluyah. Depois de seis dias, chegou à montanha que, de fato, era o Lugar dos Shem.

O nome da montanha é Mashu.
À montanha de Mashu ele chegou;
Onde diariamente observava os Shem
Que iam e vinham.

As funções do monte exigiam que ele se conectasse tanto com os céus como com os Confins da Terra:

Lá no alto, à Faixa Celestial
Ele está ligado;
Embaixo, ao Mundo Inferior

Ele está ligado.

Havia um meio de se entrar no monte. No entanto, a entrada, "o portão", estava fortemente guardada.

Homens-foguete guardam seu portão,
Seu terror é espantoso, seu olhar é morte.
Seu temido farol varre as montanhas.
Eles vigiam Shamash enquanto ele sobe e desce.

(Foram encontradas várias representações mostrando seres alados ou homens-touro divinos, operando um aparelho circular talvez um holofote - montado num poste. É possível que sejam ilustrações do "temido farol que varre as montanhas").

"Ao contemplar o brilho terrível, Gilgamesh cobriu o rosto; recobrando a compostura, aproximou-se deles." Quando percebeu que o temível raio só afetara momentaneamente o recém-chegado, o homem-foguete gritou para seu companheiro: "O que vem tem o corpo de carne dos deuses!" Parece que os raios podiam atordoar ou matar humanos, mas eram inofensivos para os deuses.
Recebendo permissão de se aproximar, Gilgamesh foi solicitado a se identificar e explicar sua presença na área. Depois de contar sobre sua origem divina, ele disse que viera "à procura da Vida" e acrescentou que desejava conhecer seu antepassado, Utnapishtim.

Por causa de Utnapishtim, meu antepassado,
Eu vim.
A ele que se juntou à congregação dos deuses,
Sobre a vida e a morte desejo perguntar.

"Isso jamais foi conseguido por um mortal", disseram os dois guardas. Sem desanimar, Gilgamesh invocou Shamash e explicou que era dois terços divino. Devido a fraturas na tábula que contém o texto, não se sabe o que aconteceu logo em seguida. O fato é que finalmente os homens-foguete comunicaram a Gilgamesh que a permissão lhe fora concedida: "O portão do monte está aberto para ti!”

(O "Portão do Céu" era um motivo freqüente nos selos cilíndricos, que o mostravam como um portão alado, parecendo uma escada de mão, que levava à Árvore da Vida. Às vezes estava guardado por serpentes).
Gilgamesh entrou, seguindo "o caminho tomado por Shamash". A viagem durou doze beru (horas duplas) e durante a maior parte do percurso "ele não pôde ver nada, nem à frente nem atrás". É possível que estivesse de olhos vendados, pois o texto salienta que "para ele, não havia luz". Na oitava hora dupla, Gilgamesh gritou de medo. Na nona, "sentiu um vento norte batendo-lhe no rosto". "Quando completou onze beru, a aurora surgiu." Finalmente, terminada a 12ª. hora dupla, ele "na luminosidade habitou", Gilgamesh agora podia enxergar e o que viu foi impressionante: um recinto fechado, como o dos deuses onde "crescia" um jardim feito de pedras preciosas! A magnificência do local nos é transmitida por linhas mutiladas dos antigos textos:

Como frutos ostentam cornalinas,
As vinhas belas demais para se contemplar.
A folhagem é de lápis-lazúli;
As uvas, luxuriantes demais para se olhar,
De... pedras são feitas...
Suas... de pedras brancas...
Nas águas, juncos puros... de pedras-sasu;
Como uma Árvore da Vida e uma Árvore de...
Aquela feita de pedras An-Gug.

A descrição continua longamente. Impressionado e tomado de emoção, Gilgamesh caminhou pelo jardim. Estava, sem dúvida, num "Jardim do Éden" simulado!

Até agora não se sabe o que aconteceu em seguida, pois toda uma coluna da nona tábula de argila está fragmentada demais para ser decifrada. Quer seja no jardim artificial ou em algum outro lugar, Gilgamesh finalmente encontrou-se com Utnapishtim. Sua primeira reação ao ver um "homem de antanho" foi reparar o quanto era parecido com ele:

Gilgamesh lhe disse,
A Utnapishtim, "O Longínquo":

Enquanto te contemplo, Utnapishtin,
Tu não és nada diferente;
É como se tu eu fosse...

Então, Gilgamesh foi direto ao assunto:

Diga-me,
Tu te juntaste à congregação dos deuses
Em tua busca pela Vida?

Utnapishtim respondeu: "Eu te revelarei um assunto oculto, Gilgamesh, um segredo dos deuses te contarei". O segredo era o Conto do Dilúvio, relatando como quando Utnapishtim era o governante de Suripak e os deuses resolveram deixar o dilúvio aniquilar a Humanidade, Enki secretamente o instruiu a construir uma embarcação submersível e nela colocar sua família e "a semente de todas as coisas vivas". Um navegador fornecido pelo deus dirigiu o barco para o monte Ararat. Quando a água começou a abaixar, Utnapishtim desembarcou para oferecer sacrifícios em agradecimento. Os deuses e deusas - que orbitavam a Terra em sua nave enquanto ela era inundada - também desceram no monte Ararat e saborearam a carne assada no sacrifício. Quando Enlil também aterrissou, encolerizou-se ao ver que, apesar do voto feito por todos os deuses, Enki permitira a sobrevivência da Humanidade.
Todavia, quando sua raiva diminuiu, Enlil conscientizou-se da vantagem dessa sobrevivência. Foi então, continuou contando Utnapishtim, que o deus lhe concedeu a vida eterna:

Logo em seguida, Enlil entrou no barco.
Segurando-me pela mão, levou-me a bordo.
Ele levou minha mulher a bordo e a fez ajoelhar-se ao meu lado.
Em pé entre nós, nossas testas tocou para nos abençoar:
Até aqui Utnapishtim tem sido humano;
Daqui em diante, ele e sua mulher serão como deuses para nós.
Longe daqui Utnapishtim residirá,
Na foz dos rios.

E foi assim, concluiu Utnapishtim, que ele acabou sendo levado à Morada Longínqua para viver entre os deuses. Mas como Gilgamesh conseguiria obter o mesmo privilégio? "Agora, quem, em teu favor, pedirá para os deuses reunirem-se em assembléia para que encontres a Vida que procuras?”

Ao ouvir o conto e entender que só os deuses reunidos poderiam decretar-lhe a vida eterna, sem o que nada conseguiria, Gilgamesh desmaiou, perdendo a consciência por seis dias e sete noites. Utnapishtim, sarcástico, comentou com a mulher: "Veja só este herói que procura a Vida; com um mero sono, como a névoa ele se dissolve". Todavia, enquanto Gilgamesh dormia, o casal cuidou dele para mantê-lo vivo "para que possa voltar em segurança pelo caminho pelo qual veio, para que pelo portão pelo qual passou possa voltar a sua terra".
Urshanabi, o barqueiro, foi chamado para levar Gilgamesh de volta. No entanto, no último instante, quando o rei já estava para partir, Utnapishtim revelou-lhe mais um segredo: embora ele não pudesse escapar da morte, havia um meio de evitá-la. Para isso, teria de obter a planta secreta que os deuses comiam; assim, se manteria eternamente jovem!

Utnapishtim disse a ele, Gilgamesh:
Para cá viestes, enfrentando labuta e adversidade.
Que posso dar-te na volta a tua terra?
Eu te revelarei, Oh, Gilgamesh, uma coisa secreta;
Um segredo dos deuses te contarei;
Existe uma planta, que tem a raiz parecida com a do morangueiro espinhoso.
Seus espinhos são como os dos galhos da urze-branca.
Tuas mãos eles espetarão.
Se elas obtiverem a planta,
Nova Vida encontrarás.

A planta, ficamos sabendo pelo que aconteceu em seguida, crescia submersa:
Nem bem Gilgamesh ouviu isso, abriu o cano de água.
Amarrou pedras pesadas nos pés;
Elas o puxaram para o fundo;

Então ele viu a planta.
Pegou-a apesar de ela espetar suas mãos.
Cortou as pesadas pedras amarradas aos seus pés;
A segunda o lançou de volta para onde estava.

Enquanto voltava com Urshanabi, o barqueiro, Gilgamesh disse-lhe, triunfante:

Urshanabi,
Esta planta é única entre todas as plantas:
Com ela, um homem pode recuperar o pleno vigor!
Eu a levarei à cidade fortificada de Uruk,
Onde a planta será cortada e comida.
Que ela seja chamada
Homem Torna-se Jovem na Velhice!
Desta planta comerei e a minha juventude voltarei.

Um selo cilíndrico sumério de cerca de 1700 a.C., com cenas dessa epopéia, mostra (à esquerda) Gilgamesh seminu e despenteado, lutando com dois leões; à direita, ele exibe a Urshanabi a planta da eterna juventude. No centro, um deus segura uma estranha arma ou ferramenta em forma de espiral.
O destino, contudo, como aconteceu em tantos casos durante os milênios e séculos que se seguiram, interveio.
Enquanto os viajantes preparavam-se para a noite, Gilgamesh viu "um poço cujas águas eram frescas. Desceu até ele para banhar-se". Então veio a desgraça: "Uma cobra cheirou o perfume da planta. Chegou e levou a planta embora".

Em seguida, Gilgamesh senta-se e chora,
As lágrimas escorrendo-lhe pelo rosto.
Ele pega a mão de Urshanabi, o barqueiro.
Para quem minhas mãos trabalharam?
Para quem esgotei o sangue de meu coração?
Para mim não obtive a dádiva;
a uma serpente, a dádiva concedi...

Um outro selo cilíndrico sumério ilustra o trágico final da epopéia: o portão alado ao fundo, Urshanabi conduzindo o barco e Gilgamesh lutando com a serpente. Não tendo encontrado a imortalidade, ele agora é perseguido pelo anjo da morte.
E foi assim que, nas gerações que se sucederam, escribas copiaram e traduziram, poetas recitaram e contadores de história transmitiram o relato sobre a primeira busca infrutífera da imortalidade, a Epopéia de Gilgamesh.
E era assim que ela começava:

Que eu faça todo o país saber
Sobre aquele que viu o Túnel;
Sobre aquele que conhece os mares, que eu conte toda a história.
Ele visitou o... (?) também,
Os escondidos de vista, todas as coisas...
Coisas secretas ele viu, o que está escondido do homem encontrou.
Ele até trouxe notícias dos tempos antes do dilúvio.
Também fez a longa jornada, cansativa e cheia de dificuldades;
Ele voltou e, numa coluna de pedra, toda sua labuta gravou.

E assim, segundo as Listas de Reis Sumérios, foi como tudo terminou:
O divino Gilgamesh, cujo pai era humano, o alto sacerdote do templo, reinou por 126 anos. Ur-lugal, filho de Gilgamesh, reinou depois dele.

CAPÍTULO 8
CAVALEIROS DAS NUVENS

Sem dúvida, a viagem de Gilgamesh em busca da imortalidade foi a fonte original das muitas lendas que surgiram nos milênios subseqüentes sobre deuses, semi-deuses ou heróis de suposta origem divina que, como ele, partiram para encontrar o paraíso terrestre ou a Morada Celestial dos Deuses. Além disso, ninguém discute que a Epopéia de Gilgamesh serviu como um guia para os aventureiros de todas as épocas tentarem encontrar os marcos da Antiguidade que indicariam a localização da Terra dos Vivos e o caminho para atingi-la.

As similaridades entre os marcos geográficos, os túneis feitos pela mão do homem (os deuses), corredores, fechaduras pneumáticas e câmaras de radiação; os seres com aspecto de pássaros, os "Águias", bem como outros detalhes de maior ou menor importância, são numerosos e idênticos demais para serem meras coincidências. Ao mesmo tempo, a Epopéia de Gilgamesh pode explicar a confusão que reinou ao longo de milênios sobre a localização do ansiado alvo. Como vimos pormenorizadamente no capítulo anterior, Gilgamesh não fez apenas uma viagem, mas duas - um fato em geral ignorado pelos estudiosos modernos e talvez também pelos antigos.

O drama do rei que não queria morrer atinge seu clímax na Terra de Tilmun - a Morada dos Deuses e Lugar dos Shem. Foi lá que ele encontrou um ancestral que escapara do destino dos mortais e a planta da eterna juventude. E foi ali também que ocorreram, ao longo de milênios, outros encontros divinos e eventos que afetaram o curso da História da Humanidade. E era lá, acredito, que ficava o Duat - a Escada para o Céu.

No entanto, esse não era o destino da primeira viagem de Gilgamesh, como podemos entender acompanhando seus passos na seqüência correta. Quando ele partiu pela primeira vez em busca da imortalidade, sua idéia não era atingir Tilmun, mas o Local de Aterrissagem, na Montanhas dos Cedros, dentro da grande Floreta de Cedros.

Estudiosos como S. N. Kramer em The Sumerians consideram "crípticas e enigmáticas" as afirmações sumérias de que Shamash podia "erguer-se" não apenas de Tilmun, mas também da Terra dos Cedros. A resposta é que, além

do espaço-porto em Tilmun, do qual podia-se atingir os céus mais longínquos, havia um Local de Aterrissagem, de onde os deuses podiam "escalar o firmamento da Terra". Essa resposta é apoiada pela minha conclusão de que os deuses possuíam dois tipos de naves: os GIR, ou foguetes, operados em Tilmun, e os MU, como eram chamadas pelos sumérios as "Câmaras Celestiais". Comprovando o alto nível tecnológico dos Nefilim, a parte superior do GIR, isto é, o Módulo de Comando chamado pelos egípcios de Ben-Ben - podia se separar e voar pelo céu terrestre como um MU.

Os povos da Antiguidade viram os GIR em seus silos e até mesmo voando, mas retratavam com maior freqüência as "Câmaras Celestiais" - veículos que atualmente chamaríamos de OVNIs (Objetos Voadores Não Identificados). O que Jacó conheceu em sua visão deve ter sido parecido com a Câmara Celestial de Ishtar. A Roda Voadora do profeta Ezequiel é descrita como tendo uma forma bem semelhante à mostrada nos desenhos assírios de um deus voador percorrendo os céus ao nível das nuvens, dentro de uma "Câmara Celestial" esférica. Uma delas poderia ser também o turbilhão flamejante no qual o profeta Elias foi arrebatado para os céus.

Tal como as "Águias" sumérias, os Deuses Voadores da Antiguidade eram retratados como possuindo asas. Esses Seres Alados são a raiz da aceitação judaico-cristã da existência de querubins e anjos (literalmente: "emissários") do Senhor.

Tilmun, então, era a localização do espaço-porto. Na Montanha dos Cedros ficava o "Local de Aterrissagem", a "Encruzilhada de Ishtar" - o "aeroporto" dos deuses. E foi para esse lugar que Gilgamesh primeiro dirigiu seus passos.

Embora a identificação e a localização de Tilmun sejam uma empreitada bastante difícil, praticamente não existem problemas para se situar a Floresta de Cedros. Com exceção de ocorrências subsidiárias na ilha de Chipre, só existe uma única região com esse tipo de árvore em todo o Oriente Médio: as montanhas do Líbano. Esses magníficos cedros, que chegam a atingir uma altura de 46 metros, foram repetidamente exaltados na Bíblia e sua singularidade era reconhecida por todos os povos da Antiguidade. Como atestam as narrativas bíblicas e de outras regiões do Oriente Médio, os cedros do Líbano eram reservados para a construção e decoração dos templos ("casas dos deuses"), prática pormenorizadamente descrita em Reis I, nos capítulos que tratam da construção do templo de

Jerusalém por Salomão (Depois do Deus Iahweh ter se queixado: "Por que não me constróis uma Casa de Cedro?").
O Deus bíblico parecia bem familiarizado com os cedros e freqüentemente os empregava em suas alegorias, comparando governantes e nações com essas árvores: "A Assíria era um cedro do Líbano, com belos galhos, sombra protetora e grande estatura... as águas o nutriam, rios subterrâneos lhe proporcionavam altura" - até que a ira de Iahweh a fez tombar, quebrando-lhe os galhos. Tudo indica que o homem jamais foi capaz de cultivar essas árvores. A Bíblia registra uma tentativa fracassada. Atribuindo-a a um rei da Babilônia (factual ou alegoricamente), conta que "Ele veio ao Líbano e pegou o mais alto galho do cedro", retirando dele a melhor semente, que "plantou num campo fértil, junto a grandes águas". Mas o que cresceu não foi um cedro, mas uma árvore pequena semelhante a um salgueiro, "uma trepadeira de baixa estatura".
O Senhor bíblico, por seu lado, conhecia o segredo do cultivo dos cedros:

Assim disse o Deus Iahweh:
Da crista do cedro, dos galhos mais altos, um broto macio pegarei;
Eu o plantarei numa alta e íngreme montanha...
E ele porá galhos e gerará frutos, e tornar-se-á um poderoso cedro .

Esse conhecimento, aparentemente, derivava do fato de os cedros crescerem no "Pomar dos Deuses", onde nenhuma árvore se igualava a ele, que era "a inveja de todas as árvores que existiam no Éden, o jardim dos deuses". O termo hebraico Gan (pomar, jardim), por derivar da raiz gnn (proteger, guardar), transmite o sentido de uma área guardada e restrita - o mesmo percebido pelo leitor da narrativa de Gilgamesh, que fala numa floresta que se estende "por muitas léguas", vigiada por um Guerreiro Flamejante ("um terror para os mortais"), acessível somente através de um portão que paralisava o intruso que o tocava. Dentro dela ficava a "morada secreta dos Anunnaki". Um túnel levava ao "recinto no qual são emitidas as palavras de comando" - o "lugar subterrâneo de Shamash".
Gilgamesh quase conseguiu chegar ao Local de Aterrissagem, pois tinha a permissão e o apoio de Shamash. Mas a ira de Ishtar, furiosa por ter sido repelida em seus avanços amorosos, mudou completamente o curso dos acontecimentos. Já um outro rei mortal, segundo o Velho Testamento, teve melhor sorte. Esse homem era o soberano de Tiro, uma cidade-Estado na

costa do Líbano, a pouca distância da Montanha dos Cedros. A deidade (como contado no Capítulo 28 do Livro de Ezequiel) permitiu-lhe visitar a Montanha Sagrada:

Estiveste em Éden, pedras preciosas eram tua mata...
És um querubim ungido, protegido; coloquei-te na Montanha Sagrada.
Como um deus estavas, movendo-se dentro de pedras flamejantes.

Gilgamesh procurou entrar no Local de Aterrissagem sem ser convidado dos deuses. O rei de Tiro não somente obteve a permissão para visitar o lugar como também foi levado a passear nas "pedras flamejantes", voando como um querubim. Como resultado disso, ele dizia: "sou um deus, na Morada da Deidade sentei, no meio das águas". Ezequiel deveria informá-lo de que, por causa dessa arrogância, ele iria morrer como um pagão nas mãos de estranhos.

Vemos, assim, que tanto os hebreus dos templos bíblicos como seus vizinhos do norte conheciam a localização e natureza do Local de Aterrissagem na Montanha dos Cedros que Gilgamesh tentou penetrar no milênio anterior a eles. Não se trata, portanto, de um lugar "mitológico", mas sim de um local muito real, citado em textos e mostrado em desenhos, confirmando sua existência e funções.

No conto sobre o rei que tentou plantar um cedro, o Velho Testamento relata que ele "carregou um pequeno galho para um país de comércio" e plantou a semente "numa cidade de mercadores". Países e cidades desse tipo não precisam ser procurados muito longe, pois ao longo da costa do Líbano, desde a Anatólia, ao norte, até o sul da Palestina, havia muitas cidades litorâneas cananéias cuja riqueza e poder cresciam com o comércio internacional. As mais conhecidas através dos relatos bíblicos são Tiro e Sídon. Centros de comércio e navegação durante milênios, sua fama atingiu o auge na época em que eram governadas pelos fenícios.

Uma outra cidade, talvez o posto mais avançado dos cananeus junto à fronteira com o Império Hitita, passou milênios soterrada sobre um monte depois de sua destruição por invasores assírios. Suas ruínas foram descobertas por acaso em 1928, quando um lavrador pôs-se a arar um novo campo de cultivo perto do monte chamado Ras Shamra. As extensas escavações que se seguiram revelaram a antiga cidade de Ugarit. Entre as espetaculares descobertas estavam um grande palácio, um templo dedicado

ao deus Baal ("O Senhor") e uma variedade de artefatos. Porém, o verdadeiro tesouro eram centenas de tábulas de argila, com inscrições em escrita cuneiforme, em língua "semita ocidental", aparentada com o hebraico bíblico. As tábulas, cujo conteúdo foi sendo apresentado ao longo de vários anos por Charles Virollaud no periódico científico Syria, tiraram de uma relativa obscuridade os cananeus, sua vida, seus costumes e deuses.
No topo do panteão cananeu ficava uma divindade suprema chamada El - uma palavra que no hebraico bíblico era o termo genérico para "deidade", tendo como origem a palavra acadiana Ilu, que significa literalmente "O Altíssimo". Todavia, nos contos cananeus sobre homens e deuses, El era o nome pessoal de uma deidade real, a autoridade final em todas as questões, fossem de natureza divina ou humana. El era tanto o pai dos deuses como o Ab Adam ("pai dos homens") e tinha como epítetos "O Bondoso" e "O Misericordioso". Ele também era "o criador das coisas criadas" e "o único que podia conceder realeza". Uma estela encontrada na Palestina mostra El sentado em seu trono e sendo servido de bebida por uma deidade mais jovem, provavelmente um de seus muitos filhos. Ele usa o toucado cônico, com chifres, a marca registrada dos deuses em todo o Oriente Médio da Antiguidade, e a cena é dominada pelo onipresente Globo Alado, o emblema do Planeta dos Deuses.
Nos "velhos tempos", El era a principal deidade do Céu e da Terra, mas na época em que tiveram lugar os eventos relatados na tábulas cananéias, o deus vivia numa semi-aposentadoria, alheio às questões cotidianas. Sua morada ficava "nas montanhas", junto aos "dois afluentes iniciais", onde se sentava em um pavilhão recebendo emissários, presidindo conselhos dos deuses e tentando resolver as constantes disputas entre os deuses mais jovens. Muitos destes eram seus filhos e alguns textos sugerem que El tinha setenta deles. Destes, trinta eram de sua consorte oficial, Asherah e os outros filhos eram de uma variedade de concubinas divinas e até humanas. Um texto poético conta que duas mulheres viram El nu enquanto passeavam na praia e ficaram encantadas com o tamanho de seu pênis, caso que terminou com cada uma delas gerando um filho do deus. (Esse atributo de El está bem visível numa moeda fenícia, que o mostra como um deus alado).
No entanto, os principais descendentes de El eram três filhos e uma filha: os deuses Yam (“Mar, Oceano"), Baal ("O Senhor") e Mot ("Golpeador, Aniquilador"), e a deusa Anat (“A que respondeu"). Pelos nomes e

relacionamento, eles se comparam com os deuses gregos Posêidon (Deus dos Mares), Zeus (Senhor dos Deuses) e Hades (Deus do Mundo Inferior). Baal, como Zeus, estava sempre armado com um raio-míssil e tinha o touro como símbolo de seu culto. Quando Zeus lutou contra Tífon, foi sua irmã, Atena, Deusa do Amor e da Guerra, a única que o apoiou. Nas lendas egípcias, Ísis sozinha ficou ao lado do irmão-marido, Osíris. O mesmo aconteceu quando Baal entrou em luta com seus dois irmãos. Somente sua irmã-amante, Anat, veio em seu auxílio. Como Atena, ela era ao mesmo tempo “A Donzela", muitas vezes exibindo sua beleza nua, e a Deusa da Guerra, tendo um leão como símbolo de sua bravura. (No Velho Testamento ela é chamada de Astarot ou Astarte.)

Os vínculos com as crenças e lembranças dos tempos pré-históricos egípcios são tão óbvios como com os da Grécia. Osíris foi ressuscitado por Ísis depois de ela ter encontrado seus restos na cidade cananéia de Biblos. Da mesma forma, Baal foi trazido de volta à vida depois de golpeado por Mot. Set, o adversário de Osíris, nas escrituras egípcias às vezes era chamado de "Set de Safon". Baal, como vemos, ganhou o título de "Senhor de Zafon". Os monumentos egípcios do Novo Império - que se equipara ao período cananeu - muitas vezes mostravam os deuses cananeus como deidades egípcias, chamando-os de Min, Reshef, Cades e Anthat. Dessa forma, encontramos as mesmas lendas aplicando-se aos mesmos deuses, apesar dos nomes diferentes, em todo o mundo antigo.

Os eruditos salientaram que todas essas lendas eram ecos, senão versões, dos outros sumérios originais e muito mais antigos, falando não apenas sobre a busca da imortalidade, mas também de amor, morte e ressurreição entre os deuses. Em seu conjunto, esses contos estão repletos de episódios, detalhes, epítetos e ensinamentos que também constam do Velho Testamento - evidenciando um local em comum (Canaã), tradições em comum e versões originais em comum.

Um texto desse tipo é a história de Danel (Dan-El - o "juiz de El" - Daniel em hebraico), um chefe virtuoso, que não conseguia ter um herdeiro legítimo. Aflito, Danel rogou aos deuses que lhe dessem um filho, para que, quando ele morresse, esse filho pudesse erigir uma estela em sua memória em Cades. A partir dessa palavra podemos conjeturar que a área dos eventos da lenda era a região onde o Canaã do Sul (o Neguev) mesclava-se com a península do Sinai, pois era lá que ficava a cidade de Cades ("A Sagrada").

Cades fazia parte do território do patriarca bíblico Abraão e o conto cananeu sobre Danel está repleto de similaridades com a história da Bíblia sobre o nascimento de Isaac, filho de Abraão e Sara, ambos muito idosos. Num relato bem parecido com o que está no Livro do Gênesis, lemos no conto cananeu que Danel, envelhecendo sem ter gerado um herdeiro, viu se apresentar uma oportunidade de conseguir auxílio divino quando dois deuses chegaram à sua casa. "Daí em diante... ele dá oferendas para os deuses comerem, oferendas para os Santos beberem." Os divinos hóspedes, que eram El, "O Administrador da Cura", e Baal, ficam na casa de Danel por uma semana, durante a qual este repete constantemente sua súplica. Afinal, Baal resolve apoiar Danel, "aproximando-se de El com seus apelos". Cedendo às súplicas, El "pela mão toma seu servo" e lhe concede "espírito", pelo qual a virilidade de Danel é restaurada:

Com o hálito da vida Danel é estimulado...
Com o hálito da vida ele é revigorado.

El promete um filho para o descrente Danel. Monta tua cama, diz, beija tua mulher, abraça-a... "pela concepção e gravidez ela dará à luz um filho homem para Danel". E, tal como acontece na narrativa bíblica, a matriarca gera um herdeiro legítimo, o que garante a sucessão. Os pais lhe dão o nome de Aqhat; os deuses o apelidam de Naaman ("O Agradável").
Quando o menino torna-se um rapaz, o Artífice dos Deuses o presenteia com um arco inigualável, o que desperta a inveja de Anat, que deseja possuir essa arma mágica. Para obtê-la, a deusa promete a Aqhat qualquer coisa que ele gostaria de ter - ouro, prata, até mesmo a imortalidade:

Peça a vida, ó Aqhat, o jovem...
Peça a vida e eu ela te darei.
Imortalidade (peça), e eu te concederei.
Com Baal te farei contar os anos;
Com os filhos de El contarás os meses.

Além de viver tanto quanto os deuses, prometeu a deusa, o rapaz também seria convidado a juntar-se a eles na cerimônia de Doação de Vida.

E Baal, quando concede a vida, uma festa oferece;

Um banquete faz para aquele que recebeu vida.
Serve-lhe uma bebida, canta e entoa docemente para ele.

Mas Aqhat não acredita que o homem possa escapar de seu destino e não deseja separar-se do arco:

Não mintas, ó donzela...
Para um herói, tuas mentiras são desprezíveis.
Como pode um mortal adquirir uma outra vida?
Como pode um mortal a eternidade obter?
A morte de todos os homens morrerei;
Sim, com certeza perecerei.

O rapaz também lembra a Anat que o arco foi feito para guerreiros como ele e não para ser usado por mulheres. Insultada, Anat "atravessa a Terra" até a morada de El, pretendendo solicitar permissão para eliminar Aqhat. A resposta enigmática do deus sugere que ele permite um castigo, mas só até certo ponto.
Anat agora começa a tramar sua vingança. "Por sobre mil campos, quatro mil hectares", ela viaja de volta para onde está Aqhat. Fingindo-se desejosa de paz e apaixonada, a deusa ri, alegre. Dirigindo-se ao rapaz como "Aqhat, o jovem", ele declara: "Tu és meu irmão, sou tua irmã". Em seguida, convence-o a acompanhá-la até a cidade do "Pai dos Deuses, o Senhor da Lua". Lá pede para Tafan "matar Aqhat para tirar seu arco" e depois "fazê-lo viver de novo”
ou seja, infligir-lhe uma morte temporária, que a possibilite pegar a arma tão desejada. Tafan, seguindo as instruções da deusa, “golpeia duas vezes Aqhat no crânio, três acima da orelha", e a alma do rapaz "escapa como vapor". Mas, antes que ele possa ser revivido (se era mesmo essa a intenção de Anat), seu corpo é estraçalhado pelos abutres. A notícia terrível é trazida a Danel enquanto ele, "sentado diante do portão, sob uma frondosa árvore, julga a causa da viúva, adjudica a causa do órfão". Com a ajuda de Baal, organiza-se uma busca para procurar os restos de Aqhat, mas tudo em vão. A irmã do rapaz, disfarçada e desejosa de vingança, viaja até a morada de Tafan e, depois de embriagá-lo, tenta matá-lo. (Um possível final feliz, no qual Aqhat terminaria ressuscitado, não foi encontrado até agora.)

A transferência da ação das montanhas do Líbano para a "cidade do deus-Lua" é um elemento também encontrado na história de Gilgamesh. Em todo o Oriente Médio da Antiguidade, a deidade associada à Lua era Sin (Nannar no sumério original). Chamado na cidade de Ugarit de "Pai dos Deuses" ele era, na verdade, o pai de Ishtar e seus três irmãos. A primeira tentativa de Gilgamesh para atingir sua meta, o Local de Aterrissagem na Montanha dos Cedros, foi frustrada por Ishtar, que procurou fazer com que ele fosse morto pelo Touro do Céu por tê-la rejeitado. Em sua segunda viagem, em que pretendia chegar à Terra de Tilmun, Gilgamesh também chegou a uma cidade cercada de muralhas, "cujo templo era dedicado a Sin".

Mas, enquanto Gilgamesh precisou fazer uma longa e perigosa caminhada antes de atingir a região de Sin, Anat - como Ishtar podia ir a todos os lugares com grande rapidez, pois não viajava a pé nem em lombo de asno, mas voando de um ponto para outro. Muitos textos da Mesopotâmia referiam-se às viagens aéreas de Ishtar e sua capacidade de vagar pelo firmamento, "atravessando o céu, atravessando a terra". Uma sua representação no templo a ela dedicado em Assur, uma capital assíria, mostra-a usando óculos, um capacete justo e grandes "fones de ouvido" ou painéis. Nas ruínas de Mari, na margem do rio Eufrates, foi encontrada uma estátua de tamanho natural, equipada com uma "caixa-preta", uma mangueira, um capacete com chifres e "fones de ouvido" embutidos, e mais outros atributos de um aeronauta. Essa capacidade de "voar como um pássaro", atribuída a todas as outras deidades cananéias, aparece em todos os contos épicos encontrados em Ugarit.

Um deles, onde a deusa voa para salvar alguém, é um texto que os eruditos intitularam de "A Lenda do Rei Keret" - onde Keret pode ser interpretado como o nome do rei ou o de sua cidade ("A capital"). O tema do conto é o mesmo da Epopéia de Gilgamesh, ou seja, a luta do homem para encontrar a imortalidade. No entanto, ele começa como a história de Jó, do Velho Testamento, e possui outras similaridades bíblicas.

Jó, como nos conta a Bíblia, era um homem íntegro e puro, de grande fortuna e poder que vivia na Terra de Hus (a "Terra do Conselho"), território sob o domínio dos "Filhos do Leste". Tudo corria às mil maravilhas até que "no dia em que os filhos dos deuses vieram se apresentar a Iahweh, entre eles veio também Satanás". Persuadindo o Senhor a testar Jó, Satanás recebeu permissão de afligi-lo primeiro com a perda dos filhos e de toda sua fortuna, e posteriormente com todo o tipo de enfermidades. Enquanto Jó

lamentava e sofria, três de seus amigos vieram consolá-lo. O Livro de Jó foi composto como um registro das discussões dos quatro homens sobre a vida e a morte, e os mistérios do Céu e da Terra.
Queixando-se do transtorno que ocorrera em sua vida, Jó sonhava com os "meses de antanho", quando era honrado e respeitado: "Nos portões da capital, na praça, um assento a mim ficava reservado". Naquele tempo, recordou-se, acreditava que "como a Fênix serão meus dias, com meu Edificador morrerei". Mas agora, sem nada de seu e afligido por enfermidades, sentia vontade de morrer ali mesmo.
O amigo que viera do sul lembrou-lhe de que: "O homem nasce para o trabalho forçado; só o filho de Reshef pode para as alturas voar". Seria como se dissesse: ora, sendo o homem mortal, por que tanta agitação?
Mas Jó respondeu enigmaticamente que a questão não era tão simples assim. "A Essência do Senhor está dentro de mim; seu esplendor alimenta meu espírito." Estaria ele revelando, no verso até hoje incompreendido, que tinha sangue divino? Que, como Gilgamesh, esperava viver tanto como a Fênix, que sempre renascia, e morrer somente quando falecesse seu "Edificador"? Mas agora Jó se dava conta de que: "Eternamente não mais viverei; meus dias são como vapor".
A história de Keret primeiro o descreve como um homem próspero que em pouco tempo perde a mulher e filhos devido a doenças e guerra. "Ele vê seus descendentes arruinados... uma posteridade perecendo em seu todo", e percebe que é o fim de sua dinastia - "seu trono está completamente solapado." O sofrimento e as lamentações crescem a cada dia: "sua cama está ensopada de lágrimas". Diariamente Keret "entra na câmara interior" do templo e chora suplicando a ajuda dos deuses. El acaba "descendo até ele" para descobrir" o que aflige Keret para fazê-lo chorar". É aí que os textos revelam que Keret, por ser filho de El com uma humana, é parte divino.
El aconselha seu "amado rapaz" a parar de se lamentar e a casar-se de novo, pois assim seria abençoado com um novo herdeiro. Manda-o lavar-se e arrumar-se para ir pedir a mão da filha do rei de Udum (possivelmente a bíblica Edom). Keret, acompanhado de suas tropas e carregado de presentes, parte obedecendo às ordens de El. No entanto, o rei de Udum recusa a prata e o ouro. Sabendo que Keret "é carne do Pai dos Homens", isto é, de origem divina, pede um dote singular: que o primogênito de sua filha com Keret também seja semi-divino!

A decisão, claro, não cabe a Keret. El, que o aconselhara a procurar um novo casamento, não está disponível. Assim, o rei dirige seus passos para o santuário de Asherah pretendendo obter o auxílio da deusa. A cena seguinte tem lugar na morada de El, onde a súplica transmitida é apoiada por vários deuses mais jovens:

Então vieram as companhias de deuses,
E o presente Baal falou:
E agora, ó Bondoso, El benigno;
Não abençoarás Keret, o de sangue puro,
Nem agradarás o amado rapaz de El?

Assim incentivado, EI consente em "abençoar Keret" e promete-lhe que ele terá filhos e várias filhas. O primogênito, anuncia, deverá receber o nome de Yassib ("Permanente"), pois de fato lhe será concedida a permanência. Isso acontecerá porque, quando o menino nascer, não será amamentado pela mãe, mas pelas deusas Asherah e Anat. (O tema do filho de um rei sendo amamentado por uma deusa, dessa forma ganhando a vida eterna, era encontrado nas artes de quase todos os povos do antigo Oriente Médio).
Os deuses mantêm sua promessa, mas Keret, crescendo em poder e riqueza, esquece seus votos. Tal como aconteceu com o rei de Tiro nas profecias de Ezequiel, seu coração tornou-se altivo e ele começou a se vangloriar de suas origens divinas com os filhos. Irritada, Asherah faz cair sobre ele uma doença fatal. Quando ficou evidente que Keret estava à beira da morte, seus filhos, espantados, perguntaram como isso podia estar acontecendo com ele, "um filho de El, rebento do Bondoso, um ser sagrado". Mal podendo acreditar no que viam, interrogam o pai - pois, com toda a certeza, o fracasso de sua imortalidade os afetará também:

Em tua vida, pai, nos regozijávamos
Exaltávamos teu não morrer...
Morrerás então, pai, como os mortais?

O silêncio de Keret fala por si e agora os filhos voltam-se para os deuses:

Como pode ser dito,
Um filho de El é Keret, rebento do Bondoso e um ser sagrado?

Então um deus morrerá?
Um rebento do Bondoso não viverá?

Embaraçado, El dirige-se aos outros deuses: "Quem entre vós é capaz de remover a doença, expulsar os males?" Por sete vezes El repete seu apelo, mas "nenhum dos deuses responde". Desesperado, El apela para o Artífice dos Deuses e seus assistentes, e às deusas dos ofícios que conhecem todas as mágicas. Respondendo, "a mulher que remove doenças", a deusa Shagarat, decola: "Ela sobrevoa cem cidades, sobrevoa uma miríade de povoados..." Chegando à casa de Keret no momento exato, consegue revivê-lo.
(A história, contudo, não tem um final feliz. Como a afirmação de Keret de que era imortal provou ser inútil, seu primogênito o persuadiu a abdicar em seu favor...)

Os vários relatos épicos sobre os próprios deuses são de importância primordial para a compreensão dos eventos da Antiguidade. Neles, a capacidade de voar dos deuses. é aceita como um fato corriqueiro e seu "céu", a "Crista de Zafon", é apresentado como um local de repouso dos aeronautas. As figuras centrais dessas histórias são Baal e Anat, os irmãos-amantes. O epíteto freqüente de Baal é "O Cavaleiro das Nuvens", que o Velho Testamento acabou reivindicando para a deidade hebréia. A capacidade de voar de Anat, que aparecia ocasionalmente nos contos sobre as relações entre deuses e homens, é ainda mais enfatizada nas lendas só sobre os deuses.
Num desses textos, Anat é informada de que Baal foi pescar "na campina de Samakh". A região conserva esse nome até os dias de hoje: trata-se da área do lago de Sumkhi ("lago dos Peixes"), que fica ao norte de Israel, onde o rio Jordão começa a desaguar no mar da Galiléia, e continua afamada pelos seus peixes e vida selvagem. Anat decidiu ir juntar-se a Baal:

Ela alça vôo, a Donzela Anat,
Alça vôo e passeia voando
Até o centro da campina de Samath,
Onde abundam búfalos.

Avistando a deusa, Baal fez-lhe um sinal para que descesse, mas Anat começou a brincar de esconde-esconde. Irritado, Baal perguntou se Anat estava esperando que ele fosse "ungir os chifres dela" - uma expressão relacionada com o ato sexual - "enquanto voava" - Incapaz de encontrá-la, Baal decolou "e subiu para os céus", indo para a sede de seu trono na "Crista de Zafon". Anat, a brincalhona, logo dirigiu-se para lá com a intenção de "sobre Zafon em prazer (estar)".
O encontro idílico, contudo, só pôde ser consumado anos depois, quando a posição de Baal como Príncipe da Terra e governante reconhecido das terras do norte já estava firmemente estabelecida. Antes disso, o deus envolveu-se em lutas de vida ou morte com os outros pretendentes ao trono dividido. O prêmio de todas essas disputas era um lugar conhecido como Zarerath Zafon, em geral traduzido como "monte santo" ou "Picos de Zafon", mas significando exatamente "A Crista Rochosa no Norte".
Essas sangrentas lutas pelo domínio sobre certas fortalezas ou territórios decorriam do posicionamento dos pretendentes na linha de sucessão quando o chefe do panteão envelhecia ou entrava numa semi-aposentadoria. Conforme as tradições de casamento que primeiro foram registradas nos escritos sumérios, a consorte oficial de El, Asherah ("a filha do governante"), era sua meia-irmã, o que fazia do primogênito desta o herdeiro legítimo. Mas, como acontecera antes, a posição desse filho era freqüentemente contestada pelos seus meios-irmãos mais velhos, mas nascidos de outras mulheres. (O fato de Baal, que tinha pelo menos três esposas, não poder se casar com sua amada Anat confirma que ela era sua irmã por parte de pai e mãe, e não apenas meia-irmã.)
Os contos cananeus começam na remota e montanhosa morada de El, onde ele secretamente concede a sucessão ao seu filho Yam. A deusa Shepesh, a "Tocha dos Deuses", vai voando até onde está Baal para lhe dar as más notícias: "El está virando o sistema monárquico pelo avesso!", grita, alarmada.
Baal é aconselhado a apresentar-se diante de El e a levar a disputa para ser julgada pela Assembléia ou Conselho dos Deuses. As irmãs sugerem que ele deve ser desafiador:

Agora vamos, parta, para a Assembléia no centro do monte Lala.
Aos pés de El não caia, não te prostres diante da Assembléia.
Em pé, altivo, faça teu discurso.

Ao ficar sabendo da trama, Yam envia seus próprios emissários para a reunião dos deuses com o intuito de exigir que o rebelde Baal seja entregue em suas mãos. "Os deuses estavam sentados para comer, os Santos iam jantar; Baal servia El" quando entram os emissários. No silêncio que se segue, os dois apresentam a exigência de Yam. Para indicar que não estão para brincadeiras, "aos pés de El não caem" e mantêm as mãos nas armas, "olhos como uma espada afiada, cintilando com um fogo que a tudo consome". Os deuses atiram-se ao chão para se proteger. El mostra-se disposto a entregar Baal, mas este pega suas armas e está para saltar sobre os emissários quando sua mãe o contém. Um emissário possui imunidades, lembra ela.

Os emissários acabam voltando de mãos vazias para Yam e fica claro que não existe outro meio de decidir a disputa senão os dois deuses confrontarem-se num campo de batalha. Uma deusa - talvez Anat - conspira com o Artífice dos Deuses para ele fornecer a Baal suas armas divinas, o "perseguidor" e o "atirador", que "mergulha sobre a presa como uma águia". No combate, Baal vence Yam e está para "esmagá-lo" quando ouve a voz da mãe dizendo-lhe: "Poupe Yam!" O vencido escapa da morte, mas é banido para seus domínios marítimos.

Como compensação por ter poupado Yam, Baal pede a Asherah que apóie sua reivindicação de obter a supremacia sobre a Crista de Zafon. A deusa está repousando numa cidade à beira-mar e é com grande relutância que concorda em viajar até a morada de El localizada numa região quente e seca. Chegando "sedenta e ressequida", Asherah coloca o problema diante do marido e pede-lhe para decidir com sabedoria e não emoção. "Tu és mesmo grande e sábio", bajula, "o grisalho de tua barba te instrui... Sabedoria e Vida Perene são tua parte." Pesando a situação, El concorda: que Baal seja o dono da Crista de Zafon; que lá ele construa sua casa.

No entanto, o que Baal tem em mente não é uma residência qualquer. Seus planos exigem os serviços de Kothar-Hasis ("O Habilidoso e Conhecedor"), o Artífice dos Deuses. Não apenas os eruditos modernos, mas até Filos de Biblos, no século 1 a.C. (citando historiadores fenícios anteriores), compara Kothar-Hasis ao divino artesão grego Hefesto, que construiu a residência dos deuses Zeus e Hera. Outros encontram paralelos entre ele e Thot, o deus egípcio das artes, ofícios e magia. De fato, os escritos encontrados em Ugarit afirmam que os emissários de Baal enviados para buscar Kothar-

Hasis foram avisados para procurar por ele na ilha de Creta e no Egito. Tudo indica que, na época, era nesses locais que o Artífice dos Deuses estava empregando suas habilidades.
Quando Kothar-Hasis chegou ao lugar onde Baal o esperava, os dois começaram a estudar os projetos da construção. Baal desejava uma estrutura em duas partes, sendo uma E-Khal ("grande casa") e a outra Behmtam, termo geralmente traduzido por "casa", mas que literalmente significa "uma plataforma elevada". Houve alguma discordância entre os deuses sobre o local onde deveria ficar uma certa janela em forma de funil que se abria e fechava de maneira incomum. "Tu deves prestar atenção às minhas palavras, Ó Baal", insistiu Kothar-Hasis. Terminada a construção da estrutura, Baal mostrou-se preocupado com a segurança de suas mulheres e filhos. Para tranqüilizá-lo, Kothar-Hasis mandou que árvores do Líbano, "de Sirion seus preciosos cedros", fossem empilhadas dentro da estrutura e ateou fogo nelas. Durante uma semana inteira a fogueira ardeu intensamente; ouro e prata colocados nela derreteram, mas a estrutura em si não foi destruída nem abalada.
O silo subterrâneo e a plataforma estavam prontos! Sem perder tempo, Baal resolveu testar a instalação:

Baal abriu o Funil na Plataforma Elevada,
A janela dentro da Grande Casa.
Nas nuvens, Baal abriu fendas.
Seu clamor sagrado Baal emite...
Seu clamor sagrado sacode a Terra.
As montanhas estremecem...
Tremendo estão...
No leste e no oeste, os montes da terra balançam...

Quando Baal começou a subir para o espaço, os divinos mensageiros Gapan e Ugar juntaram-se a ele no vôo: "Os alados, os dois, congregam-se nas nuvens" atrás de Baal; "como pássaros", a dupla sobrevoou os picos nevados de Zafon. Com o término da construção das novas estruturas, a Crista de Zafon passou a ser chamada de "Fortaleza de Zafon", e o monte Líbano ("O Branco", em virtude de seus picos nevados) adquiriu o epíteto Sirion - a Montanha "Armada".

Por ter conseguido o domínio da fortaleza de Zafon, Baal também ganhou o nome de Baal Zafon. Como título, ele significa apenas "Senhor de Zafon", mas a conotação original do termo Zafon não era geográfica, pois significava tanto "o escondido", como "o local de observação". Sem dúvida, essas conotações tiveram um peso importante na nomeação de Baal como "Senhor de Zafon".
Uma vez obtidos esses poderes e prerrogativas, as ambições de Baal cresceram muito em escala. Convidando os "filhos dos deuses" para um banquete, ele exigiu demonstrações de fidelidade e vassalagem. O castigo não demorou para os que se recusaram a atendê-lo: "Baal agarra os filhos de Asherah; Rabbim ele golpeia nas costas, Dokyamm atinge com uma clava". Alguns foram mortos, outros escaparam. Embriagado pelo poder, Baal zombou deles:

Os inimigos de Baal fogem para as matas;
Seus inimigos escondem-se nas faldas da montanha.
O possante Baal grita:
Ó inimigos de Baal, por que tremem?
Por que tremem, por que se escondem?
O Olho de Baal se fende;
Sua mão estendida o cedro racha;
Sua mão direita é poderosa.

Decidido a conseguir o domínio completo, Baal - com a ajuda de Anat - venceu e aniquilou adversários masculinos como “Lothan, a serpente", "Shahat, o dragão de sete cabeças", "Atak, o bezerro" e a deusa Hashat, "a cadela". Sabemos, através do Velho Testamento, que Iahweh, o Deus bíblico, também era um feroz adversário de Baal. Quando a influência deste cresceu muito entre os israelitas em virtude do casamento de seu rei com uma princesa cananéia, o profeta Elias organizou um competição entre Baal e Iahweh no alto do monte Carmelo. Quando Iahweh prevaleceu, os trezentos sacerdotes de Baal foram imediatamente executados. Era por causa desse acontecimento que o Velho Testamento conferia a Iahweh o domínio sobre a Crista de Zafon. Significativamente, as reivindicações foram feitas em linguagem quase idêntica à usada nas histórias sobre Baal, como deixam claro o Salmo 29 e outros versos:

Tributai a Iahweh, ó filhos dos deuses,
Tributai a Iahweh glória e poder.
Tributai a Iahweh a glória de seu Shem;
Adorai a Iahweh em seu esplendor de santidade.
O clamor de Iahweh sobre as águas;
O Deus glorioso troveja,
Ecoa sobre as águas torrenciais.
Seu clamor é poderoso, majestático.
O clamor de Iahweh despedaça os cedros,
Despedaça Iahweh os cedros do Líbano;
Ele faz o Líbano pular qual bezerro
E o Sirion como cria de búfalo.
O clamor de Iahweh lança chispas de fogo...
E em seu templo tudo grita: glória!

Tal como Baal nos textos cananeus, a deidade hebréia também era um "Cavaleiro das Nuvens". O profeta Isaías teve uma visão dele voando na direção sul, para o Egito, "cavalgando agilmente uma nuvem, ele descerá sobre o Egito; os deuses do Egito estremecerão diante dele". Isaías também afirmava ter visto pessoalmente o Senhor e seus atendentes alados:

No ano em que faleceu o rei Ozias, vi o Senhor sentado em um trono alto e elevado. Seus carregadores enchiam o santuário. Os atendentes do fogo pairavam sobre ele, seis asas, seis asas para cada um deles... As vigas dos pórticos estremeceram com o clamor e o templo encheu-se de fumaça.

Os hebreus eram proibidos de adorar, e, portanto, de fazer estátuas ou imagens gravadas. Os cananeus, contudo, que devem ter conhecido Iahweh como os hebreus conheciam Baal, deixaram-nos uma sua imagem como concebida por eles. Uma moeda do século 4 a.C, com a inscrição Yahu ("Iahweh"), mostra uma deidade sentada em um trono com forma de uma roda alada.
Assim, era universalmente aceito no Oriente Médio que o deus que conseguia o domínio sobre Zafon ficava com a supremacia sobre os deuses que podiam voar.
Isso, sem dúvida, era o que Baal esperava. Todavia, sete anos depois do término da construção da fortaleza de Zafon, ele foi desafiado por Mot, o

senhor das terras ao sul e do Mundo Inferior. Agora a disputa já não era mais sobre quem seria o dono de Zafon, mas sobre "quem terá o domínio sobre toda a Terra".
Chegaram a Mot informações de que Baal estava envolvido em atividades suspeitas. Ilegal e clandestinamente, ele estava "pondo um lábio na Terra e um no Céu", tentando "esticar sua voz até os planetas". De início, Mot exigiu o direito de inspecionar o que estava acontecendo dentro da Crista de Zafon. Em resposta, Baal enviou-lhe emissários com mensagens de paz. "Quem precisa de guerra?", perguntou, "derramemos paz e amizade no centro da terra". Como Mot continuou insistindo, Baal concluiu que o único modo de impedi-lo de ir a Zafon seria procurá-lo em sua própria casa. Assim, viajou para a "cova" de Mot nas "profundezas da Terra", jurando obediência.
No entanto, o que Baal tinha em mente era algo muito mais sinistro - a derrubada de Mot. Mas, para isso, precisava do auxílio da sempre fiel Anat. Por isso, enquanto ele ia ter com Mot, seus emissários procuraram Anat. Os dois emissários receberam instruções de repetirem palavra por palavra uma enigmática mensagem para a deusa:

Tenho uma palavra secreta para te dizer,
Uma mensagem para te cochichar:
É um aparelho que lança palavras,
Uma Pedra que sussurra.
Suas mensagens os homens não entenderão;
As multidões da Terra não compreenderão.

Devemos ter em mente que em todas as línguas da Antiguidade, o termo "pedra" abrangia todas as substâncias mineradas ou garimpadas, incluindo assim todos os minerais e metais. Portanto, Anat logo compreendeu o que Baal mandara lhe dizer: ele estava montando na Crista de Zafon um sofisticado aparelho que podia enviar ou interceptar mensagens secretas!
Na continuação da mensagem levada pelos emissários, há uma melhor descrição da Pedra do Esplendor.

O Céu com a Terra ela faz conversar, os mares com os planetas.
É uma Pedra do Esplendor;
Para o Céu ainda é desconhecida.

Que tu e eu a erijamos dentro de minha caverna, no altíssimo Zafon.

Este então era o segredo: Baal, sem o conhecimento do "Céu" - o governo do planeta mãe -, estava montando um centro de comunicações clandestino, com o qual poderia falar com todas as partes da Terra e também com as naves no espaço. Esse seria o primeiro passo para ele "ter o domínio sobre toda a Terra". Mas, com isso, Baal entrava em confronto direto com Mot, pois era nos territórios dominados por este que se localizava o "Olho da Terra" oficial.
Tendo recebido e compreendido a mensagem, Anat apressou-se a partir em auxílio de Baal. Os emissários preocupados receberam sua palavra de que ela chegaria lá a tempo. "Vós sois vagarosos, eu sou ligeira", garantiu, e acrescentou:

No distante lugar do deus penetrarei,
A distante cova dos filhos dos deuses.
Duas aberturas ela tem sob o Olho da terra
E três largos túneis.

Chegando à capital de Mot, Anat não conseguiu encontrar Baal. Exigindo saber sobre seu paradeiro, ameaçou Mot com violência. Finalmente foi informada da verdade: os dois deuses tinham se engalfinhado em combate e "Baal tombara". Furiosa, Anat "com uma espada fendeu Mot". Então, com a ajuda da deusa Shepesh, soberana dos Refaim (os "Curadores"), transportou o corpo sem vida de Baal para o pico de Zafon, colocando-o numa caverna.
Rapidamente as duas deusas convocaram o Artífice dos Deuses, também chamado de El Kessem, "O Deus da Mágica". Tal como Hórus foi revivido por Thot depois de ter sido picado por uma serpente, Baal também ressuscitou milagrosamente. No entanto, não fica bem explicado se ele voltou à vida física na Terra ou ganhou, como Osíris, uma Outra Vida Celestial.

É impossível determinar quando os deuses envolveram-se nesses eventos na Crista de Zafon, mas não restam dúvidas de que a Humanidade tinha conhecimento da existência e atributos singulares do Local de Aterrissagem já nos primórdios da História documentada.

Para começar temos o relato sobre a viagem de Gilgamesh à Montanha dos Cedros, que a epopéia também chama de "Morada dos Deuses, a Encruzilhada de Ishtar". Lá, "penetrando na floresta", ele encontrou um túnel que levava "ao recinto onde são emitidas as palavras de comando". Aprofundando-se na montanha, "a morada secreta dos Anunnaki ele abriu". Foi como se Gilgamesh tivesse invadido as mesmas instalações que Baal construíra em segredo! Versos antes misteriosos da epopéia agora assumem um significado empolgante:

Coisas secretas ele viu,
O que está escondido do homem ele conheceu...

Isso, sabemos, aconteceu no terceiro milênio a.C. - por volta de 2.900 a.C.
Outro elo importante entre as lendas dos deuses e homens é a história do idoso Danel, que não tinha descendentes masculinos e morava em algum lugar perto de Cades. Não é possível determinar a época em que ocorreram esses eventos, mas as similaridades com a história de Abraão - inclusive a aparição de "homens", que depois vem-se a saber que eram o Senhor e seus emissários - sugerem a possibilidade de que estamos lendo duas versões da mesma memória ancestral. Se for esse mesmo o caso, possuímos uma outra data: o início do segundo milênio a.C.
Zafon, a fortaleza dos Deuses, continuava lá, no primeiro milênio a.C. O profeta Isaías (século VIII a.C.) castigou Senaqueribe, o invasor assírio da Judéia, por ele ter insultado o Senhor subindo com seus muitos carros de guerra "às alturas da montanha, à Crista de Zafon". Enfatizando a antiguidade do local, Isaías transmitiu a Senaqueribe a admoestação do Senhor:

Não ouviste?
Já de há muito eu a construí,
Nos tempos antigos eu a criei.

Isaías também castigou o rei da Babilônia por ele ter tentado se divinizar escalando a Crista de Zafon:

Como caíste do céu, ó estrela d'alva, filho da aurora!
Como foste atirado à terra, vencedor das nações!

E, no entanto, dizias em teu coração:
Hei de subir até o céu,
Acima das estrelas de Deus colocarei o meu trono,
Estabelecer-me-ei na Montanha da Assembléia,
Na Crista de Zafon, na Plataforma Elevada,
Um Altíssimo serei.
E, contudo, serás precipitado ao Mundo Inferior,
Nas profundezas do abismo.

Temos aqui não somente a confirmação da existência do local e sua antiguidade, mas também a afirmação de que ele incluía uma "Plataforma Elevada", da qual podia-se subir ao espaço e tornar-se um Altíssimo - um deus.
A ascensão aos céus, sabemos por outros textos bíblicos, era feita por meio de "pedras" (aparelhos mecânicos), que podiam viajar. No século VI a.C., o profeta Ezequiel castigou o rei de Tiro porque seu coração tornou-se orgulhoso depois de ele ter recebido permissão de subir à Crista de Zafon e entrar nas "pedras moventes", experiência após a qual anunciou: "Um deus eu sou".
Uma antiga moeda encontrada em Biblos (a bíblica Gebal), uma das cidades cananéias "fenícias na costa do Mediterrâneo, pode bem ser uma ilustração das estruturas erigidas em Zafon por Kothar-Hasis. Ela mostra uma "grande casa", tendo ao lado uma área elevada, cercada por uma muralha alta e larga. Lá, sobre um pódio sustentado por vigas cruzadas, construídas para suportar um grande peso, está montado um objeto cônico - muito conhecido de tantas outras ilustrações do Oriente Médio da Antiguidade - a "Câmara Celestial" dos deuses, uma "pedra movente".
Esses são os indícios que chegaram até nós atravessando milênios após milênios. Ao longo de toda a Antiguidade os povos do Oriente Médio tinham conhecimento de que dentro da Montanha dos Cedros havia uma enorme plataforma para "pedras moventes", tendo ao lado uma "grande casa", no interior da qual ficava escondida "uma pedra que sussurra".
Agora, se estou correto em minha interpretação dos textos e desenhos da Antiguidade - como foi que esse grandioso e conhecido lugar desapareceu?

CAPÍTULO 9
O LOCAL DE ATERRISSAGEM

As ruínas do maior templo romano de que se tem notícia não estão em Roma, mas nas montanhas do Líbano. Elas incluem um grandioso templo de Júpiter, o mais imponente da Antiguidade dedicado a um único deus. Ao longo de quatro séculos de dominação romana, muitos governantes esforçaram-se para glorificar esse remoto e antigo local, e nele erigiram estruturas monumentais. Generais e imperadores o procuraram em busca de oráculos, tentando descobrir o que lhes reservava o futuro. Os legionários faziam o possível para ficarem acampados em suas imediações. Os devotos e curiosos iam até lá para vê-lo com seus próprios olhos, pois o templo era uma das maravilhas do mundo antigo.

O primeiro europeu a trazer notícias sobre a existência dessas ruínas foi Martin Baumgarten, que chegou a elas em janeiro de 1508, e, daí em diante, ousados viajantes, arriscando até a vida, foram passando mais informações a respeito do local. Em 1751, Robert Wood, um desses aventureiros, e o artista James Dawkins, que o acompanhou na viagem, restauraram parte da antiga fama do lugar quando o descreveram em palavras e esboços. "Quando comparamos as ruínas... com as de muitas cidades que visitamos na Grécia, Egito e outras partes da Ásia, não podemos evitar considerá-las como os restos do mais ousado projeto que já foi tentado na arquitetura." De fato, em certos aspectos, ele era ainda mais ousado do que as grandes pirâmides do Egito. O local ao qual Robert Wood tinha chegado era um panorama onde o topo da montanha, os templos e o céu se combinavam num cenário único.

O local fica nas montanhas do Líbano, onde elas se separam pata formar um vale fértil e plano entre a cadeia do "Líbano" a oeste e a cadeia do "Anti-Líbano" a leste, ponto onde dois rios, conhecidos desde a Antiguidade, o Litani e o Orontes, começam a correr para o Mediterrâneo. Os imponentes templos romanos foram construídos sobre uma vasta plataforma horizontal, artificialmente criada a uma altitude de 1200 metros acima do nível do mar. O recinto sagrado era cercado por uma muralha que servia tanto de muro de arrimo para conter a terra amontoada como para proteger e encobrir o

complexo de edificações. A área fechada, num formato mais ou menos quadrado, com lados de cerca de 800 metros, media mais de 465 mil metros quadrados.
Situado de modo a dominar as montanhas a sua volta e os acessos ao vale tanto no norte como no sul, a área sagrada tinha o canto noroeste deliberadamente cortado num ângulo reto, como se nota na vista aérea contemporânea.
Essa parte eliminada criava uma área oblonga, que ampliava a visão de quem estava na área norte, olhando na direção oeste. Era nesse canto especialmente concebido que ficava o mais grandioso templo já construído em honra de Júpiter, com algumas das mais altas (20 metros) e maiores (2,30 metros de diâmetro) colunas da Antiguidade. Essas colunas suportavam uma estrutura elaboradamente decorada (a "arquitrave") com 5 metros de altura, sobre a qual ficava um telhado inclinado, aumentando ainda mais o pináculo de edificação.
O templo em si ocupava apenas a seção mais ocidental (e mais antiga) do santuário constituído de quatro partes, cuja construção, acredita-se, foi iniciada pelos romanos assim que ocuparam a região em 63 a.C.
Arranjados ao longo de um eixo leste-oeste ligeiramente inclinado, ficavam, primeiro, urna entrada monumental (A), compreendendo urna grandiosa escadaria e um pórtico elevado, suportado por doze colunas, com nichos para abrigar as estátuas dos doze deuses do Olimpo. Depois de passarem pela entrada, os devotos entravam num pátio (B) em forma hexagonal, caso único na arquitetura romana. Por ele atingia-se um segundo pátio (C), dominado por um altar de proporções monumentais, com cerca de 18 metros de altura, partindo de urna base quadrada, com 23 metros de lado. A oeste desse pátio ficava a casa do deus propriamente dita (D). De medidas colossais, 91,50 por 53,40 metros, ela se apoiava num pódio, que, por sua vez, elevava-se 5 metros acima do segundo pátio, ficando, portanto, 13 metros acima do nível da plataforma básica. Era devido a essa soma de alturas que as imensas colunas, arquitrave e telhado formavam em seu conjunto um verdadeiro arranha-céu da Antiguidade.
Desde a escadaria monumental na entrada até a última parede na parte oeste do aterro, o santuário tinha mais de 300 metros de comprimento e com esse fabuloso tamanho parecia tornar pequeno um grande templo no seu lado sul (E), dedicado a uma deidade masculina, que alguns afirmam ter sido Baco, mas que, mais provavelmente, seria Mercúrio. Mais a sudeste, havia um

pequeno templo redondo (F), onde Vênus era venerada. Urna expedição arqueológica alemã, que explorou a área e estudou sua história por ordem do Kaiser Guilherme II logo depois de ele ter feito uma visita às ruínas em 1897, conseguiu reconstituir a disposição do recinto sagrado, dando-nos uma visão artística de corno pareceria o complexo de templos, escadarias, pórticos, portões, colunas, pátios e altares no tempo dos romanos.

Urna comparação com a famosa Acrópole de Atenas nos dá uma boa idéia da escala de tamanho dessa plataforma libanesa e seus templos. O conjunto grego está situado num terraço em forma de navio com menos de 300 metros de comprimento e cerca de 122 metros no seu ponto mais largo. O impressionante Partenon, o templo de Atena, que ainda domina a área antes sagrada e toda a planície de Atenas, tem cerca de 70 por 30 metros, o que o torna menor ainda do que o templo de Baco/Mercúrio do Líbano.

Tendo visitado as ruínas libanesas, o arqueólogo e arquiteto sir Mortimer Wheeler escreveu, há cerca de vinte anos: "Os templos... não devem nada de sua qualidade a materiais mais modernos como o concreto. Eles apóiam-se passivamente sobre as maiores pedras já vistas no mundo e algumas de suas colunas são as mais altas da Antiguidade... Temos aqui o último grande monumento... do mundo helênico".

Sim, Wheeler só poderia atribuir tanta magnificência ao mundo helênico, pois não existe motivo para qualquer arqueólogo ou historiador acreditar que os romanos construiriam uma obra tão colossal numa região remota de uma província pouco importante. Os romanos só "adaptaram" um lugar sacramentado pelos gregos que os precederam. Os deuses romanos aos quais os templos eram dedicados - Júpiter, Vênus e Mercúrio - eram os deuses gregos Zeus, sua irmã Afrodite e seu filho Hermes (ou Dioniso, no caso de o templo menor ter sido dedicado a Baco).

Os romanos consideravam o local e seu grande templo como o máximo de comprovação da supremacia e poder de Júpiter. Chamando-o de Iove (eco do hebraico Yehovah?), gravaram no templo e em sua principal estátua as iniciais divinas IOMH - de Iove Optimus Maximus Heliopolitanus: O Ótimo e Máximo Júpiter, o Heliopolitano.

Esse título de Júpiter se originava do fato de que, embora o grande templo ser dedicado ao Deus Supremo, o lugar em si era considerado como local de repouso de Hélio, o deus do Sol, que costumava atravessar o firmamento em seu carro flamejante. Essa crença foi transmitida aos romanos pelo gregos, dos quais também adotaram o nome do lugar: Heliópolis. Não se

sabe por que os gregos deram esse nome ao local; alguns historiadores sugerem que foi por escolha de Alexandre, o Grande.
No entanto, a veneração do local devia ser ainda mais antiga e fundamentada, pois incentivou os romanos a glorificá-lo com o maior dos seus monumentos e lá procurarem oráculos para saber sobre seu destino. Como, senão assim, explicar o fato de que, "em termos de simples medidas, peso de pedras, dimensão dos blocos e quantidade de entalhes, esse recinto não tinha rivais no mundo greco-romano" (John M. Cook em The Greeks in Ionia and the East).
Na verdade, o lugar e sua associação com certos deuses remetem a tempos muito anteriores. Os arqueólogos acreditam que pelo menos seis outros templos foram construídos sobre a plataforma antes da época dos romanos. E não resta dúvida de que quaisquer que tenham sido os santuários que os gregos erigiram no local, eles - como os romanos que os seguiram - apenas erigiram edificações sobre fundações já existentes, tanto em termos físicos como religiosos. Zeus (Júpiter para os romanos), devemos lembrar, chegou a Creta vindo da Fenícia (o atual Líbano), atravessando o Mediterrâneo a nado depois de ter raptado a bela filha do rei do Tiro. Afrodite também chegou à Grécia vinda da Ásia ocidental. E o inquieto Dioniso, ao qual o segundo templo (ou um outro na região) era dedicado, vindo das mesmas terras da Ásia ocidental, levou para a Grécia a uva e os segredos da fabricação de vinho.
Ciente das raízes muito antigas da veneração do local, o gramático e astrônomo romano Macróbio (Ambrosius Macrobius Theodosius) esclareceu seus compatriotas com as seguintes palavras (Saturnalia I, Capítulo 23):

Os assírios também adoram o Sol sob o nome de Júpiter. Chamam-no de Zeus Helioupolites e conduzem importantes ritos na cidade de Heliópolis...
O fato dessa divindade ser ao mesmo tempo Júpiter e o Sol manifesta-se tanto na natureza de seu ritual como na sua aparência externa...
Para evitar que alguém, tentando argumentar, comece a citar uma lista de divindades, explicarei o que os assírios acreditam sobre o poder do seu deus do Sol. Eles deram o nome de Adad ao deus que veneram como o maior e mais alto...

O poder que o local exerceu sobre as crenças e a imaginação das pessoas ao longo de milênios também se manifestou na história do recinto sagrado depois da veneração romana. Quando Macróbio escreveu o texto acima, por volta do século V, Roma já era cristã e o local fora alvo de uma destruição fanática. Assim que Constantino, o Grande (306-337 d.C.) converteu-se ao cristianismo, mandou parar todas as obras adicionais no santuário e começou a transformá-lo num templo cristão. Em 440, de acordo com um cronista: "Teodósio destruiu os templos dos gregos; transformou numa Igreja Católica o templo de Heliópolis, aquele de Baal-Helios, o grande Sol-Baal do famoso Trilithon". O imperador Justiniano (527-565) aparentemente levou alguns dos pilares de granito vermelho para Constantinopla, a capital bizantina, para lá construir a Igreja de Santa Sofia. Esses esforços para cristianizar o lugar sagrado encontraram repetidamente uma oposição armada por parte da população local.

Quando os muçulmanos conquistaram a área em 637, converteram os templos romanos e igrejas cristãs erigidos sobre a imensa plataforma num enclave maometano. Onde antes Zeus e Júpiter tinham sido adorados, construiu-se uma mesquita para Alá.

Os estudiosos modernos tentaram lançar mais luz sobre essa milenar adoração do lugar analisando os indícios arqueológicos em suas imediações. O principal desses sítios arqueológicos é Palmira (a bíblica Tadmor), antigo centro de reunião de caravanas na rota entre Damasco e a Mesopotâmia. Como resultado desses estudos, eruditos como Henry Seyrig (La Triade Héliopolitaine) e René Dussaud (Temples et Cultes Héliopolitaines) concluíram que naquela região uma Tríade básica fora adorada ao longo dos milênios, sendo seu membro principal um Deus do Raio e os dois outros, uma Donzela Guerreira e um Condutor do Carro Celestial.

Esses e outros eruditos ajudaram a estabelecer a conclusão agora geralmente aceita de que a tríade greco-romana originou-se de crenças semitas anteriores que, por sua vez, baseavam-se no panteão sumério. A mais antiga tríade de que se tem registro era, tudo indica, chefiada por Adad, que recebeu de Enlil - o principal deus da Suméria - "as montanhas do norte". O membro feminino da trindade era Ishtar. Depois de visitar a área sagrada, Alexandre mandou cunhar uma moeda em honra de Ishtu/Astarte e Adad, onde seu nome (Alexandre) aparece escrito em fenício-hebraico. O terceiro membro da tríade era o Condutor do Carro Celestial, Shamash, o "comandante dos astronautas pré-históricos". Os

gregos o honraram sob o nome de Hélio, erigindo uma colossal estátua no alto do templo principal do recinto sagrado, que o mostra conduzindo uma quadriga. Para eles, sua rapidez era demonstrada pelos quatro cavalos que puxavam o carro. Já os autores do Livro de Henoc sabiam melhor das coisas, pois diziam: "O carro de Shamash era impulsionado pelo vento".
Examinando as tradições e crenças gregas e romanas, acabamos voltando à Suméria. Seguindo os passos de Gilgamesh em sua busca da imortalidade, retornamos à Floresta de Cedros, onde ficava a "Encruzilhada de Ishtar". Lembremo-nos de que, embora estivesse em território de Adad, Gilgamesh foi informado de que o lugar também ficava sob a jurisdição de Shamash. Assim temos a tríade original: Adad, Ishtar e Shamash.
Será que descobrimos o Local de Aterrissagem?

Praticamente nenhum estudioso moderno nega que os gregos conheciam as aventuras épicas de Gilgamesh. Em sua "investigação sobre as origens do conhecimento humano e sua transmissão através dos mitos", intitulada Hamlet's Mill, Giorgio de Santillana e Hercha von Deschend salientaram que "Alexandre foi uma verdadeira réplica de Gilgamesh". Porém, antes mesmo do rei da Macedônia, segundo os contos históricos de Homero, Odisseu (Ulisses) já seguira passos similares. Tendo naufragado depois de viajarem até a morada de Hades no Mundo Inferior, ele e seus homens chegaram a um lugar "onde comeram o gado do deus do Sol", e por isso Zeus matou todos os marinheiros. Sozinho, Odisseu vagou pelo mundo até chegar à ilha Ogígia - um lugar remoto, dos tempos antediluvianos. Lá, a deusa Calipso, "que o manteve numa caverna e o alimentava, quis que ele se casasse com ela; se Odisseu aceitasse, Calipso o tornaria imortal para que nunca envelhecesse". No entanto, Odisseu rejeitou essas investidas amorosas, tal como Gilgamesh um dia recusara o amor de Ishtar.
Henry Seyrig, que na qualidade de diretor de Antiguidades da Síria dedicou toda sua vida ao estudo da imensa plataforma e seu significado, descobriu que nela os gregos costumavam realizar "ritos de mistério, onde uma Outra Vida era representada como a imortalidade para os humanos; a identificação com a deidade era obtida pela ascensão da alma". Os gregos, concluiu Seyrig, de fato associavam o lugar com os esforços humanos para alcançar a imortalidade.
Então, seria esse o lugar para onde Gilgamesh dirigiu-se em sua primeira viagem com Enkidu - a Crista de Zafon, de Baal?

Para uma resposta definitiva, analisemos primeiro os aspectos físicos da plataforma. Inicialmente descobrimos que os gregos e romanos construíram seus templos sobre uma área pavimentada que já existia há muito tempo - uma plataforma construída com grandes blocos de pedra, tão ajustados uns aos outros que ninguém, até hoje, foi capaz de entrar nela para estudar suas câmaras, túneis, cavernas e outras subestruturas ocultas.

Os estudiosos afirmam que essas estruturas subterrâneas existem porque outros templos gregos possuíam grutas e adegas secretas sob seus pisos. Além disso, Georg Ebers e Hermann Guthe, em sua obra Palestina in Bil und Wort (em inglês Picturesque Palestine), publicada há um século, relataram que os árabes da região entravam nas ruínas pelo "canto sudeste, através de uma longa passagem abobadada, como um túnel, sob a grande plataforma". "Duas dessas grandes passagens correm paralelas, de leste a oeste, e são ligadas por uma terceira, que corre no sentido norte-sul, e forma ângulos retos com elas:" Assim que os dois autores entraram num túnel, viram-se envoltos por uma total escuridão, só quebrada aqui e ali por luzes estranhas e esverdeadas, que entravam por "janelas trançadas", incomuns. Ao emergirem do túnel de 140 metros, eles perceberam que estavam sob a parede norte do templo do Sol, "que os árabes chamam de Dar-as-saadi" - a Casa da Suprema Bem-Aventurança.

A equipe arqueológica alemã que estudou a plataforma também relatou que ela aparentemente se apoiava sobre gigantescas abóbadas, mas preocupou-se apenas com o mapeamento e restauração da superestrutura. Uma missão arqueológica francesa, liderada por André Parrot, que esteve no local em 1920, confirmou a existência de um labirinto subterrâneo, mas foi incapaz de penetrar nessas partes escondidas. Quando se fez uma perfuração da plataforma, partindo de sua parte superior, encontraram-se provas de estruturas construídas sob ela.

O fato é que os templos foram erigidos sobre uma plataforma artificial que chega a atingir mais de 9 metros da altura, conforme o nível do terreno. Ela foi construída com pedras que medem, a julgar pelas faces nas beiradas, de 1 a 9 metros de comprimento, largura de em geral 1 metro e espessura de 1,83 metro. Ninguém ainda tentou calcular a quantidade de pedras extraídas, cortadas, aparelhadas, transportadas e assentadas camada sobre camada nesse local. Ela, possivelmente, seria imensamente maior do que a da Grande Pirâmide do Egito.

Quem quer que tenha construído essa plataforma, prestou especial atenção ao canto retangular a noroeste, a localização do templo de Júpiter/Zeus. Lá, os mais de 15.250 metros quadrados do templo apoiavam-se sobre um pódio elevado que certamente foi erigido com a intenção de servir de suporte para um peso extremamente grande. Feito de várias camadas de enormes pedras, ele eleva-se 3 metros acima do nível do pátio a sua frente e 13 metros acima do solo em seus lados expostos, a norte e noroeste. No lado sul, onde ainda mantêm-se em pé seis das colunas do templo, pode-se ver com clareza as camadas de pedra. Entremeadas com pedras de bom tamanho, mas ainda assim relativamente pequenas, há camadas alternadas de blocos medindo até 6,50 metros de comprimento. Embaixo, à esquerda, vêem-se as camadas inferiores do pódio, projetando-se como um terraço sob o templo. Ali os blocos são gigantescos.

Maiores ainda são as pedras no lado oeste do pódio. Como mostrado no desenho esquemático do canto noroeste, feito pela equipe alemã, a base saliente e camadas superiores foram construídas com blocos" ciclópicos", alguns dos quais medem cerca de 10 metros de comprimento, 4 metros de largura e 3,5 metros de espessura. Cada um deles representa, assim, cerca de 140 metros cúbicos de pedra e pesa mais de 500 toneladas.

Apesar de essas pedras serem imensas - as maiores da Grande Pirâmide não passam de 200 toneladas -, elas ainda não foram as máximas em tamanho empregadas pelo construtor da Antiguidade.

A camada central do pódio, situada a cerca de 6 metros de sua base, foi, incrivelmente, feita com pedras maiores do que todas as outras. Pesquisadores modernos têm se referido a elas como "imensas", "gigantescas", "colossais". Os historiadores antigos tinham um nome para designá-las: Trilithon - a Maravilha das Três Pedras, pois lá, expostas à vista no lado oeste do pódio, jazem lado a lado três blocos de pedra sem igual no mundo. Precisamente talhados e com ajuste perfeito, cada um deles mede cerca de 20 metros de comprimento e tem uma largura entre 4 e 5 metros, o que representa 280 metros cúbicos de pedra e um peso de mais de 1 mil toneladas!

As pedras para a construção do pódio foram extraídas perto do local. Wood e Dawkins incluem uma dessas pedreiras num seu desenho panorâmico da área, mostrando alguns enormes blocos espalhados por perto. No entanto, as três pedras gigantescas foram extraídas, cortadas e aparelhadas em uma outra pedreira, situada no vale a cerca de 1 mil quilômetros a sudoeste do

recinto sagrado. E é lá que se nos apresenta uma visão ainda mais incrível do que a do Trilithon.
Parcialmente enterrada no chão está uma outra dessas pedras colossais, abandonada in situ pelos canteiros da Antiguidade. Cortada com perfeição, com apenas uma fina linha em sua base ligando-a ao solo pedregoso, ela tem o impressionante comprimento de 21 metros c lados de 5 e 4 metros. Uma pessoa subindo nela parece uma mosca num iceberg... Essa pedra pesa, segundo estimativas conservadoras, mais de 1.200 toneladas!
A maioria dos estudiosos acredita que ela estava ali para ser transportada, como suas três irmãs, até o recinto sagrado para ser utilizada na ampliação de parte do terraço do pódio, no seu lado norte. Ebers e Guthe deixaram registrada em sua obra a teoria de que na fileira sob o Trilithon não há dois blocos menores, mas uma única pedra igual à encontrada na pedreira distante, medindo mais de 20 metros de comprimento, mas danifica da ou entalhada para dar a impressão de dois blocos menores assentados lado a lado.
Seja onde for que se pretendia colocar essa pedra colossal, ela serve como uma testemunha muda da grandiosa singularidade da plataforma e do pódio que ficam nas montanhas do Líbano. O fato mais intrigante é que mesmo nos dias de hoje não existe guindaste, veículo ou mecanismo capaz de levantar um peso de 1 mil a 2 mil toneladas e muito menos de transportar um objeto tão imenso por sobre vales e encostas de montanhas, e colocá-lo numa posição exata e predeterminada, a muitos metros acima do solo. Na região não existem vestígios de estradas, rampas ou outras obras de terra que poderiam, nem que fosse remotamente, sugerir que esses megálitos foram arrastados ou empurrados até o local da obra, no alto do monte.
No entanto, em épocas remotas, alguém, de algum modo, realizou esse feito...
Mas quem? As tradições locais afirmam que o recinto sagrado existe desde o tempo de Adão e seus filhos, pois o primeiro homem foi residir na região depois de sua expulsão do Jardim do Éden. Ele morava, segundo as lendas, na área onde atualmente fica Damasco e faleceu não muito longe dali. Foi Caim, seu filho, que construiu um refúgio na Crista dos Cedros depois de ter matado Abel.
O patriarca maronita do Líbano relatou a seguinte tradição: “A fortaleza do monte Líbano é a construção mais antiga do mundo. Caim, o filho de Adão, a erigiu no ano 133 da Criação, durante um ataque de loucura. Ele deu ao

local o nome de seu filho, Enos, e o populou com gigantes que foram punidos pela sua iniqüidade através do dilúvio". Depois da grande inundação, o lugar foi reconstruído pelo Nemrod bíblico, num esforço para subir aos céus. A torre de Babel, segundo essas lendas, não ficava na Babilônia, mas sobre a grande plataforma do Líbano.
D' Arvieux, um viajante do século XVII, escreveu em suas Mémoires (Parte II, Capítulo 26) que tanto os habitantes judeus como os muçulmanos da região afirmavam que um antigo manuscrito encontrado no local revelava que, "depois do dilúvio, quando Nemrod reinava sobre o Líbano, ele enviou gigantes para reconstruir a fortaleza de Baalbek que tem esse nome em honra de Baal, o deus dos moabitas, adoradores do deus do Sol".
A associação do deus Baal com o lugar em épocas pós-diluvianas é um fato marcante. Na verdade, nem bem os gregos e romanos deixaram a região, a população local abandonou o nome helênico, Heliópolis, e voltou a chamar o recinto sagrado pelo seu nome semita, pelo qual ele é conhecido até hoje: Baalbek.
Há opiniões divergentes sobre o exato significado do nome. Muitos acreditam que é "O vale de Baal". Mas, pela grafia e referências encontradas no Talmude, outros, como eu, crêem que é o "O Pranto de Baal".
Leiamos os versos de encerramento da epopéia encontrada em Ugarit que descreve a morte de Baal em seu combate com Mot, a descoberta e transporte de seu corpo sem vida e o sepultamento feito por Anat e Shepesh numa caverna na Crista de Zafon:

Elas encontraram Baal caído no chão;
O possante Baal está morto;
O príncipe, senhor da Terra, pareceu...
Anat chora tudo o que pode;
No vale, ela bebe suas lágrimas como vinho.
Bem alto, grita para a Tocha dos Deuses, Shepesh:
"Erga o possante Baal, rogo-te, coloque-o sobre mim".
Atendendo à súplica, a Tocha dos Deuses, Shepesh,
Pega o possante Baal,
Coloca-o nos ombros de Anat.
Para a fortaleza de Zafon ele o leva,
Lamenta-o, sepulta-o,

Coloca-o nos buracos da terra.

As lendas locais, que como todas as outras do mundo contêm em seu cerne antigas recordações de eventos reais, concordam que Baalbek é de extrema antiguidade. Elas atribuem sua construção a "gigantes" e o vinculam com os acontecimentos que tiveram lugar antes do dilúvio. Também o ligam a Baal e afirmam que sua função era ser uma "torre de Babel" - um lugar de onde se poderia "escalar os céus".
Quando olhamos para essa vasta plataforma, estudamos sua localização e disposição, ponderamos o propósito do imenso pódio, sem dúvida construído para suportar pesos colossais, o desenho gravado na moeda encontrada em Biblos volta a nossa mente: um grande templo, uma área sagrada murada, um pódio de construção extra-forte e, sobre ele, a Câmara Celestial com forma de foguete.
As palavras e descrições do Lugar Oculto de Gilgamesh ecoam em nossos ouvidos. A muralha invencível, o portão que atordoava quem o tocava, o túnel para "o recinto onde são emitidas as palavras de comando", a "morada secreta dos Anunnaki", o monstruoso guardião com seu "raio flamejante".
Por tudo isso, não resta nenhuma dúvida em minha mente de que em Baalbek encontramos a Crista de Zafon de Baal, o alvo da primeira viagem de Gilgamesh.

A designação de Baalbek como "A Encruzilhada de Ishtar" implica que, como a deusa passeava pelo céu da Terra, ela podia ir e vir daquele "Local de Aterrissagem" para outros pontos similares em diferentes regiões da Terra. Da mesma forma, a tentativa de instalar na Crista de Zafon "um aparelho que emite palavras", uma "pedra que sussurra"', implica a existência, em outros lugares, de unidades de comunicação similares. "O céu com a Terra ela faz conversar, os mares com os planetas."
Haveria mesmo outros lugares na Terra que poderiam servir de aeroportos para as naves dos deuses? Haveria, além da existente na Crista de Zafon, outras "pedras que sussurram"?
A primeira pista, e mais óbvia, é o próprio nome "Heliópolis", indicando a crença grega de que Baalbek era, de alguma forma, uma "Cidade do deus do Sol", tal como a Heliópolis do Egito. O Velho Testamento também reconhecia a existência de uma Beth-Shemesh (Casa/Lar de Shamash) no norte de uma Beth-Shemesh no sul, ou On, o nome bíblico da Heliópolis

egípcia. Esta era, como disse o profeta Jeremias, o lugar das "Casas dos Deuses do Egito", a localização dos obeliscos.
A Beth-Shemesh do norte ficava no Líbano, não muito longe de Beth-Anath (Casa/Lar de Anat); o profeta Amós a identificou como a localização dos "palácios de Adad... a Casa daquele que viu El". Na época em que reinou Salomão, seus domínios incluíam grande parte da Síria e Líbano e na lista dos lugares onde ele construiu grandes edificações estão Baalat ("O Lugar de Baal") e Tamar ("O Lugar das Palmeiras"). A maioria dos estudiosos identifica esses locais como Baalbek e Palmira.
Os historiadores gregos e romanos referiram-se exaustivamente aos laços que ligavam as duas Heliópolis. Explicando o panteão dos doze deuses egípcios aos seus compatriotas, Heródoto escreveu sobre um "imortal que os egípcios veneram como Hércules", dando como lugar de origem do culto a Fenícia, "pois ouvi contar que naquele país havia um templo dedicado a Hércules, grandemente venerado por todos". No templo egípcio, Heródoto viu dois pilares: "Um de puro ouro e o outro de esmeralda, brilhando com grande fulgor à noite".
Esses sagrados "Pilares dos Deuses" ou "Pedras dos Deuses" aparecem nas moedas fenícias cunhadas depois da conquista da região por Alexandre. A descrição de Heródoto nos fornece a informação adicional de que as pedras eram interligadas, sendo uma do metal que é o melhor condutor de eletricidade (ouro) e a outra de uma pedra preciosa (esmeralda), atualmente usada nas comunicações a laser, a qual quando emite um raio de alta potência emana uma radiação esverdeada. Não seria esse conjunto algo parecido com o aparelho montado por Baal, que o texto cananeu denominou de pedras do esplendor?
Macróbio, escrevendo explicitamente sobre a vinculação entre a Heliópolis fenícia e sua contraparte egípcia, também mencionou uma pedra sagrada. Segundo ele, "um objeto" de veneração do deus do Sol, Zeus Helioupolites, foi levado da Heliópolis egípcia para a Heliópolis do norte (Baalbek) por sacerdotes egípcios. E acrescentou: "O objeto atualmente é adorado com ritos assírios e não egípcios".
Outros historiadores romanos salientaram que as "pedras sagradas" adoradas pelos "assírios" e egípcios tinham uma forma cônica. Quinto Cúrcio registrou que um deles ficava no templo de Amon no oásis de Siwa. Ele escreveu: "A coisa que lá viu e que é venerada como um deus não tem o formato que os artífices costumam aplicar aos deuses. De fato, sua

aparência nos faz lembrar um umbigo e ele é feito de uma esmeralda e pedras preciosas cimentadas juntas".
A informação sobre o objeto cônico adorado em Siwa foi citada por F. L. Griffith em conexão com o anúncio no The Journal of Egyptian Archaeology, de 1916, da descoberta de um "omphalos" na "cidade-pirâmide" de Napata, na Núbia. Esse "singular objeto meroítico" foi encontrado por George A. Reisner, da Universidade de Harvard, no santuário mais recôndito do templo de Amon, o mais ao sul do Egito dedicado a esse deus.
Omphalos significa umbigo e a pedra cônica que tinha esse nome, por motivos que os estudiosos ainda não compreendem, possuía, na Antiguidade, a fama de marcar "o centro da Terra".
É preciso lembrar que o templo de Amon no oásis de Siwa era a localização do oráculo de Amon que Alexandre apressou-se a consultar assim que entrou no Egito. Temos o testemunho tanto de Calístenes, o historiador grego e cronista oficial do rei da Macedônia, como de Quinto Cúrsio que um omphalos feito de pedras preciosas era o "objeto" venerado nesse templo. O templo núbio de Amon, onde Reisner descobriu o omphalos de pedra, ficava em Napata, uma antiga capital nos domínios das soberanas da Núbia. Isso, claro, nos faz recordar da intrigante visita de Alexandre à rainha Candace em sua busca pela imortalidade.
Terá sido por mero acaso que, procurando os segredos da longevidade, Cambises, o rei persa (como relatou Heródoto), enviou seus homens à Núbia, ao templo onde ficava guardada a "Mesa do Sol"? No início do primeiro milênio a.C., uma soberana núbia - a rainha de Sabá - empreendeu uma longa viagem para visitar Salomão em Jerusalém. As lendas que correm em Baalbek garantem que ele mandou embelezar as edificações no Líbano em honra da real visitante. Será que a rainha de Sabá fez uma viagem tão longa e perigosa apenas para ouvir a sabedoria de Salomão ou seria seu verdadeiro propósito consultar o oráculo de Baalbek - a bíblica "Casa de Shemesh"?
Parece haver mais do que coincidências aqui. E a pergunta que nos ocorre é: se em todos esses centros de oráculos existia um omphalos, não seria esse objeto em si a verdadeira fonte dos oráculos?
A construção (ou reconstrução) de um silo de lançamento e uma plataforma de aterrissagem não foi a causa do fatal combate entre Baal e Mot. A discórdia teve como motivo a tentativa de Baal de instalar clandestinamente

uma Pedra do Esplendor, um aparelho que podia propiciar a comunicação com os céus e com outros lugares da Terra. Além disso, ele era:

Uma pedra que sussurra;
Os homens suas mensagens não conhecerão,
As multidões da Terra não as compreenderão.

Quando ponderamos sobre a aparente função dupla da Pedra do Esplendor e a mensagem secreta de Baal para Anat, subitamente tudo se esclarece: o aparelho que os deuses usavam para se comunicar era o mesmo do qual emanavam as respostas oraculares para os reis e heróis!
Num estudo completo sobre o assunto, Wilhelm H. Roscher (Omphalos) mostrou que o termo indo-europeu para essas pedras de oráculo - navel em inglês, nabel em alemão etc. - origina-se do sânscrito nabh, que significa "emanar com força". Não é coincidência que nas línguas semitas naboh significa "predizer" e nabih significa "profeta". Sem dúvida, todos esses significados idênticos têm raiz no sumério, onde NA.BA(R) significava "pedra clara e brilhante que esclarece".
À medida que estudamos os textos antigos, emerge uma verdadeira rede de locais com oráculos. Heródoto, que acertadamente relatou a existência do oráculo meroítico de Júpiter-Amon (Livro 11,29), contribuiu para aumentar os vínculos que analisamos ao afirmar que os "fenícios", que implantaram o oráculo de Siwa, também fundaram o mais antigo centro de oráculo da Grécia, o que ficava em Dodona - um local nas montanhas a noroeste do país (perto da atual fronteira com a Albânia).
Heródoto escreveu que, quando se encontrava no Egito, ouviu contar que "uma vez, duas mulheres sagradas foram raptadas de Tebas (no Egito) por fenícios... uma delas foi vendida para a Líbia (Egito ocidental) e outra para a Grécia. Foram elas as fundadoras dos oráculos desses países". Segundo Heródoto, essa história lhe fora contada pelos sacerdotes egípcios de Tebas. Em Dodona, porém, afirmava-se que "duas pombas pretas saíram voando da Tebas egípcia", uma pousou em Siwa e a outra na Grécia. Seja como for, em ambos os lugares estabeleceu-se um oráculo, o de Zeus para os gregos e o de Amon para os egípcios.
O historiador romano Sílio Itálico (século I), ao contar que Aníbal consultara o oráculo egípcio a respeito de suas guerras contra Roma, também atribuiu ao vôo das duas pombas saídas de Tebas a fundação dos

oráculos no deserto líbio (Siwa) e na Caônia grega (Dodona). Vários séculos depois, o poeta grego Nono, em sua obra-prima Os Dionisíacos, descreveu os dois santuários como sendo locais gêmeos e afirmou que eles comunicavam-se entre si oralmente.

Eis a recém-encontrada voz de resposta do Zeus líbio!
As areias sedentas uma mensagem oracular
Enviam à pomba de Quapóia [Dodona].

F. L. Griffith, ao deparar-se com o omphalos da Núbia, recordou-se de um outro centro de oráculo da Grécia. A forma cônica do omphalos da Núbia, escreveu, "era exatamente a do omphalos do oráculo de Delfos".
A cidade de Delfos, sede do mais famoso oráculo da Grécia, era dedicada a Apolo ("O da Pedra") e suas ruínas são até hoje uma das principais atrações turísticas do país. Lá, como em Baalbek, o recinto sagrado ficava numa plataforma moldada numa encosta de montanha, também dando para um vale que se abre como um funil na direção do Mediterrâneo.
Tomando como ponto de partida muitos registros históricos, não há dúvida de que a pedra do omphalos de Delfos era o objeto mais sagrado do local. Ela ficava montada numa base especial no interior do templo de Apolo, segundo alguns estudiosos ao lado de uma estátua de ouro do deus, e, de acordo com outros, sozinha num santuário só seu. Numa câmara subterrânea, escondidos dos olhares dos consulentes, as sacerdotisas, em transe, respondiam às perguntas de reis e heróis com palavras enigmáticas - respostas dadas pelo deus, mas emanando do omphalos.
O omphalos sagrado original desapareceu misteriosamente, talvez em decorrência das muitas guerras religiosas e invasões estrangeiras que atingiram a região. Todavia, uma réplica em pedra do objeto, talvez feita na época dos romanos e colocada no exterior do templo, foi descoberta em escavações arqueológicas e atualmente encontra-se em exibição no museu de Delfos.
No Caminho Sagrado que leva ao templo de Apolo, alguém, em época desconhecida, erigiu um omphalos de pedra, mais simples, num esforço para marcar o lugar onde funcionara o primitivo oráculo de Delfos, antes da construção do santuário.
As moedas de Delfos mostravam Apolo sentado nesse omphalos e, depois que os gregos conquistaram a Fenícia, passaram também a retratar o deus

sentado num omphalos "assírio". Todavia, era bastante freqüente as pedras do oráculo serem mostradas como cones gêmeos, conectados por uma base comum.

Por que Delfos foi escolhido como um lugar sagrado de oráculo e como a pedra omphalos foi parar lá? As tradições dizem que, quando Zeus quis encontrar o centro da Terra, soltou águias em dois extremos opostos do mundo. Voando umas na direção das outras, elas se encontraram em Delfos e o local foi marcado com a colocação de uma pedra-umbigo, um omphalos. Segundo o historiador grego Estrabão, era por isso que havia estátuas de duas dessas águias pousadas no omphalos de Delfos.

Muitas representações do omphalos foram encontradas na arte grega mostrando os dois pássaros no alto ou ao lado do objeto cônico. Alguns estudiosos dizem que eles não são águias, mas pombos-correios que, por serem aves capazes de retornar a um lugar determinado, poderiam simbolizar a medição das distâncias de um centro da Terra para outro.

Segundo as lendas gregas, Zeus encontrou refúgio em Delfos durante suas batalhas aéreas com Tifon, quando pousou na área parecida com uma plataforma, onde foi construído o templo de Apolo.

O santuário de Amon e Siwa continha não apenas corredores subterrâneos, túneis misteriosos e passagens secretas sob os muros espessos do prédio, como também uma área restrita com cerca de 55 por 51 metros, cercada por uma enorme muralha. Encontramos os mesmos componentes estruturais, inclusive uma plataforma elevada, em todos os locais associados com as "pedras que sussurram"! Devemos concluir então que, como Baalbek, eles eram tanto um Local de Aterrissagem como um Centro de Comunicações?

Já não nos surpreende encontrarmos as Pedras Sagradas gêmeas, acompanhadas pelas duas águias, nos textos sagrados egípcios. Afinal, muitos séculos antes de os gregos começarem a transformar seus centros de oráculos em grandes santuários já existia uma pintura mostrando um omphalos com dois pássaros empoleirados na tumba de um faraó egípcio. Ele era Séti I, que viveu no século XIV a.C., e foi na descrição dos domínios de Seker, o Deus Oculto, descoberto em seu túmulo, que vimos o omphalos mais antigo de que se notícia. Ele era o meio de comunicação através do qual mensagens - "palavras" - "eram ditas a Seker todos os dias".

Em Baalbek, encontramos o destino da primeira viagem de Gilgamesh, o Local de Aterrissagem. Depois, seguindo os fios que ligam as "sussurrantes" Pedras do Esplendor, chegamos ao Duat.

O Duat era o lugar onde os faraós tentavam galgar a Escada para o Céu para atingir uma Outra Vida. E ele era, sugiro, o lugar para onde Gilgamesh, em busca da imortalidade, dirigiu seus passos em sua segunda viagem.

CAPÍTULO 10

TILMUN: A TERRA DOS FOGUETES

Não resta dúvida de que a Epopéia de Gilgamesh foi a fonte original das muitas histórias e lendas sobre reis e heróis que, nos milênios subseqüentes, partiram à procura de eterna juventude. Em algum canto da Terra, afirmavam as memórias mitificadas da Humanidade, existia um lugar onde o homem podia se juntar aos deuses e escapar da indignidade da morte.
Há quase 5 mil anos, Gilgamesh de Uruk rogou a Utu (Shamash):

Em minha cidade, o homem morre; oprimido está meu coração.
O homem perece, pesado está meu coração...
O homem, por mais alto que seja, não pode esticar-se até o céu...
Ó Utu,
Na Terra desejo entrar, seja meu aliado...
No lugar onde os Shem têm sido erigidos,
Que eu erija meu Shem!

Shem, como já demonstrei, embora seja comumente traduzido por "Nome" (aquele pelo qual alguém será lembrado), era, de fato, um foguete espacial. Henoc, quando foi levado para o céu, desapareceu em seu "Nome". Meio milênio depois de Gilgamesh, o rei Téti, faraó do Egito, fez uma súplica quase idêntica:
Os homens caem,
Eles não têm "Nome",
(Ó deus),
Pega Téti pelos braços,
Leva Téti para o firmamento,
Para que ele não morra na Terra entre os homens.

A meta de Gilgamesh era Tilmun, a terra onde os foguetes eram montados. Perguntar para onde ele se dirigiu com o objetivo de alcançar Tilmun é o mesmo que perguntar para onde foi Alexandre, que se considerava um faraó e filho de um deus. E é também perguntar: Afinal, em que lugar do mundo

ficava o Duat? Sim, porque era essa a parada final para todos que sonhavam com a imortalidade.
Procurarei demonstrar agora, conclusivamente, que a terra onde eles esperavam encontrar a Escada para o Céu era a península do Sinai. Aceitando a possibilidade de que o Livro dos Mortos faz referências a uma geografia egípcia verdadeira, alguns eruditos sugeriram que a viagem simulada do faraó era feita ao longo do Nilo, dos santuários do Alto Egito para os mais próximos do delta do rio. Os textos antigos, contudo, falavam claramente sobre uma viagem para além das fronteiras do país. Segundo eles, o faraó dirige-se para o leste, não para o norte, e, quando atravessa o lago de Juncos e o deserto depois dele, deixa para trás não apenas o Egito, mas também a África, pois muito se fala dos perigos - reais e "políticos" - em abandonar os domínios de Hórus para se chegar às "Terras de Set", ou seja, a Ásia.
Quando os Textos das Pirâmides foram escritos, a capital do Egito era Mênfis. O centro religioso mais antigo, Heliópolis, ficava a noroeste da capital, não muito distante. Desses centros, uma rota de viagem na direção leste realmente levaria a uma cadeia de lagos cheios de juncos e bambus. Depois deles ficava o deserto, os desfiladeiros e a península do Sinai - área cujos céus serviram como campo da batalha final entre Zeus e Tífon.
A sugestão de que a viagem do faraó realmente o levava para a Outra Vida é apoiada pelo fato de Alexandre ter tentado imitar não apenas os reis do Egito, mas também o êxodo dos judeus sob a liderança de Moisés.
Tal como no relato bíblico, o ponto de partida era o Egito. Em seguida vinha o "mar Vermelho" - a barreira aquosa que se separou para os judeus atravessarem o mar a pé. Nas histórias de Alexandre, essa barreira também foi encontrada e era persistentemente chamada de "mar Vermelho". Alexandre, querendo imitar Moisés, tentou fazer suas tropas o atravessarem a pé, construindo um tipo qualquer de ponte, segundo algumas versões, ou, em outras, "expondo o leito com suas preces". Quer ele tenha tido êxito ou não (depende da versão), os prisioneiros de guerra que mandou à frente foram surpreendidos pela volta das águas e morreram afogados - exatamente como aconteceu com os egípcios que perseguiam os judeus. Depois de atravessarem, estes entraram em luta com os amalecitas. Na versão cristã da história de Alexandre, os prisioneiros inimigos afogados pelas "águas do mar Vermelho que caíram sobre eles" são chamados de "amalecitas".

Uma vez vencida a barreira de água - a tradução literal do termo bíblico Yam Suff é “mar/lago de Juncos" - começava uma viagem pelo deserto, na direção de uma montanha sagrada. Significativamente a montanha especial que Alexandre atingiu tinha o nome de Mushas, a Montanha de Moisés, Moshe em hebraico. Foi lá que Moisés encontrou um anjo que lhe falou por entre o fogo (o arbusto ardente). Um incidente similar é relatado nas lendas de Alexandre.

Os paralelos multiplicam-se à medida que nos recordamos de vários textos, como a história de Moisés e o peixe encontrado no Corão. Segundo ela, a Água da Vida ficava "na junção de dois rios". O faraó atingia a entrada do reino subterrâneo no local onde o rio de Osíris dividia-se em dois afluentes. Nas lendas de Alexandre, o ponto crucial da jornada também aconteceu perto de uma fonte ou curso de água, no lugar onde a "Pedra de Adão" emitiu luz e os seres divinos aconselharam o rei a desistir de sua busca.

Além disso, existia a tradição de igualar Alexandre com Moisés ao chamá-lo de "Aquele com Dois Chifres" - devido à afirmação bíblica, repetida também no Corão, de que Moisés, depois de ter visitado o Senhor no monte Sinai, ficou com o rosto radiado e dele emanava "chifres" (literalmente: raios de luz).

A arena do êxodo bíblico foi a península do Sinai. A conclusão tirada de todas as similaridades é que foi para ela que Moisés, Alexandre e os faraós dirigiram seus passos ao sair do Egito. E esse, mostrarei, também foi o destino de Gilgamesh.

Para atingir Tilmun em sua segunda e decisiva viagem, Gilgamesh zarpou num "Barco de Magan", ou seja, um "Barco do Egito", Por estar partindo da Mesopotâmia, ele só poderia navegar para o sul do golfo Pérsico. Em seguida, dando a volta na península Arábica, entraria no mar Vermelho (que os egípcios chamavam de mar de Ur). Como o nome do barco indica, Gilgamesh teria seguido para o Egito. Todavia, esse não era seu destino final. Gilgamesh queria chegar a Tilmun. Qual então seria sua intenção? Desembarcar na Núbia, na margem ocidental do mar Vermelho? Na margem oriental, na Arábia? Ou seguir em frente, dirigindo-se à península do Sinai?

Felizmente, para nossas investigações, Gilgamesh encontrou o infortúnio. Seu barco foi afundado por um deus guardião pouco depois do início da viagem. Ele não estava muito longe da Suméria, pois Enkidu (cuja presença no barco foi o motivo do afundamento) implorou a Gilgamesh para os dois

voltarem a pé para Uruk. Contudo, decidido a atingir Tilmun, o rei começou a caminhar para alcançar seu objetivo. Ora, se o lugar aonde ele pretendia chegar ficasse no mar Vermelho, Gilgamesh teria de atravessar a península Arábica, mas a epopéia narra que ele dirigiu seus passos para o noroeste. Não tenho dúvidas disso porque, depois de atravessar o deserto e vencer montanhas inóspitas, a primeira visão que teve da civilização ficava perto de um "mar na baixada". Havia uma cidade junto dele, com uma taberna em sua periferia. A "cervejeira" o alertou que a extensão de água que ele via era o "Mar das Águas da Morte" .

Tal como os Cedros do Líbano serviram como um ponto especial para fixarmos o marco final da primeira viagem de Gilgamesh, o Mar das Águas da Morte é uma pista inigualável para determinarmos o paradeiro do rei de Uruk em sua segunda viagem. Em todas as terras do mundo antigo, um todo o Oriente Médio, só existe uma extensão de água desse tipo e ela mantêm o nome até hoje: mar Morto. Ele é de fato um "mar de baixada", pois fica numa depressão da costa terrestre (cerca de 300 metros abaixo do nível do mar). Suas águas são tão saturadas de sais e outros minerais que lá não cresce nenhum tipo de vida animal ou vegetal.

Uma muralha cercava a cidade junto ao Mar das Águas da Morte. Seu templo era dedicado a Sin, o deus-Lua. Do lado de fora da muralha havia uma taberna. A estalajadeira acolheu Gilgamesh e forneceu-lhe informações.

As incríveis similaridades com uma história da Bíblia não podem ser ignoradas. Quando os israelitas terminaram seus quarenta anos de perambulação pelo deserto, era chegada a hora de entrarem em Canaã. Vindo da península do Sinai, eles foram progredindo pela margem oriental do mar Morto até chegarem ao lugar onde o rio Jordão deságua. Quando Moisés subiu num morro que dava para a planície, avistou - como Gilgamesh - as águas brilhantes do "mar na baixada". Na planície, na outra margem do rio, ficava uma cidade: Jericó! Como ela bloqueava o avanço dos israelitas sobre Canaã, dois espiões foram enviados para explorar suas defesas. Uma mulher cuja estalagem ficava junto às muralhas forneceu-lhes informações e orientação.

O nome hebraico de Jericó é Yeriho, que significa literalmente "Cidade da Lua" - a cidade dedicada ao deus-Lua, Sin...

Essa, sugiro, foi a mesma cidade à qual Gilgamesh chegou, quinze séculos antes do Êxodo.

Será que Jericó já existia por volta de 2.900 a.C., quando o rei de Uruk empenhava-se em sua busca? Os arqueólogos concordam que o local já era povoado antes de 7.000 a.C. e que desde cerca de 3.500 a.C. havia ali um centro florescente. Então, com toda a certeza, foi a Jericó que Gilgamesh chegou.

Refrescado e fortalecido, o rei de Uruk planejou seguir viagem. Encontrando-se no norte do mar Morto, perguntou à cervejeira se conseguiria atravessá-lo ou teria de circundá-lo por terra. Fazendo o trajeto a pé, ele seguiria a mesma rota dos israelitas muitos séculos depois, só que em sentido inverso. Porém, Gilgamesh conseguiu o auxílio de Urshanabi e desembarcou, acredito, na margem sul do mar Morto - o mais próximo que poderia chegar à península do Sinai por barco.

Dali, segundo as informações que recebeu, ele deveria seguir "um caminho regular", ou seja, uma rota normalmente usada pelas caravanas, "na direção do Grande Mar, que fica distante". Mais uma vez reconhecemos a geografia pela terminologia bíblica, pois na Bíblia o Grande Mar é o Mediterrâneo. Penetrando o Neguev, a seca região meridional de Canaã, Gilgamesh teria de dirigir-se para oeste por algum tempo, até encontrar "dois marcos de pedra", como explicara Urshanabi. Nesse local ele faria uma curva e atingiria a cidade de Itla, localizada a alguma distância do Grande Mar. Depois dela, na Quarta Região dos deuses, ficava a área restrita.

Itla seria uma "Cidade de Deuses" ou uma cidade de homens?

Os eventos ocorridos nesse local, descritos numa versão hitita fragmentada da Epopéia de Gilgamesh, indicam que ela abrigava tanto uns como outros. Era uma "cidade santificada", com vários deuses indo e vindo ou morando perto dela. Mas os homens também podiam entrar lá, pois o caminho era indicado por marcos de estrada. Além disso, Gilgamesh não somente descansou e trocou de roupa em Itla como também foi lá que obteve os cordeiros que ofereceu diariamente aos deuses em sacrifício.

Conhecemos uma cidade assim pelo Velho Testamento. Ela ficava localizada onde o sul de Canaã se mesclava com a península do Sinai e funcionava como entrada para a planície central da península. Sua santidade era denotada pelo nome: Cades ("A Sagrada") e distinguia-se de Cades do norte (situada, significativamente, perto de Baalbek) sendo chamada de Cades-Barnéia (que, originando-se do sumério, poderia significar: Cades dos Pilares de Pedra Brilhante). Na era dos patriarcas, ela fazia parte dos domínios de Abraão, que "viajou ao Neguev e habitou entre Cades e Shin".

Essa cidade, pelo nome e função, já é bem nossa conhecida pelas histórias cananéias sobre deuses, homens e a ânsia pela imortalidade. Danel, lembramo-nos, suplicou a El que lhe desse um herdeiro legítimo para este poder erigir uma estela em sua homenagem em Cades. Por intermédio de um texto ugarítico ficamos sabendo que um filho de El chamado Shibani ("O Sétimo") - a cidade bíblica de Bersabéia, ou Beersheva ("O Poço do Sétimo") pode ter esse nome por causa dele - recebeu instruções de "erigir um pilar comemorativo no deserto de Cades".
De fato, tanto Charles Virolleaud como René Dussaud, pioneiros na tradução e compreensão dos textos ugaríticos, concluíram que o local dos muitos contos épicos era "a região entre o mar Vermelho e o Mediterrâneo", ou seja, a península do Sinai. O deus Baal, que adorava pescar no lago Sumkhi, ia caçar no "deserto de Alus", área associada com a tamareira. Virolleaud e Dussaud salientaram que essa é uma importante pista geográfica ligando o local ugarítico com o registro bíblico sobre o êxodo, pois os israelitas, segundo Números 33, viajaram de Mará (o lugar das águas amargas) e Eloim (o oásis das tamareiras) para Alus.
Outros detalhes, colocando El e os deuses mais jovens na área do êxodo, são encontrados num texto que os eruditos intitularam de "O Nascimento dos Graciosos e Belos Deuses", Os versos de abertura localizam a ação no "deserto de Sufim" - sem dúvida um deserto à margem do Yam Suff ("Mar de Juncos") do Êxodo:

Chamo os graciosos e belos deuses,
Filhos do Príncipe.
Eu os colocarei na Cidade de Ascender e Ir,
No deserto de Sufim.

Os textos cananeus nos fornecem mais uma pista. Constantemente eles se referem ao chefe do panteão como "El" - o supremo, o mais alto dos altíssimos -, usando o termo mais como um título genérico do que como um nome próprio, Todavia, no conto citado acima, El é identificado como Yerah e sua esposa como Nikhal. "Yerah" é o termo semítico para "Lua" - o deus mais conhecido como "Sin" - e "Nikhal" é a forma semítica de NIN.GAL, o nome sumério da esposa do deus-Lua.
Os estudiosos já apresentaram muitas teorias a respeito da origem do nome Sinai. Uma vez, pelo menos, o motivo mais óbvio esteve entre as hipóteses

preferidas: Sinai poderia significar "pertencente a Sin".
Podemos ver que a lua crescente era o emblema da deidade em cujas terras ficava localizado o Portão Alado. E um importante ponto de cruzamento de rotas no centro da península do Sinai, um lugar rico em água chamado Nakhl, conserva até hoje o nome da esposa de Sin. Assim, podemos concluir com plena confiança que a "Terra de Tilmun" era a península do Sinai.
Um exame da geografia, topografia, geologia, clima, flora e história da península confirmará minha identificação e esclarecerá o papel do Sinai nas histórias de homens e deuses.
Os textos mesopotâmicos descreviam a localização de Tilmun na "boca" de duas extensões de água. A península, que tem a forma de um triângulo invertido, de fato começa onde o mar Vermelho separa-se em dois braços - o golfo de Suez a oeste e o golfo de Eilat (Ácaba) a leste. As representações egípcias que mostram a Terra de Set, onde ficava o Duat, mostram esquematicamente uma península com as características da do Sinai.
Os textos falam das "montanhas de Tilmun" e, de fato, a península do Sinai é constituída por uma região com grandes montanhas ao sul, um platô central também montanhoso e uma planície ao norte (cercada de montanhas), que vai descendo em colinas arenosas até a costa do Mediterrâneo. Essa faixa litorânea plana tem sido uma "ponte terrestre" entre a Ásia e a África desde épocas imemoriais. Os faraós a usaram para invadir Canaã e a Fenícia, e para desafiar os hititas. Sargão, rei de Acad, afirmou que atingiu o Mediterrâneo, onde "lavou suas armas". "As terras do mar" a região ao longo da costa - "três vezes rodeei; Tilmun minha mão capturou." Sargão II, rei da Assíria no século VIII a.C., vangloriou-se de ter conquistado a área que ia de "Bit-Yahkin, na margem do mar Salgado, até a fronteira de Tilmun". O nome "mar Salgado" sobreviveu até os dias de hoje como a denominação em hebraico do mar Morto - outra confirmação de que Tilmun ficava próximo dele.
Vários reis assírios mencionam o Riacho do Egito como um marco geográfico em suas expedições àquele país. Sargão II fala do Riacho depois de descrever a conquista de Asdod, a cidade filistéia, na costa do Mediterrâneo. Asaradão, que reinou algum tempo depois, vangloriou-se: "Piso em Arza, no Riacho do Egito, ponho Assuili, seu rei, em grilhões... Sobre Qanayah, rei de Tilmun, impus tributos". O nome "Riacho do Egito" é idêntico ao nome bíblico para o grande e extenso wadi (rio raso que se

torna torrencial na estação chuvosa) do Sinai que atualmente é conhecido como wadi El-Arish. Assurbanipal, sucessor de Asaradão no trono da Assíria, afirmou que ele colocara o jugo de sua soberania sobre Tiro, que fica no Mar Superior (Mediterrâneo) e até Tilmun, que fica no Mar Inferior (o mar Vermelho).
Em todos esses casos, a geografia e topografia de Tilmun igualam-se perfeitamente às da península do Sinai.
Acredita-se que, salvo variações anuais, o clima da península foi sempre o que é atualmente: uma estação chuvosa irregular que vai de outubro a maio e o resto do ano completamente seco. A pouca densidade pluvial qualifica a região a ser definida como deserto (menos de 30 mm anuais). No entanto, os altos picos de granito ao sul ficam cobertos de neve no inverno e na faixa litorânea o lençol freático é encontrado a pouco mais de 1 metro abaixo da superfície.
Uma característica geográfica típica da península são os wadis. Na região sul, as águas de chuvas curtas e repentinas correm parte para o leste, para o golfo de Eilat, e mais freqüentemente para o oeste, para o golfo de Suez. É nessa região que são encontrados os riachos no fundo de grandes gargantas e oásis exuberantes. Todavia, o grosso das águas pluviais é drenado na direção norte, indo para o Mediterrâneo pelo extenso wadi El-Arish e seus inúmeros afluentes, que, no mapa, em seu conjunto, parecem os vasos sangüíneos de um gigantesco coração. Nessa parte do Sinai, a profundidade dos wadis varia de poucos centímetros até cerca de 1 metro até 2 quilômetros, quando há uma chuva torrencial.
Mesmo na estação chuvosa, o padrão de precipitação é totalmente errático. Aguaceiros súbitos se alternam com longos períodos secos. Assim, pressupor-se a existência de água em relativa abundância nesse período do ano ou logo depois dele pode ser uma idéia muito enganosa. Possivelmente foi o que aconteceu com os israelitas quando deixaram o Egito em meados de abril e entraram no deserto do Sinai algumas semanas depois. Eles encontraram-se sem água e o Senhor teve de intervir duas vezes, mostrando a Moisés que rochas deveria golpear para obtê-la.
Os beduínos, como todos os calejados viajantes que percorrem o Sinai, conseguem repetir esse milagre quando o solo do leito do wadi é do tipo adequado. O segredo é que em muitos lugares a camada rochosa da superfície está sobre uma camada de solo argiloso que captura a água que penetra por entre as pedras. Com conhecimento e sorte, uma pequena

escavação num leito de wadi completamente seco revela água em abundância logo abaixo da superfície.
Mas seria essa arte nômade o grande milagre realizado pelo Senhor? Recentes descobertas feitas na península do Sinai lançam uma nova luz sobre o assunto. Hidrólogos israelenses ligados ao Instituto Weizmann de Ciências descobriram que, como acontece em partes do deserto do Saara e em algumas áreas desérticas da Núbia, existe "água fóssil" (restos de lagos pré-históricos de outras era geológicas) nas profundezas da região central do Sinal. O imenso reservatório subterrâneo, com água suficiente, segundo as estimativas, para atender a uma população como a de Israel por quase cem anos, estende-se por cerca de 15.500 quilômetros quadrados num cinturão largo que vai do canal de Suez até o interior do árido deserto de Neguev, em Israel.
Embora esteja em média cerca de 915 metros abaixo do solo pedregoso, a água é sub-artesiana e sobe com sua própria pressão a até 300 metros da superfície. Quando os egípcios fizeram perfurações à procura de petróleo em Nakhl, na planície setentrional, encontraram esse reservatório subterrâneo. Outras sondagens confirmaram o incrível fato: na superfície, um deserto árido; no subsolo, dificilmente acessível por meio dos modernos equipamentos de perfuração e bombeamento, um lago de água pura e cristalina!
Será que os Nefilim, com sua tecnologia de era espacial, tinham conhecimento disso? E mais, seria essa água, e não uma pequena quantidade acumulada sob um wadi seco, a que jorrou depois que Moisés golpeou a pedra, seguindo as instruções do Senhor? "Leva contigo, na mão, a vara com que fizeste os milagres no Egito", disse o Senhor a Moisés. "Tu me verás em pé sobre uma pedra; ferirás a pedra e dela sairá água e o povo beberá." Assim, seria água suficiente para uma multidão e seu gado. Para que a grandeza de Iahweh fosse reconhecida por todos, Moisés deveria levar ao local algumas testemunhas. O milagre aconteceu "na presença dos anciãos de Israel".
Uma história suméria relata um evento bastante parecido. Trata-se de um conto sobre épocas difíceis devido à escassez de água. As plantações murcharam, o gado não tinha o que beber, o povo estava sedento e calado. Ninsikilla, esposa do governante de Tilmun, Enshag, queixou-se ao seu pai, Enki:

A cidade que destes...
Tilmun, a cidade que destes...
Não tem águas de rio...
Não pode banhar-se a donzela;
Nenhuma água cristalina jorra na cidade.

Depois de estudar o problema, Enki concluiu que a única solução seria trazer águas subterrâneas. No entanto, a profundidade a ser atingida certamente não poderia ser alcançada através da perfuração de um poço comum. Assim, Enki elaborou um plano no qual as camadas de rocha seriam perfuradas por um míssil disparado do céu!

Pai Enki respondeu a Ninsikilla, sua filha:
Que o divino Utu se posicione no céu.
Que um míssil preso ao 'peito'
E do alto o dirija para a terra...
Da fonte da qual emergem as águas da Terra,
Que ele traga-te a doce água do solo.

Assim instruído, Utu/Shamash começou a tomar as providências necessárias:

Utu, posicionando-se no céu,
Um míssil firmemente preso ao seu "peito",
Do alto dirigiu-se para a terra...
Soltou o míssil do alto do céu.
De entre as rochas de cristal levantou a água;
Da fonte de onde emergem as águas da Terra,
Trouxe água doce, do solo.

Um míssil lançado do céu poderia perfurar a crosta da Terra, fazer a água potável subir? Antecipando a incredulidade de seus leitores, o escriba acrescentou: "Em verdade, foi assim". O plano, segundo a continuação do texto, funcionou: Tilmun tornou-se uma região de "campos férteis e fazendas que produzem grãos" e a Cidade de Tilmun "tornou-se o porto do país, local de ancoradouros e docas".

Os paralelos entre a península do Sinai e Tilmun estão assim duplamente confirmados. Primeiro, a existência de um reservatório subterrâneo de água, abaixo da superfície rochosa. Segundo, a presença de Utu/Shamash (o comandante do espaço-porto) nas vizinhanças.
A península do Sinai também possui todos os produtos que faziam a fama de Tilmun.
Tilmun era a fonte das pedras preciosas aparentadas com o lápis-lazúli que os sumérios tanto apreciavam. É um fato incontestável que os faraós obtinham tanto a turquesa como a malaquita no sudoeste da península. A mais antiga área de mineração de turquesa de que se tem notícia atualmente tem o nome de wadi Maghara - o "wadi das Cavernas". Nesse local abriam-se túneis na face rochosa do cânion do wadi e os mineiros talhavam as pedras. Mais tarde começou a haver mineração da turquesa também num lugar que hoje é chamado de Serabit-el-Khadim. Inscrições egípcias da 3ª. Dinastia (2.700-2.600 a.C.) foram encontradas em wadi Maghara e acredita-se que foi nessa época que os faraós começaram a instalar postos militares na região para poder haver uma mineração continuada.
Descobertas arqueológicas, além de desenhos e pinturas mostrando os primeiros "nômades asiáticos" capturados pelos faraós, convenceram os estudiosos de que no início os egípcios só saqueavam minas já abertas por tribos do Sinai. De fato, o nome egípcio para turquesa - mafka-t - origina-se do verbo semita "minerar, extrair por corte". Posteriormente, os egípcios passaram a chamar a península do Sinai de "Terra de Mafkat" e atribuíram o domínio dessa área de mineração à deusa Hathor, conhecida tanto como "A Senhora do Sinai" como "A Senhora do Mafkat". Embora fosse uma grande deusa da Antiguidade e estivesse entre os primeiros deuses do céu egípcios, ela era apelidada de "A Vaca" e retratada sempre com os chifres desse animal. Seu nome, Hat-Hor, escrito hieroglificamente pelo desenho de um falcão dentro do recinto fechado, tem sido interpretado pelos eruditos como sendo "Casa de Hórus", mas literalmente ele significa "Casa do Falcão", o que fortalece muita conclusão sobre a localização e função da Terra dos Mísseis.
Segundo a Encyclopaedia Britannica, "a turquesa já era obtida na península do Sinai antes do quarto milênio a.C., numa das primeiras operações de extração de rochas minerais do mundo". Nessa época, a civilização suméria estava nos seus primórdios e a egípcia só iria surgir dali a mil anos. Quem

poderia ter organizado as atividades de mineração? Os antigos egípcios atribuíram esse feito a Thot, o deus das ciências.
Ao afirmarem isso e ao atribuírem o domínio da península do Sinai a Hathor, os egípcios estavam emulando as tradições sumérias. Segundo os textos sumérios, o deus que organizou as operações de mineração dos Anunnaki foi Enki, o deus do conhecimento. E Tilmun, nos tempos antes do dilúvio, foi dado a Ninhursag, a irmã de Enki e Enlil. Em sua juventude, ela era uma mulher de extraordinária beleza e enfermeira-chefe dos Nefilim, mas em sua velhice recebeu o apelido de "A Vaca" e, na qualidade de Deusa da Tamareira, era sempre retratada com os chifres desse animal. As similaridades entre Ninhursag e Hathor, as analogias entre seus domínios, são óbvias demais para exigirem elaboração.
A península do Sinai era uma importante fonte de cobre na Antiguidade e prova disso é que os egípcios dependiam basicamente do saque para obtê-lo. Para isso, tinham de penetrar bem longe na região. Um faraó da 12ª. Dinastia (época de Abraão) deixou-nos estes comentários de seus feitos: "Atingindo as fronteiras de países estranhos com seus pés; explorando vales misteriosos, alcançando os limites do desconhecido". Ele também se vangloriou do fato de que seus homens não perderam nenhum caixote do butim.
Recentes explorações feitas no Sinai por cientistas trouxeram à luz muitas provas de que "durante a época do Antigo Império do Egito, no terceiro milênio a.C., a península era densamente habitada por tribos semitas que fundiam cobre e mineravam turquesa, e que resistiram à penetração das expedições faraônicas em seu território" (Beno Rothenberg, Sinai Explorations 1967-1972). "Conseguimos constatar a existência de um empreendimento metalúrgico-industrial bastante grande... Lá há muitas minas de cobre, acampamentos de mineiros e instalações de fundição disseminados desde a região oeste da parte sul do Sinai até Eilat, no alto do golfo de Ácaba.”
Eilat, conhecida na época do Velho Testamento como Etzion-Gaber, foi realmente a "Pittsburgh da Antiguidade". Cerca de vinte anos atrás, Nelson Glueck descobriu as minas do rei Salomão em Timna, um pouco ao norte de Eilat. Ele constatou que o minério era levado para Etzion-Gaber, fundido e refinado em "um dos maiores, senão o maior, centro metalúrgico existente na Antiguidade" (Rivers in the Desert).

Os indícios arqueológicos mais uma vez combinam com os textos bíblicos e mesopotâmicos. Asaradão, rei da Assíria, vangloriou-se de que "sobre Qanayah, rei de Tilmun, impus tributo". Os quenitas são mencionados no Velho Testamento como habitantes do sul da península do Sinai e seu nome significa, literalmente, "ferreiros, metalúrgicos". Quando Moisés fugiu do Egito, indo para Madiã, ele casou-se com uma moça da tribo dos quenitas. R. J. Forbes (The Evolution of the Smith) salientou que o termo bíblico qain ("ferreiro") origina-se do sumério KIN ("moldador").
O faraó Ramsés III, que reinou um século depois do êxodo, deixou registrada a invasão desses povoados de artesãos do cobre que ele comandou e o saque ao centro metalúrgico de Timna-Eilat:

Destruí o povo de Seir, as tribos do Shasu; saqueei suas tendas, suas posses e seu gado incontável. Eles foram amarrados e trazidos cativos, como um tributo ao Egito. Dei-os aos deuses, para serem escravos em seus templos.
Mandei meus homens para o País Antigo, para as suas grandes minas de cobre. Uns foram transportados em galeras, outros fizeram a viagem por terra, indo em seus asnos. Nunca se ouviu contar nada como isso, desde que começaram os reinos dos faraós.
As minas tinham cobre em abundância e ele foi colocado aos milhares nas galeras. Sendo enviado para o Egito, chegou em segurança. As barras de cobre, 100 mil delas, da cor de ouro devido à três refinações, mandei empilhar sob o balcão do palácio. Deixei que todo o povo as visse, como se fossem maravilhas.

Lembremo-nos de que os deuses condenaram Enkidu a passar o resto da vida nas minas. Foi por isso que Gilgamesh concebeu o plano de construir um "Barco do Egito" e levar ele mesmo o companheiro, pois a Terra das Minas e a Terra dos Mísseis ficavam no mesmo território. Assim, minha identificação está de acordo com os dados antigos.

Antes de continuarmos a reconstrução dos eventos históricos e pré-históricos, é importante fortalecer à conclusão de que Tilmun era o nome sumério da península do Sinal. Porém, não é isso que os estudiosos pensam. Vamos então analisar seus pontos de vista e mostrar por que estão errados.
Uma persistente escola de pensamento que teve como seus primeiros defensores P. B. Cornvall (On the Location of Tilmun) identifica Tilmun (às

vezes escrito "Dilmun") como sendo a ilha de Bahrein, no golfo Pérsico. Esse ponto de vista se apóia numa inscrição de Sargão II da Assíria, onde ele afirmava que entre os reis que lhe pagavam tributo estava "Uperi, rei de Dilmun, cujo reino fica situado como um peixe, a uma distância de trinta horas duplas, no meio do mar onde o sol se levanta". Devido a essa informação, concluiu-se que Tilmun era uma ilha. Os eruditos que defendem essa teoria identificam "o mar onde o sol se levanta" como o golfo Pérsico. Assim, dão a ilha de Bahrein como resposta.

Há muitas falhas nessa interpretação. Primeiro, é possível que apenas a capital de Tilmun ficasse numa ilha. Os textos não deixam dúvida de que existia uma Terra de Tilmun e uma Cidade de Tilmun. Segundo, outros textos assírios que descrevem cidades como estando localizadas "no meio do mar" referem-se a povoados litorâneos, situados em baías ou promontórios, e não em ilhas, como, por exemplo, Arvad, na costa do Mediterrâneo. Além disso, se o "mar onde o sol se levanta" indica uma extensão de água a leste da Mesopotâmia, o golfo Pérsico não se aplica, pois ele fica ao sul e não a leste da região. E mais, Bahrein está situada perto demais da Mesopotâmia para justificar trinta horas duplas de navegação. A ilha dista cerca de 450 quilômetros dos portos mesopotâmicos e, mesmo navegando-se muito devagar, sessenta horas de viagem cobririam uma distância muitas vezes maior.

Outra importante falha na teoria Bahrein/Tilmun é a relativa aos produtos que faziam a fama de Tilmun. Já nos tempos de Gilgamesh, a área não era restrita em sua totalidade. Havia uma parte dela, como vimos, onde condenados trabalhavam nos escuros e poeirentos túneis das minas extraindo cobre e pedras preciosas. Sempre ligada à Suméria pela cultura e comércio, Tilmun a abastecia com certos tipos especiais de madeira, e de suas áreas cultivadas - tema da história que vimos anteriormente, onde Ninsikilla suplicou ao pai que lhe arranjasse água - saíam as cebolas e tâmaras mais famosas da Antiguidade.

Bahrein nunca teve uma cultura desse tipo e suas tamareiras sempre produziram frutos comuns. Assim, para justificar sua escolha como Tilmun, a escola de pensamento que defende essa teoria sugere que Bahrein era um porto de transbordo (Geoffrey Bibby, em Looking for Dilmun, e outros autores). Ela concorda que as famosas tâmaras vinham de um lugar mais distante, mas afirma que os navios que as transportavam não iam até os portos da Mesopotâmia. Eles ancoravam em Bahrein e os mercadores

sumérios transferiam a carga para outras embarcações, que então faziam a etapa final até seu país. Era por isso que, quando os escribas registravam o local de onde precedia a carga, escreviam "Dilmun", querendo referir-se a Bahrein.
Ora, por que navios que tinham navegado tão grandes distâncias deixariam de fazer o curto percurso até o destino final da carga na Mesopotâmia? Por que tanto trabalho de carga e descarga que só serviria para aumentar o custo? Essa teoria também vai contra as afirmações de governantes da Suméria e Acad de que os navios de Tilmun, bem como os de outros países, ancoravam em seus portos. Ur-Nanshe, rei de Lagash dois séculos depois que Gilgamesh governou Uruk, afirmou que "os navios de Tilmun... trouxeram-me madeira como tributo". Reconhecemos o nome "Tilmun" nessa inscrição pelo pictógrafo para "míssil". Sargão, o primeiro governante de Acad, vangloriou-se de que "no cais de Acad ele fez aportar os navios de Meluhha, navios de Magan e navios de Tilmun".
É bastante provável, portanto, que os navios de Tilmun levavam os produtos diretamente para os portos da Mesopotâmia, como seria de se esperar dentro de todos os parâmetros da lógica e economia. Os textos antigos também falam de exportações de mercadorias da Mesopotâmia para Tilmun. Uma inscrição registra o envio de um carregamento de trigo, queijo e cevada descascada de Lagash para Tilmun (cerca de 2.500 a.C.) sem nenhuma menção de transbordo de carga numa ilha qualquer.
Um dos principais oponentes da teoria Bahrein/Tilmun, Samuel N. Kramer (Dilmun, the "Land of the Living"), salientou o fato de que os textos mesopotâmicos descreviam Tilmun como "um país distante", que se atingia à custa de risco e aventura. Essas afirmações não combinam com uma ilha próxima à qual se chega depois de poucas horas de navegação nas águas tranqüilas do golfo Pérsico. Ele também enfatizou a importância do fato de vários textos mesopotâmicos colocarem Tilmun perto de duas extensões de água, e não dentro ou perto de apenas uma. Os textos acadianos diziam: "Tilmun ina pi narati" - "Tilmun, na boca das duas águas correntes" -, isto é, onde se iniciam duas extensões de água.
Guiado por uma outra declaração, que dizia que Tilmun era a terra "onde o sol se levanta", Kruner concluiu, primeiro, que Tilmun situava-se em terra firme e não numa ilha, e segundo, que devia ficar a leste da Suméria, pois é no leste que o sol se levanta. Procurando no mapa um lugar a oriente da Mesopotâmia onde duas extensões de água se encontram, ele só conseguiu

descobrir um ponto a sudeste, onde o golfo Pérsico encontra-se com o oceano Índico. Assim, com alguma hesitação, Kramer sugeriu: Tilmun ficava no Baluquistão ou em algum lugar perto do rio Indo.
A hesitação de Kramer derivou do fato bem conhecido de que numerosos textos sumérios e acadianos, que dão listas de países e povos, não colocam Tilmun entre as terras do leste como Elam e Aratra. Em vez disso, juntam como terras próximas umas das outras Meluhha (Núbia, Etiópia), Magan (Egito) e Tilmun. A proximidade entre o Egito e Tilmun fica bem clara no final do texto "Enki e Ninhursag", onde fala-se da designação de Nintulla como Senhor de Magan e Enshag como Senhor de Tihnun, que recebem as bênçãos dos dois grandes deuses. Essa proximidade também fica evidente a partir de um notável texto escrito como uma autobiografia de Enki, que descreve suas atividades depois do dilúvio, quando ficou ajudando a humanidade e estabelecendo suas civilizações. Mais uma vez, Tilmun é listada junto com Magan e Meluhha:

As terras de Magan e Tilmun
Levantaram os olhos para mim.
Eu, Enki, ancorei o barco Tilmun na costa,
Carreguei até o alto o barco Magan.
O alegre barco de Meluhha
Transporta ouro e prata.

Em vista da proximidade de Tilmun com o Egito, o que devemos pensar das afirmações de que Tilmun ficava "onde o sol se levanta", significando, como dizem os estudiosos, um país a leste da Suméria e não a oeste, como a península do Sinai?
A resposta, e bem simples, é que os textos não afirmam nada disso. Eles não falam "onde o sol se levanta", mas sim" onde Shamash ascende" - e é aí que está toda a diferença. Tilmun não ficava a leste da Mesopotâmia e com toda a certeza era o lugar onde Utu/ Shamash - que não era o Sol, apenas usava como símbolo - ascendia aos céus em seus foguetes. As palavras da Epopéia de Gilgamesh são bem claras:

À montanha de Mashu ele chegou,
Onde durante o dia os Shem ele observou
Enquanto iam e vinham...

Homens-foguete guardam seu portão...
Eles vigiam Shamash
Enquanto ele ascende e descende.

E aquele era o lugar para onde Ziusudra fora levado depois do dilúvio:

Na Terra da Travessia,
Na montanhosa Tilmun
- O lugar onde Shamash ascende -
Eles o fizeram residir.

E foi assim que Gilgamesh - que teve negada a permissão de montar um Shem e acabou contentando-se apenas em conversar com seu ancestral - partiu a sua procura, dirigindo seus passos para o monte Mashu em Tilmun - o monte de Moshe (Moisés), na península do Sinai.
Os botânicos modernos têm se surpreendido com a variedade da flora da península, pois lá foram encontradas mais de mil espécies de plantas, muitas que só dão ali, variando de árvores a pequeninos arbustos. Onde existe água, como no oásis, nas dunas litorâneas e leitos dos wadis, essa vegetação cresce com impressionante persistência por ter se adaptado ao clima e hidrografia únicos da península do Sinai. As regiões a nordeste da península podem ter sido a fonte das apreciadas cebolas. O nome inglês para a variedade com caule longo e verde - scallion - lembra o porto de onde esse petisco era exportado para a Europa: Ascalon, na costa do Mediterrâneo, logo no norte do Riacho do Egito.
Uma das árvores que se adaptaram às singulares características do Sinai é a acácia, que acomoda sua alta taxa de transpiração crescendo apenas nos leitos dos wadis, onde explora a umidade subterrânea com um eficiente sistema de longas raízes. Como resultado disso, a acácia pode viver quase dez anos sem chuva. Essa árvore tem uma madeira muito apreciada e, segundo o Velho Testamento, a arca e outros componentes do Tabernáculo eram feitos dela. Ela bem poderia ser a madeira especial que os reis da Suméria importavam para a construção de seus templos.
Uma visão sempre presente na península do Sinai são as tamargueiras, pequenas árvores que acompanham o curso dos wadis o ano inteiro, pois suas raízes também descem até a umidade abaixo da superfície e elas conseguem sobreviver mesmo onde a água é salobra ou salina. Depois de

invernos particularmente chuvosos, os bosques de tamargueiras ficam cheios de uma substância doce e granulosa, que é a excreção de pequenos insetos que vivem de seus frutos. Os beduínos ainda hoje a chamam pelo seu nome bíblico - maná.

Todavia, a árvore mais associada a Tilmun na Antiguidade era a tamareira, que continua sendo a principal planta do Sinai em termos econômicos. Pedindo um mínimo de cultivo, ela atende a todas as necessidades básicas dos beduínos. Seus frutos constituem um alimento saboroso e nutritivo, cascas e caroços são dados aos camelos e cabras, o tronco é usado na construção e como combustível, as folhas servem para fazer telhados e as fibras para a confecção de cordas e também são empregadas na tecelagem.

Sabemos, através dos registros mesopotâmicos, que as tâmaras eram um importante produto de exportação de Tilmun. Os frutos vindos dessa região, por serem grandes e saborosos, ganhavam lugar de destaque nas receitas culinárias. Um texto de Uruk, a cidade de Gilgamesh, falando dos alimentos que deviam ser dados aos deuses, especificava: "todos os dias do ano, para as quatro refeições diárias, 108 medidas de tâmaras comuns e tâmaras da Terra de Tilmun, e também figos e passas... deverão ser oferecidos às divindades". A cidade mais próxima da antiga rota terrestre entre a península do Sinai e a Mesopotâmia era Jericó, na Bíblia chamada de "Jericó, a cidade das tâmaras".

A tamareira, como já vimos extensivamente, foi adotada como um símbolo sagrado em todas as religiões do antigo Oriente Médio. O salmista bíblico prometeu que "os justos, como a tamareira, florescerão". O profeta Ezequiel teve uma visão do templo de Jerusalém reconstruído, ornamentado com "querubins e tamareiras" alternados. Residindo entre os judeus que tinham sido levados à força para a Babilônia, Ezequiel estava bem familiarizado com o tema artístico dos Seres Alados e a Tamareira.

Junto com o Disco Alado (o emblema do 12° Planeta), o símbolo mais constante em todos os países da Antiguidade era o da Árvore da Vida. Escrevendo em Der Alte Orient, Felix von Luschau mostrou em 1912, época da publicação do artigo, que os capitéis das colunas jônicas e egípcias eram, de fato, estilizações da Árvore da Vida sob a forma de uma tamareira, e confirmou sugestões anteriores de que o Fruto da Vida tão decantado nas lendas e contos épicos era uma variedade especial de tâmara. Encontramos o tema da tamareira como o símbolo da Vida avançando até o Egito

muçulmano, como se pode ver nas ornamentações da grande mesquita do Cairo.
Importantes estudos, como De Boom des Levens en Schrift en Historie de Henrik Bergema e The King and the Tree of Life in Ancient Eastern Religion, de Geo. Widengren, mostram que o conceito de uma Árvore da Vida, crescendo numa Morada dos Deuses, espalhou-se do Oriente Médio para o mundo todo e tornou-se um princípio básico de todas as religiões da Terra.
A fonte de todos esses desenhos e crenças foram os registros sumérios falando da Terra dos Vivos.

Tilmun,
Onde a mulher velha não diz "Sou uma velha",
Onde o homem velho não diz "Sou um velho".

Os sumérios, mestres em jogos de palavras, chamavam a Terra dos Mísseis de TIL.MUN. Todavia, o termo também podia significar "Terra dos Vivos", pois TIL também era "Vida". A Árvore da Vida em sumério era GISH.TIL, mas GISH também era o nome para um objeto manufaturado, algo feito pela mão do homem. Assim, GISH.TIL também podia ser "O Veículo para a Vida" - um foguete espacial. Na arte também encontramos os homens-águia saudando às vezes um foguete e em outras uma tamareira.
Os laços se apertam ainda mais quando descobrimos que na arte religiosa grega o omphalo era associado com a tamareira. Uma antiga pintura de Delfos mostra que a réplica do omphalos erigida no lado de fora do templo de Apolo ficava perto de uma tamareira. Já que esse tipo de árvore não cresce na Grécia, os eruditos acreditam que a tamareira era feita de bronze. A associação de omphalos com a tamareira deve ter sido uma questão de simbolismo básico, pois desenhos desse tipo repetiam-se em outros centros de oráculos gregos.
Vimos anteriormente que o omphalos é um vínculo entre os centros de oráculo da Grécia, Egito, Núbia e Canaã, e o Duat. Agora encontramos essa Pedra do Esplendor ligada à tamareira - a Árvore da Terra dos Vivos.
De fato, os textos sumérios que acompanhavam os desenhos dos querubins e a Árvore da Vida incluíam a seguinte invocação:

A árvore de Enki, marrom-escura, seguro em minha mão;

A árvore que faz a contagem, a grande arma voltada para os céus,
Seguro em minha mão;
A palmeira, a grande árvore de oráculos, seguro em minha mão.

Um desenho da Mesopotâmia mostra um deus segurando essa "palmeira, grande árvore de oráculos". Ele concede o Fruto da Vida a um rei no lugar dos "quatro deuses". Já tivemos a oportunidade de conhecê-los nos textos e desenhos egípcios: eles eram os deuses dos quatro pontos cardeais que apareciam perto da Escada para o Céu no Duat. Vimos também, nos desenhos sumérios, que o Portão para o Céu era marcado por uma tamareira.
Com tudo isso, não resta dúvida de que o alvo das antigas buscas pela imortalidade era um espaço-porto localizado em alguma parte da península do Sinai.

CAPÍTULO 11
MONTE ENGANADOR

Em algum lugar da península do Sinai, os Nefilim instalaram seu espaço-porto pós-diluviano e alguns poucos e escolhidos mortais, com as bênçãos de seus deuses, podiam se aproximar de uma determinada montanha. Foi lá que Alexandre, o Grande, recebeu a ordem do homem-pássaro que montava guarda: "Volta! Volta, pois a terra em que estás pisando é solo sagrado!" Também foi lá que homens-águia atacaram Gilgamesh com seus raios atordoadores, quando então perceberam que ele não era um simples mortal.
Os sumérios chamavam essa montanha de MA.SHU - o Monte do Supremo Barco. As lendas de Alexandre referem-se a ele como o monte Mushas - a montanha de Moisés. A natureza, as funções idênticas e o mesmo nome sugerem que em todos os casos ele era um marco geográfico indicando aos aventureiros o destino final de sua longa jornada. Assim, parece que a resposta à pergunta: "Em que lugar da península ficava o portão do espaço-porto?", está bem próxima. Afinal, a montanha do Êxodo, o "monte Sinai", claramente marcada nos mapas da região, é o mais alto entre os grandes maciços de granito do sul da península.
Há 33 séculos os judeus comemoram sua Páscoa, ocasião em que relembram o êxodo do Egito. Os registros históricos e religiosos estão cheios de referências a esse evento, às perambulações pelo deserto e a aliança com Deus feita no monte Sinai. O povo judeu é constantemente lembrado da Teofania, quando toda a nação de Israel viu o Senhor Iahweh resplandecendo em toda sua glória no monte sagrado. No entanto, os registros sempre procuraram não colocar ênfase excessiva sobre a localização exata dessa montanha, de modo a não estimular a transformação do lugar num centro de culto. Não existe nenhuma menção na Bíblia sobre alguém que tenha ao menos tentado voltar ao monte Sinai para uma vista, com exceção do profeta Elias. Cerca de quatro séculos depois do êxodo, ele fugiu para salvar sua pele depois de ter matado os sacerdotes de Baal no monte Carmelo. Tentando atingir o monte, Elias perdeu-se no deserto. Foi um anjo do Senhor que o fez recobrar a consciência e que o abrigou numa caverna da montanha.

Atualmente, pelo menos à primeira vista, ninguém precisa de um anjo protetor para encontrar o monte Sinai. O peregrino moderno, como tantos outros no passado, dirige seu rumo para o mosteiro de Santa Catarina, que tem esse nome em homenagem à Catarina do Egito, santa e mártir, cujo corpo foi levado para a montanha mais alta da península pelos anjos. O peregrino, depois de passar a noite no mosteiro, começa a subir o djebel Musa ("monte Moisés", em árabe) logo ao nascer do dia. Esse é o pico mais meridional de um maciço de 3 quilômetros que se eleva ao sul do mosteiro e trata-se do monte Sinai "tradicional", ao qual estão associados a Teofania e a entrega das Tábuas da Lei.

A subida até esse monte é uma empreitada longa e penosa, pois ele tem 760 metros de altura. Um dos meios é se utilizar uma escada com 4 mil degraus construída pelos monges na encosta oeste do maciço. O caminho mais fácil, mas que consome várias horas de caminhada, começa no vale, entre o maciço e uma montanha que apropriadamente tem o nome de Jetro, o sogro de Moisés, e vai subindo pela encosta leste até atingir os últimos 750 degraus da primeira trilha. Foi nessa interseção, segundo as tradições dos monges, que Elias encontrou-se com o Senhor.

Uma capela cristã e um santuário muçulmano, ambos pequenos e de construção modesta, marcam o local onde as Tábuas da Lei foram entregues a Moisés. Uma caverna próxima é venerada como sendo a "fenda na rocha", onde Deus mandou Moisés se esconder durante sua passagem, como relatado em Êxodo 33:22. Um poço que fica na trilha de descida é identificado como o local para onde Moisés levava o rebanho de seu sogro para beber água. Em toda a região do djebel Musa e seus arredores existem marcos definidos pelas tradições dos monges para todos os eventos associados com a montanha sagrada.

Do djebel Musa, pode-se avistar os outros picos do maciço de granito e, surpreendentemente, nota-se que ele parece ser mais baixo que muitos de seus vizinhos.

De fato, para fortalecerem a lenda de Santa Catarina, os monges afixaram no mosteiro uma placa que diz:

ALTITUDE	1.527 metros
MONTE MOISÉS	2.305 metros
MONTE STA. CATARINA	2.615 metros

Dessa forma, o visitante é levado a acreditar que o monte Santa Catarina é mesmo o mais alto da península e por isso teria sido escolhido pelos anjos para abrigar o corpo da santa. Ao mesmo tempo, o peregrino também fica um tanto decepcionado ao constatar que, ao contrário das crenças, Deus, ao levar os filhos de Israel para aquela região, com a intenção de impressioná-los com seu poder e impor suas leis, não escolheu para isso a montanha mais alta.

Teria Deus se enganado na escolha do monte?

Em 1809, o erudito suíço Johann Ludwig Burckhardt chegou ao Oriente Médio sob o patrocínio da Associação Britânica para a Promoção de Descobertas no Interior da África. Depois de estudar os costumes muçulmanos e árabes, ele vestiu uma túnica, colocou um turbante e assumiu um novo nome, passando a chamar-se Ibrahim Ibn Abd Allah - Abraão, o Filho do Servo de Alá -, e assim conseguiu viajar por áreas até então proibidas aos infiéis. Nessas viagens, ele descobriu, entre muitas coisas, os templos egípcios de Abu Simbel e Petra, a cidade de pedra dos nabateus, na Transjordânia.

Em 15 de abril de 1816, Burckhardt partiu de Suez, em lombo de camelo, decidido a seguir a rota do êxodo, pretendendo estabelecer a verdadeira localização do monte Sinai. Seguindo o caminho presumível dos israelitas, ele viajou rumo sul, acompanhando o litoral oeste da península. Nessa região, o terreno montanhoso começa a cerca de 15 ou 20 quilômetros da costa, formando-se assim uma desolada planície litorânea cortada aqui e ali por wadis e algumas fontes de águas quentes, inclusive uma que costumava ser freqüentada pelos faraós.

Enquanto descia pelo platô de calcário da península, Burckhardt ia anotando a geografia, topografia e distância da região, comparando os marcos, condições e nomes de lugares com as descrições das várias etapas do êxodo registradas na Bíblia. Quando termina esse platô calcário, inicia-se uma faixa de areia, que o separa de um cinturão de arenito núbio. Essa faixa de terreno arenoso é uma dádiva da natureza para o viajante que pretende atingir o interior da península, pois ela funciona como uma avenida que corta o Sinai de leste a oeste. Foi por meio dela que Burckhardt penetrou no interior da península. Depois de algum tempo de viagem, ele tomou rumo sul, entrando na área das montanhas de granito, e acabou atingindo o mosteiro de Santa Catarina pelo norte (como faz atualmente o peregrino que chega de avião).

Algumas de suas observações continuam sendo de grande valia para os estudiosos. A região, como ele registrou, produzia excelentes tâmaras; os monges, por tradição, costumavam enviar grandes caixas de frutas ao sultão de Constantinopla como um tributo anual. Tendo feito amizade com os beduínos da área, Burckhardt acabou sendo convidado para a festa anual de "São Jorge", que os árabes chamavam de "El Kadir" - o "sempre verde"!

O explorador suíço subiu aos montes Musa e Santa Catarina, e estudou minuciosamente seus arredores, tendo ficado especialmente fascinado com o monte Umm Shumar - apenas 55 metros mais baixo que o Santa Catarina -, que se eleva um pouco a sudoeste do grupo Musa-Santa Catarina. Visto de longe, seu pico cintila ao sol "com uma brancura incrível", devido a uma quantidade incomum de mica na rocha, formando um "impressionante contraste com a superfície escura da ardósia e do granito vermelho" da parte mais baixa da montanha e suas adjacências. O pico também era o único que proporcionava uma visão mais livre do golfo de Suez ("o porto de El-Tor estava claramente visível") e do golfo de Ácaba. Examinando os documentos arquivados no convento, Burckhardt descobriu a informação de que antes o monte Umm Shumar era a principal localização dos povoados monásticos. No século XV, "caravanas de asnos carregados de milho e outras provisões passaram regularmente por esse lugar, vindos de El-Tor, pois este é o caminho mais próximo do porto".

O pesquisador suíço voltou via wadi Feiran e seu oásis, o maior da península sinaítica. No ponto onde o wadi deixa as montanhas e atinge a faixa litorânea, ele encontrou e escalou uma montanha magnífica, o monte Serbal, com 2.074 metros de altitude, um dos mais altos da península, onde encontrou restos de santuários e inscrições de peregrinos. Depois de pesquisas adicionais, Burckhardt determinou que o principal centro monástico da região fora, durante muitos séculos, essa área do Feiran com sua imponente montanha.

Quando Burckhardt publicou suas descobertas (Travels in Syria and the Holy Land), houve uma comoção nos meios bíblicos e acadêmicos, pois, segundo ele, o verdadeiro monte Sinai não era o monte Musa, mas o Serbal!

Inspirado pelas propostas de Burckhardt, o conde francês Léon de Laborde viajou pela península sinaítica em 1826 e 1828. A principal contribuição que deixou para o conhecimento da região foram seus excelentes mapas e desenhos (em Commentaire sur L'Exode). Em 1839, o artista escocês David Roberts seguiu o mesmo roteiro.

Seus magníficos e cuidadosos desenhos, embelezados com uma pitada de imaginação, despertaram grande interesse naquela época em que ainda não existia a fotografia.

Uma outra viagem importante pela região foi a realizada por Edward Robinson e Eli Smith, dois americanos. Tal como Burckhardt, eles partiram de Suez em camelos, levando consigo o livro do suíço e os mapas de Laborde, e levaram treze dias para chegar ao Santa Catarina. No mosteiro, Robinson estudou minuciosamente as lendas do lugar e descobriu que existira mesmo em Feiran uma comunidade monástica superior, às vezes liderada por bispos, à qual o Santa Catarina e outros mosteiros eram subordinados. Ele constatou também que os santuários de Santa Catarina e Musa não tinham tido grande importância nos primeiros séculos da era cristã e que a supremacia do primeiro só começara a se estabelecer no século XVII, quando as outras comunidades caíram nas mãos de invasores e salteadores. Estudando as tradições árabes, Robinson descobriu também que os nomes bíblicos "Sinai" e "Horeb" eram totalmente desconhecidos para os beduínos e que foram os monges de Santa Catarina que os aplicaram a certas montanhas.

Então Burckhardt estava certo? Robinson, segundo seu livro Biblical Researches in Palestine, Mount Sinai and Arabia Petraea, não concordou com a rota que o suíço determinara como aquela usada pelos israelitas para atingir Serbal e por isso absteve-se de endossar a nova teoria. Todavia, deixou claro que tinha dúvidas a respeito do monte Musa e indicou uma montanha próxima como a melhor escolha.

A possibilidade de que a antiga tradição identificando o monte Musa como o Sinai da Bíblia podia estar errada foi encarada como um desafio pelo grande egiptólogo e fundador da arqueologia científica, Karl Richard Lepsius. Ele atravessou o golfo de Suez de barco e foi até El-Tor ("o touro"), porto onde os peregrinos cristãos que se dirigiam ao Musa e Santa Catarina costumavam desembarcar, já muito antes de os muçulmanos transformarem a cidade num importante ponto de parada e centro de descontaminação na rota entre o Egito e Meca. Perto dele eleva-se o majestoso monte Umm Shumar, que Lepsius classificou como um possível "candidato" ao Sinai, junto com o Musa e o Serbal. Todavia, depois de extensas pesquisas e muitas andanças pela região, ele descartou essa possibilidade e concentrou-se nos dois últimos.

Suas descobertas foram publicadas em Discoveries in Egypt, Ethiopia and the Peninsula of Sinai 1842-1845 e em Letters from Egtypt, Ethiopia and Sinai, este último incluindo o texto completo (em tradução do alemão) de seus relatórios ao rei da Prússia, que patrocinava suas expedições. Este Lepsius deu voz a suas dúvidas sobre o monte Musa: "O isolamento do distrito, sua distância das estrelas e posição naquela cadeia de montanhas tão alta... o tornariam adequado apenas para eremitas e, pelo mesmo motivo, pouco apropriado para reunir uma grande quantidade de pessoas. Lepsius estava certo de que as centenas de milhares de israelitas do êxodo não poderiam ter subsistido na região montanhosa em torno do Musa durante o período de quase um ano em que permaneceram na península. As tradições dos monges começavam a partir do século VI e, portanto, não podiam servir de guia para o pesquisador.

O monte Sinai, enfatizou Lepsius, tinha de ficar numa planície desértica, pois nas Escrituras ele era chamado de monte Horeb, o monte da Secura. Musa ficava entre outras montanhas e a área não era desértica. A planície costeira diante do monte Serbal ajustava-se melhor a esses parâmetros. Era grande o suficiente para acomodar as multidões de israelitas que assistiram à Teofania e o wadi Feitan adjacente era o único na região que poderia tê-las sustentado, e ao seu gado, durante um ano. Além disso, somente a posse sobre esse vale "único e fértil" poderia justificar o ataque amalecita (segundo a Bíblia, em Refidim, um desfiladeiro perto do monte Sinai). Na região em torno do Musa não existia uma área fértil, digna de ser alvo de disputa. Moisés chegou ao Sinai pela primeira vez quando procurava pasto para o rebanho do sogro, algo que poderia encontrar em Feitan, mas jamais no desolado Musa.

Mas, se o monte Musa não era o Sinai da Bíblia, o que dizer do monte Serbal? Além da sua localização "correta" em wadi Feiran, Lepsius encontrou algumas evidências concretas. Descrevendo o Serbal em termos entusiasmados, ele relatou ter encontrado em seu topo "uma profunda depressão, em torno da qual os cinco picos da montanha se juntam num meio círculo e formam uma imponente coroa". No meio da depressão ele descobriu as ruínas de um antigo convento. Em sua opinião, fora nesse local que a "Glória de Deus" descera diante dos olhos dos israelitas, que a tudo assistiam reunidos na planície a oeste da montanha. Quanto à falha que Robinson encontrara na rota do êxodo determinada por Burckhardt, e que

não se encaixaria com o monte Serbal, Lepsius tinha uma teoria que poderia representar a solução do problema.
Quando as conclusões do respeitado arqueólogo foram publicadas, elas sacudiram as tradições estabelecidas, pois ele enfaticamente negava que o monte Musa era o Sinai, escolhendo para isso o Serbal, e contestava a rota do êxodo, antes aceita como plenamente estabelecida.
O acalorado debate que se seguiu à publicação de seus livros durou quase um quarto de século e gerou longas explanações de outros pesquisadores, como Charles Foster (The Historical Geography of Arabia: Israel in the Wilderness) e William H. Bartlett (Forty Days in the Desert on the Track of the Israelites), que acrescentaram novas sugestões, afirmações e dúvidas. Em 1868, o governo britânico juntou-se ao Fundo de Exploração da Palestina no envio de uma grande expedição à península sinaítica, cuja missão era fazer um extenso trabalho geodésico e de mapeamento, e estabelecer de uma vez por todas a rota do êxodo e a localização exata do monte Sinai da Bíblia. O grupo era liderado pelos capitães Charles W. Wilson e Henry Spencer Palmer, dos Royal Engineers, e incluía o professor Edward Henry Palmer, famoso especialista em assuntos árabes e orientais. O relatório oficial da expedição (Ordnance Survey of the Peninsula of Sinai) foi ampliado pelos dois Palmer em obras separadas.
Os outros pesquisadores que haviam escrito sobre a região tinham visitado o Sinai na primavera e passado pouco tempo lá. A expedição Wilson-Palmer partiu de Suez em 11 de novembro de 1868 e retornou em 24 de abril de 1869, permanecendo, portanto, na península desde o começo do inverno até a primavera seguinte. Por isso, uma de suas primeiras descobertas foi que fazia muito frio no sul montanhoso durante o inverno e lá nevava muito, tornando quase impossível a passagem pela área. Os picos mais altos, como o Musa e o Santa Catarina, permaneciam cobertos de neve por vários meses. Os israelitas, que nunca tinham visto neve no Egito, supostamente haviam passado um ano nessa região. Todavia, na Bíblia não existe nenhuma menção à neve ou mesmo a clima frio.
Enquanto o livro do capitão Palmer (Sinai: Ancient History from the Monuments) oferece dados sobre os indícios arqueológicos e históricos descobertos pela expedição - povoados antigos, presença egípcia, inscrições com o primeiro alfabeto conhecido -, o do professor Edward Palmer (The Desert of the Exodus) apresenta as conclusões da expedição sobre a rota dos israelitas e o monte Sinai da Bíblia.

Apesar das dúvidas que se mantiveram, o grupo vetou o Serbal e escolheu o Musa como o Sinai da Bíblia. No entanto, como diante do Musa não existia um vale onde os israelitas pudessem ter acampado, e assistido à Teofania, o professor Palmer apresentou uma solução: o monte Sina i da Bíblia não era o pico sul do maciço (o djebel Musa), mas o pico norte, o Ras-Sufsafeh, que dá para "a espaçosa planície de Er-Rahah, onde nada mais nada menos que 2 milhões de israelitas poderiam acampar". E ele concluiu: "Apesar das antigas tradições, sentimo-nos obrigados a rejeitar o djebel Musa como a montanha onde foram entregues as Tábuas da Lei".

As teorias do professor Palmer logo foram criticadas, apoiadas ou modificadas por outros eruditos; pouco tempo depois uma variedade de picos e rotas foi apresentada ao público como sendo a citada na Bíblia.

Mas o único local da península a ser pesquisado seria mesmo o sul? Em abril de 1860, o Journal of Sacred Literature publicou uma sugestão revolucionária: a montanha sagrada não ficava no sul da península; ela deveria ser procurada no platô central. O articulista anônimo salientava que o nome desse platô - Badiyeth el-Tih - era muito significativo, pois queria dizer "o deserto da caminhada" e, segundo os beduínos locais, era por lá que os filhos de Israel tinham vagado. O artigo também sugeria que um certo pico do El-Tih era o monte Sinai bíblico.

Em 1873, um geógrafo e lingüista chamado Charles T. Beke, que já explorara e mapeara a nascente do Nilo, partiu à procura do "verdadeiro monte Sinai". Depois de várias pesquisas, Beke determinou que o monte Musa não tinha esse nome por causa de Moisés, mas sim em homenagem a um monge do século IV, famoso pela sua piedade e milagres, e que ele só passara a ser considerado a montanha de Deus por volta do ano 550. Ele também salientou que Flávio Josefo, o judeu que registrou a história de seu povo para os romanos depois da queda de Jerusalém no ano 70, descreveu o monte Sinai como sendo o mais alto da península, o que deixava de fora o Musa e o Serbal.

Beke também indagou: como os israelitas poderiam ter descido ao sul da península sem serem impedidos pela guarnições egípcias que patrulhavam as áreas de mineração? Essa pergunta ficou sem resposta e somou-se a muitas outras objeções que jamais foram contestadas.

Apesar de seus estudos, Charles Beke nunca será lembrado como o homem que descobriu o verdadeiro Sinai, pois ele terminou concluindo que a montanha sagrada era um vulcão que ficava em algum lugar a sudoeste do

mar Morto, como está em seu livro Discoveries of Sinai in Arabia and Midian. No entanto, ele levantou muitas dúvidas que abriram caminho para um novo modo de pensar sobre a localização do monte e a rota do êxodo.

A procura pelo monte Sinai na região meridional da península estava ligada à noção de uma "travessia pelo sul" ou uma "rota sul" do êxodo. Ela afirmava que os filhos de Israel tinham atravessado o mar Vermelho no alto do golfo de Suez e em seguida, encontrando-se na faixa litorânea a oeste da península, tinham descido para o sul e, a uma certa altura, penetrado no interior, fazendo talvez o caminho seguido por Burckhardt.
A travessia no sul era uma tradição antiga e muito enraizada, bastante plausível e respaldada por várias lendas. Segundo fontes gregas, Alexandre, o Grande, tentou imitar os israelitas atravessando o mar Vermelho no alto do golfo de Suez. Outro imperador que pretendeu realizar o mesmo feito foi Napoleão, em 1799. Seus engenheiros descobriram que no local onde o golfo forma como que uma "língua" que avança terra adentro, perto da cidade de Suez, existe um espinhaço de montanha submerso, com cerca de 180 metros de largura, que atravessa o golfo de costa a costa. Nativos ousados sempre usaram essa passagem na maré vazante, caminhando com água até a altura dos ombros. Além disso, quando sopra um vento leste muito forte, essa parte do leito do mar fica quase toda exposta.
Os engenheiros de Napoleão calcularam o local e a hora exatos para seu imperador imitar os filhos de Israel, mas uma mudança inesperada na direção do vento causou um súbito avanço da maré, que cobriu o banco rochoso com mais de 2 metros de água em poucos minutos. O grande Napoleão escapou por pouco.
Essas experiências, embora fracassadas, convenceram os estudiosos do século XIX de que a travessia se dera mesmo no alto do golfo de Suez, pois o vento realmente podia criar uma passagem enxuta e sua mudança brusca fazia as águas voltarem rapidamente, podendo afogar todo um exército. Além disso, na margem oposta do golfo, já na península, havia um monte, o djebel Mur ("a montanha amarga") e perto dele um lugar chamado Bin Mur ("o poço amargo"), que se ajustavam à bíblica Mará, o local das águas amargas, que os israelitas encontraram logo após a travessia. Um pouco mais ao sul ficava o oásis de Ayun Musa - "a fonte de Moisés". Não seria essa etapa seguinte do êxodo, Elim, lembrada na Bíblia pelas suas belas fontes e numerosas tamareiras? A travessia no alto do golfo de Suez,

portanto, se ajustava bem à teoria de que dali os israelitas tinham feito uma rota para o sul, não importando qual fora o caminho tomado posteriormente para atingirem o interior da península.
A travessia no sul também concordava com os estudos mais recentes sobre o Egito Antigo e a servidão dos israelitas. O coração histórico do Egito era o centro Heliópolis-Mênfis e sempre partira-se da hipótese de que os filhos de Israel tinham trabalhado como escravos na reconstrução das pirâmides de Gizé. Dessa região saía uma rota natural para o leste, que levava o viajante quase diretamente para o alto do golfo de Suez.
No entanto, quando as descobertas arqueológicas começaram a preencher as lacunas históricas e a fornecer uma cronologia adequada, ficou estabelecido que as grandes pirâmides tinham sido construídas cerca de quinze séculos antes do êxodo, ou seja, mais de mil anos antes até mesmo de os hebreus chegarem ao Egito. Os israelitas, concluíram então os estudiosos, deviam ter trabalhado na construção da nova capital que Ramsés II mandara erigir por volta de 1.260 a.C. chamada Tânis, e que ficava a nordeste do delta do Nilo. O local habitado pelos israelitas - a Terra de Gessem, da Bíblia -, conseqüentemente, teria de ficar muito mais a nordeste do que antes se imaginava.
A construção do canal de Suez (1859-1869), que foi acompanhada de uma enorme acumulação de dados topográficos, geológicos, climáticos e outros, confirmou a existência de uma fenda geológica que em eras primitivas unia o mar Mediterrâneo com o mar Vermelho através de um canal natural. Por vários motivos essa fenda foi encolhendo ao longo dos milênios, resultando numa sucessão de lagoas pantanosas, como os lagos Menzaleh, Ballah e Timsah, e mais dois lagos unidos, o Grande Amargo e o Pequeno Amargo, conhecidos pelo nome genérico de lagos Amargos. Todos eles deviam ser bem maiores na época em que o alto do golfo de Suez também estendia-se mais para o interior do continente.
Estudos arqueológicos que completaram os dados de engenharia estabeleceram que na Antiguidade havia dois "canais" na região, um que ligava o centro mais populoso do Egito com o Mediterrâneo e outro que fazia a mesma ligação com o golfo de Suez. Acompanhando os leitos naturais dos wadis ou afluentes secos do Nilo, eles transportavam água doce para a irrigação e consumo, e eram navegáveis. As descobertas confirmaram também que em tempos antigos existia uma barreira quase

contínua de água que funcionava como a fronteira leste do Egito com a península do Sinai.
Em 1867, os engenheiros do canal de Suez elaboraram um diagrama mostrando uma seção transversal da região entre o Mediterrâneo e o golfo, mostrando as quatro ocorrências de terreno elevado submerso que na Antiguidade (como até nos tempos de hoje) serviam de passagens naturais, verdadeiros portais, para se entrar e sair do Egito vencendo a barreira aquosa.

(A) Entre as lagoas pantanosas de Mezaleh e lago Ballah; a cidade moderna que fica nesse local de travessia é El-Qantara ("O vão").
(B) Entre o lago Ballah e o lago Timsah; a cidade no local é Ismaília.
(C) Entre o lago Timsah e o Grande Lago Amargo - a elevação conhecida na era greco-romana como Serapeu.
(D) Entre o Grande Lago Amargo e o alto do golfo de Suez, onde existe uma verdadeira "ponte terrestre", conhecida como o Shalouf.

Por meio dessas passagens, várias rotas ligavam o Egito com a Ásia pela península do Sinai. Deve-se ter em mente que a travessia do mar Vermelho (mar/lago de Juncos) não foi um evento premeditado; ela só aconteceu depois que o faraó mudou de idéia sobre deixar os israelitas partirem. Foi então que o Senhor ordenou-os a voltar da margem do deserto, que já tinham atingido, e a "acampar junto ao mar". Portanto, originalmente, eles saíram do Egito por uma das passagens naturais. Mas qual delas?
DeLesseps, o principal construtor do canal de Suez, era de opinião que eles tinham usado o portal "C", ao sul do lago Timsah. Outros, como Olivier Ritter (Histoire de L'Isthme de Suez), concluíram, com base nos mesmos dados de engenharia, que foi pelo portal "D". Em 1874, o egiptólogo Heinrich Karl Brugsch, falando no Congresso Internacional de Orientalistas, identificou os marcos ligados à escravidão israelita e o êxodo na área a noroeste do Egito; portanto, a passagem mais lógica seria a "A".
A idéia da travessia pelo norte já tinha quase um século de idade quando Brugsch lançou sua teoria, pois fora apresentada no Hamelneld's Biblical Geography em 1796, e por vários outros pesquisadores. Todavia, Brugsch, como até seus adversários reconheceram, apresentou sua idéia com "real brilhantismo e uma impressionante quantidade de indícios comprobatórios

extraídos dos monumentos egípcios". Seu trabalho foi publicado sob o título: L 'Exode et les Monuments Egyptiens.
Em 1883, Edouard H. Naville (The Store City of Pithom and the Route of the Exodus) identificou Pitom, a cidade do trabalho escravo dos israelitas, como um local a oeste do lago Timsah. Essas e outras identificações e indícios apresentados por outros eruditos, como Georg Ebers em Durch Gosen Zum Sinai, estabeleceram que o local de habitação dos israelitas ia do lago Timsah para oeste e não dali para o norte, como se imaginava. Gessem não ficava no extremo noroeste do Egito, mas sim nas cercanias da barreira aquosa.
H. Clay Trumbull (Kadesh-Barna) apresentou então a identificação que até hoje é aceita para Sucot, o ponto de partida do êxodo: tratava-se de um local de reunião de caravanas a oeste do lago Timsah e, portanto, a passagem "B" era a mais próxima. No entanto, ela não fornecia explicação para o trecho do Livro do Êxodo, 13:17-18, que diz: "Ora, quando faraó deixou o povo partir, Deus não o fez ir pelo caminho do país dos filisteus, apesar de ser mais perto... Deus, então, fez o povo dar volta pelo caminho do deserto do mar dos Juncos [Yam Suff]". Trumbull então sugeriu que os israelitas, perseguidos pelo faraó, desceram mais para o sul e terminaram na passagem "D", atravessando as águas no alto do golfo de Suez.
À medida que o século XIX se aproximava de seu fim, os eruditos se apressavam a dar a palavra final sobre o assunto da rota do êxodo. Os pontos de vista dos "sulistas" foram enfaticamente resumidos por Samuel C. Bartlett em The Veracity of the Hexateuch: a travessia se dera no sul, a rota fora para o sul e o monte Sinai ficava no sul da península (em Ras-Sufsafeh, área do djebel Musa). Com igual ênfase, eruditos como Rudolf Kittel (Geschichte der Hebrãer), Julius Wellhausen (Israel und Judah) e Anton Jerku (Geschichte des Volkes Israel) apresentaram a teoria de que a travessia se dera no norte, o que significava um monte Sinai situado no norte da península.
Um dos argumentos mais fortes dos "nortistas" e que atualmente é aceito como um fato por todos os estudiosos era que Cades-Barnéia, local onde os israelitas permaneceram durante a maior parte de seus quarenta anos na península, não foi uma parada ao acaso, mas o destino premeditado do êxodo. A Cades-Barnéia da Bíblia foi firmemente identificada como sendo a fértil região dos oásis de Ain-Kadeis ("fonte de Cades") e Ain Qudeirat, situada no noroeste da península. Segundo o Deuteronômio 1:2, Cades-

Barnéia ficava a "onze dias" do monte SinaL Kittel, Jerku e outros autores afirmaram, com base nessa afirmação, que o verdadeiro monte Sinai tinha de ficar nessa região.
No último ano do século XIX, H. Holzinger (Exodus) apresentou uma teoria que ficava no meio-termo: a travessia foi em "c" e a rota seguiu para o sul. Contudo, os israelitas penetraram no interior da península bem antes de atingirem as áreas de mineração egípcia protegidas por guarnições militares. Entraram no platô El-Tih, "o deserto da caminhada", e então rumaram para o norte pela planície central, indo para um monte Sinai situado ao norte.

Quando começou o século XX, a questão central dos debates deixou de ser o local da travessia e todas as atenções se voltaram para a pergunta: Qual das rotas tradicionais que atravessam a península, ligando o Egito à Ásia, usadas desde tempos imemoriais, foi a seguida pelos israelitas em seu êxodo?
A antiga rota litorânea, chamada pelos romanos de Via Maris - "O Caminho do Mar" - começava em El Qantara ("A", no mapa) e, apesar de atravessar dunas de areia em constante mutação, era abençoada com poços de água em todo o trajeto e abundância de tamareiras, que forneciam frutos doces e nutritivos na estação adequada e sombra bem-vinda o ano inteiro.
A segunda rota, começando em Ismaília ("B"), corria quase paralela à primeira, mas a cerca de 30 ou 40 quilômetros mais para o interior, atravessando colinas ondulantes e uma ou outra montanha de baixa altitude. Nela, os poços naturais eram raros e o nível do lençol freático está muito abaixo da superfície, o que exige uma escavação de vários metros para se encontrar água num poço artificial. Mesmo o viajante moderno, que faz esse caminho de automóvel, pois as estradas da atualidade seguem as trilhas antigas, logo se dá conta de que está atravessando um deserto de verdade.
Desde as épocas mais primitivas, o caminho do mar era o preferido pelos exércitos que tinham apoio naval. A rota interna, mais árdua, era escolhida pelos que não queriam ser vistos pelas patrulhas litorâneas no Mediterrâneo.
A travessia da barreira aquosa no ponto "C" podia levar tanto para essa segunda rota como para as outras duas que, saindo da passagem "D", seguiam para uma cadeia de montanhas na planície central da península. O solo duro e plano da região não favorece o aparecimento de leitos de wadis profundos e, durante as chuvas de inverno, alguns desses rios intermitentes

dão a impressão de serem pequenos lagos - lagos em pleno deserto! As águas logo escorrem, mas alguma quantidade se infiltra por entre a argila e o cascalho, e é nessa área que basta uma pequena escavação para se extrair água do subsolo.

Dessas duas rotas, a mais ao norte, que saía da passagem "D", levava o viajante para o desfiladeiro de Giddi, daí para a borda montanhosa da planície central e em seguida para Beersheva, Hebron e Jerusalém. A rota mais ao sul, que entra no desfiladeiro de Mida, tem o nome árabe de Darb El Hajj - "o caminho dos peregrinos" - e foi o primeiro caminho seguido pelos muçulmanos que saíam do Egito na direção de Meca, na Arábia. Começando a viagem perto da cidade de Suez, eles atravessavam uma faixa de deserto e penetravam na área montanhosa pelo desfiladeiro de Mitla. Atravessavam a planície central até o oásis de Nakhl, onde encontravam um forte para sua proteção, poços de água e estalagens. De Nakhl rumavam para o sudeste, atingiam a cidade de Ácaba, no alto do Golfo do mesmo nome, de onde desciam a costa da península Arábica até Meca.

Então, qual dessas quatro rotas fora a seguida pelos israelitas? Depois que Brugsch apresentou a teoria da travessia no norte, muito começou a se falar sobre a afirmação bíblica relacionada com o "caminho do país dos filisteus", que não fora tomado pelos israelitas "apesar de ser mais perto". A Bíblia explica que essa rota não foi usada "porque Deus achava que, diante dos combates, o povo poderia se arrepender e voltar para o Egito". A partir dessas palavras, os eruditos imaginaram que "o caminho do país dos filisteus" era a rota que acompanhava o litoral do Mediterrâneo (começando na passagem "A"), o caminho preferido pelos faraós para suas expedições comerciais e militares, e que, por esse motivo, estava cheia de fortes e guarnições egípcias.

Na virada do século, A. E. Haynes, capitão dos Royal Engineers, estudou as antigas rotas e recursos hídricos da península sinaítica sob o patrocínio do Fundo de Exploração da Palestina. Em seu relatório, publicado sob o título The Route of the Exodus, ele revelou uma impressionante familiaridade com as escrituras bíblicas e trabalhos de outros pesquisadores, inclusive do reverendo E. W. Holland, que esteve cinco vezes na península, e do major-general sir C. Warren, um estudioso dos recursos hídricos no "deserto da caminhada" na planície central. .

O capitão Haynes debruçou-se sobre o problema do "caminho que não foi tomado". Ora, se ele não era um meio fácil de atingir o destino final dos

israelitas, por que fora mencionado como sendo uma alternativa viável? Haynes também salientou que Cades-Barnéia - àquela altura já aceita como a meta preestabelecida do êxodo - ficava bem próxima da rota litorânea e, portanto, o monte Sinai, que, segundo a Bíblia, situava-se no caminho para Cades, também tinha de ficar perto dela.

Impedido de usar a rota litorânea, concluiu Haynes, Moisés provavelmente pretendeu fazer os israelitas seguirem para Cades - quando passaram pelo monte Sinai - usando a rota paralela, mais para o interior. Todavia, a perseguição dos egípcios e conseqüente travessia do mar Vermelho no ponto "D" podem ter forçado a escolha das rotas meridionais. Então a planície central era mesmo "o deserto da caminhada" e Nakhl seria uma importante estação intermediária, em cujas vizinhanças ficaria o monte Sinai da Bíblia. O monte em si deveria estar localizado a cerca de 150 quilômetros de Cades-Barnéia, o que igualaria, em seus cálculos, a distância bíblica de "onze dias". Seu candidato para ser o Sinai da Bíblia era o monte Yiallaq, uma montanha de calcário "de dimensões impressionantes, parecendo uma enorme craca" grudada na borda norte da planície central, "exatamente a meio caminho entre Ismaília e Cades". Haynes, escrevendo o nome desse monte Yalek, afirmou que ele aproxima-se bastante do antigo termo Amalek, onde o prefixo Am indica "país de".

Nos anos que se seguiram, a possibilidade de uma viagem dos filhos de Israel através da planície central ganhou vários defensores. Alguns, como Raymond Weill, em Le Séjour des lsraélites au Désert du Sinai, aceitaram bem a teoria de "um monte perto de Cades". Outros, como Hugo Gressmann, em Mose und seine Zeit, pensavam que os israelitas, ao saírem de Nakhl, não tinham ido para o nordeste, mas sim para o sudeste, tomando o rumo do golfo de Ácaba. Outros ainda - como Black, Bühl, Cheyne, Dillmann, Gardiner, Grãtz, Guthe, Meyer, Musil, Petrie, Sayce, Stade - concordavam ou discordavam total ou parcialmente dessas idéias. Mas, como todos os argumentos bíblicos e geográficos já estavam esgotados, a impressão era de que somente um teste de campo poderia resolver a questão de uma vez por todas. Porém, o maior problema era: como duplicar o êxodo, com o deslocamento de centenas de milhares de pessoas?

A resposta veio com a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), pois a península do Sinai logo se transformou na arena de um importante conflito entre os ingleses e os turcos, estes apoiados pelos seus aliados alemães, tendo como objetivo a posse do canal de Suez.

Os turcos não perderam tempo em entrar na península, e os ingleses recuaram rapidamente, abandonando seus principais centros administrativo-militares em El-Arish e Nakhl. Como os turcos não podiam avançar pelo "caminho do mar" mais fácil, devido ao mesmo e antigo motivo de o Mediterrâneo estar sendo controlado pela Marinha inimiga, eles reuniram um rebanho de 20 mil camelos para transportar água e suprimentos, e puseram suas tropas em marcha para atingir o canal pela rota mais interna, que atingira o canal em Ismaília ("B"). Em suas memórias, o comandante turco Djemal Paxá (Memories of a Turkish Statesman, 1913-1919) contou que "o grande problema, do qual dependem todas as difíceis operações militares no deserto do Sinai, é a questão da água. Em qualquer outra estação que não a chuvosa seria impossível atravessar essa área desolada com uma força expedicionária de aproximadamente 25 mil homens". O ataque turco foi repelido pelos britânicos.

Depois do fracasso dos turcos, seus aliados alemães assumiram a empreitada. Eles preferiram usar a planície central para o avanço na direção do canal devido ao solo duro e pedregoso, melhor para seu equipamento motorizado. Com o auxílio de engenheiro especializado em recursos hídricos, eles descobriram a água subterrânea e cavaram uma rede de poços ao longo de suas linhas de comunicação e avanço. Porém, seu ataque, feito em 1916, também fracassou.

Quando os britânicos desencadearam sua ofensiva, o que aconteceu em 1917, eles avançaram pela rota litorânea, a mais natural, atingindo a antiga linha de demarcação em Rafah em fevereiro de 1917 e poucos meses depois capturaram Jerusalém.

As memórias sobre as batalhas na península sinaítica escritas pelo general A. P. Wavell (The Palestine Campaigns) são de especial interesse para quem estuda a região na Antiguidade porque nelas ele afirma que o Alto Comando britânico estimava que o inimigo não conseguiria encontrar água na planície central para 5 mil homens e 2.500 camelos.

A campanha do Sinai vista pelo lado alemão é contada em Sinai, de Theodoro Wiegand e F. Kress von Kressenstein, o general comandante das tropas. No livro, a descrição dos esforços militares vem acompanhada de uma minuciosa análise sobre o terreno, clima, história e fontes naturais de água, e mostra a impressionante familiaridade dos autores com todas as pesquisas anteriores realizadas na região. Suas conclusões são semelhantes às dos ingleses: colunas em marcha, multidões de soldados e animais não

poderiam jamais ter atravessado o sul da península sinaítica. Dedicando um capítulo especial à questão do êxodo, Wiegand e Von Kressenstein garantiram que "a região do djebel Musa não pode ser considerada como a do monte Sinai da Bíblia" e afirmaram que ele só poderia ser "o monumental djebel Yallek" - dessa forma concordando com o capitão Haynes. Uma outra opção, acrescentaram os autores, talvez fosse a sugerida por Guthe e outros estudiosos alemães, o djebcl Maghara, na margem norte da rota "B".

Um militar britânico, C. S. Jarvis, que depois do fim da guerra foi nomeado governador do Sinai, tornou-se talvez a maior autoridade sobre a península devido aos estudos que fez durante sua longa estada na região. Escrevendo em Yesterday and Today in Sinai, ele também garantiu que de forma nenhuma multidões de israelitas (mesmo que seu número não passasse de 600 mil, como sugerido por W. M. F. Petrie) e seus rebanhos poderiam viajar pela "massa de puro granito" do sul da península, e muito menos permanecerem lá por mais de um ano.

Jarvis acrescentou novas dúvidas às já existentes. O maná, que servira de pão para os israelitas, era o depósito resinoso, comestível, em forma de bagas, deixado por pequenos insetos que se alimentam das tamargueiras. Ora, existem poucas tamargueiras no sul da península, mas elas são abundantes no norte. Em seguida vem o caso das codornizes, que foram a fonte de carne para os israelitas. Essas aves migram da Rússia meridional, Romênia e Hungria, de onde são nativas, para passar o inverno no Sudão, de onde voltam para o norte na primavera. Até hoje os beduínos apanham com facilidade as codornizes cansadas quando elas descem nas margens do Mediterrâneo para repousar depois de seus longos vôos. As codornizes não chegam ao sul da península, e mesmo que a alcançassem por acaso, não seriam capazes de voar acima dos altos picos da região.

Todo o drama do êxodo, afirmou Jarvis, teve como cenário o norte da península. O "mar dos Juncos" era o pequeno mar Serbônico (Sbkhet El Bardawil, em árabe) e depois de atravessá-lo os israelitas tinham tomado rumo sudeste. O monte Sinai era o djebel Hallal, "um maciço de calcário de grande imponência, com mais de 600 metros de altura, que se eleva sozinho numa grande planície aluvial". O nome árabe do monte significa "o que está de acordo com as leis", bem adequado ao local onde teriam sido entregues as Tábuas da Lei.

Nos anos que se seguiram, a pesquisa mais abrangente sobre o tema foi a realizada pela Universidade Hebraica de Jerusalém e outras instituições de estudos superiores da então Palestina. Combinando seu conhecimento profundo da Bíblia e outras escrituras com extensas investigações na região, os pesquisadores não encontraram base firme para a tradição que localizava o monte Sinai ao sul da península.

Haim Bar-Deroma (Hana gev e Vze Gvul Ha'aretz) aceitou uma travessia no norte do Egito, mas acreditava que os israelitas tinham descido para o sul, atravessando a planície central até chegar a um "monte Sinai" vulcânico, situado na Transjordânia. Três outros eruditos - F. A. Theithaber, J. Szapiro e Benjamim Maisler (The Graphic Historical Atlas of Palestine: Israel in Biblical Times) defenderam a travessia no norte, nos baixios do mar Serbônico, e afirmaram que El Arish era o verdejante oásis de Elim e o monte Hallal. Zev Vilnay, um estudioso da Bíblia que percorreu a Palestina e a península de norte a sul viajando a pé, optou pela mesma rota em seu livro Ha'aretz Bamikra. Já Yohanan Aharoni, em The Land of Israel in Biblical Times, embora aceitando uma travessia no norte, acredita que os israelitas vieram até Nakhl, na planície central, continuando depois até um monte Sinai ao sul.

Enquanto os círculos bíblicos e acadêmicos continuavam envolvidos em grandes debates, tornou-se aparente que a questão básica não resolvida era a seguinte: apesar de uma travessia no norte do Egito ser lógica, o peso das evidências negava a existência de uma extensão de água como a citada no Êxodo na região norte; no entanto, essas mesmas evidências iam contra a localização do monte Sinai no sul da península. Incapazes de resolver o impasse, os estudiosos voltaram sua atenção para o ponto em que todos concordavam: a viagem pela planície central.

Na década de 40, M. D. Cassuto (Commentary on the Book of Exodus e outras obras) facilitou a aceitação da idéia de uma rota central ao demonstrar que "o caminho não tomado" (o do país dos Filisteus) não era a rota litorânea, como antes se afirmava, mas a rota saindo de "B", mais ao interior. Assim; uma travessia no ponto "C" e em seguida a descida na direção sudeste até a planície central estava de pleno acordo com a narrativa bíblica, sem exigir a continuação da viagem até o sul da península.

A longa ocupação da península do Sinai por Israel, depois da guerra com o Egito em 1967, abriu a região para estudos e pesquisas numa escala sem precedentes. Arqueólogos, historiadores, geógrafos, topógrafos, geólogos e

engenheiros a examinaram minuciosamente de alto a baixo. De particular interesse foram as explorações lideradas por Beno Rothenberg (Sinai Explorations, 1967 1972 e outros relatórios) e patrocinadas pela Universidade de Telavive demonstrando que na área litorânea ao norte a existência de muitos sítios arqueolíticos comprovaram o uso daquela rota como se fosse uma ponte terrestre entre o Egito e a Ásia. Na planície central, porém, não foram encontrados indícios de residência permanente, só evidências de acampamentos, mostrando que aquela fora sempre uma área de simples trânsito. Quando esses locais de acampamento foram mapeados, eles formaram "uma linha bem nítida indo do Neguev para o Egito e portanto essa deve ser considerada a direção normal dos movimentos pré-históricos no 'deserto da caminhada' (o El-Tih)".

Foi com base nessa nova compreensão da península sinaítica na Antiguidade que um geógrafo bíblico da Universidade Hebraica, Menashe Har-El, apresentou uma nova teoria (Massa'ei Sinai). Revendo todos os argumentos anteriores, ele salientou que o espinhaço submerso que se eleva entre os dois lagos Amargos, o Grande e o Pequeno, está bastante próximo da superfície da água para permitir que eles sejam atravessados a pé quando sopra um vento forte. Portanto, fora lá que se dera a travessia dos israelitas para a península. Depois eles tinham seguido a rota tradicional para o sul, passando por Bir Murrah (Mara) e Ayun Mussa (Elim), daí atingindo a margem do mar Vermelho, onde acamparam.

É neste ponto que Har-El nos oferece sua grande novidade: apesar de viajarem ao longo do litoral do golfo de Suez, os israelitas não continuaram até o sul. Depois de avançarem uns 30 quilômetros, eles chegaram à foz do wadi Sudr e usaram o vale desse rio para penetrar na planície central e irem até Cades-Barnéia. O monte Sinai seria o monte Sinn-Bishr, que se eleva cerca de 600 metros logo na entrada do wadi. Har-El sugeriu que a batalha com os amalecitas teve lugar no litoral do golfo de Suez, mas essa idéia foi rejeitada pelos especialistas militares israelenses, familiarizados com o terreno e história dos combates na península.

Bem, depois de tudo isso, ainda estamos em dúvida. Afinal, onde ficava o verdadeiro monte Sinai? Mais uma vez temos de recorrer às evidências da Antiguidade.

O faraó, em sua viagem para a Outra Vida, dirigia-se para o leste. Depois de atravessar a barreira aquosa, rumava para um desfiladeiro, atingindo então o

Duat, um vale de forma oval, cercado de montanhas. A "Montanha da Luz" ficava num local onde o rio de Osíris dividia-se em afluentes.
As descrições pictóricas mostravam o rio de Osíris correndo em meandros por uma área cultivada, pois vêem-se os homens arando a terra.
Encontramos desenhos similares na Assíria. Os reis assírios, deve ser lembrado, chegavam à península vindos da direção oposta, entrando pelo nordeste, via Canaã. Um deles, Asaradão, gravou numa estela o que serve como um mapa para sua própria procura pela "Vida". O desenho mostra a tamareira - o emblema-código para a península do Sinai -, uma área de cultivo, simbolizada pelo arado, e um "monte sagrado". Na parte superior da estela vemos Asaradão no santuário da suprema divindade, perto da Árvore da Vida. A seu lado está a figura de um touro, a mesma imagem (o "bezerro de ouro") que os israelitas esculpiram quando estavam aos pés do monte Sinai.
Essas descrições não nos transmitem a idéia dos estéreis picos de granito no sul da península. Na verdade, elas nos trazem à mente o norte fértil e o grande wadi que domina a área, o El-Arish, cujo nome significa "o rio do agricultor". E era num vale assim, formado por um rio e seus afluentes, cercado de montanhas, que ficava o Duat.
Só existe um único lugar que reúne essas condições em toda a península. A geografia, topografia, textos históricos, descrições pictográficas, tudo aponta para a planície central que fica na região norte.
Mesmo E. H. Palmer, que chegou a ponto de inventar o desvio Ras-Sufsafeh para fortalecer a idéia da localização de um monte Sinai ao sul, sabia no fundo do coração que o local da Teofania e andanças dos israelitas não podia ser um verdadeiro mar de montanhas de granito, mas tinha de ficar numa área mais plana, capaz de receber e sustentar milhares de pessoas e animais.
"O conceito popular do monte Sinai", ele escreveu em The Desert of the Exodus, "mesmo modernamente, parece ser o de uma única montanha isolada, capaz de ser atingida de qualquer lado, elevando-se numa ilimitada extensão de areia. A própria Bíblia, quando a lemos sem usarmos as luzes das descobertas contemporâneas, favorece essa idéia... O monte Sinai é sempre mencionado nela como elevando-se sozinho e inconfundível numa planície desértica bem nivelada.”
De fato, existe uma "planície desértica nivelada" na península do Sinai, admitiu Palmer, mas ela não é coberta de areia. "Mesmo nas áreas da

península que mais se aproximam de nossa concepção do que deve ser um deserto - um oceano sólido, limitado apenas pelo horizonte ou uma barreira de montanhas distantes -, a areia é uma exceção e o solo mais parece uma penosa estrada coberta de cascalho do que uma praia convidativa."
Palmer descrevia a planície central. Para ele, a ausência de areia prejudicava a idéia de "deserto" transmitida pela Bíblia. Para nós, o solo duro e pedregoso significa que a área era extremamente adequada para o espaço-porto dos Nefilim. E, se o monte Mashu marcava a entrada para o espaço-porto, ele só podia ficar nas redondezas da instalação.

Quer dizer então que gerações de peregrinos viajaram para o sul da península em vão? A veneração dos picos no maciço de granito só começou mesmo com o cristianismo? Não é o que atestam as descobertas feitas por arqueólogos nesses montes cheios de santuários, altares e outros sinais de antiga adoração na Antiguidade. As inscrições e gravações nas rochas (inclusive o candelabro judeu), feitas ao longo de milênios por peregrinos de muitas crenças, falam de uma adoração que vem desde que a Humanidade tomou conhecimento da existência da península.
A essa altura, quando estamos quase desejando que haja dois "monte Sinai", de modo a serem satisfeitas tanto as tradições como os fatos, é bom saber que essa idéia não é nova. Mesmo antes desses dois séculos de esforços concentrados para identificar qual seria o verdadeiro monte Sinai, já se imaginava se os vários nomes da Bíblia para a montanha sagrada não eram um indício de que existia não apenas uma, mas duas delas. As narrativas falam em "monte Sinai" (a montanha do Sinai ou no Sinai), onde foram entregues as Tábuas da Lei; o "monte Horeb", a montanha da secura ou na secura; o "monte Param" que o Deuteronômio dá como sendo o local onde Iahweh apareceu aos israelitas; e a "montanha de Deus", onde pela primeira vez o Senhor revelou-se a Moisés.
A localização geográfica de dois desses montes é decifrável. Param era o deserto perto de Cades-Barnéia, possivelmente o nome bíblico para a planície central. Assim, o "monte Param" só podia ficar situado nessa região. Já o monte onde Moisés teve seu primeiro encontro com o Senhor, "a montanha de Deus" ou "dos deuses", não podia ficar muito longe do País de Madiã, pois "pastoreava Moisés o rebanho de Jetro, seu sogro, sacerdote de Madiã. Ele conduziu as ovelhas para além do deserto e chegou à montanha de Deus, a Horeb". Os madianitas habitavam o sul da península

sinaítica, compreendendo o golfo de Ácaba e cercanias das áreas de mineração de cobre. Assim, a "montanha de Deus" só podia ficar em algum lugar do deserto adjacente - portanto, no sul.

Foram encontrados selos cilíndricos descrevendo pictograficamente o aparecimento de uma deidade a um pastor. Um deles mostra o deus surgindo entre duas montanhas, com uma árvore em forma de foguete atrás dele - talvez o Sneh, a "sarça ardente" da narrativa bíblica. A introdução da figura de dois picos na ilustração está bem de acordo com a freqüente referência ao senhor como El-Shaddai, o Deus dos Dois Picos. Isso nos traz uma outra distinção entre o monte onde foram entregues as Tábuas da Lei e a montanha de Deus. O primeiro era uma elevação solitária, numa planície desértica, e o segundo devia ser uma combinação de dois montes ou uma montanha com dois picos.

Os textos ugaríticos falam também de uma "montanha dos jovens deuses" nas cercanias de Cades e dois picos, um pertencente a El e o outro a Asherah - o Shad Elim e o Shad Asherath u Rahim ambos situados no sul da península. Foi para essa área, na região mebokh naharam ("onde começam as duas extensões de água"), kerev apheq tehomtam ("perto da abertura dos dois mares") que El retirou-se em sua velhice. Os textos, acredito, descrevem a ponta sul da península do Sinai. A partir de tudo isso, concluo que existia um monte que marcava a entrada do espaço-porto situado na planície central e que havia dois picos na ponta sul da península que desempenhavam um papel importante nas idas e vindas dos Nefilim. Eram dois picos que sinalizavam, ou "mediam", a subida para o norte.

CAPÍTULO 12
AS PIRÂMIDES DE DEUSES E REIS

Em algum lugar nos depósitos do Museu Britânico está guardada uma tábula de argila encontrada em Sippar, o "centro de culto" de Shamash na Mesopotâmia. O desenho mostra Shamash sentado num trono, sob um dossel cujo pilar tem a forma de uma tamareira. Um rei e seu filho estão sendo apresentados a ele por um outra deidade. Diante de Shamash há um pedestal encimado por um grande emblema de um planeta que emite raios. As inscrições invocam o deus Sin (pai de Shamash), o próprio Shamash e Ishtar, sua irmã.

O tema encenado - a apresentação de reis e sacerdotes a uma deidade importante - é bastante comum e não requer grandes interpretações. O singular e intrigante nessa cena são os dois deuses quase sobrepostos que, em algum lugar afastado do local onde está acontecendo a apresentação, seguram dois cordões que levam ao emblema celestial.

Quem são os divinos portadores dos cordões? Qual seria sua função? Ambos estão num mesmo local? Se estão, por que seguram ou puxam dois cordões e não apenas um? Qual a ligação deles com Shamash?

Sippar, como os estudiosos bem sabem, era a sede do Supremo Tribunal da Suméria. Por conseqüência, Shamash era o supremo legislador. Hamurabi, o rei babilônio famoso pelo seu código, fez-se retratar recebendo as leis de Shamash entronizado. A cena onde aparecem os Divinos Portadores também estaria ligada a uma entrega de legislação? Apesar de muitas especulações, até hoje ninguém conseguiu dar uma explicação completa para essa tábula.

A solução, acredito, está disponível há muito tempo no próprio Museu Britânico, mas ela não se encontra entre as peças "assírias", mas sim no departamento egípcio. Num salão especial encontra-se uma coleção de papiros com inscrições do Livro dos Mortos. E é lá que está, para todos verem, a resposta que procuramos.

Trata-se de uma página dos "Papiros da Rainha Nejmet" e o desenho ilustra a etapa final da viagem do faraó para o Duat. Os doze deuses que puxam seu barco pelos túneis subterrâneos o transportam até o último corredor, o

Lugar da Ascensão, onde o "Olho Vermelho de Hórus" o aguarda. Ali, depois de despir suas vestes terrenas, o faraó irá subir aos céus. Essa translação está expressa pelo hieróglifo do escaravelho ("renascimento"). Vários deuses, em pé, divididos em dois grupos, rezam pela chegada bem-sucedida do faraó na Estrela Imorredoura.
E nesse desenho egípcio, inconfundíveis, estão dois Divinos Portadores do Cordão!
Sem o excesso de figuras da descrição encontrada em Sippar, a do Livro dos Mortos mostra as deidades que seguram o cordão colocadas em extremidades opostas. Eles estão fora do corredor subterrâneo e nos locais onde se encontram existem omphalos sobre uma plataforma. E, como nos transmite a ação do quadro, os dois ajudantes divinos não apenas seguram os cordões como estão empenhados em medir.
Essa descoberta não deve ser surpresa para nós. Afinal os versos do Livro dos Mortos descrevem claramente como o faraó encontra os deuses que seguram a corda no Duat e os que "seguram o cordão de medir".
Lembremo-nos agora de uma passagem do livro de Henoc, onde se conta que, quando ele estava sendo levado por um anjo para visitar o paraíso terrestre no leste, "viu naqueles dias dois longos cordões serem entregues a anjos que tomaram asas e partiram para o norte". Respondendo às indagações do patriarca, o anjo-guia explicou: "Eles partiram para medir... trarão as medidas dos justos para os justos... todas essas medidas revelarão os segredos da terra".
Seres alados indo para o norte com a incumbência de medir... Medidas que revelarão os segredos da Terra... Subitamente, as palavras do profeta Habacuc ressoam em nossos ouvidos - palavras que descrevem o aparecimento do Senhor que, vindo do sul, dirige-se para o norte:

O Senhor do sul virá,
O Santo do Monte Param.
Os céus estão cobertos pelo seu halo,
Seu esplendor envolve a Terra;
Seu brilho é como luz.
Seus raios emanam de onde seu poder se esconde.
A Voz vai diante dele, centelhas emanam da parte inferior.
Ele faz uma pausa para medir a Terra;
Ele é visto e as nações estremecem.

Estariam a medição da Terra e seus segredos relacionados com os vôos dos deuses no firmamento de nosso planeta? Os textos ugaríticos nos dão uma pista adicional quando contam que, do pico de Zafon, Baal "estende um cordão forte e flexível para os céus, até a sede de Cades".
Sempre que esses textos contam sobre mensagens de um deus para outro, o verso inicia-se com a palavra Hut. Os especialistas acreditam que ela devia ser um prefixo de invocação, algo como "você está pronto para me ouvir?" Todavia, nas línguas semitas, Hut significava "cordão, corda". Em egípcio, o que é bastante significativo, o termo traduz-se por" estender, esticar". Heinrich Brugsch, comentando um texto egípcio que relata as batalhas de Hórus (Die Sage von der geflügten Sonnensche ibe) salientou que Hut também era o nome de locais geográficos - tanto da morada dos Medidores Alados como da montanha onde Set aprisionou Hórus.
Na representação egípcia, vemos que existem omphalos ou "pedras de oráculo" no local onde estão postados os Divinos Medidores. Em Baalbek também havia um omphalos, uma Pedra do Esplendor, que executava as funções de Hut. Em Heliópolis, cidade gêmea de Baalbek, também existia uma dessas pedras. Lembremo-nos de que Baalbek era a Plataforma de Aterrissagem dos deuses. Os cordões egípcios levavam ao local de Ascensão do faraó situado no Duat. O Deus bíblico, chamado de El por Habacuc, media a Terra enquanto voava do sul para o norte. Tudo isso será apenas uma série de coincidências ou várias peças de um mesmo quebra-cabeça?
Agora voltemos ao desenho de Sippar. Ele deixa de ser um mistério quando nos lembramos de que em épocas pré-diluvianas, quando a Suméria era a Terra dos Deuses, Sippar era o espaço-porto dos Anunnaki e Shamash, o comandante da instalação. Visto sob esse prisma, o papel desempenhado pelos Divinos Medidores fica esclarecido: seus cordões mediam o caminho até o espaço-porto!
Será útil recordar agora como Sippar foi fundada, como se determinou a localização do primeiro espaço-porto da Terra há cerca de 400 mil anos.
Quando Enlil e seus filhos receberam a incumbência de construir um espaço-porto na planície entre os Dois Rios, na Mesopotâmia, eles partiram de um plano diretor, abrangendo a escolha de um local adequado para o espaço-porto em si, a determinação do corredor de vôo e o posicionamento das instalações de orientação e controle da missão. O plano usou como

referência básica o acidente geográfico mais conspícuo do Oriente Médio, o monte Ararat, que foi cortado por um meridiano, uma linha imaginária norte-sul. A trajetória de vôo, começando sobre o golfo Pérsico, bem distante das cadeias de montanhas do continente, ficou demarcada no ângulo fácil e preciso de 45 graus em relação ao meridiano. O espaço-porto - Sippar ("A cidade dos pássaros") - ficaria no ponto onde as duas linhas se cruzavam, nas margens do rio Eufrates.
Cinco cidades, eqüidistantes entre si, foram colocadas sobre a linha diagonal, com a inclinação de 45 graus. A do meio - Nippur ("O lugar da travessia") - serviria como Centro de Controle da Missão. Dois outros povoados determinariam a formação de um corredor em forma de flecha. Todas as linhas imaginárias passando por essas cidades convergiriam em Sippar.
No entanto, todo o complexo do espaço-porto e cidades auxiliares foi arrasado pelo dilúvio, há cerca de 13 mil anos. Depois da catástrofe, das instalações dos Nefilim só restou a Plataforma de Aterrissagem de Baalbek e, enquanto não se construía um novo espaço-porto, todos os pousos de decolagens dos ônibus espaciais tinham de ser feitos naquele local. Não seria correto imaginarmos que os Anunnaki se contentariam em atingir essa plataforma enfiada entre duas cadeias de montanhas confiando unicamente em sua perícia como pilotos. O mais provável é que, assim que foi possível, eles demarcaram um outro corredor de aterrissagem em forma de flecha apontando para Baalbek.
Com a auxílio de fotos da Terra tiradas por veículos espaciais ela NASA, podemos visualizar o Oriente Médio como os Anunnaki o viam de suas naves. Lá, num pontinho bem ao norte, estava Baalbek. Que marcos naturais eles poderiam utilizar com balizas, determinando um corredor de aterrissagem triangular? Bem perto, a sudeste, elevava-se o maciço de granito do sul da península do Sinai. Entre a massa de rochas, erguia-se o pico mais alto (atualmente chamado de monte Santa Catarina), que poderia servir como uma baliza natural, formando a linha sudeste. Mas, qual seria o marco a noroeste, que junto com Baalbek formaria a outra linha do triângulo?
A bordo da nave, o Topógrafo - o "Divino Medidor" - lançou um olhar para o panorama terrestre a sua frente e depois estudou novamente os mapas. A distância, além de Baalbek, erguia-se o Ararat com seus dois picos. Ele

traçou uma linha reta unindo o Ararat e Baalbek, e prolongando-se até o Egito.
Em seguida, o Topógrafo pegou um compasso. Colocando a ponta seca em Baalbek, para usá-la como foco, desenhou um arco passando pelo pico mais alto da península do Sinai. No ponto onde o arco cortou a linha Baalbek-Ararat, ele fez uma marca qualquer, por exemplo, uma cruz dentro de um círculo. Então desenhou duas linhas de igual comprimento, uma ligando Baalbek com o pico do Sinai e a outra ligando Baalbek com o ponto marcado pela cruz.
- Esse será o corredor de aterrissagem que nos levará direto para a plataforma - disse o Topógrafo.
- Mas, senhor - protestou alguém a bordo -, não existe nada nesse lugar onde o senhor desenhou a cruz, nenhum marco natural que possa servir de baliza para orientar nossos pilotos!
- Então teremos de construir uma montanha artificial, uma pirâmide, naquele local.
E eles partiram para comunicar a decisão aos seus superiores.
Será que houve mesmo uma conversa como essa dentro de uma das naves dos Anunnaki? Claro que jamais poderemos ter certeza, a não ser que um dia se encontre uma tábula de argila onde tenha sido registrado o evento. Eu somente dramatizei alguns fatos impressionantes e inegáveis!
. A plataforma de Baalbek, inigualável, está desde tempos imemoriais e continua intacta em sua imensidade enigmática;
. O monte Santa Catarina, o pico mais alto da península do Sinai, é considerado um local sagrado desde a Antiguidade (junto com seu vizinho, o monte Musa) e sempre esteve envolvido em lendas sobre deuses e anjos;
. A Grande Pirâmide de Gizé, junto com suas duas companheiras e a Esfinge são monumentos sem similar no mundo e estão situados exatamente sobre o prolongamento da linha Ararat-Baalbek;
. A distância entre Baalbek e o monte Santa Catarina e entre Baalbek e a Grande Pirâmide são exatamente iguais.
Esses quatro itens são apenas parte de impressionante grelha de orientação elaborada pelos Anunnaki em conexão com seu espaço-porto pós-diluviano. Portanto, quer aquela conversa a bordo da nave tenha ou não acontecido, estou convicto de que foi assim que surgiram as pirâmides do Egito.
Existem muitas pirâmides e estruturas piramidais no Egito, que salpicam toda a região que vai desde o delta do Nilo, ao norte, até o sul (penetrando

inclusive na Núbia). Mas, quando alguém fala em pirâmides, todas as cópias, variações e "mini-pirâmides" de épocas mais recentes são desconsideradas e tanto eruditos como leigos focam sua atenção nas vinte e poucas pirâmides que, segundo se diz, foram construídas por faraós do Antigo Império (cerca de 2.700-2.180 a.C.). Esses monumentos, por sua vez, estão divididos em dois grupos distintos: as claramente identificadas com governantes da 5ª. e 6ª. dinastias (como Unas, Teti, Pepi etc.), elaboradamente decoradas, e onde se encontram inscritos os famosos Textos das Pirâmides, e as mais antigas, atribuídas a reis da 3ª. e 4ª. dinastias. São estas, as primeiras pirâmides de que se tem notícia, que mais nos intrigam. Muito mais grandiosas, mais sólidas, mais exatas e mais perfeitas do que todas que vieram depois, elas também são as mais misteriosas, pois não fornecem nem ao menos uma única pista para revelar os segredos de sua construção. Quem as erigiu, como, por que e até mesmo quando, ninguém sabe ao certo. Existem apenas teorias e suposições acadêmicas.

Os livros escolares nos contam que a primeira delas foi construída por um rei chamado Djoser, o segundo faraó da 3ª. Dinastia (cerca de 2.650 a.C. pela maioria das contagens). Escolhendo um lugar a oeste de Mênfis, no platô que servia de necrópole (cidade dos mortos) daquela antiga capital ele deu ordens para seu brilhante cientista e arquiteto, Imhotep, para erigir uma tumba que superasse todas as outras já existentes. Até aquela época, o costume reinante era escavar um túmulo no solo pedregoso, enterrar o rei e depois cobrir a sepultura com uma grande lápide horizontal, chamada mastaba, que com o tempo foi assumindo proporções muito substanciais. O engenhoso Imhotep, segundo alguns eruditos, cobriu a mastaba original da tumba de Djoser com várias camadas de pedras menores, assentadas em duas fases de construção, obtendo assim uma pirâmide em degraus. Ao lado dela, dentro de um grande pátio retangular, foi erigida uma grande variedade de prédios funcionais e decorativos, capelas, templos funerários, depósitos, alojamento de criados etc. Em seguida, cercou-se toda a área com uma magnífica muralha. A pirâmide e as ruínas de alguns desses prédios ainda podem ser vistos em Sakkarah - nome que parece ter sido dado ao local em honra a Seker, o "deus oculto".

Os reis que se seguiram a Djoser, continuam a nos contar os livros escolares, gostaram muito do que viram e tentaram imitar seu antecessor. Parece ter sido Sekhemkhet, que ascendeu ao trono logo depois de Djoser, que começou a construir a segunda pirâmide em degraus, também em

Sakkarah. Por motivos ignorados, ela nunca chegou a ser terminada. É possível que o ingrediente que faltou tenha sido o gênio de Imhotep, mestre da ciência e engenharia. Uma terceira pirâmide em degraus - na verdade, apenas um monte de entulho contendo as ruínas de seus alicerces - foi descoberta entre Sakkarah e Gizé, ao norte. Menor que as anteriores, ela é logicamente atribuída ao faraó que veio depois dos dois anteriores, chamado Khaba. Certos especialistas acreditam que houve uma ou duas tentativas posteriores, por parte de faraós não identificados da 3ª. Dinastia, de construírem pirâmides, mas elas fracassaram.

Agora temos de ir a uns 45 quilômetros ao sul de Sakkarah, a um lugar chamado Meidum, para visitar a pirâmide que, cronologicamente, é considerada a quarta na fila. Na ausência de indícios consistentes, presume-se que ela tenha sido construída pelo faraó que se seguiu aos anteriores, chamados Huni. Por meio de evidências circunstanciais, afirma-se que ele apenas iniciou a obra e que a tentativa de terminar a pirâmide coube a seu sucessor, Snefru, o primeiro rei da 4ª. Dinastia.

Ela começou, como as anteriores, sob a forma de uma pirâmide em degraus, mas, por motivos totalmente ignorados, para os quais não existem nem mesmo teorias, seus construtores resolveram fazer uma pirâmide "de verdade", ou seja, com lados planos. Isso significava que uma camada de revestimento, constituída de pedras polidas, deveria ser assentada num ângulo bastante agudo. Também por motivos desconhecidos, escolheu-se um ângulo de 52 graus. Todavia, aquilo que, segundo os livros, seria a primeira pirâmide verdadeira, terminou em triste fracasso. A camada externa, os enchimentos de pedras menores e parte do próprio núcleo desabaram sob o peso das pedras colocadas umas em cima das outras nesse ângulo precário. Tudo o que resta dessa tentativa é parte do núcleo sólido, cercado de um monte de entulho.

Alguns estudiosos, como Kurt Mendelssohn, em The Riddle of the Pyramids, sugerem que Snefru, quando essa pirâmide ruiu, estava construindo uma outra um pouco ao norte de Meidum. Apressadamente, seus arquitetos modificaram o ângulo de construção, que, sendo menor (43 graus), garantiu maior estabilidade e reduziu a altura e massa da pirâmide. Foi uma decisão sábia, como comprova o fato de esse monumento, apropriadamente chamado de pirâmide Torta, ainda permanecer em pé.

Incentivado pelo seu sucesso, Snefru ordenou a construção de uma outra pirâmide verdadeira perto da torta. Ela é chamada de pirâmide Vermelha,

devido à cor de suas pedras. Supostamente ela representa a realização do impossível: uma forma triangular erguendo-se a partir de uma base quadrada, com lados de 200 metros de comprimento, tendo uma altura de 100 metros. O triunfo, contudo, não foi obtido sem um pouquinho de trapaça: em vez da inclinação perfeita, com 52 graus, as faces dessa "primeira pirâmide clássica" elevam-se num ângulo muito mais seguro de 44 graus...

E assim chegamos, como querem os eruditos, ao máximo em construção das pirâmides egípcias.
Snefru foi o pai de Khufu, a quem os historiadores gregos chamavam de Quéops. Imagina-se que o filho, seguindo os passos do pai, construiu a segunda verdadeira pirâmide, só que muito maior e grandiosa, a Grande Pirâmide de Gizé. Ela ergue-se há milênios nesse local, em companhia de duas outras, atribuídas aos sucessos de Quéops - Chefra (Quéfren) e Men-ka-ra (Miquerinos) - e as três estão cercadas de templos, mastabas, tumbas e a única e singular Esfinge. Embora atribuídas a faraós diferentes, elas obviamente foram planejadas e executadas como um grupo coeso, perfeitamente alinhadas com os pontos cardeais e também entre si. De fato, as triangulações que começam nesses monumentos podem ser ampliadas para medir todo o Egito - e, para ser exato, toda a Terra. Os que primeiro se deram conta disso em tempos modernos foram os engenheiros de Napoleão, escolhendo o ápice da Grande Pirâmide como o ponto focal a partir do qual triangularam e mapearam todo o Baixo Egito.
A tarefa ficou bem mais fácil quando se descobriu que o complexo de Gizé está situado bem sobre o paralelo 30 norte. Ele foi construído na borda leste do platô Líbio, que começa na Líbia, a oeste, e estende-se até as margens do Nilo. Embora eleve-se apenas 45 metros acima do vale do rio, Gizé oferece uma visão abrangente e não obstruída dos quatro cantos do horizonte. A Grande Pirâmide fica na borda nordeste de uma protuberância do platô e a poucas dezenas de metros ao norte e leste tem início um terreno arenoso e lamacento, onde seria impossível erigir estruturas tão imensas. Um dos primeiros cientistas a fazer medições precisas, Charles Piazzi Smyth (Our Inheritance in the Great Pyramid) estabeleceu que o centro da Grande Pirâmide fica na latitude norte 29° 58' 55" - a um mero 1/6 de grau do paralelo 30. O centro da Segunda Pirâmide fica apenas a 13 segundos (13/3 600 de grau) ao sul do paralelo.

O alinhamento com os quatro pontos cardeais; a inclinação dos lados num ângulo de 52 graus e alguns minutos - no qual a altura da pirâmide em relação à circunferência que circunscreve sua base é a mesma de um raio de círculo em relação com sua circunferência; as bases quadradas, montadas em plataformas perfeitamente niveladas; todos esses parâmetros denunciam um alto nível de conhecimento de matemática, astronomia, geometria, geografia e, claro, arquitetura e construção, bem como uma enorme habilidade administrativa para mobilizar a mão-de-obra e planejar e executar projetos tão imensos e de longo prazo. O espanto aumenta ainda mais quando se percebem as complexidades interiores, a precisão das galerias, corredores, câmaras, dutos e aberturas dentro das pirâmides, suas entradas ocultas (sempre na face norte), os sistemas de fechamento e encaixe - todos invisíveis para quem está do lado de fora, todos perfeitamente alinhados uns com os outros, todos executados no interior dessas montanhas artificiais enquanto elas iam sendo construídas camada após camada de pedras.

Embora a Segunda Pirâmide (Quéfren) seja apenas um pouco menor que a Grande Pirâmide (alturas: 143,35 e 146,4 metros; lados da base: 215,64 e 230,58 metros) foi sempre esta que despertou o interesse e a imaginação de estudiosos e leigos desde que os homens puseram os olhos nesses monumentos. Ela foi e continua sendo a maior construção em pedra do mundo, possuindo entre 2,3 e 2,5 milhões de blocos de calcário amarelo (núcleo), calcário branco (revestimento polido) e granito (laterais e teto de câmaras e galerias interiores etc.). A massa total, estimada em aproximadamente 2,6 milhões de metros cúbicos, pesando 7 milhões de toneladas, segundo os cálculos, excede a de todas as catedrais, igrejas e capelas somadas, construídas na Inglaterra desde o início do cristianismo.

A Grande Pirâmide está assentada sobre solo artificialmente nivelado e eleva-se a partir de uma fina plataforma, cujos cantos são marcados por conexões de função desconhecida. Apesar da passagem dos milênios, descolocamentos continentais, o balanço da Terra em torno de seu próprio eixo, terremotos e o imenso peso da própria pirâmide, a plataforma de base, relativamente fina (menos de 7 metros de espessura), continua intacta e perfeitamente nivelada. O erro ou variação em seu alinhamento horizontal é de menos de 3 centímetros ao longo dos 231 metros de comprimento dos lados da plataforma.

A distância, as três pirâmides de Gizé parecem ter faces lisas, mas quem se aproxima delas vê que elas são um tipo de pirâmide em degraus, construídas camada após camada (os especialistas as chamam de "cursos") de pedras, cada uma menor que a anterior. De fato, estudos modernos sugerem que a Grande Pirâmide é em degraus em seu núcleo, cuja estrutura foi calculada para suportar grandes esforços verticais. O que a fazia ter faces lisas era a camada de revestimento. Essas placas foram removidas na época da dominação árabe e usadas na construção da cidade do Cairo, mas algumas delas ainda podem ser vistas em sua posição original no alto da Segunda Pirâmide e umas poucas foram descobertas na base da Grande Pirâmide. Essas placas de revestimento determinavam o ângulo da pirâmide e constituem as pedras mais pesadas empregadas na construção. As seis faces de cada bloco foram cortadas e polidas com uma exatidão que só se encaixa dentro de padrões ópticos, pois se ajustavam não somente às pedras do núcleo que cobriam, mas também a suas vizinhas nos quatro lados, formando em seu conjunto uma área de precisão de 8,5 hectares de blocos de calcário.
Atualmente as pirâmides de Gizé não têm mais o ápice ou espigão, também em forma piramidal (os pyramidions), que deviam ser de metal ou revestidos dele, exatamente como as pontas dos obeliscos. Quem os retirou de tão grande altura, quando e por quê, não se sabe. O que se tem conhecimento contudo, é de que em pirâmides de épocas posteriores, essas pedras de ápice, parecidas com o Ben-Ben de Heliópolis, eram feitas de granito especial e possuíam muitas inscrições. A da pirâmide de Amen-em-khet, em Dachur, encontrada enterrada a alguma distância dela tinha o emblema do Disco Alado e a inscrição:

O rosto do rei Amen-em-khet está aberto,
Para ele poder contemplar o Senhor da Montanha da Luz
Quando ele veleja pelo firmamento.

Heródoto visitou Gizé no século V, época em que as pirâmides ainda mantinham as placas de revestimento, mas ele não menciona a presença de ápices. Como tantos outros antes e depois dele, o historiador grego ficou imaginando como esses monumentos - considerados como uma das Sete Maravilhas do mundo antigo - podiam ter sido construídos. Seus guias o informaram que tinham sido necessários 100 mil homens, substituídos a

cada três meses, e "dez anos de opressão do povo", apenas para se construir a rampa até o local da obra, para possibilitar o transporte dos blocos de pedra. "A pirâmide em si exigiu vinte anos de construção." Heródoto nos transmitiu a informação de que foi o faraó Quéops (Khufu) que ordenou a construção da Grande Pirâmide, mas não explicita como nem por quê. Ele também atribuiu a Quéfren (Chefra) a construção da Segunda Pirâmide, "com as mesmas dimensões da primeira, só que 12 metros mais baixa" e disse que Miquerinos (Menkara) "também deixou uma pirâmide, mas muito inferior em tamanho do que a construída pelo seu pai", deixando implícito que se tratava da Terceira Pirâmide Gizé.

No século I, o geógrafo e historiador grego Estrabão registrou não apenas sua visita às pirâmides, mas também sua entrada na Grande Pirâmide por uma abertura na face norte, escondida por uma pedra articulada. Depois de descer um corredor longo e estreito, ele atingiu um buraco cavado no leito rochoso sob a plataforma, como tantos outros turistas gregos e romanos já haviam feito antes dele.

A localização dessa entrada acabou sendo esquecida nos séculos que se seguiram e, quando o califa Al-Mamun tentou entrar na Grande Pirâmide no ano de 820, precisou empregar um verdadeiro exército de engenheiros, ferreiros e pedreiros para perfurar as pedras, abrindo um túnel até o núcleo. O que o incentivou a empreender essa obra foi o interesse científico aliado à cobiça, pois o califa estava a par das antigas lendas que afirmavam a existência, no interior da pirâmide, de uma câmara secreta onde na Antiguidade haviam sido escondidos mapas celestes e terrestres, inclusive globos, bem como "armas que não enferrujam" e "vidro que pode ser dobrado sem quebrar" .

Rachando os blocos de pedra com a aplicação de calor e frio alternados, arrebentando-os com martelos e picaretas, os homens de Al-Mamun avançaram centímetro por centímetro. Estavam a ponto de desistir quando ouviram o barulho de uma pedra caindo, indicando que perto dali havia alguma cavidade. Com renovado vigor, eles continuaram quebrando as pedras e acabaram por atingir o Corredor Descendente. Subindo-o, chegaram à entrada original, que não tinham visto do lado de fora. Descendo, encontraram a cavidade subterrânea descrita por Estrabão. Um túnel que dela saía não levava a lugar nenhum.

No que dizia respeito aos aventureiros, todos seus esforços tinham sido em vão. As outras pirâmides fora de Gizé, que tinham sido demolidas ou

penetradas, possuíam a mesma estrutura interna: um Corredor Descendente, levando a uma ou mais câmaras. Todavia, na Grande Pirâmide elas não existiam. Não havia mais segredos a serem descobertos...
O destino, porém, interveio. Fora o som de uma pedra caindo no vazio que estimulara os homens de Al-Mamun a continuar o trabalho, Quando estavam para desistir mais uma vez, viram uma pedra caída no corredor. Ela era triangular, um formato bastante estranho. Examinando o teto, os trabalhadores descobriram que ela servira para esconder de vista um grande bloco de granito posicionado em ângulo em relação à passagem. Esse bloco esconderia o cantinho para uma câmara realmente secreta - jamais penetrada antes?
Como não tinham meios de mover ou quebrar o bloco de granito, os homens do califa continuaram aprofundando o túnel que tinham escavado nas pedras de calcário, para dar a volta em torno dele. Descobriram então que aquele bloco era o primeiro de uma série de pedras de granito e calcário que obstruíam um Corredor Ascendente, posicionado num ângulo de 26 graus, o mesmo do Corredor Descendente (e exatamente metade do ângulo de inclinação das faces da pirâmide). No alto do corredor, um passagem horizontal levava para um cômodo meio quadrado, com teto inclinado em V invertido, com um nicho incomum em sua parede leste. Ele estava totalmente vazio e não tinha nem mesmo decoração. Mais tarde descobriu-se que essa câmara fica exatamente no meio do eixo norte-sul da pirâmide - fato cujo significado ainda não foi decifrado. Esse cômodo tornou-se conhecido como a câmara da Rainha, mas o nome é baseado em idéias românticas, pois não existe o menor sinal de evidências para corroborar essa designação.
A partir do final do Corredor Ascendente foi encontrada uma Grande Galeria, mantendo o mesmo ângulo de 26 graus e estendendo-se por 46 metros de construção intricada e precisa. O piso rebaixado é flanqueado por duas rampas que acompanham toda a extensão da galeria e em cada uma delas há orifícios retangulares, igualmente espaçados. As paredes têm mais de 5,5 metros de altura e a largura da galeria vai se estreitando progressivamente, de modo que, no seu ponto mais alto, o teto tem a mesma largura do piso rebaixado. A galeria termina numa plataforma formada por um enorme bloco de pedra. Dali, uma passagem, curta e estreita (apenas 1 metro de altura) leva a uma antecâmara de construção complexa, equipada para abaixar com uma manobra simples (talvez um puxar de cordas) três

placas de granito sólido que podiam descer na vertical, obstruindo a passagem e impedindo o avanço.
Uma outra pequena passagem, com altura e largura similares à anterior, leva para um cômodo de teto muito alto, feito de granito vermelho polido - a chamada câmara do Rei. Ela foi encontrada vazia, exceto por um bloco de granito, lavrado de modo a sugerir o formato de um ataúde sem tampa. Seu preciso acabamento inclui sulcos para a instalação de uma tampa ou cobertura e suas medidas, como já bem determinado, demonstram um profundo conhecimento de complexas fórmulas matemáticas. Na câmara também não havia qualquer tipo de decoração.
Os homens do califa Al-Mamun certamente pensaram o que todos têm pensado desde então. Toda essa montanha de blocos de pedra foi erigida somente para esconder um "baú" dentro de uma câmara secreta? As marcas de fuligem deixadas por tochas e as palavras do historiador Estrabão atestam que o Corredor Descendente foi bastante visitado na Antiguidade. No entanto, o Ascendente estava perfeitamente lacrado ao ser descoberto pelos trabalhadores de Al-Mamun no século IX. As teorias sempre afirmaram que as pirâmides eram tumbas reais construídas para protegerem as múmias dos faraós e os tesouros com elas enterrados de ladrões ou profanadores que poderiam perturbar a paz eterna do falecido. Sendo assim, o bloqueio dos corredores deveria ter sido executado logo depois da colocação do sarcófago na câmara. No entanto, o que se encontrou foi uma passagem obstruída com perfeição e, atrás dela, absolutamente nada, exceto um ataúde de pedra.
Com o passar do tempo, outros governantes, cientistas e aventureiros entraram na Grande Pirâmide e fizeram túneis e orifícios, descobrindo outros aspectos de sua estrutura interior, inclusive dois conjuntos de dutos que alguns acreditam ser entradas de ar (para quem?) e outros garantem que serviam para observações astronômicas (por quem?). Embora os especialistas insistam em se referir ao baú de granito como "sarcófago" ou "ataúde" (pelo tamanho, ele poderia mesmo acomodar um corpo humano), o fato é que não existe nada, absolutamente nada para apoiar a afirmação de que a Grande Pirâmide era uma tumba de faraó.

Na verdade, nunca houve indícios concretos de que as pirâmides de Gizé foram construídas para serem túmulos reais.

A pirâmide que na cronologia dos livros escolares é a primeira, a de Djoser, possui duas câmaras cobertas pela mastaba inicial. Quando elas foram visitadas pela primeira vez por H. M. von Minutoli, em 1821, ele afirmou ter encontrado em seu interior partes de uma múmia e inscrições com o nome do faraó. Em 1837, o coronel Howard Vyse reescavou mais minuciosamente o interior da pirâmide e relatou ter descoberto "um monte de múmias" (foram contadas oitenta delas posteriormente) e ter atingido uma câmara "com o nome do rei Djoser pintado com tinta vermelha". Um século depois, arqueólogos comunicaram a descoberta de um fragmento de crânio e indícios de que "um sarcófago de madeira poderia ter estado dentro da câmara de granito vermelho". Em 1933, J. E. Quibell e J. P. Lauer descobriram outras galerias dentro da pirâmide, em cujo interior encontraram dois sarcófagos vazios.

Hoje em dia é geralmente aceito que todas essas múmias e ataúdes representam sepultamentos intrusos, ou seja, o sepultamento de mortos de outras épocas, bem posteriores à da construção das pirâmides, aproveitando suas galerias e câmaras. Mas o rei Djoser teria sido mesmo enterrado na pirâmide, isto é, houve mesmo um "sepultamento original"?

A maioria dos arqueólogos duvida de que Djoser foi mesmo sepultado dentro da pirâmide que tem seu nome. Tudo indica que ele foi enterrado numa magnífica tumba descoberta em 1928, ao sul da pirâmide. Essa "Tumba Sul", como se tornou conhecida, era atingida por uma galeria cujo teto de pedra imitava palmeiras, levando a uma abertura imitando uma porta semi-aberta que se abria para um grande salão. Outras galerias conduziam a uma câmara subterrânea feita de blocos de granito e, em uma de suas paredes, três portas falsas tinham gravados nelas a imagem, nome e títulos de Djoser.

Atualmente, muitos eminentes egiptólogos acreditam que a pirâmide era apenas um túmulo simbólico de Djoser e que seu corpo na verdade foi sepultado na Tumba Sul, encimada por uma grande superestrutura retangular, que continha a capela - um estilo de sepulcro mostrado em alguns desenhos egípcios.

A pirâmide em degraus provavelmente iniciada pelo sucessor de Djoser, Sekhemkhet, também continha uma "câmara mortuária", que ao ser descoberta abrigava um "sarcófago" de alabastro. Os livros contam que o arqueólogo que a encontrou, Zakaria Goneim, concluiu que a câmara fora invadida por ladrões, que tinham roubado a múmia e todo o conteúdo do

compartimento. Todavia, isso não é totalmente verdadeiro. De fato, o sr. Goneim encontrou a porta deslizante vertical do baú de alabastro fechada e vedada com gesso e restos de uma coroa de flores ainda permaneciam sobre a rampa do ataúde. Como ele mesmo contou, ao ver isso, suas "esperanças atingiram o ponto máximo; no entanto, quando o sarcófago foi aberto, vimos que ele estava vazio e parecia jamais ter sido usado". Teria o corpo de algum rei um dia repousado ali? Enquanto alguns ainda afirmam que sim, outros estão convencidos de que a pirâmide de Sekhemkhet (tampas de jarros onde estão gravados seu nome comprovam a identificação) era apenas um cenotáfio, isto é, uma tumba simbólica.

A terceira pirâmide em degraus, atribuída a Khaba, também continha uma "câmara mortuária", encontrada vazia, sem múmia ou mesmo o ataúde de pedra. Os arqueólogos identificaram na área vizinha as ruínas de uma outra pirâmide, não terminada, que imaginam ter sido iniciada pelo sucessor de Khaba. A subestrutura de granito continha um "sarcófago" oval, de formato incomum, embutido no piso, como se fosse uma banheira moderna. A tampa estava no lugar, lacrada com cimento; não havia nada em seu interior.

Os arqueólogos descobriram restos de três outras pirâmides pequenas, atribuídas a governantes da 3ª. Dinastia. Numa delas, não foi possível examinar a subestrutura; em outra, não existia nenhum tipo de câmara mortuária; na terceira, havia a câmara, mas nenhum indício de sepultamento.

A exploração da pirâmide desmoronada de Meidum não revelou a existência de câmara mortuária ou sarcófago. Flinders Petrie, que a examinou minuciosamente, encontrou nela apenas fragmentos de um ataúde de madeira, que anunciou como sendo os restos do caixão de Snefru. Atualmente, todos os especialistas acreditam que esses fragmentos provinham de um enterro muito mais posterior, um sepultamento intruso. A pirâmide é cercada por numerosas mastabas da 3ª. e 4ª. dinastias, pois ali eram enterrados os membros da família real e outras personalidades da época. O recinto da pirâmide ligava-se a uma estrutura mais baixa, o chamado "templo funerário", que atualmente está submerso no Nilo. É possível que tenha sido nesse lugar, cercado e protegido pelas águas sagradas do rio, que foi colocado o corpo do faraó.

As duas outras pirâmides, de acordo com a cronologia dos livros, são ainda mais embaraçosas para aqueles que defendem a teoria de que elas são tumbas. As duas pirâmides de Dachur (a Torta e a Vermelha) foram

construídas por Snefru. A primeira possui duas "câmaras mortuárias", e a segunda, três. Se os faraós mandavam construir pirâmides para abrigar sua múmia depois da morte, por que Snefru construiu duas delas, com três câmaras? Acho que nem preciso dizer que os compartimentos foram encontrados vazios, sem sarcófagos. Depois de extensas escavações, feitas pelo Serviço de Antiguidades Egípcio em 1947 e novamente em 1953, que se concentraram em especial na pirâmide Vermelha, ficou constatado, como registra o relatório oficial, "que não se encontrou lá nenhum vestígio de uma tumba real".

A teoria "uma pirâmide por faraó" afirma que a pirâmide seguinte, em ordem cronológica, foi construída por Khufu (Quéops), o filho de Snefru e, segundo Heródoto e os historiadores romanos que se basearam em suas obras, ela seria a Grande Pirâmide de Gizé. Como vemos, suas câmaras e compartimentos descobertos em tempos modernos, encontrados inviolados, estavam vazios. Isso, aliás, não deveria ser grande surpresa para os estudiosos, pois o próprio Heródoto escreveu (História, vol. II, pág. 127): "A água do Nilo, levada por um canal artificial, cerca uma ilha onde, segundo se afirma, repousa o corpo de Quéops". Ficaria a verdadeira tumba do faraó no vale próximo das pirâmides, mais perto do rio? Até hoje não se sabe.

Chefra (Quéfren), a quem é atribuída a Segunda Pirâmide de Gizé, não foi o sucessor imediato de Khufu. Entre eles houve um faraó chamado Radedef, cujo reinado durou oito anos. Por motivos, que os estudiosos não conseguem explicar, ele escolheu erigir sua pirâmide num local um pouco distante de Gizé. Possuindo cerca de metade do tamanho da Grande Pirâmide, ela continha a costumeira "câmara mortuária" que, ao ser visitada, revelou-se vazia.

A Segunda Pirâmide de Gizé apresenta duas entradas em lugar da habitual passagem pela face norte. A primeira começa fora dela, o que também é incomum, e leva para uma câmara inacabada. Quando Giovanni Belzoni a explorou em 1818, o sarcófago de granito foi encontrado vazio e a tampa caída no chão, quebrada. Uma inscrição em árabe denunciou a visitação da câmara vários séculos antes. O que os árabes encontraram, se é que encontraram alguma coisa, não está registrado em nenhum lugar.

A Terceira Pirâmide de Gizé, embora muito menor do que as outras, possui características singulares. Na construção do núcleo, foram empregados os maiores blocos de pedra encontrados em todas as três. Os dezesseis cursos

inferiores não eram revestidos de calcário, mas de granito. Ela primeiro foi erigida como uma pirâmide menor e depois teve seu tamanho dobrado. Como resultado disso, existem duas entradas utilizáveis e uma terceira inacabada, talvez uma "tentativa" não aprovada pelos construtores. Nela, há várias câmaras e aquela que é considerada a principal, a "câmara mortuária", foi explorada em 1837 por Howard Vyse e John Perring, que encontraram um magnífico sarcófago de basalto, vazio, como de hábito. No entanto, perto dele, Vyse e Perrig acharam um pedaço de um caixão de madeira com o nome "Men-ka-ra" e os restos de uma múmia "possivelmente de Menkara", uma confirmação direta da afirmação de Heródoto de que a Terceira Pirâmide "pertencia a Miquerinos". Todavia, um reexame dessas peças em tempos atuais, onde foi empregado o método de datação com isótopos de carbono, estabeleceu que o caixão de madeira "sem duvida é do período saítico", não anterior a 660 a.C. (K. Michalowsky, Art of Ancient Egypt) e que a múmia encontrada era do início da era cristã. Portanto, nenhuma das duas peças poderia fazer parte de um sepultamento original.

Apesar de não terem certeza de que Men-ka-ra foi o sucessor imediato de Chefra, os especialistas sabem que depois dele veio Shepsekaf. Qual das várias pirâmides jamais terminadas (ou cuja construção foi tão rudimentar que nada delas restou) teria pertencido a ele, ninguém pode dizer. Todavia, todos são unânimes em afirmar que nenhuma delas lhe serviu de túmulo, pois Shepsekaf foi enterrado sob uma monumental mastaba, cuja câmara mortuária continha um sarcófago de granito preto. Quando os arqueólogos a descobriram, constataram que ela tinha sido saqueada por ladrões de túmulos da Antiguidade, que esvaziaram a câmara e o sarcófago.

A 5ª. Dinastia começou com Userkaf, que construiu sua pirâmide em Sakkarah, perto do complexo de Djoser. Ela foi violada tanto por ladrões como por sepultamentos intrusos. O sucessor do faraó, Sahura, construiu sua pirâmide ao norte de Sakkarah (atual Abusir) e, embora ela seja uma das mais conservadas, nada se encontrou em sua "câmara mortuária" retangular. No entanto, a magnificência dos templos que a cercam, estendendo-se até o vale do Nilo, e o fato de os salões do templo mais próximo do rio terem sido ornamentados com colunas imitando tamareiras podem indicar que a verdadeira tumba de Sahura ficava nas imediações de sua pirâmide. .

Neferirkara, que ascendeu ao trono depois de Sahura, construiu seu complexo funerário num local não muito distante do escolhido pelo seu antecessor. A câmara que existia dentro de sua pirâmide não terminada (ou devastada) foi encontrada também vazia. Até hoje não se descobriram monumentos que teriam pertencido a Neferirkara. No entanto, o próximo faraó construiu sua pirâmide usando mais madeira e tijolos de argila do que pedras e por isso só restam dela umas poucas ruínas. Neuserra, o faraó seguinte, construiu sua pirâmide perto da dos seus antecessores. Ela continha duas câmaras, encontradas vazias, sem o menor vestígio de sepultamento. No entanto, Neuserra é mais conhecido pelo seu templo funerário, construído no formato de um obelisco curto e grosso, assenta do sobre uma pirâmide truncada. O obelisco tinha 36 metros de altura e seu ápice, ou pyramidion, era revestido com chapas de cobre.

A pirâmide do faraó que sucedeu a Neuserra não foi encontrada e é possível que tenha se transformado num monte de entulho coberto pelas areias cambiantes do deserto. A de seu sucessor só foi identificada em 1945 e continha a habitual câmara, também encontrada vazia e sem nenhum tipo de decoração.

A pirâmide de Unas - o ultimo faraó da 5ª. Dinastia, ou, como preferem alguns, o primeiro da 6ª. - marca uma importante mudança de costumes. Foi lá que, em 1880, Gaston Maspero encontrou os primeiros Textos das Pirâmides, escritos nas paredes de câmaras e corredores. As quatro pirâmides dos faraós da 6ª. Dinastia, que se seguiram a Unas - Teti, Pepi I, Mernera e Pepi II -, apresentavam complexos funerários imitando o de Unas, com a inclusão dos textos nas paredes. Todos os sarcófagos de basalto ou granito encontrados nas "câmaras mortuárias" estavam vazios, com exceção do existente na pirâmide de Mernera, onde havia uma múmia. Logo, porém, ficou estabelecido que ela não era a do rei, mas representava um sepultamento intruso posterior.

E onde foram sepultados esses faraós da 6ª. Dinastia? Os túmulos dessa dinastia e das anteriores ficavam todos no sul do Egito, em Abidos. Esse indício, e muitos outros, há muito já deviam ter afastado totalmente a idéia de que as tumbas reais eram cenotáfios e as pirâmides os verdadeiros locais de sepultamento. Todavia, velhas crenças custam a morrer.

Todos os fatos demonstram o contrário. As pirâmides do Velho Império nunca abrigaram o corpo de um faraó porque não foram erigidas com esse objetivo. Fazendo parte da viagem simulada do faraó para a Outra Vida,

quando ele partia na direção do horizonte, elas eram marcos para guiarem seu Ka até a Escada para o Céu função exatamente igual às das pirâmides originalmente construídas pelos deuses, que lhes serviam de balizas quando eles "velejavam pelo firmamento".
O que os faraós tentaram copiar, uns após os outros, sugiro, não foi a pirâmide de Djoser, corno dizem os livros, mas as Pirâmides dos Deuses: as pirâmides de Gizé.

CAPÍTULO 13

FALSIFICANDO O NOME DO FARAÓ

A falsificação como meio de se alcançar fama e fortuna não é um fato incomum no comércio e nas artes, ciência e relíquias da Antiguidade. Quando descoberta, a falsificação pode redundar em perdas e vergonha. Quando sancionada, ela pode alterar os registros da História.

Um caso de falsificação, acredito, aconteceu com a Grande Pirâmide e seu suposto construtor, o faraó chamado Khufu.

O reexame arqueológico sistemático e disciplinado dos sítios na área de Gizé, que foram apressadamente escavados há um século e meio, muitas vezes por simples caçadores de tesouros, vem levantando inúmeras questões relacionadas com algumas das conclusões anteriormente aceitas. Afirma-se que a Era das Pirâmides começou com a pirâmide em degraus de Djoser e daí houve uma progressão sucessiva até se chegar, finalmente, a urna pirâmide "verdadeira". Mas, por que seria tão importante a conquista de uma pirâmide de faces lisas? Se a arte das pirâmides foi se aprimorando com o passar do tempo, por que as posteriores às de Gizé eram inferiores, e não melhores, do que elas?

A pirâmide de Djoser teria sido o modelo para as outras ou era uma cópia de algo já existente? Os estudiosos acreditam que a primeira pirâmide em degraus que Imhotep construiu sobre a mastaba "tinha um revestimento de belas pedras de calcário branco", como escreve Ahmed Fakhry em The Pyramids, acrescentando: "No entanto, antes de o revestimento ficar terminado, Imhotep planejou urna nova alteração, a superposição de uma pirâmide maior". Mas, como sugerem novos indícios, mesmo essa segunda pirâmide era também revestida para ficar "verdadeira", ou seja, de faces lisas. Uma missão arqueológica da Universidade de Harvard, chefiada por George Reisner, descobriu que esse revestimento era de tijolos de argila, que, é claro, logo se desmancharam com as intempéries, deixando a impressão de que Imhotep construiu uma pirâmide em degraus. Além disso, outras equipes arqueológicas descobriram que o revestimento era caiado para imitar o calcário branco.

Quem Djoser tentava imitar? Onde ele vira uma pirâmide verdadeira já erigida e completa, com as faces lisas e o revestimento polido? E se, como diz a atual teoria, as tentativas de se construir uma pirâmide lisa, com faces inclinadas em 52 graus, fracassaram e Snefru teve de "trapacear", diminuindo o ângulo para 43 graus, com o qual aquela que é considerada a primeira pirâmide verdadeira, porque seu filho, Khufu/Quéops, teve a idéia de erigir uma pirâmide com o difícil ângulo de 52 graus, o que supostamente conseguiu sem maiores problemas?

Se as pirâmides de Gizé foram apenas pirâmides "comuns" na cadeia "uma para cada faraó", por que o filho de Khufu, Radedef, não construiu a sua próxima da pirâmide do pai? Recordemo-nos de que supostamente as outras duas não estavam lá, de modo que Radedef tinha um grande espaço livre para sua obra. E, se os engenheiros e arquitetos de seu pai já tinham dominado a arte da construção de pirâmides, pois haviam feito a Grande Pirâmide de Gizé, por que não o ajudaram a construir uma tão imponente como a de Khufu, em vez de erigirem a pirâmide bem inferior, que leva seu nome, e que logo se deteriorou?

É importante salientar que só a Grande Pirâmide possui um Corredor Ascendente, a passagem que foi encontrada bloqueada com perfeição e permaneceu escondida até o ano de 820. O fato de todas as outras pirâmides construídas fora de Gizé não terem essa passagem não significaria que todos que tentaram copiar a Grande Pirâmide desconheciam a existência do Corredor Ascendente?

A ausência de inscrições hieroglíficas nas três pirâmides de Gizé também tem motivado especulações. Há um século, em Pyramids, Facts and Fancies, James Bonwick já indagava: "Quem pode se convencer de que os egípcios deixariam tão soberbos monumentos sem pelo menos alguns hieróglifos - eles, que apreciavam uma profusão de inscrições em todos os tipos de construções?" Só existem duas explicações para essa ausência: as pirâmides foram construí das antes do surgimento da escrita hieroglífica ou não foram construídas pelos egípcios.

Esses são alguns dos pontos que fortalecem minha crença de que quando Djoser e seus sucessores iniciaram o costume da construção de pirâmides, eles tentavam copiar as já existentes, as pirâmides de Gizé. Estas não foram um resultado do aprimoramento dos esforços iniciados por Djoser, mas protótipos que ele e os faraós seguintes tentaram imitar.

Alguns estudiosos do passado sugeriram que as pequenas pirâmides satélites que se encontram em Gizé eram na verdade modelos em escala (1:5), usados pelos antigos da mesma forma que os arquitetos de hoje utilizam modelos em escala para avaliação e orientação. Atualmente sabe-se que elas foram adições posteriores. No entanto, creio que houve mesmo um modelo experimental, em tamanho menor, e que ele era a Terceira Pirâmide, com seus óbvios experimentos estruturais. Em seguida, foram construídas as duas maiores, reafirmo, para servir de marcos de orientação para os Anunnaki.

E quanto a Menkara, Chefra e Khufu, que, segundo nos relata Heródoto, foram os construtores dessas três pirâmides?

Bem, os templos e o caminho elevado que vai até a Terceira Pirâmide fornecem indícios de que foram construídos por Menkara, tal como as inscrições com seu nome e as várias estátuas incomuns, mostrando-o abraçado por Hathor e outras deusas. Porém, tudo o que eles atestam é que Menkara mandou erigir essas estruturas secundárias que o associam com a pirâmide. Nada indica que ele as construiu. Os Anunnaki, é lógico presumir, precisavam apenas das montanhas artificiais e não construiriam templos para adorarem a si mesmos. Só faraós precisavam de templos funerários e outras estruturas relacionadas com sua viagem até a morada dos deuses.

Dentro da Terceira Pirâmide propriamente dita não existe nenhuma inscrição, estátua ou pintura mural. Nela só se depara com austeridade e precisão. A única evidência encontrada em seu interior de que ela teria sido construída como um túmulo para Menkara provou ser falsa. Os fragmentos de um ataúde de madeira onde estava escrito o nome do faraó, testados com métodos modernos de datação, mostram que eles são de uma época 2 mil anos posterior à do reinado de Menkara. A múmia que o "acompanhava" é do início da era cristã. Portanto, não existe a menor indicação de que Menkara, ou qualquer outro faraó, teve algo a ver com a criação e construção da Terceira Pirâmide.

A Segunda Pirâmide também é completamente austera. As estátuas com o cartucho de Chefra (a estrutura oval indicando o nome de um faraó) foram encontradas apenas nos templos próximos a ela e não existe nenhum indício de que ele foi o construtor da pirâmide.

E quanto a Khufu?

Com uma única exceção, que logo em seguida denunciarei como sendo uma provável falsificação, o único indício de que ele construiu a Grande

Pirâmide é a afirmação de Heródoto (e de um historiador romano, que se baseou em sua obra). Heródoto descreve Khufu corno um faraó que escravizou seu povo por trinta anos para construir o caminho elevado e a pirâmide. No entanto, por meio de outros cálculos, esse faraó reinou apenas 28 anos. E mais, se ele era um construtor tão grandioso, abençoado com o auxílio dos maiores arquitetos, engenheiros e pedreiros, onde estão seus outros monumentos extraordinários, onde estão suas estátuas?

Não existe nada parecido e a ausência de qualquer tipo de ruínas de obras desse tipo só demonstra que Khufu era um construtor comum, igual a tantos outros do Antigo Império. Creio, porém, que ele teve uma idéia brilhante. Ao ver os revestimentos de tijolos das pirâmides em degraus desfeitos, a pirâmide desmoronada em Meidum, a inclinação apressada da pirâmide de Snefru, o ângulo inadequado da segunda construída por esse faraó, Khufu teve a grande idéia. Lá, em Gizé, estavam as pirâmides perfeitas e inigualáveis. Por que não pedir aos deuses permissão para associar a urna delas os templos funerários necessários para sua viagem para uma Outra Vida? Não haveria nenhuma intromissão na santidade da pirâmide em si. Todos os templos construídos por Khufu, inclusive o do vale, onde ele provavelmente foi enterrado, ficavam do lado de fora da Grande Pirâmide, próximos dela, mas sem tocá-la. E é por causa deles que a construção da Grande Pirâmide é atribuída a Khufu.

Tendo sido testemunha do fracasso da pirâmide de seu antecessor, Radedef, Chefra preferiu usar a solução encontrada por Khufu. Quando chegou sua hora de precisar de urna pirâmide, ele não viu nenhum mal em se apropriar da Segunda Pirâmide, já feita, e cercou-a com seus templos e pirâmides-satélites. Menkara, seu sucessor, imitou-o, ligando-se à última pirâmide disponível, a Terceira.

Como as pirâmides já prontas haviam sido tornadas, os faraós seguintes viram-se obrigados a conseguir as suas pelo modo mais difícil, ou seja, tentando construí-las... Tal corno aconteceu com seus antecessores que tentaram essa empreitada antes (Djoser, Snefru, Radedef), seus esforços terminaram em cópias inferiores das três pirâmides perfeitas originais.

À primeira vista, minha afirmação de que Khufu (como Chefra e Menkara) não teve nada a ver com a construção da pirâmide ligada ao seu nome pode parecer absurda. Mas não é. A questão sobre Khufu corno construtor da Grande Pirâmide começou a preocupar os egiptólogos sérios há mais de um século, quando foi descoberto o único objeto que menciona diretamente

esse faraó como estando ligado à Grande Pirâmide. O mais intrigante é que a inscrição nele existente afirma que Khufu não construiu a pirâmide, que ela já existia na época de seu reinado!
Essa prova contundente é urna estela de pedra calcária, descoberta por Auguste Mariette por volta de 1850, nas ruínas do templo de Ísis, perto da Grande Pirâmide. A inscrição identifica essa estela como um monumento auto-laudatório, que Khufu mandou erigir para comemorar a reforma do templo de Ísis e restauração das imagens e emblemas dos deuses nele existentes, obra feita sob suas ordens. Os versos de abertura o identificam claramente pelo seu cartucho:

Ankh Hor Mezdau Viva Hórus Mezdau;
Suten-bat (ao) Rei (do) Alto e Baixo Egito
Khufu tu ankh Khufu, é dada vida!

Essa abertura comum, invocando o deus Hórus e pedindo longa vida para o rei, é seguida das declarações explosivas:

Ele fundou a casa de Ísis,
Dona da Pirâmide
Ao lado da casa da Esfinge

Segundo a inscrição da estela que se encontra no Museu do Cairo, a Grande Pirâmide já existia quando Khufu entrou em cena e ela pertencia à deusa Ísis, e não ao faraó. Além disso, a Esfinge (que tem sido atribuída a Chefra, que a teria construído junto com a Segunda Pirâmide) também já estava em sua atual localização. A continuação da inscrição descreve a posição da Esfinge com grande exatidão e registra que ela foi danificada por um raio - evento perceptível até os dias de hoje.
Khufu prossegue dizendo que construiu uma pirâmide para a princesa Henutsen "ao lado do templo da deusa". Os arqueólogos encontraram provas independentes dessa estela de que uma das três pequenas pirâmides situadas ao lado da Grande, a mais ao sul delas, era de fato dedicada a Henutsen, uma esposa de Khufu. Assim, tudo o que está gravado na estela combina com os fatos conhecidos e fica bem claro que nela o faraó afirma apenas que construiu a pirâmide pequena. A Grande Pirâmide e a Esfinge (e, por inferência, as outras duas) já estavam lá.

O apoio a minhas teorias se fortalece quando lemos em outra parte da estela a inscrição que diz que a Grande Pirâmide também era chamada de "A montanha Ocidental de Hathor".

Viva Hórus Mezdau;
Ao rei do Alto e Baixo Egito, Khufu,
É dada a vida.
Para sua mãe Ísis, a Divina Mãe,
Dona da montanha Ocidental de Hathor,
Ele fez esta inscrição. .
Ele lhe fez uma nova oferenda sagrada.
Construiu-lhe uma casa [templo] de pedra,
Renovou os deuses encontrados em seu [antigo] templo.

Hathor, devemos nos lembrar, era a senhora da península do Sinai. Assim, se a Grande Pirâmide era a montanha Ocidental de Hathor, tinha de existir uma montanha Oriental - o pico mais alto da península - e ambas funcionavam como balizas do corredor de Aterrissagem dos deuses.

Essa "Estela do Inventário", como ela veio a ser conhecida, tem todos os sinais de autenticidade. No entanto, os estudiosos da época de sua descoberta e muitos outros desde então mostraram-se incapazes de se ajustar às inevitáveis conclusões que devem ser extraídas dela. Não desejando balançar toda a estrutura do estudo das pirâmides, eles a proclamaram como sendo uma falsificação, uma inscrição feita "muito depois da morte de Khufu" (para citar Selim Hassan em Excavations at Giza), invocando seu nome "para apoiar alguma afirmação fictícia dos sacerdotes locais".
James H. Breasted, cuja obra Ancient Records of Egypt é o trabalho padrão sobre as antigas inscrições, escreveu em 1906 que "as referências à Esfinge e ao templo situado ao lado dela, na época de Khufu, tornaram esse monumento (a estela), desde o início, objeto de grande interesse. Elas seriam de máxima importância se o monumento fosse contemporâneo de Khufu; todavia, as provas ortográficas que a situam numa data posterior são inteiramente conclusivas". Breasted discordava de Gaston Maspero, o mais afamado egiptólogo da época, que afirmara que a estela, embora tivesse mesmo uma ortografia posterior à usada no tempo de Khufu, era cópia de

um original mais antigo e autêntico. Apesar de suas dúvidas, Breasted incluiu a estela entre os registros da 4ª. Dinastia. Maspero, quando escreveu sua abrangente obra The Dawn of Civilization, em 1920, aceitou o conteúdo da estela como um dado factual sobre a vida e as atividades de Khufu.

Mas, por que tanta relutância em aceitar essa peça como autêntica? A Estela do Inventário foi condenada como sendo uma falsificação porque apenas uma década e pouco antes de seu descobrimento a identificação de Khufu como construtor da Grande Pirâmide parecia ter sido inequivocamente estabelecida. Essas provas, aceitas como conclusivas, eram inscrições feitas em tinta vermelha, encontradas em pequenos compartimentos descobertos sobre a câmara do Rei, que foram interpretadas como sendo marcas feitas nas pedreiras, durante a extração dos blocos, ou pelos pedreiros, durante a construção da obra, no 182 ano do reino de Khufu. Como esses compartimentos estavam hermeticamente fechados, jamais tendo sido penetrados até sua descoberta em 1837, as 324 marcas só poderiam ser autênticas e, portanto, a Estela do Inventário tinha de ser uma falsificação.

Todavia, quando analisamos minuciosamente as circunstâncias em que apareceram as marcas em tinta vermelha e quem foram seus descobridores - uma investigação que nunca ninguém se preocupou em fazer -, a conclusão que emerge é a seguinte: se houve uma falsificação, ela não aconteceu na Antiguidade, mas no ano de 1837. E os falsificadores não foram "alguns sacerdotes locais", mas dois (ou três) ingleses inescrupulosos.

A história começa em 29 de dezembro de 1835, com a chegada ao Egito do coronel Richard Howard Vyse, a "ovelha-negra" de uma aristocrática família britânica. Na época, outros oficiais do exército de Sua Majestade já tinham se destacado como "antiquários", como eram chamados os arqueólogos da época, apresentando relatórios diante das mais afamadas sociedades científicas e recebendo a devida aclamação pública. Quer Vyse tenha ou não ido ao Egito à procura de fama, o fato é que ao visitar as pirâmides de Gizé ele foi imediatamente tomado pela febre de descobertas diárias que atacava leigos e acadêmicos. Vyse empolgou-se em especial com as histórias e teorias de um certo Giovanni Battista Caviglia, que estivera procurando uma câmara secreta dentro da Grande Pirâmide.

Poucos dias depois do encontro entre os dois homens, Vyse ofereceu-se para financiar Caviglia em suas investigações, desde que fosse citado como co-descobridor. Caviglia rejeitou a proposta no mesmo instante e Vyse,

ofendido, partiu para Beirute no final de fevereiro de 1836, com o objetivo de visitar a Síria e a Ásia Menor.
No entanto, a longa viagem não foi capaz de aplacar a ânsia que crescera dentro dele. Em vez de voltar para a Inglaterra, Vyse desembarcou novamente no Egito em outubro de 1836. Em sua estada anterior, ele fizera amizade com um ardiloso intermediário chamado J. R. Hill, na época superintendente de uma metalúrgica. Nessa segunda visita, Hill o apresentou a um certo "sr. Sloane", que lhe confidenciou existirem meios de se obter um firmã - um alvará - do governo egípcio, dando ao seu possuidor direitos exclusivos de escavação em Gizé. Assim orientado, Vyse procurou o cônsul britânico, o coronel Campbell, para ajudá-lo na entrada da documentação necessária. Todavia, ao receber o firmã, ele levou um choque ao ver que ele nomeava Sloane e Campbell como "co-licenciados" e designava Caviglia como supervisor das obras de escavação. Em 2 de novembro de 1836, Vyse, desapontado, pagou a Caviglia "minha primeira parcela de 200 dólares", como escreveu ele em suas crônicas, e partiu desgostoso numa visita ao Alto Egito.
Como relatado pelo próprio Vyse em seu livro Operations Carried on at the Pyramids of Gizeh, ele voltou a Gizé em 24 de janeiro de 1837 "ansioso para ver que progressos haviam sido feitos". Todavia, constatou que Caviglia e seus homens dedicavam-se apenas a escavar as tumbas em torno da pirâmide para retirar as múmias. A fúria do coronel só diminuiu quando o italiano garantiu-lhe que tinha algo de importância para lhe mostrar: inscrições feitas pelos construtores das pirâmides!
As escavações nas tumbas mostraram que os antigos canteiros, os trabalhadores que cortavam os blocos de rocha nas pedreiras, às vezes os marcavam com tinta vermelha. Caviglia afirmou que as tinha encontrado na base da Segunda Pirâmide. No entanto, quando levou Vyse para vê-las e os dois as examinaram mais atentamente, viram que a "tinta vermelha" não passava de manchas naturais nas pedras.
E quanto à Grande Pirâmide? Caviglia, que trabalhava em seu interior com a intenção de descobrir até aonde iam os "dutos de ar" que saíam da câmara do Rei, convencia-se cada vez mais de que existiam outros compartimentos secretos além do descoberto por Nathaniel Davison logo acima da câmara do Rei em 1765, que eram atingidos por uma passagem muito estreita. Vyse exigiu que os trabalhos fossem concentrados ali, mas ficou bastante aborrecido quando percebeu que Caviglia e Campbell estavam mais

interessados em desenterrar múmias e outros objetos desejados por todos os museus do mundo, e que a amizade entre os dois era tanta que o italiano dera a uma grande tumba que descobrira o nome de "tumba de Campbell".
Decidido a ser a estrela do espetáculo que estava financiando, Vyse deixou o Cairo, mudando-se para um local próximo das pirâmides. "Naturalmente eu desejava fazer algumas descobertas antes de voltar à Inglaterra", confessou ele em seu diário, no dia 27 de janeiro de 1837. Afinal, estava distante de casa e dando grandes despesas a sua família havia mais de um ano.
Nas semanas seguintes, o desentendimento e as acusações contra Caviglia foram aumentando. Em 11 de fevereiro de 1837, os dois tiveram uma discussão violenta. No dia seguinte, Caviglia fez importantes descobertas na tumba de Campbell: um sarcófago com hieróglifos e marcas em tinta vermelha nas paredes do sepulcro. No dia 13, Vyse demitiu Caviglia e mandou-o deixar imediatamente o local das escavações. Este só retornou uma única vez, no dia 25, para pegar seus pertences. Nos anos que se seguiram, Caviglia fez várias "acusações desabonadoras" a Vyse, segundo as palavras do próprio coronel, mas cuja natureza ele evita detalhar.
Teria a briga sido um desentendimento legítimo ou Vyse criou uma situação insustentável para poder tirar Caviglia do local das escavações?
Acontece que Vyse visitou em segredo a Grande Pirâmide na noite de 12 de fevereiro, acompanhado por John Perring, um engenheiro do Departamento de Obras Públicas do Egito e diletante em egiptologia, a quem ficara conhecendo através do esperto sr. Hill. Os dois examinaram uma fenda intrigante que surgira num bloco de granito do teto da câmara de Davison. Quando enfiaram uma vareta de salgueiro no orifício, ela passou livre, sem dobrar. Obviamente havia um espaço livre acima do teto.
Que tramas eles dois elaboraram durante aquela visita noturna? Podemos adivinhar pelos eventos que se seguiram. O fato é que Vyse despediu Caviglia na manhã seguinte e colocou Perring em sua folha de pagamento. Em seu diário, o coronel confessou: "Estou decidido a fazer escavações acima do teto da câmara (de Davison) onde espero encontrar um apartamento sepulcral". Enquanto ele derramava mais dinheiro e homens em sua empreitada, membros da realeza e outros dignitários chegavam a Gizé para admirar as descobertas feitas na tumba de Campbell, pois havia muito pouco a ver dentro da pirâmide. Vyse, frustrado, mandou seus trabalhadores perfurar o ombro da Esfinge, esperando pelo menos encontrar

marcas de pedreira nela. Não obtendo sucesso, voltou novamente sua atenção para a câmara escondida.
Por volta de meados de março, Vyse viu-se diante de um novo problema: seus homens estavam sendo atraídos para projetos mais produtivos. Ele ofereceu-se, então, a dobrar seus salários, desde que trabalhassem dia e noite, pois o tempo estava escasseando e logo o alvará de escavação iria expirar. Desesperado, Vyse esqueceu-se da cautela e ordenou o uso de explosivos para arrebentar as pedras que bloqueavam seu avanço.
Em 27 de março, os trabalhadores conseguiram abrir um buraco num bloco de granito. Numa atitude irracional, Vyse demitiu seu capataz, um certo Paulo. No dia seguinte, escreveu em seu diário: "Prendi uma vela na ponta de uma vara e a passei pelo pequeno buraco no teto da câmara de Davison; tive o desgosto de descobrir que o compartimento superior era igual ao primeiro em construção". Ele encontrara a "câmara sepulcral".
Usando pólvora para ampliar o orifício, Vyse entrou na câmara recém-descoberta em 30 de março, acompanhado pelo sr. Hill, e os dois a examinaram minuciosamente. Ela era hermeticamente fechada, sem nenhum tipo de entrada, o piso formado pelo lado áspero dos blocos de granito que constituíam o teto da câmara de Davison. "Um sedimento preto distribuía-se por igual sobre todo o piso, mostrando cada uma de nossas pegadas." (A natureza desse pó preto "acumulado com alguma profundidade" jamais foi determinada.) O teto era "finamente polido" e tinha encaixes de excelente qualidade. Não havia dúvidas de que a câmara nunca fora visitada antes, mas ela não continha nem sarcófago nem tesouros. Estava completamente vazia e com as paredes nuas.
Vyse ordenou para que o buraco fosse aumentado ainda mais e enviou uma mensagem ao cônsul britânico comunicando que dera ao compartimento recém-descoberto o nome de "câmara de Wellington". Vejamos agora o que o coronel fala na continuação de sua entrada no diário daquele dia: "À noite, quando chegaram o sr. Perring e o sr. Mash, entramos na câmara de Wellington e começamos a medi-la. Enquanto fazíamos as medições, encontramos as marcas feitas na pedreira!" Que súbito e extraordinário golpe de sorte!
Esses sinais eram similares às marcas de pedreira escritas em tinta vermelha encontradas nas tumbas do lado de fora da pirâmide. É estranho Vyse e o sr. Hill não as terem visto na noite anterior, quando examinaram minuciosamente a câmara. A singular descoberta só aconteceu na presença

de duas testemunhas, o sr. Perring e o sr. Mash, um engenheiro que estava visitando a câmara a seu convite.
O fato de a câmara de Wellington ser quase idêntica à de Davison levou Vyse a desconfiar que poderia existir um outro compartimento acima delas. Por motivos ignorados, em 4 de abril, ele despediu o outro capataz, um homem chamado Giachino. Em 14 de abril, o cônsul britânico e o cônsul austríaco visitaram o local das escavações e solicitaram cópias das marcas feitas na pedreira. Vyse então mandou Perring e Mash incumbirem-se desse trabalho, mas instruiu-os a copiar primeiro as marcas descobertas na tumba de Campbell, deixando para depois as da Grande Pirâmide.
Com a liberação do uso da pólvora, o compartimento acima da câmara de Wellington, que Vyse batizou de "câmara de Nelson" em honra do almirante, foi aberto em 25 de abril. Estava tão vazio como os outros e apresentava a mesma misteriosa poeira preta. Vyse relatou ter encontrado "várias marcas de pedreira escritas em tinta vermelha nos blocos de granito, em especial na parede oeste". Durante todo esse tempo, o sr. Hill entrava e saía das câmaras recém-descobertas, ostensivamente, para escrever nelas os nomes de Wellington e Nelson. No dia 27, o mesmo sr. Hill- não Perring ou Mash - copiou as marcas de pedreira encontradas nelas. Vyse reproduziu as da câmara de Nelson em seu livro.
Em 7 de maio, foi aberto o caminho para mais um compartimento que Vyse batizou de "câmara de lady Arbuthnot". Em seu diário, ele não registra o encontro de marcas de pedreira, embora mais tarde elas existissem ali em profusão. O surpreendente nessas novas marcas era que elas incluíam um grande número de cartuchos, que só podiam significar nomes de reis. Teria Vyse encontrado uma prova incontestável, o nome do faraó que construíra a pirâmide?
Em 18 de maio, um certo dr. Walni "solicitou cópias dos caracteres encontrados na Grande Pirâmide para enviá-las ao sr. Rosellini", sendo este um eminente egiptólogo especializado na decifração de nomes reais. Vyse recusou-se terminantemente a atender ao pedido.
No dia seguinte, acompanhado de lord Arbuthnot, o sr. Brethel e o sr. Raven, Vyse entrou na câmara de lady Arbuthnot e os quatro compararam "os desenhos do sr. Hill com as marcas de pedreira da Grande Pirâmide; em seguida, assinamos um testemunho de sua exatidão". Pouco tempo depois, a última câmara foi aberta e mais marcas, inclusive um cartucho, foram descobertas. Vyse então partiu para o Cairo, onde apresentou as cópias

autenticadas das inscrições à Embaixada britânica, para serem oficialmente enviadas a Londres.
Vyse considerava seu trabalho na Grande Pirâmide como terminado. Ele descobrira quatro compartimentos até então desconhecidos e provara a identidade do construtor do monumento, pois dentro dos cartuchos estava escrito o nome Kh-u-f-u.
E é nessa descoberta que os livros vêm se baseando até os dias de hoje.
O impacto das descobertas de Vyse foi enorme e em pouco tempo ele conseguiu uma confirmação dos peritos do Museu Britânico, o que garantiu a sua aceitação.
Não se sabe ao certo quando as cópias feitas pelo sr. Hill chegaram ao museu e quando Vyse recebeu o resultado da análise dos peritos, mas em sua crônica de 27 de maio de 1837 ele transcreveu a opinião do Museu Britânico (dada pelo especialista em hieróglifos Samuel Birch), que confirmava suas expectativas: os nomes nos cartuchos podiam ser lidos como Khufu ou variações dele. Como dissera Heródoto, Quéops fora o construtor da Grande Pirâmide.
Todavia, na empolgação que se seguiu, pouca atenção foi dada aos muitos "se" e "mas" do relatório do museu. Além disso, ele continha a pista que me levou a acreditar numa contrafação: um erro grosseiro do falsário.
Para começar, o sr. Birch não se entusiasmou muito com a ortografia e o texto de muitas marcas. "Os símbolos e hieróglifos pintados em vermelho pelo escultor ou pedreiro nos blocos das câmaras da Grande Pirâmide são aparentemente marcas feitas em pedreira", escreveu ele no parágrafo de abertura, e prosseguiu: "Embora não muito legível, por terem sido escritas em caracteres semi-hieráticos ou linear-hieroglíficos, elas possuem pontos de considerável interesse...”
O que intrigou o sr. Birch foi que as marcas de pedreira do início da 4ª. Dinastia estavam claramente feitas numa escrita que só começara a aparecer séculos depois. Tendo se originado da pictografia - escrita com figuras -, a escrita hieroglífica exigia grande habilidade e muito tempo de treinamento. Assim, com o passar do tempo, começou a entrar em uso, especialmente em transações comerciais, uma escrita mais simples e rápida, mais linear, que é chamada de Hierática pelos especialistas. Então, os símbolos encontrados por Vyse eram de um outro período. O sr. Birch também encontrou grande dificuldade em lê-los. Vários deles lhe pareceram "escritos em caracteres quase hieráticos", portanto de um período muito posterior ao surgimento

dos semi-hieráticos. Alguns símbolos eram incomuns, nunca tendo sido vistos antes em qualquer outra inscrição do Egito: "O cartucho de Sufis (Quéops) é seguido por um hieróglifo para o qual seria difícil encontrar um paralelo". Outros símbolos eram "igualmente de difícil solução".
O perito também ficou muito intrigado com "uma curiosa seqüência de símbolos" da câmara mais superior, com teto em V invertido, que Vyse batizara como "câmara de Campbell". Nela, o sinal para o "bom, bondoso" estava usado como um numeral algo jamais visto antes. Esses numerais escritos de maneira incomum supostamente significariam "18º. ano" (do reino de Khufu).
Os sinais que vinham depois do cartucho real (escritos "na mesma caligrafia linear") também causaram espécie ao perito. Birch partiu da hipótese de que eles deviam expressar um título qualquer, algo como "Poderoso no Alto e Baixo Egito", mas a única similaridade que pôde encontrar com essa fileira de símbolos foi uma que soletrava "um título que existe no ataúde da rainha de Amasis", do período saítico. Birch não viu necessidade de acrescentar que o faraó Amasis reinou no século VI a.C. - portanto, mais de 2 mil anos depois de Khufu!
Seja quem for o autor das marcas supostamente descobertas por Vyse, ele empregou um método de caligrafia (linear), escritas (semi-hierático e hierático) e títulos de períodos variados - e nenhum da época de Khufu ou antes dele. O autor também não era muito letrado, pois grande parte dos hieróglifos estavam incompletos, fora de lugar, pouco claros ou então eram completamente desconhecidos.
(Analisando essas inscrições um ano depois, o mais famoso egiptólogo alemão da época, Karl Richard Lepsius, também mostrou-se intrigado com o fato de elas "terem sido feitas com pincel e tinta vermelha numa escrita cursiva, de tal forma que se parecem com os sinais hieráticos". Ele afirmou também que alguns dos hieróglifos que vinham depois do cartucho lhe eram completamente desconhecidos e "sou incapaz de explicá-los".)
Voltando à principal questão sobre a qual fora solicitado a dar uma opinião - a identidade do faraó nomeado nas inscrições -, Birch lançou uma bomba: havia dois nomes reais dentro da pirâmide!
Seria possível dois faraós terem construído a mesma pirâmide? Se fora isso o que acontecera, quem eram eles?
Segundo Birch, os dois nomes não eram desconhecidos, pois "já foram encontrados em tumbas de funcionários empregados pelos monarcas dessa

dinastia" referindo-se à 4ª. Dinastia, a cujos faraós eram atribuídas as pirâmides de Gizé. Um dos cartuchos foi lido como Saufou ou Shoufou; o outro, por incluir o carneiro, símbolo do deus Khnum, como Senekhuf ou Seneshoufou.
Tentando analisar o significado do nome com o símbolo do carneiro, Birch salientou que "um cartucho similar ao primeiro encontrado na câmara de Wellington foi publicado pelo sr. Wilkinson e o sr. Rosellini, que lêem nos elementos fonéticos que o compõem 'Seneshufo', que o sr. Wilkinson supõe significar 'o irmão de Sufis'".
Um faraó poder terminar uma pirâmide começada pelo seu predecessor é uma teoria bem aceita pelos egiptólogos (como no caso da pirâmide de Meidum). Ela não explicaria a presença de dois nomes reais numa mesma pirâmide? Talvez, mas certamente não serviria para explicar o caso que estamos analisando.
Na Grande Pirâmide isso é impossível devido à localização dos vários cartuchos. O de Quéops/Khufu foi encontrado somente no compartimento superior, o com o teto em V invertido, que Vyse batizou de câmara de Campbell. Os vários cartuchos com o segundo nome (atualmente tido como Khnem-Khuf) estavam na câmara de Wellington e na de lady Arbuthnot (na de Nelson não havia cartuchos). Em outras palavras, os compartimentos inferiores tinham o nome de um faraó que viveu e reinou depois de Quéops/Khufu. Como não existe um outro meio de se construir uma pirâmide que não seja de baixo para cima, a localização dos cartuchos significava que Quéops terminara a pirâmide iniciada por um faraó que viveu e reinou depois dele. O que, claro, é impossível.
Aceitando que os dois nomes encontrados na pirâmide poderiam ser de faraós que na antiga Lista de Reis eram chamados de Sufis I (Quéops) e Sufis II (Quéfren), Birch tentou resolver o enigma imaginando se os dois, de alguma forma, pertenciam a Quéops, sendo um seu nome verdadeiro e o outro "um prenome". No entanto, sua conclusão final foi que "a presença de um segundo nome das marcas de pedreira da Grande Pirâmide é um embaraço adicional". Mais um entre tantos outros aspectos embaraçosos encontrados nas inscrições.
O "problema do segundo nome" continuava sem solução quando o mais notável egiptólogo inglês, Flinders Petrie, cinqüenta anos depois da descoberta de Vyse, passou vários meses fazendo medições nas pirâmides. "A teoria mais falha sobre esse rei (Khnem-Khuf) é a que afirma que ele e

Khufu são a mesma pessoa." Em The Pyramids and Temples of Gizeh, ele dá os muitos motivos apresentados por outros egiptólogos contra essa idéia e mostra que os nomes pertenciam a dois reis diferentes. Então, como explicar as localizações dos cartuchos na Grande Pirâmide? Para Petrie, a única explicação plausível seria que Quéops e Quéfren tinham sido co-regentes, reinando juntos.

Como não se encontrou nenhum indício que pudesse apoiar a teoria de Petrie, Gaston Maspero, quase um século depois da descoberta de Vyse, escreveu que a existência dos cartuchos Khufu e Khnem-Khuf num mesmo monumento causou grandes embaraços para os egiptólogos (The Dawn of Civilization). E o enigma, apesar de todas as teorias sugeridas, continua sendo embaraçoso para eles.

Eu, no entanto, acredito que existe uma solução definitiva, desde que deixemos de atribuir as inscrições aos pedreiros da Antiguidade e comecemos a encarar os fatos.

As pirâmides de Gizé são singulares, entre outras coisas, devido à ausência de qualquer tipo de ornamento ou inscrição - com exceção das encontradas por Vyse. Se os pedreiros não tiveram o menor remorso em pincelar com tinta vermelha os blocos escondidos nos compartimentos acima da câmara do Rei, por que nenhuma inscrição foi feita no primeiro deles, o compartimento descoberto por Davison em 1765?

Além das inscrições supostamente descobertas por Vyse, existem nos compartimentos verdadeiras marcas de pedreiros - setas, linhas de posicionamento e pequenos sinais. Todas desenhadas na horizontal, como seria de se esperar, pois, quando foram feitas, as pequenas câmaras ainda não estavam cobertas e podia-se ficar em pé, andar de um lado para o outro e pintar as marcas sem entraves. Todavia, as inscrições - pintadas por cima ou em torno das marcas verdadeiras - estão de cabeça para baixo ou na vertical, como se quem as desenhou precisasse se inclinar ou agachar dentro dos compartimentos baixos (a altura varia de 0,40 a 1,34 metro na câmara de lady Arbuthnot e de 0,67 a 1,10 metro na de Wellington).

Os cartuchos e títulos reais pintados nas paredes dos compartimentos eram imprecisos, grosseiros e excessivamente grandes.

A maioria dos cartuchos tinha de 80 a 90 centímetros de comprimento e cerca de 30 centímetros de largura, às vezes ocupando a maior parte do bloco de pedra - como se o escriba precisasse de todo o espaço disponível. Eles contrastam fortemente com a precisão, delicadeza e perfeito senso de

proporção dos hieróglifos egípcios, evidentes nas verdadeiras marcas encontradas nesses compartimentos.
Salvo algumas marcas no canto da parede leste da câmara de Wellington e algumas linhas sem sentido e o contorno parcial de um pássaro na parede leste da câmara de Campbell, Vyse não encontrou nenhuma inscrição nas paredes leste dos compartimentos.
Isso é bastante estranho, em especial quando se considera que foi escavando uma passagem no lado leste que Vyse conseguiu penetrar nos compartimentos. Será que os pedreiros da Antiguidade anteciparam que um dia um inglês iria entrar por esse lado e fizeram a gentileza de não escreverem nelas para que as inscrições não fossem danificadas? Ou será que a pessoa que as desenhou preferiu usar as paredes intactas, esquecendo as destruídas?
Em outras palavras: não é fato que todos os enigmas se mostram de fácil solução quando partimos da hipótese de que as inscrições não foram feitas na Antiguidade, quando a pirâmide estava sendo construída, mas somente depois que Vyse explodiu uma passagem para atingir os compartimentos?
A atmosfera que cercava as operações de Vyse naqueles dias frenéticos está bem descrita em seus relatos. Descobertas importantes eram feitas diariamente nos sítios em torno das pirâmides, mas dentro delas nada se encontrava. A tumba de Campbell, descoberta pelo detestado Caviglia, gerava não apenas as peças tão desejadas pelos museus de todo o mundo como as marcas de pedreira e hieróglifos que despertavam grande interesse por parte dos egiptólogos. Vyse estava ficando desesperado, não via a hora de se destacar, fazendo sua própria descoberta. Finalmente ele conseguiu penetrar nas câmaras até então desconhecidas, mas descobriu que eram exatamente iguais à primeira, encontrada por Davison, e que elas estavam vazias, sem qualquer tipo de ornamento nas paredes. O que tinha para exibir ao mundo depois de tantos esforços e despesas?
Sabemos, a partir das crônicas em seu diário, que durante o dia Vyse mandou o sr. Hill escrever nas câmaras os nomes do duque de Wellington e do almirante Nelson, heróis das vitórias sobre Napoleão. À noite, desconfio, o sr. Hill voltou aos compartimentos para "batizar" a Grande Pirâmide com os cartuchos de seu suposto construtor.
Como Samuel Birch salientou, "os dois nomes reais já foram encontrados em tumbas de funcionários empregados pelos monarcas dessa dinastia". Sem dúvida, os artesãos dos faraós conheciam o nome correto de seu rei.

Não era esse o caso dos arqueólogos do início do século passado, pois por volta de 1830 a egiptologia ainda estava em sua infância e ninguém sabia ao certo qual seria o desenho hieroglífico correto para o faraó que Heródoto chamara de "Quéops" .

Com isso em mente, vamos agora ao que suspeito ter acontecido logo após a entrada nas câmaras. O sr. Hill, na calada da noite, provavelmente sozinho, entrou nos compartimentos. Usando a tinta vermelha obrigatória, à luz de velas, agachando-se no espaço restrito, empenhou-se em copiar símbolos hieroglíficos vindos de outros locais. Pintou nas paredes intactas as marcas que lhe pareceram ser as apropriadas. E terminou escrevendo, tanto na câmara de Wellington como na de lady Arbuthnot, o nome errado.

Com tantas inscrições de nomes da 4ª. Dinastia saltando diariamente das tumbas em torno das pirâmides, qual cartucho o sr. Hill deveria reproduzir? Pouco familiarizado com a escrita hieroglífica, ele deve ter levado consigo algum livro escrito por um especialista no assunto, do qual copiaria os símbolos tão intricados. A única obra desse teor mencionada com freqüência nas crônicas de Vyse é Materia Hieroglyphica, de sir John Gardner Wilkinson. Como declarava o autor no frontispício, a meta do livro era informar o leitor sobre o "panteão e sucessão dos faraós desde os tempos mais primitivos até a conquista de Alexandre". Publicada em 1828 - nove anos antes do assalto de Vyse às pirâmides -, a obra era considerada básica para os ingleses interessados em egiptologia.

Lembremo-nos de que Samuel Birch afirmou em seu relatório que "um cartucho da câmara de Wellington foi publicado pelo sr. Wilkinson em Materia Hieroglyphica". Portanto, temos uma clara indicação da provável fonte do cartucho escrito por Hill no primeiro compartimento encontrado por Vyse. (Ver figo 146b).

Ao consultar o livro de Wilkinson, senti até uma certa pena de Vyse e Hill. Além da completa desorganização na apresentação e no texto, as ilustrações que reproduzem os cartuchos são pequenas e mal impressas. O autor parecia ter dúvidas não apenas no que dizia respeito à leitura dos nomes mas também sobre a maneira correta de transcrever os hieróglifos entalhados em pedra. O problema mais sério era o relacionamento com o sinal do Disco, que nos monumentos aparecia como um círculo sólido ou uma esfera vazia e na escrita a mão era um círculo com um pontinho no meio. No livro, ele às vezes transcreve o sinal encontrado nos cartuchos dos monumentos como um disco sólido e em outros como um círculo com o ponto no meio.

Hill deve ter copiado o livro de Wilkinson, mas todos os cartuchos nele mostrados são da variedade Khnum, os que contêm o símbolo do carneiro. Isso explica o fato de, por volta de 7 de maio de 1837, só terem sido encontrados nos compartimentos os cartuchos desse tipo. No entanto, em 27 de março, quando penetrou-se na última câmara, a de Campbell, surgiu o cartucho vital e conclusivo, soletrando Kh-u-f-u. Como explicar esse acontecimento?

Uma pista está escondida num segmento bastante suspeito das crônicas de Vyse, onde ele fala sobre as pedras da camada de revestimento da Grande Pirâmide, "que não mostram o menor vestígio de inscrições ou ornamentos, exatamente como todas as outras pertencentes à pirâmide" (com exceção das marcas de pedreira supostamente descobertas por ele). Mas, segundo Vyse, havia uma outra exceção: "parte de um cartucho de Sufis, gravado numa pedra marrom de 10 por 20 centímetros. O fragmento foi desenterrado em 2 de junho, no lado norte".

Como o coronel poderia saber nesse dia - muito antes do cocumicado oficial do Museu Britânico - que aquilo era "parte de um cartucho de Sufis"? O fato é que ele desejava que os seus leitores acreditassem nisso porque uma semana antes (27 de maio) tinha sido encontrado o cartucho completo na câmara de Campbell.

Mas agora vem a parte ainda mais suspeita. Vyse afirma que a pedra com parte do nome de Sufis ou Khufu foi encontrada em 2 de junho. No entanto, sua crônica tem data de 9 de maio! Obviamente ele escreveu com a intenção de levar seus leitores a acreditar que o pedaço de cartucho encontrado fora da pirâmide corroborava a descoberta do nome completo encontrado no interior dela alguns dias antes. Todavia, as datas sugerem que o que aconteceu foi o contrário: Em 9 de maio, dezoito dias antes da descoberta das marcas na câmara de Campbell, ele já sabia como deveria ser escrito o cartucho vital. De alguma forma, por volta de 9 de maio, Vyse e Hill se deram conta de que tinham escrito errado o nome de Quéops.

Essa descoberta talvez explique as freqüentes idas e vindas ao Cairo logo depois da descoberta da câmara de lady Arbuthnot, que Vyse relata em seu diário. Parece muito estranho ele e Hill viajarem quando eram tão necessários nas pirâmides e as crônicas não explicam o motivo de toda essa movimentação. Creio que a "bomba" que caiu sobre eles foi um novo livro de Wilkinson, uma obra em três volumes, intitulada Manners and Customs of the Ancient Egyptians. Publicado em Londres em 1837, o livro deve ter

chegado ao Cairo durante aqueles dias tensos e dramáticos. E nele, agora nítido e bem impresso, estavam reproduzidos, num capítulo comentando esculturas anteriormente descobertas, tanto o cartucho com o carneiro que a dupla copiara como um outro, que Wilkinson lia como "Shufu ou Sufis".
Essa nova publicação do grande especialista deve ter sido um choque e tanto para Vyse e Hill, porque ele mudara de idéia sobre o cartucho do carneiro (no. 2 na ilustração do livro). Agora ele lia "Numba-Khufu ou Chembes", em vez de "Sen-Sufis". Esses nomes, acrescentava o autor, tinham sido encontrados em tumbas nas vizinhanças da Grande Pirâmide e era no cartucho "1a" da ilustração que "percebemos Sufis ou, como escrito em hieróglifos, Shufu ou Khufu, nomes facilmente convertidos em Sufis ou Quéops". Então era assim que tinha de ser o cartucho, devem ter pensado Vyse e Hill.

1. Nome de Shufu ou Sufis
1. a, b. Nome de Shufu ou Sufis
2. Numba-khufu ou Chembes
3. Assekaf ou Shepsekaf
4. Shafra, Khafra ou Quéfren
5. 6. Nome de ou Mênfis
7. 8. (Mênfis ou) Ptah-el, a morada de Ptah
Das tumbas próximas das pirâmides

Mas, de quem seria o cartucho com o carneiro, que eles tinham colocado nas câmaras? Explicando as dificuldades de interpretação, Wilkinson confessava não ser capaz de decidir "se os dois primeiros nomes aqui apresentados são ambos de Sufis ou se o segundo é o do fundador da outra pirâmide".
O que Vyse e Hill poderiam fazer diante dessa notícia perturbadora? O próprio livro de Wilkinson lhes dava uma saída, que eles se apressaram a aproveitar. Segundo o especialista, os dois nomes "ocorrem de novo no monte Sinai".
De maneira pouco exata - falha comum em suas obras -, Wilkinson se referia a inscrições encontradas não no monte Sinai, mas nas minas de turquesa da península. Esses hieróglifos tinham chegado ao conhecimento do público através do livro Voyage de l'Arabie Pétrée, de Léon de Laborde et Linat, publicado em 1832, com desenhos extraordinários mostrando os

monumentos e reproduzindo as inscrições encontradas no wadi Maghara, que levava às áreas de mineração. Nesse local, os faraós mandaram entalhar nas paredes rochosas do cânion lembranças de seus feitos contra asiáticos saqueadores. É numa dessas ilustrações que estão os dois cartuchos mencionados por Wilkinson.

Vyse e Hill não devem ter tido dificuldade em encontrar um exemplar do livro de Laborde no Cairo, pois a língua mais falada lá era o francês. E aquele desenho em especial parecia responder à dúvida de Wilkinson, porque indicava que o faraó tinha mesmo dois nomes, um com o símbolo do carneiro e o outro que se soletrava Ku-u-f-u. Por isso é que por volta de 9 de maio, o trio Vyse, Hill e Perring já sabia que se fazia necessário mais um cartucho e como ele deveria ser escrito.

Quando da visitação da câmara de Campbell em 27 de maio, os três viram sua oportunidade de consertar o erro cometido antes. Foi assim que o último e conclusivo cartucho apareceu na parte superior do compartimento recém-descoberto. A fama estava garantida para Vyse. O sr. Hill, como veremos, não saiu da empreitada de mãos vazias.

Como posso me mostrar tão certo de minhas acusações um século e meio depois do acontecido?

A resposta é fácil. Como a maioria dos falsários, o sr. Hill cometeu uma série de erros. E, entre eles, um que nenhum escriba da Antiguidade teria cometido.

Acontece que os dois livros em que a dupla Vyse-Hill se baseou continham erros de ortografia. Ambos, sem desconfiarem disso, os reproduziram nas paredes das câmaras.

O próprio Samuel Birch, em seu relatório, salientou que o hieróglifo para Kh (a primeira consoante do nome Kh-u-f-u), representa pictoricamente uma peneira, "aparece na obra do sr. Wilkinson sem distinção do símbolo do Disco Solar". Ora, o hieróglifo Kh do nome Khnem-kh-u-f teria de estar escrito em todos os cartuchos das câmaras inferiores (cujas cópias foram enviadas ao Museu Britânico para análise). No entanto, o símbolo da peneira, que seria o correto, não foi empregado em nenhum deles. Em todos, o Kh estava representado pelo símbolo do Disco Solar. Portanto, quem escreveu esses nomes repetiu o mesmo erro cometido por Wilkinson...

A ilustração que Vyse e Hill encontraram no livro de Laborde só serviu para aumentar seus equívocos. Ela reproduzia a inscrição encontrada gravada nas

rochas e tinha o cartucho de Khufu à direita e o de Khnum-kh-u-f à esquerda. Em ambos os casos, Laborde, que sempre confessou sua ignorância em hieróglifos e não fez qualquer tentativa de ler os símbolos, copiou o sinal Kh como uma circunferência vazia. Contudo, como verificado pelas mais afamadas autoridades (Lepsius em Denkmaler, Kurt Sethe em Urkunden des Alten Reich e A. H. Gardiner e T. E. Peet em The Inscriptions of Sinai) no original a consoante está escrita corretamente com o símbolo da peneira. O francês também não foi totalmente exato ao copiar a figura: ele a desenhou como sendo a inscrição de um único faraó com dois nomes o que de fato eram duas inscrições vizinhas, separadas por uma fenda e gravadas em escritas diferentes, de dois faraós.

Vyse e Hill, com base nesse desenho, decidiram colocar o cartucho crucial com o nome de Khufu na última câmara que fora descoberta e o escreveram, copiando Laborde, com o símbolo do Disco Solar. Mas, ao fazer isso, o escritor estava empregando o símbolo hieroglífico e som fonético para RA, o deus supremo do Egito!

Inadvertidamente, a pessoa que pintou os cartuchos nas câmaras escreveu Khnem-Rauf e não Khnem-Khuf, e Raufu em vez de Khufu, ou seja, usou o nome do grande deus de forma incorreta e em vão: uma blasfêmia no Egito Antigo.

Um erro assim seria inconcebível para um escriba do tempo dos faraós. Como se pode ver em todos os monumentos e inscrições da época, o símbolo para Ra e o para Kh eram sempre corretamente empregados, tanto em inscrições diferentes como nas feitas por um mesmo escriba.

Reafirmo, portanto, que a substituição de Kh por Ra é um erro que não poderia ter sido feito na época de Khufu ou qualquer outro faraó. Só quem não conhecia hieróglifos, não conhecia Khufu e a força da adoração de Ra poderia cometer tal heresia.

Acrescentado a todos os aspectos estranhos e inexplicados da descoberta comunicada por Vyse, esse erro final, em minha opinião, estabelece conclusivamente que o coronel e seus ajudantes, e não os construtores da Grande Pirâmide, escreveram as marcas e cartuchos encontrados nas câmaras.

Mas, alguém poderia perguntar, não haveria o risco de os visitantes - como os cônsules britânico e austríaco ou lord e lady Arbuthnot - notarem que as inscrições tinham um aspecto muito mais fresco do que as verdadeiras marcas de pedreira? Essa pergunta foi respondida por um dos próprios

envolvidos, o sr. Perring, em seu livro The Pyramids of Gizeh. Segundo ele, a tinta usada para as inscrições era "um composto de ocre vermelho chamado moghrah, que continua em uso". Então, não somente a mesma tinta vermelha dos originais estava disponível como era - citando as palavras do autor - "tal o estado de conservação das inscrições que é difícil distinguir uma marca feita ontem de uma feita há 3 mil anos".
Os falsários, portanto, não tinham dúvidas sobre sua tinta.

Seriam Vyse e Hill - possivelmente com a conivência de Perring - moralmente capazes de fazer uma tal falsificação? As circunstâncias do início da aventura de Vyse, o modo como tratou Caviglia, a cronologia dos eventos, sua determinação em conseguir uma descoberta importante numa ocasião em que tempo e dinheiro estavam escasseando - denunciam um caráter capaz de tal feito. Quanto ao sr. Hill- a quem Vyse agradece profusamente no prefácio de seu livro -, o fato é que, sendo empregado de uma metalúrgica de cobre na ocasião em que ficou conhecendo o coronel, ele acabou comprando o Luxuoso Cairo Hotel pouco antes da partida definitiva de Vyse do Egito. No que diz respeito ao sr. Perring - um engenheiro civil que virou egiptólogo -, os eventos subseqüentes falam por si. Pois, encorajados com o sucesso da falsificação eles fizeram mais uma e talvez outra...
Enquanto trabalhava na Grande Pirâmide, Vyse, sem grande entusiasmo, continuou as escavações iniciadas por Caviglia em torno das duas outras. Todavia, depois da descoberta das inscrições, incentivado pela fama recém-adquirida, ele resolveu adiar sua volta à Inglaterra e envolveu-se nos esforços concentrados para descobrir os segredos da Segunda e Terceira Pirâmides.
Com exceção de algumas marcas em tinta vermelha encontradas em pedras soltas, que peritos do Cairo determinaram como sendo provenientes das tumbas ou de outras estruturas fora da pirâmide, nada de importante foi descoberto na Segunda. Contudo, dentro da Terceira os esforços de Vyse mostraram-se produtivos. No final de julho de 1837 - como já mencionei anteriormente -, seus trabalhadores conseguiram penetrar na "câmara sepulcral", encontrando lá um "sarcófago" com belíssimos entalhes, mas vazio. Inscrições em árabe nas paredes e "o piso de câmaras e corredores gastos pela passagem constante de grande número de pessoas" deixaram claro que "a pirâmide vem sendo muito freqüentada".

Mesmo nessa "pirâmide freqüentada" e apesar do ataúde de pedra vazio, Vyse conseguiu encontrar provas de quem fora seu construtor - um feito equivalente ao realizado dentro da Grande Pirâmide.
Numa outra câmara retangular, que Vyse chamou de "o grande apartamento", foi encontrada uma grande quantidade de lixo, juntamente com os graffiti em árabe. O coronel concluiu que a câmara "era provavelmente usada em cerimônias fúnebres, como as outras existentes em Abu Simbel, Tebas etc." Quando se retirou o lixo:

Encontramos quebrada a parte maior da tampa do sarcófago... perto dela, sobre um bloco de pedra, descobrimos fragmentos de uma tampa de caixão de múmia (inscrita em hieróglifos, entre eles o cartucho de Menkara) junto com partes de um esqueleto, consistindo em vértebras e costelas, e ossos de pernas e pés envoltos num tecido de lã grosseiro, de cor amarelada...
Mais pedaços de madeira e tecido foram retirados do lixo.
Assim, a impressão é de que, como o sarcófago não pôde ser removido, o caixão de madeira contendo a múmia foi levado ao grande apartamento para ser examinado.

Vejamos então o cenário esboçado por Vyse: Séculos antes os árabes entraram na câmara, encontraram o sarcófago e abriram a tampa. Dentro dele estava a múmia em seu caixão de madeira - o corpo do construtor da Segunda Pirâmide. Os invasores levaram o caixão com a múmia para o grande apartamento com a intenção de examiná-lo à procura de tesouros, quebrando-o durante o transporte. Agora ele encontrara os restos desse roubo e, por sorte, justamente o pedaço da tampa do caixão onde estava gravado o cartucho onde se lia Men-ka-ra - nada mais nada menos que o próprio Miquerinos de Heródoto. Com isso, Vyse comprovava a identidade de mais um construtor das pirâmides de Gizé!
O sarcófago perdeu-se no mar por ocasião do naufrágio do navio que o transportava para a Inglaterra, mas o pedaço de caixão e os restos de múmia chegaram intactos ao Museu Britânico e Samuel Birch pôde ler as próprias inscrições e não apenas cópias delas, como no caso das câmaras da Grande Pirâmide. Ele logo expressou suas dúvidas, dizendo que "o caixão de Miquerinos mostra uma considerável diferença de estilo quando comparado com monumentos da 4ª. Dinastia". Wilkinson, porém, aceitou o fragmento como prova autêntica da identidade do construtor da Terceira Pirâmide, mas

ficou em dúvida sobre a múmia porque o tecido que a envolvia não lhe pareceu ser da antiguidade alegada. Em 1883, Gaston Maspero concluiu que "a tampa de madeira do rei Menchere não é da época da 4ª. Dinastia". Em 1892, Kurt Sethe resumiu a opinião da maioria dos egiptólogos de seu tempo dizendo que a tampa "só poderia ter sido feita depois da 20ª. Dinastia".
Como atualmente está cientificamente provado, tanto o caixão como os ossos não são restos de um enterro original. Nas palavras de L E. S. Edwards (The Pyramids of Egypt):

Na câmara do sepultamento original, o coronel Vyse descobriu alguns ossos humanos e a tampa de um ataúde de madeira onde estava escrito o nome de Miquerinos. Essa tampa, que atualmente se encontra no Museu Britânico, não pode ter sido feita na época desse faraó, pois é de um modelo não usado antes do período saítico. Os testes com rádio-carbono mostraram que os ossos são do início da era cristã.

Essa afirmação nega a autenticidade do achado mas não vai ao âmago da questão. Se os restos não eram do sepultamento original, só podiam ser de um enterro intruso. Mas então, múmia e caixão teriam de ser do mesmo período. Como não era este o caso, só existe uma única explicação: alguém colocou dentro da Terceira Pirâmide uma múmia e um caixão desenterrados em lugares diferentes. E a conclusão inevitável é que essa descoberta foi uma fraude arqueológica deliberada.
A falta de combinação entre as duas peças teria sido uma coincidência, sendo elas restos de dois enterros intrusos? Deve-se duvidar dessa hipótese em vista de o pedaço de caixão ter inscrito o nome de Men-ka-ra. Esse cartucho foi encontrado em estátuas e templos em torno da Grande Pirâmide e é provável que o ataúde ou parte dele tenha vindo dessa área. A atribuição do caixão a períodos posteriores tem origem não somente em seu modelo como também na escolha de palavras da inscrição: trata-se de uma prece a Osíris tirada do Livro dos Mortos, portanto, do tempo do Novo Império e sua presença num caixão da 4ª. Dinastia pareceu esquisito até para o ingênuo (embora erudito) Samuel Birch (Ancient History from the Monuments). Quanto ao ataúde em si, ele não precisaria ser "uma restauração" feita na 26ª. Dinastia, como sugeriram alguns especialistas, tentando explicar o cartucho, pois sabemos, a partir da Lista de Reis do

túmulo de Séti I, encontrada em Abidos, que o oitavo faraó da 6ª. Dinastia (cujos reis eram enterrados nas adjacências das pirâmides de Gizé) também se chamava Men-ka-ra e seu nome, apesar da mudança da escrita com o passar dos tempos, era soletrado de modo similar.
Está claro então que alguém descobriu o pedaço de caixão nas vizinhanças das pirâmides e Vyse, sem dúvida, logo se deu conta da importância do achado. Como contam suas crônicas, cerca de um mês da descoberta na Terceira Pirâmide, ele encontrara o nome Men-ka-ra (Miquerinos) escrito em tinta vermelha no teto de uma das três pirâmides pequenas situadas ao sul da Terceira. Deve ter sido a soma dos dois fatos que lhe deu a idéia de criar um importante achado arqueológico dentro da própria pirâmide...
Vyse e Perring ficaram com o crédito pela descoberta. Como podem ter perpetrado a fraude - com ou sem a ajuda do esperto sr. Hill?
Mais uma vez, as crônicas de Vyse insinuam a verdade: "Não estando presente quando as relíquias foram encontradas, solicitei ao sr. Raven, quando se encontrasse na Inglaterra, que escrevesse um relato sobre a descoberta". Essa "testemunha independente", que de alguma forma foi convidada a estar presente no momento certo, é um sr. H. Raven, que, dirigindo-se ao coronel como "Sir" e assinando seu depoimento "seu criado obedientíssimo", atestou o seguinte:

Na retirada do lixo do grande salão de entrada, depois dos homens terem ficado trabalhando ali por vários dias e terem avançado alguma distância na direção do canto sudeste, foram encontrados alguns ossos sob a pilha de lixo; logo em seguida foram descobertos os ossos restantes e partes do ataúde. Nada mais deles foi achado no salão.
Por isso, mandei que todo o lixo já retirado fosse cuidadosamente reexaminado, quando então foram achados vários pedaços do ataúde e do tecido que envolvia a múmia; mas em nenhum outro lugar da pirâmide foram encontrados outros restos, embora tudo tenha sido minuciosamente examinado para tornar o ataúde o mais completo possível.

Agora temos uma idéia melhor do que aconteceu. Por vários dias os homens trabalharam retirando o lixo do Grande Apartamento e empilhando-o em algum lugar próximo. Embora o lixo tenha sido examinado, não se encontrou nada de diferente. Então, no último dia, quando só faltava limpar o canto sudeste do salão, foram descobertos os ossos e pedaços de ataúde.

"Nada mais deles foi encontrado" no interior da pirâmide. Então alguém sugeriu que o lixo colocado do lado de fora - uma pilha de 1 metro de altura fosse "cuidadosamente reexaminado", o que significa que ele já fora examinado antes, e eis que surgem mais ossos e principalmente o pedaço do ataúde com o cartucho!
Onde estariam o resto do esqueleto e ataúde? "Embora tudo tenha sido minuciosamente examinado para tornar o ataúde o mais completo possível", nada mais foi encontrado no interior da pirâmide. Portanto, a não ser que acreditemos que ossos e pedaços de ataúde tenham sido levados como souvenirs no passado, só podemos imaginar que a pessoa que colocou os restos na pirâmide levou apenas os fragmentos necessários para criar a descoberta. Uma múmia completa ou um ataúde inteiro não estavam disponíveis, ou seria incômodo contrabandeá-los para o grande salão.
Aclamado por essa segunda descoberta, o coronel Vyse, que logo seria promovido a general, e o sr. Perring partiram para produzirem no sítio arqueológico da pirâmide de Djoser, uma pedra com o nome desse faraó escrito em tinta vermelha. Não existem detalhes suficientes nas crônicas de Vyse para se determinar se lá também houve uma falsificação, mas é incrível ter sido novamente a mesma equipe que conseguiu desenterrar provas da identidade de um outro construtor de pirâmides.
(Enquanto a maioria dos egiptólogos aceitou sem maiores investigações a afirmação de que o nome de Khufu estava escrito na Grande Pirâmide, as obras do célebre sir Alan Gardiner sugerem que ele tinha dúvidas sobre o assunto. Em seu livro, Egypt of the Pharaohs, estão reproduzidos os cartuchos reais com uma clara distinção entre os hieróglifos para Ra e Kh. Falando do nome de Quéops, ele escreveu que "o cartucho é encontrado em várias pedreiras, nas tumbas de seus parentes e nobres da corte, e em alguns escritos de datas posteriores". É muito significativa a ausência da inscrição encontrada na Grande Pirâmide nessa lista... Em suas obras, Sir Alan também não faz qualquer menção às descobertas de Vyse e nem mesmo cita seu nome.)

Diante da destruição das provas da construção das pirâmides por faraós, não existem mais motivos para desconfiarmos da autenticidade da estela do Inventário, onde se afirma que as pirâmides e a Esfinge já estavam lá quando Khufu aparece em cena reformando o templo de Ísis e homenageando Osíris.

Não resta nada para contradizer minha afirmação de que as três pirâmides de Gizé foram construídas por "deuses". Nelas não existe nada que indique que tenham sido concebidas por homens para serem utilizadas por homens.
Mostrarei agora que esses monumentos faziam parte da Grade de Orientação que servia para facilitar as operações de aterrissagem no espaço-porto dos Nefilim.

CAPÍTULO 14
O OLHAR DA ESFINGE

Com o passar do tempo, as pirâmides de Gizé tornaram-se parte da Rede de Orientação de Aterrissagem que tinha como ponto focal os picos do monte Ararat e abrangia Jerusalém na condição de Centro de Controle da Missão, servindo para guiar os veículos espaciais em direção ao espaço-porto situado na península do Sinai. Contudo, logo depois de sua construção, quando a plataforma de Baalbek era usada como espaço-porto provisório, as próprias pirâmides serviam como marcos de orientação devido a sua localização, alinhamento e formato. Todas elas, como já vimos, são pirâmides em degraus, ou seja, iguais aos zigurates da Mesopotâmia. No entanto, quando os "deuses que vieram do céu" fizeram testes com seu modelo em escala (a Terceira Pirâmide), devem ter constatado que a sombra projetada por uma pirâmide em degraus nas rochas ondulantes e areias sempre em mutação era pouco nítida e imprecisa para servir como um direcionador confiável. Revestindo o núcleo em degraus, obtendo uma pirâmide de faces lisas e empregando nessa camada externa o calcário branco, refletor de luz, eles conseguiram um perfeito jogo de luz e sombra, capaz de proporcionar uma clara orientação.

Em 1882, enquanto contemplava as pirâmides de Gizé da janela de um trem em movimento, Robert Ballard percebeu que podia determinar sua própria localização e rumo através da aparente variação no alinhamento entre elas. Ampliando essa observação em seu livro The Solution of the Pyramid Problem, Ballard mostrou também que elas estão alinhadas dentro de triângulos pitagóricos, cujos lados mantêm sempre a proporção 3:4:5. Outros estudiosos de pirâmides demonstraram que elas podem servir como um gigantesco relógio de sol, pois através da sombra que lançam é possível se determinar a hora diária e anual.

Mais importante ainda é como as silhuetas e sombras das três pirâmides aparecem para um observador localizado no céu. Como mostra a foto aérea, elas lançam sombras em forma de flecha, servindo como inconfundíveis pontos direcionais.

Quando chegou o momento de os Anunnaki instalarem o novo espaço-porto, tornou-se necessária a determinação de um Corredor de Aterrissagem muito maior do que aquele que vinha servindo a Baalbek. Para o corredor do primeiro espaço-porto terrestre - o localizado na Mesopotâmia -, os Nefilim da Bíblia tinham escolhido como ponto focal a montanha mais notável do Oriente Médio, o monte Ararat. Por isso, não é de surpreender que resolvessem mantê-la como o ponto focal do novo corredor.

Da mesma forma que quanto mais se estuda a construção e alinhamento das três pirâmides mais se descobre "coincidências" de triangulação e perfeição geométrica, encontramos intermináveis "coincidências" de triangulação e alinhamento à medida que vamos descobrindo a Rede de Aterrissagem projetada pelos Anunnaki.

Uma vez escolhido o ponto focal do novo corredor, passou-se à determinação de locais para servirem de ponto de ancoragem para as linhas noroeste e sudeste do perímetro, que convergiriam no Ararat. Qual seria a baliza de entrada na península do Sinai?

O monte Santa Catarina fica no meio de uma massa de granito onde há muitos picos parecidos com ele, embora um pouco mais baixos. Quando a missão inglesa chefiada pelos irmãos Palmer, encarregada de fazer o levantamento topográfico da região, começou seu trabalho, logo foi constatado que esse monte, apesar de ser o de maior altitude, não se destacava o suficiente para funcionar como marco geodésico. Para isso, escolheu-se então o monte Umm Shumar que tem 2.608 metros, sendo portanto quase de mesma altura do Santa Catarina. De fato, até o levantamento oficial, muitos acreditavam que ele era o pico mais alto da península. O Umm Shumar eleva-se sozinho no maciço, distinto e inconfundível. Dele pode-se avistar facilmente os dois golfos e tem-se uma visão livre em todas as direções. Foi devido a essas características que os ingleses o escolheram sem hesitação para ser o ponto focal da medição e levantamento topográfico da península.

O monte Santa Catarina era adequado para um Corredor de Aterrissagem curto, com foco em Baalbek; mas, com a mudança do ponto focal para o Ararat - muito mais distante -, fazia-se necessária uma baliza de entrada mais nítida e inconfundível. Acredito que pelos motivos dos Palmer, os Anunnaki decidiram usar o Umm Shumar para ancorarem a linha sudeste do perímetro do novo Corredor de Aterrissagem.

Existem muitos aspectos intrigantes nesse monte e em sua localização. Para começar, seu nome, estranho ou bastante significativo, quer dizer: "Mãe da Suméria", um título usado na cidade de Ur para Ningal, a esposa de Sin...
Ao contrário do Santa Catarina, que fica no centro do maciço de granito e assim é atingido com dificuldade, o Umm Shumar está localizado na borda da massa de rochas. As praias arenosas no lado do maciço que dá para o golfo de Suez possuem várias fontes naturais de água quente. Seria ali que Asherah passava seus invernos, quando "residia à beira-mar"? Essa parte da costa está mesmo a apenas "uma viagem em lombo de asno" do Umm Shumar - um trajeto vivamente descrito nos textos ugaríticos que relatam a visita de Asherah à morada de El, situada numa montanha.
Alguns quilômetros ao sul das fontes termais, localiza-se o porto mais importante desse litoral - a cidade de El-Tor. O nome outra coincidência? - significa "O touro" que, como já vimos, também era um epíteto de El. Os textos ugaríticos referem-se a ele como "Touro El" El-Tor vem se mantendo como principal porto da península desde os tempos mais primitivos, o que nos faz imaginar se ele não seria a Cidade de Tilmun (diferente da Terra de Tilmun) mencionada nos textos sumérios. Talvez fosse ele que Gilgamesh pretendia alcançar viajando de navio com Enkidu. Sua intenção era deixar o amigo próximo das minas, onde ele iria cumprir pena pelo resto da vida, e em seguida dirigir-se até o "Local de Aterrissagem onde se erguem os Shem".
Os picos do maciço do granito que dão para o golfo de Suez têm nomes que nos fazem parar para pensar. Um deles é o "monte da Mãe Abençoada"; outro, o mais próximo do Umm Shumar, é o "monte Telman" ("monte do sul"). O nome nos traz à mente as palavras do profeta Habacuc: "El virá de Telman... Cobrindo os céus com seu halo; seu esplendor espalha-se sobre a Terra; A Voz vai diante dele; centelhas emanam da parte inferior. Ele faz uma pausa para medir a Terra”...
Estaria Habacuc referindo-se ao monte que ainda é chamado de Telman, o vizinho do Umm Shumar situado ao sul? Como não existe na região nenhuma montanha com um nome parecido, a identificação parece mais do que plausível.
O monte Umm Shumar ajusta-se à Rede de Orientação e rede de local sagrados fundada pelos Anunnaki?
Minha teoria é que esse monte substituiu o Santa Catarina quando foi determinado o Corredor de Aterrissagem definitivo, com foco nos picos do

Ararat. Assim sendo, onde ficava o ponto de ancoragem para a linha noroeste do perímetro?
Acredito que não foi por acaso que fundaram Heliópolis no local que ela ocupava. Ela fica na linha Ararat-Baalbek-Gizé e está localizada de tal forma que a distância dela a Ararat é exatamente igual à que separa o Ararat do monte Umm Shumar! Sugiro então que sua posição foi determinada quando se mediu a distância em linha reta que separa o Ararat e o Umm Shumar, dois marcos naturais, e em seguida locou-se um ponto eqüidistante na linha Ararat-Baalbek-Gizé.
À medida que se descobre o impressionante conjunto de montanhas naturais e artificiais que foram incorporadas à rede de orientação e comunicações dos Anunnaki, imagina-se se elas serviam de balizas somente devido à sua altura e formato. Não seria lógico pensar que todos também estavam equipados com algum tipo de instrumentos de direcionamento?
Quando se descobriram pares de condutos estreitos saindo das duas câmaras da Grande Pirâmide e abrindo-se para o exterior, imaginou-se que eles serviam como escoadouros de alimentos para os atendentes do faraó que presumivelmente tinham sido emparedados junto ao corpo de seu amo. Como a câmara do Rei encheu-se de ar fresco assim que a equipe do coronel Vyse desobstruiu o conduto norte, essas passagens passaram a ser chamadas de "dutos de ar". Em 1964, essa designação foi contestada por respeitados arqueólogos numa publicação conceituada, o Mitteilungen des Instituts für Orientforschung der Deutschen Akademie der Wissenschaften zu Berlin, o que é surpreendente, pois o establishment acadêmico sempre evitou divergir da teoria "pirâmide são tumbas". Escrevendo em vários boletins daquele ano, Virginia Trimble e Alexander Badawy apresentaram sua conclusão de que os "dutos de ar" tinham funções astronômicas, "pois estão incontestavelmente inclinados na direção das estrelas circumpolares, com uma margem de erro de apenas 1 grau".
Mesmo certificadas de que a direção e inclinação dos dutos foram premeditadas, é interessante notar que assim que o ar penetrou na câmara do Rei, a temperatura em seu interior manteve-se constante em 20 graus centígrados, fosse qual fosse o clima. Essas descobertas parecem confirmar as conclusões de E. F. Jomard, membro da equipe de cientistas de Napoleão que pensava que a câmara do Rei e seu "sarcófago" não tinham sido feitos para sepultamentos, mas para guardar padrões de peso e medidas que, como

se sabe, devem ser mantidos em ambientes com temperatura e umidade estáveis.
Claro que em 1824 Jomard falava em termos de unidades como o metro e o quilograma, e não podia imaginar os delicados instrumentos de orientação que são usados na atualidade. Nós, contudo, estamos familiarizados com eles.
Muitos estudiosos que ponderaram sobre o propósito da intricada superestrutura da câmara do Rei, com seus cinco compartimentos hermeticamente lacrados, acreditam que ela foi construída para aliviar a pressão da massa de blocos de pedra. Todavia, a câmara da Rainha, que está bem abaixo e suporta uma pressão muito maior, não possui essas tais "cavidades de alívio". Quando Vyse e seus homens entraram nos compartimentos, surpreenderam-se em ouvir com clareza cada palavra que era falada em outras partes da pirâmide. Flinders Petrie (The Pyramids and the Temple of Gizeh) examinou minuciosamente a câmara do Rei e o "ataúde" de pedra e descobriu que ambos foram construídos de acordo com as dimensões de triângulos pitagóricos. Ele também calculou que para cortar o ataúde de um bloco de pedra fora necessário o uso de uma serra com lâminas de 2,75 metros de comprimento, com dentes de ponta de diamantes. E mais, só uma furadeira com ponta de diamante, aplicada com uma pressão de 2 toneladas, conseguiria escavar a pedra para formar o interior do ataúde. Petrie confessou-se incapaz de explicar como isso poderia ter acontecido na Antiguidade. O arqueólogo mandou levantar o ataúde de pedra para verificar se ele continha algum tipo de abertura. Não encontrou nada. Petrie constatou também que, quando se batia no ataúde, ele emitia o som de um sino, que ressoava por toda a pirâmide, característica que já fora relatada por investigadores do início do século XIX. Então vem a pergunta: Será que a câmara do Rei e seu "caixão" foram construídos para servir como emissores de sons ou câmaras de eco?
Na atualidade, os equipamentos de orientação e aterrissagem dos aeroportos emitem sinais eletrônicos que os instrumentos de urna aeronave em aproximação traduzem num zumbido agradável quando ela mantém o curso correto. Se a aeronave sai do curso, o zumbido transforma-se num bip alarmante. Com base nisso, podemos supor com segurança que assim que foi possível, depois da destruição causada pelo dilúvio, novos equipamentos de orientação foram trazidos à Terra. O desenho egípcio que mostra os Divinos Portadores do Cordão indica que havia Pedras do Esplendor

instaladas nos dois pontos de ancoragem do Corredor de Aterrissagem. Minha teoria é que as câmaras no interior das pirâmides serviam para abrigar esses instrumentos de orientação e comunicação.
E Shad El - a "montanha de El" - seria igualmente equipada?
Os textos ugaríticos invariavelmente empregam a frase "penetrar em Shad El" ao descreverem a vinda de outros deuses à presença de El, que se encontrava "dentro de suas sete câmaras". Isso indica que essas câmaras ficavam no interior da montanha, tal como acontecia na Grande Pirâmide, urna montanha artificial.
Os historiadores dos primeiros séculos da era cristã contaram que o povo que habitava o Sinai e áreas adjacentes, como a Palestina e o norte da Arábia, adorava o deus Dushara ("Senhor das Montanhas") e sua esposa, Allat, "a Mãe dos Deuses". Trata-se, claro, de El e Elat, o feminino de El, ou seja, sua mulher, Asherah. Por sorte, o objeto sagrado de Dushara, sua relíquia adorada pelos fiéis, era retratado numa moeda mandada cunhar pelo governador romano daquelas províncias. Curiosamente, ele se parece bastante com a enigmática câmara do Rei da Grande Pirâmide: uma escada inclinada (um Corredor Ascendente), conduzindo para uma câmara entre enormes blocos de pedra. Sobre ela, urna pilha de pedras que nos faz lembrar dos "compartimentos de alívio".
Uma vez que as passagens ascendentes da Grande Pirâmide algo que só existe nela - estavam perfeitamente bloqueadas quando os homens de Al-Mamun as descobriram, a pergunta é: Quem, na Antiguidade, conhecia e copiou, como vemos na moeda, a construção do interior da pirâmide? A resposta só pode ser: os arquitetos e construtores da Grande Pirâmide. Só eles seriam capazes de reproduzir essas estruturas, tanto em Baalbek cormo no interior da montanha de El.
E foi assim que, apesar de o monte do Êxodo ficar situado na metade norte da península do Sinai, os habitantes da região sul transmitiram de geração a geração a lembrança de montes sagrados no maciço de granito. Eles eram as montanhas que, simplesmente por causa de sua altura e localização, mais os instrumentos dentro delas, serviam de balizas de orientação para os "Cavaleiros das Nuvens".

Quando foi instalado o primeiro espaço-porto terrestre, que ficava na Mesopotâmia, a trajetória de vôo era uma linha central que dividia exatamente ao meio o corredor de aterrissagem em forma de flecha. As

balizas de entrada, com seus faróis de aproximação, piscavam suas luzes e emitiam sinais acompanhando as duas linhas de perímetro da flecha. O centro de controle das operações ficava situado sobre a linha da trajetória de vôo e era lá que estavam todos os equipamentos que geravam sinais de orientação e comunicação, e onde se armazenavam todas as informações sobre órbitas planetárias e vôos espaciais.
Quando os Anunnaki aterrissaram em nosso planeta e decidiram construir na Mesopotâmia seu espaço-porto e instalações auxiliares, o Centro de Controle da Missão era Nippur ("O Local da Travessia"). O recinto "sagrado", ou restrito, de Nippur estava sob o absoluto controle de Enlil e chamava-se KI.UR ("Cidade da Terra"). Na parte central desse recinto, no alto de uma plataforma elevada, artificial, ficava o DUR.AN.KI "O Vínculo entre o Céu e a Terra". Como contam os textos sumérios, ele era "um alto pilar atingindo o firmamento, voltado para o céu". Assentado sobre "uma plataforma que não pode tombar", o pilar era usado por Enlil para "pronunciar a palavra" na direção do céu.
Podemos entender que todos esses termos eram tentativas sumérias de descrever antenas e instrumentos de comunicação sofisticados quando olhamos para o nome de Enlil "soletrado" em escrita pictográfica: um sistema de grandes antenas, radares e uma estrutura de comunicações.
Dentro dessa "altíssima casa" de Enlil estava escondida uma câmara misteriosa chamada DIR.GA, termo que significa, em tradução literal, "câmara escura em forma de coroa". O nome descritivo logo nos traz à lembrança a câmara do Rei, também oculta e misteriosa. Na DIR.GA, Enlil e seus assistentes guardavam as "Tábulas do Destino", onde estavam escritas as informações sobre vôos espaciais e orbitais. Quando um deus que podia voar como um pássaro roubou essa tábula:

Suspensas ficaram as Divinas Fórmulas.
A imobilidade se espalhou.
O silêncio prevaleceu...
O brilho do santuário foi roubado.

Na DIR. GA eram guardadas também as cartas celestes e o deus e seus ajudantes "executavam com perfeição" o ME, termo que tem ligações com a informática e a astronáutica. Essa câmara escondida era:

Tão misteriosa quanto os éteres longínquos
Como o zênite celestial.
Entre seus emblemas... os emblemas das estrelas;
O ME ele executa com perfeição.
Suas palavras são sussurros...
Suas palavras são veículos graciosos.

Um Centro de Controle da Missão, similar ao que ficava na linha de trajetória de vôo na Mesopotâmia antediluviana, precisava ser instalado para servir o novo espaço-porto na península do Sinai. Onde?
Minha resposta é: em Jerusalém.
Igualmente sagrada para judeus, muçulmanos e cristãos, Jerusalém, cuja atmosfera parece carregada de algum mistério inexplicável, já era uma cidade santa antes de o rei Davi nela estabelecer sua capital e de Salomão construir a Morada do Senhor. Quando Abraão chegou aos seus portões, Jerusalém era um centro de culto bem estabelecido de "El, o Supremo, o justo do Céu e da Terra". O nome mais antigo da cidade é Ur-Shalem, a "Cidade de Shalem" ou, traduzindo o nome próprio, a "Cidade do Ciclo Completado", que sugere uma associação com o Deus das órbitas ou com assuntos orbitais. Quanto a quem poderia ter sido Shalem, os estudiosos propõem várias teorias. Uns, como Benjamim Mazer, no artigo "Jerusalém before the David Kingship", dizem que se trata de Shamash, o neto de Enlil. Outros preferem identificá-lo com Ninib, o filho de Enlil. Contudo, em todas as teorias não existe contestação da ligação das raízes de Jerusalém com o panteão mesopotâmico.
A cidade de Jerusalém, desde seus primórdios, abrange três picos de montanha. De norte a sul eles são: monte Zofim, monte Moriá e monte Sião. Os nomes denunciam suas antigas funções. O mais ao norte é o "Monte dos Observadores" (atualmente chamado de monte Scopus); o central "Monte do Direcionamento"; o mais ao sul "Monte do Sinal". Eles mantêm essas denominações apesar da passagem dos milênios.
Os vales de Jerusalém também têm nomes e epítetos intrigantes. Um deles é chamado por Isaías de Hizaion, "O vale da Visão". O de Kidron era conhecido como "O vale do Fogo". No Hinnom (o Geena do Novo Testamento), segundo lendas milenares, havia uma entrada para o mundo subterrâneo, marcada por uma coluna de fumaça que se erguia entre duas palmeiras. Já o vale Repha'im tinha esse nome porque nele residiam os

Divinos Curadores que, como contam as lendas ugaríticas, trabalhavam sob as ordens da deusa Shepesh. Nas traduções para o aramaico do Velho Testamento, esses curadores são chamados de "Heróis"; a primeira tradução grega chamou o lugar habitado por eles de "vale dos Titãs".

Dos três montes de Jerusalém, o Moriá foi sempre o mais sagrado. O Livro do Gênesis afirma explicitamente que Deus mandou Abraão ir para lá em companhia de seu filho Isaac na ocasião em que quis testar a fidelidade do patriarca. As lendas hebraicas contam que Abraão reconheceu o monte Moriá a distância porque viu sobre ele "um pilar de fogo indo da terra até o céu e uma nuvem pesada onde se via a Glória de Deus". Essa linguagem é quase idêntica à usada na descrição bíblica sobre a descida de Deus no monte Sinai.

A grande plataforma no alto do monte Moriá, que em sua constituição básica nos faz lembrar de Baalbek, embora seja muito menor, há muito é chamada de "O monte do Templo", pois era o local onde ficava o templo de Jerusalém da época de Salomão.

Atualmente ele é ocupado por vários santuários muçulmanos, dos quais o mais famoso é o Domo da Rocha. Essa cúpula foi trazida de Baalbek pelo califa Abd-al-Malik no século VII e no Líbano ela encimava uma igreja bizantina. O califa a mandou instalar como cobertura de um prédio octogonal que ele erigira para abrigar a Rocha Sagrada, uma enorme pedra à qual, desde tempos imemoriais, eram atribuídas qualidades mágicas e divinas.

Os muçulmanos acreditam que foi da Rocha Sagrada que Maomé partiu para visitar o Céu. Segundo o Corão, o anjo Gabriel transportou o profeta de Meca a Jerusalém, com uma rápida parada no monte Sinai. Para subir ao Céu em companhia do anjo, Maomé usou uma "escada de luz". Depois de passar pelos Sete Céus, ele finalmente viu-se na presença de Deus. Recebeu as instruções divinas e, em seguida, voltou à Terra pelo mesmo raio de luz, pousando de novo na rocha. Dali retornou a Meca, com uma outra parada rápida no monte Sinai, montado no cavalo alado do anjo.

Os viajantes da Idade Média pensavam que a Rocha Sagrada era um enorme bloco de pedra artificialmente cortado, em forma de cubo, cujos cantos apontavam para os quatro pontos cardeais. No entanto, como apenas a parte superior da rocha é visível, a idéia de que ela tem a forma cúbica deve ter se originado da tradição muçulmana que afirma que a Grande Pedra Sagrada

de Meca, a Kaaba, é uma réplica (feita por ordem divina) da Rocha Sagrada de Jerusalém.
A partir da parte visível, fica evidente que a Rocha Sagrada foi cortada de diferentes maneiras na face superior e lados, perfurados para formação de dois funis tubulares e escavada para se criar um túnel subterrâneo e câmaras secretas. Ninguém sabe o propósito dessas obras, quem as projetou e executou.
No entanto, sabemos que Salomão construiu o Primeiro Templo no monte Moriá seguindo instruções precisas dadas pelo Senhor. O Santo dos Santos foi erigido sobre a Rocha Sagrada. A câmara mais interna desse santuário, toda revestida de ouro, era ocupada por dois querubins, esculpidos em ouro, com as asas tocando as paredes e umas às outras. Entre eles ficava a Arca da Aliança, do interior da qual Deus falou a Moisés no deserto. Embora estivesse completamente isolado do exterior, o Santo dos Santos é chamado no Velho Testamento de Dvir, cuja tradução literal é "O Falador".
A sugestão de que Jerusalém era um centro de comunicações "divino", um lugar onde havia uma Pedra do Esplendor oculta, pela qual a Voz de Deus era irradiada para as áreas mais remotas, não é tão absurda como pode parecer. De fato, na Bíblia isso é louvado como prova da supremacia de Iahweh e da própria Jerusalém.
"Responderei ao Céu e eles responderão à Terra", garantiu o Senhor ao profeta Oséias. Amós profetizou que "de Sião, Iahweh rugirá, de Jerusalém sua voz emanará". E o salmista afirmou que quando Deus falasse de Sião seus pronunciamentos seriam ouvidos em todos os confins da Terra e no Céu também:

Aos deuses Iahweh falará
E à Terra Ele clamará do Oriente ao Ocidente...
Aos céus ele clamará e à Terra também.

Baal, o senhor do complexo de Baalbek, vangloriava-se de que sua voz podia ser ouvida em Cades, a cidade portal do recinto dos deuses no centro da península do Sinai. O Salmo 29, dando a lista de alguns lugares da Terra que podiam ser atingidos pela voz do Senhor de Sião, incluiu nela tanto Cades como o Líbano, onde fica Baalbek.

A voz de Iahweh cobre as águas...

A voz de Iahweh despedaça os cedros...
A voz de Iahweh ressoa no deserto.
Iahweh sacode o deserto de Cades.

As capacidades adquiridas por Baal quando instalou as Pedras do Esplendor em Baalbek estão descritas nos textos ugaríticos como a possibilidade de colocar "um lábio na Terra, um lábio no Céu". O símbolo para esses aparelhos de comunicação, como vimos, eram as duas pombas. Tanto a terminologia como o simbolismo estão incorporados nos versos do Salmo 68, que descrevem a chegada do Senhor, que se aproxima voando:

O Senhor da Palavra dará uma ordem,
O oráculo de um exército numeroso.
Os reis de exércitos correm e fogem;
Morada e lar tu dividirás como despojos
Mesmo que estiverem entre os dois Lábios
E a Pomba de asas cobertas de prata,
Cujas penas são de ouro esverdeado...
O carro de Deus é poderoso,
Tem milhares e milhares de anos;
Dentro dele o Senhor veio do sagrado Sinai.

A Pedra do Esplendor de Jerusalém - a "Pedra do Testamento" ou "Pedra da Investigação" dos profetas - estava escondida numa câmara subterrânea. Sabemos disso por meio de uma Lamentação sobre a desolação de Jerusalém depois que a ira do Senhor caiu sobre seu povo:

O palácio foi abandonado pelos habitantes;
Esquecido está o cume do monte Sião (e)
O "sondador que testemunha"
A Caverna do Eterno Testemunho
É lugar de brincadeira de asnos selvagens,
Pasto para rebanhos.

Depois da restauração do templo de Jerusalém, prometeram os profetas, "a palavra de Iahweh de Jerusalém emanará". A cidade voltaria a ser um centro mundial, procurado por todas as nações.

Transmitindo a promessa do Senhor, Isaías garantiu ao povo que não apenas a "Pedra do Testemunho" como também as "funções de mediação" lhe seriam devolvidas.

Vejam,
Assentarei bem firme uma pedra em Sião,
Uma pedra do Testemunho,
Uma rara e altíssima Pedra Angular,
Com alicerces profundamente fundamentados.
Aquele que tem fé não ficará sem resposta.
A justiça será meu Cordão;
A integridade minha Medida.

Para poder servir como Centro de Controle da Missão, Jerusalém - tal como Nippur - tinha de ficar localizada na linha que dividia o Corredor de Aterrissagem ao meio. Suas tradições confirmam essa posição de importância e sugerem que era a Rocha Sagrada que marcava o centro geodésico da cidade.
Segundo as tradições judaicas, Jerusalém era o "umbigo da Terra". O profeta Ezequiel referia-se ao povo de Israel como "habitantes do umbigo da Terra". O Livro dos Juízes relata um incidente onde o povo descia das montanhas vindo do "umbigo da Terra". Esse termo, como vimos anteriormente, indica Jerusalém como sendo um ponto focal, um centro de comunicações, do qual saíam" cordões" (uma linha contínua de sinais) na direção de outros pontos da Rede de Orientação. Por isso, não é mera coincidência a designação para a rocha em antigo hebraico ser Eben Sheti'yah, que os sábios judeus sempre afirmaram poder ser traduzida como "pedra da qual o mundo é tecido". A palavra sheti é de fato um termo da arte da tecelagem, que designa os cordões compridos e horizontais que são colocados no tear para, junto com os verticais, mais curtos, formarem a trama básica. Portanto, o nome era bem adequado para uma pedra que marcava o ponto exato de onde saíam os Cordões Divinos que cobriam a Terra como uma teia.
Mas, por mais sugestivos que sejam todos esses termos e lendas, a pergunta decisiva é: Jerusalém de fato ficava na linha que dividia igualmente o Corredor de Aterrissagem, o ângulo formado pelo monte Ararat, as pirâmides de Gizé e o monte Umm Shumar?

A resposta incontestável é: Sim, Jerusalém fica exatamente nessa linha!
Tal como vimos antes, no caso das Pirâmides, à medida que vamos estudando a posição de Jerusalém, mais alinhamentos e triangulações impressionantes vão surgindo.
Jerusalém, descobrimos, fica no local exato onde a linha Baalbek-Santa Catarina corta a linha de trajetória de vôo com foco no Ararat.
A distância entre Heliópolis e Jerusalém é exatamente igual à que separa Umm Shumar de Jerusalém.
As linhas que unem Jerusalém a Heliópolis e Jerusalém ao Umm Shumar formam um ângulo preciso de 45 graus!
Esses vínculos entre Jerusalém, Baalbek (a Crista de Zafon) e Gizé (Mênfis) eram conhecidos e louvados em tempos bíblicos:

Grande é Iahweh e grandemente louvada
É a cidade do Senhor.
Seu monte sagrado
Em Mênfis é embelezado.
A alegria de toda a Terra,
Do Monte Sião, da Crista de Zafon.

Jerusalém, segundo o Livro dos Jubileus, era um dos quatro "Lugares do Senhor" na Terra, sendo os outros o "Jardim da Eternidade", na Montanha dos Cedros (Líbano), a "montanha do leste", o monte Ararat, e o monte Sinai. Três deles ficavam nas "terras de Sem" (ou Shem), filho de Noé do qual descendiam os patriarcas da Bíblia. E esses locais eram interligados:

O Jardim da Eternidade, o mais sagrado,
É a montanha do Senhor;
E o monte Sinai, no centro do deserto;
E o monte Sião, no meio do umbigo da Terra.
Os três foram criados como lugares sagrados.
Olhando uns para os outros.

O espaço-porto tinha de ficar em algum lugar da "linha de Jerusalém", a central de vôo ancorada no monte Ararat. E, junto dele, precisava estar instalado o farol de localização final. Ele ficava no monte Sinai, no centro do deserto.

É aqui que a linha imaginária que atualmente chamamos de paralelo 30 norte entra em cena.
Sabemos, pelos textos astronômicos sumérios, que o firmamento da Terra foi dividido em três setores ou "vias": uma faixa norte (a via de Enlil), uma faixa sul (a via de Ea) e a faixa central (a via de Anu). Nada mais lógico supor que na Terra também existiam linhas imaginárias separando os territórios dos irmãos rivais, cuja tradição se manteve mesmo depois do dilúvio, quando a Terra já extensamente colonizada foi dividida em quatro regiões. E tudo indica que essas linhas eram os paralelos 30 norte e sul.
As cidades sagradas das quatro regiões citadas pelos textos sumérios ficavam no paralelo 30. Essa localização é mera coincidência ou resultado de um acordo entre Ea e Enlil ou seus descendentes, em constante disputa?
Os textos sumérios contam que, "quando a monarquia desceu do Céu", depois do dilúvio, "ela ficava em Eridu". Ora, Eridu ficava no paralelo 30 norte, o mais próximo dele permitido pela área pantanosa do alto do golfo Pérsico. E apesar do centro administrativo-secular da Suméria ter mudado de cidade de tempos em tempos, Eridu continuou sendo sempre uma cidade sagrada.
A capital secular da segunda região (a área do Nilo) variou de lugar, mas Heliópolis sempre se manteve como uma cidade sagrada. Os Textos das Pirâmides reconhecem seus vínculos com outros locais santos e chamam os antigos deuses de "Senhores dos Santuários Duplos". Esses santuários tinham os nomes intrigantes e possivelmente pré-egípcios de Per-Neter ("Lugar da Chegada dos Guardiões") e Per-Ur ("Lugar de Chegada dos Antigos") e suas descrições hieroglíficas transmitem uma impressão de grande antiguidade.
Esses santuários duplos desempenhavam um papel de grande importância na sucessão dos faraós. Durante esses rituais, liderados pelo sacerdote Shem, a coroação do novo rei e sua admissão ao "Lugar dos Guardiões", em Heliópolis, coincidiam com a partida do espírito do rei falecido pela Porta Falsa, situada no lado leste, na direção do "Lugar de Chegada dos Antigos".
Heliópolis também ficava situada no paralelo 30, o mais próximo dele permitido pela área pantanosa do delta do Nilo.
A Terceira Região, a que compreende a civilização do vale do Indo, tinha sua capital secular situada no litoral do oceano índico. Todavia, a cidade sagrada, Harapa, ficava a centenas de quilômetros ao norte - bem sobre o paralelo 30.

A obrigatoriedade do paralelo 30 parece ter continuado ao longo dos milênios. Por volta de 600 a.C., os reis persas resolveram construir uma cidade "sagrada a todas as nações" e escolheram para sua localização uma área remota e desabitada. Lá, no meio do nada, foi construída uma imensa plataforma horizontal, sobre a qual foram erigidos palácios, magníficas escadarias, santuários e estruturas auxiliares - tudo em honra do Disco Alado. Os gregos chamavam esse lugar de Persépolis (Cidade dos Persas). As ruínas dessa cidade sagrada ainda hoje causam grande admiração. No entanto, ninguém morava lá. O rei e seu séquito só iam a esse lugar especial para comemorar a entrada do Ano-Novo, no dia do equinócio de primavera. E essa cidade sagrada ficava situada no paralelo 30.

Ninguém sabe ao certo quando foi fundada Lhasa, a cidade sagrada do budismo, situada no Tibete. Todavia, é um fato incontestável que ela, como Eridu, Heliópolis, Harapa e Persépolis, localizava-se no paralelo 30.

O destaque do paralelo 30 remonta às origens da Rede Sagrada, quando os Divinos Medidores, ou topógrafos Anunnaki, determinaram a localização das pirâmides de Gizé, nele situadas. Teriam os deuses levado em conta a "santidade", ou neutralidade, dessa linha quando escolheram o local para sua instalação mais vital - o espaço-porto -, que ficava na Quarta Região, a península do Sinai?

Agora devemos procurar a pista final na parte restante do enigma de Gizé - a Grande Esfinge. Ela tem o corpo de um leão sentado e a cabeça de um homem usando o toucado real. Quem a construiu? Quando? Com que propósito? Quem ela retrata? E por que está naquele local, sozinha e única no mundo?

As perguntas sempre foram muitas e as respostas, poucas. Uma coisa, porém, é certa: a Esfinge olha para o leste e a linha de seu olhar acompanha o paralelo 30.

Na Antiguidade, esse preciso alinhamento com o Divino Paralelo foi enfatizado pela construção de uma série de estruturas que, saindo da Esfinge, estendiam-se na direção do Oriente, assentadas num eixo leste-oeste.

Quando Napoleão e seus homens chegaram à Esfinge no início do século XVIII, ela estava praticamente coberta de areia e só se via a cabeça e parte dos ombros. Os artistas a retrataram nesse estado e por muitas décadas o público só a conheceu assim. Foram necessárias repetidas e sistemáticas escavações para o monumento se revelar em toda sua grandiosidade (73

metros de comprimento, 20 metros de altura) e forma completa, confirmando o que os historiadores gregos descreveram: uma escultura colossal, feita de um único bloco de pedra natural. E foi nosso conhecido capitão Caviglia, que mais tarde seria expulso de Gizé pelo coronel Vyse, que, em 1816-1818, chefiou as obras que revelaram não somente o resto do corpo da Esfinge, como também os templos, santuários, altares e estelas erigidos diante dela.

Ao limpar a área diante do monumento, Caviglia descobriu uma plataforma com uma largura praticamente igual à da Esfinge, mas que parecia ter o lado maior apontando para o leste. Escavando 30 metros nessa direção, ele chegou a uma espetacular escadaria de trinta degraus terminando num patamar sobre o qual havia ruínas que lembravam um púlpito. Com o prosseguimento da obra, foi descoberta no final do patamar, a uns 12 metros da primeira escadaria, uma outra, com treze degraus, elevando assim o nível da estrutura completa a mesma altura da cabeça da Esfinge.

Na parte mais alta desse conjunto, havia uma estrutura cuja função era suportar duas colunas, situadas em tal posição que o olhar da Esfinge passava exatamente entre elas.

Os arqueólogos acreditam que essas ruínas são da época romana. No entanto, como é bem sabido e vimos no caso de Baalbek, gregos e romanos tinham o hábito de embelezar monumentos de outras eras e construir templos em locais considerados sagrados pelas populações das regiões que dominavam. Atualmente está estabelecido que conquistadores gregos e imperadores romanos deram continuidade às tradições dos faraós de visitarem a Esfinge para lhe prestar homenagem, deixando atrás de si inscrições apropriadas. Essas inscrições confirmam a crença, que continuou até a época do domínio árabe, de que a Esfinge era obra dos próprios deuses, sendo considerada o arauto de uma futura era de paz messiânica. Uma inscrição do imperador Nero a chama de “Armaquis, Supervisor e Salvador".

Como a Esfinge fica situada perto do caminho elevado que conduz à Segunda Pirâmide, os estudiosos logo pensaram que ela fora construída por Chefra e, portanto, devia retratá-lo. Essa teoria não tem a menor base factual, mas continua presente nos livros sobre o assunto. Todavia, já em 1904, E. A. Wallis Budge, na época curador das Antiguidades egípcias e assírias do Museu Britânico, concluiu inequivocamente (The Gods of the Egyptians) que "esse maravilhoso objeto já existia no tempo de Kha-f-ra ou

Quéfren; é possível que seja muito anterior ao seu reinado e date do final do período arcaico".
Como atesta a Estela do Inventário, a Esfinge já estava em Gizé na época de Khufu, antecessor de Chefra. Na inscrição, Khufu diz que mandou remover a areia que invadia a Esfinge - uma afirmação que se repete nas inscrições de outros faraós. Assim, é justo deduzirmos que ela já era um monumento muito antigo na época desse rei. Então, quem foi o faraó, muito anterior a ele, que a esculpiu, dando-lhe ao rosto sua própria imagem?
A resposta é que o rosto não é o de um faraó qualquer, mas de um deus. E mais, tudo indica que foram deuses, e não mortais, que esculpiram a Esfinge.
De fato, só ignorando o que dizem as antigas inscrições é que alguém poderia imaginar uma origem diferente. Uma inscrição romana, chamando a Esfinge de "Guia Sagrado", diz: "Tua forma magnífica é obra dos deuses imortais". Um trecho de um poema grego afirma:

Tua forma magnífica,
Aqui os deuses imortais moldaram...
Junto às pirâmides o colocaram...
Um monarca celestial que seus inimigos desafia...
Guia Sagrado da Terra do Egito.

Na Estela do Inventário, Khufu chamou a Esfinge de "Guardião do Éter, que guia os ventos com seu olhar" e deixa bem claro que ela era a imagem de um deus:

Esta figura do deus
Durará até a eternidade;
Tendo sempre seu rosto voltado para o leste.

Khufu fala também de um velho sicômoro que crescia ao lado da Esfinge e foi danificado "quando o Senhor do Céu desceu no Lugar de Hor-em-Akhet" (o deus-falcão do horizonte). Esse, na verdade, era o nome mais freqüente da Esfinge nas inscrições dos faraós, sendo seus epítetos, entre outros, ruti (" o leão") e hul ("o eterno").
Os escavadores do início do século XIX que trabalharam na área da Esfinge, conforme atestam os documentos da época, estavam instigados

pelas lendas árabes que afirmavam existir dentro do monumento ou sob ele câmaras secretas cheias de tesouros ou objetos mágicos. Quando o coronel Vyse chegou a Gizé, Caviglia trabalhava ativamente no interior da Grande Pirâmide à procura de "câmaras ocultas". Parece que ele voltou-se para essa empreitada depois de fracassar em descobrir algo parecido na Esfinge. Perring também tentou encontrar alguma câmara oculta, fazendo um buraco profundo nas costas da Esfinge.
Mesmo pesquisadores mais responsáveis, como Auguste Mariette, em 1853, compartilhavam da opinião generalizada de que existia um compartimento secreto no interior do monumento ou sob ele, motivada pelos livros do historiador romano Plínio, que escreveu que a Esfinge continha a tumba de um governante chamado "Harmaquis" e pelo fato de todos os antigos desenhos a mostrarem assentada sobre uma grande estrutura de pedra. Era justo pensar que as mesmas areias que tinham coberto praticamente toda a Esfinge, acumulando-se ao longo de milênios, escondiam também a sua parte inferior.
As inscrições mais antigas parecem sugerir que existiam duas câmaras secretas, talvez acessíveis por uma entrada escondida sob as patas da escultura. Além disso, um hino da época da 18ª. Dinastia revela que as duas "cavernas" permitiam que ela funcionasse como um centro de comunicações.
Segundo esse cântico, o deus Amen, assumindo as funções do celestial Hor-Akhti, obtém "percepção no coração, comando nos lábios... quando entra nas duas cavernas que ficam sob seus pés". Então:

Uma mensagem é enviada do céu;
Ela é ouvida em Heliópolis,
E repetida em Mênfis pelo Belo de Rosto.
Ela faz parte de um despacho na caligrafia de Thot,
Que trata da cidade de Amen (Tebas)...
O assunto é respondido em Amen,
Uma declaração é emitida... uma mensagem enviada.
Os deuses estão agindo de acordo com as ordens.

No tempo dos faraós, acreditava-se que a Esfinge, apesar de ser esculpida em pedra, era capaz de ouvir e falar. Numa longa inscrição gravada numa estela erigida entre as patas do monumento por Tutmés IV e dedicada ao

Disco Alado, o rei conta que a Esfinge falou com ele e lhe prometeu um longo e próspero reinado se mandasse retirar a areia que lhe cobria as patas. Um dia, continua o faraó, ele estava caçando fora de Mênfis e encontrou-se na "sagrada estrada dos deuses" que ia de Heliópolis a Gizé. Cansado, deitou-se para repousar à sombra da Esfinge. Aquele local, como revela a inscrição, era chamado de "Lugar Esplêndido do Início dos Tempos". Quando Tutmés IV adormeceu junto a "essa grande estátua do Criador", ela - aquela "majestade do reverenciado Deus" - começou a falar, apresentando-se como "Sou teu ancestral Horem-Akhet, aquele criado de Ra-Aten".

Muitas "tábulas de ouvido" - objetos bastante incomuns - e desenhos das Duas Pombas, o símbolo associado aos locais do oráculo, foram descobertas nos templos em torno da Esfinge. Como as antigas inscrições, eles também contribuem para a crença de que o monumento, de alguma forma, transmitia mensagens divinas. Embora os esforços para se empreender escavações sob a Esfinge até agora não tenham sido bem-sucedidos, não se pode descartar a possibilidade da existência de câmaras subterrâneas onde os deuses entravam com "comandos nos lábios" e de que um dia talvez elas venham a ser descobertas.

Está claro a partir de numerosos textos funerários que a Esfinge era considerada o Guia Sagrado que orientava os falecidos do "ontem" para o "amanhã". Encantamentos descobertos no interior de ataúdes, servindo para facilitar a viagem do morto ao longo da "Trilha das Portas Escondidas", indicam que esta começava perto da Esfinge. Invocando-a, esses encantamentos afirmam que "O Senhor da Terra ordenou, a Dupla Esfinge repetiu". A jornada do falecido só se iniciava quando Hor-em-Akhet (a Esfinge) dizia: "Pode passar!" Os desenhos do Livro dos Dois Caminhos, que ilustram essa viagem, mostram que havia dois caminhos que, saindo de perto da Esfinge, levavam ao Duat.

Na condição de Guia Sagrado, a Esfinge freqüentemente era mostrada guiando o Barco Celestial. Às vezes, como na estela de Tutmés, ela aparecia como uma Esfinge dupla, guiando o Barco Celestial do "ontem" para o "amanhã". Nesse papel, ela era associada ao Deus Oculto, do reino subterrâneo. E é assim, devemos lembrar, que ela aparece guardando a câmara hermeticamente fechada do deus Seker, no Duat.

De fato, os Textos das Pirâmides referem-se à Esfinge como "o grande deus que abre os portões da Terra" - frase que pode sugerir que além da de Gizé, que "mostrava o caminho", existia uma outra Esfinge, perto da Escada para

o Céu, que "abria os portões da Terra". Essa possibilidade pode ser a explicação (a única, na ausência de qualquer outra até agora), para um desenho muito arcaico descrevendo a viagem do faraó para a Outra Vida. Ele começa com o falcão de Hórus olhando para o País das Tamareiras e um navio incomum, com coisas parecidas com gruas ou guindastes, e sobre ele uma estrutura que nos faz lembrar o desenho sumério para o nome EN.LIL, representando um centro de comunicações. São vistos também um deus saudando o faraó, um touro e um Pássaro da Imortalidade, seguidos de fortificações e uma série de símbolos. Finalmente vem o sinal para "luas" (uma cruz inclinada dentro de um círculo), colocado entre o desenho da escada e o de uma Esfinge de costas para a chegada do faraó, portanto olhando para o outro lado.
Uma estela erigida por um certo Pa-Ra-Emheb, que dirigiu obras de restauração na área da Esfinge em épocas faraônicas, contém palavras denunciadoras no trecho com versos sobre a adoração da escultura. A similaridade com os salmos bíblicos é impressionante. A inscrição fala em estender cordões "para o plano", em fabricação de "coisas secretas" no reino subterrâneo, "cruzar o firmamento" num Barco Celestial e de um "lugar protegido" no "deserto sagrado". Ela inclusive usa o termo Sheti.ta para designar o "Lugar do Nome Oculto", no "deserto sagrado".

Salve, rei dos deuses,
Aten, Criador...
Tu estendes o cordão para o plano, tu formaste os países...
Tornaste secreto o mundo subterrâneo...
A Terra está sob teu comando;
Fizeste alto o firmamento...
Tu construíste para ti um lugar protegido
No deserto sagrado, com um nome oculto.
Durante o dia,
Tu te elevas perto dele.
Sobes maravilhosamente...
Estás cruzando o firmamento com bom vento...
Atravessas o firmamento em teu barco...
O firmamento se rejubila,
A Terra grita de alegria.
A tripulação de Ra louva todos os dias;

Ele vem em triunfo.

Para os profetas hebreus, o Sheti era a Linha Divina, a direção que devia sempre ser contemplada "pois dentro dela o Senhor veio do sagrado Sinai". Era, portanto, a linha central do Corredor de Aterrissagem, a trajetória de vôo que passava por Jerusalém.
Para os egípcios, contudo, como diz a inscrição acima, Sheti.ta era o "Lugar do Nome Oculto", que ficava no "deserto sagrado", que é exatamente o que significa o termo bíblico "deserto de Cades". E os "cordões do plano" estendiam-se da Esfinge até ele. Nesse lugar, Paraemheb viu o "rei dos deuses" subindo durante o dia. As palavras são quase idênticas às de Gilgamesh quando chegou ao monte Mashu, "onde diariamente os Shem ele observava, enquanto iam e vinham... vigiados por Shamash enquanto ascende e descende" .
Aquele era o Lugar Protegido, o Local de Ascensão. Os que queriam atingi-lo eram guiados pela Esfinge, pois seu olhar ficava voltado para o leste, acompanhando com exatidão o paralelo 30.
Minha teoria é de que os Portões do Céu e da Terra - o espaço-porto dos "deuses" - ficava no local onde a Linha de Jerusalém cortava o paralelo 30.
Essa interseção fica no interior da planície central da península do Sinai. Tal como o Duat pintado no Livro dos Mortos, ela é mesmo um terreno plano, oval, cercado de montanhas. Essas montanhas são separadas por sete desfiladeiros - como descrito no Livro de Henoc. Sendo uma vasta área com superfície rochosa natural, dura, ela fornecia pistas já prontas para os ônibus espaciais dos Anunnaki.
Nippur, como já vimos, era o foco, o ponto central, dos círculos concêntricos que uniam locais eqüidistantes do espaço-porto situado em Sippar e outras instalações vitais. Encontramos isso repetido em Jerusalém:

. O espaço-porto (SP) e o Local de Aterrissagem em Baalbek (BK) ficam no perímetro de um círculo interno, unindo um conjunto vital de instalações eqüidistantes do Centro de Controle em Jerusalém (JM);

. O marco geodésico de Umm Shumar (US) e a baliza de entrada de Heliópolis (HL) ficam no perímetro do círculo externo, sendo portanto eqüidistantes de Jerusalém.

Conforme vamos completando nosso gráfico, o magistral plano dos Anunnaki vai se revelando diante de nossos olhos e nos impressiona com sua precisão, beleza e habilidosa combinação entre a geometria básica e os marcos naturais fornecidos pela natureza:

. As linhas Baalbek-Santa Catarina e Jerusalém-Heliópolis cortam-se num ângulo básico e preciso de 45 graus; a trajetória de vôo, central, divide esse ângulo exatamente ao meio, o que resulta em dois ângulos de 22 e 1/2 graus; o grande corredor de vôo, por sua vez, tem a metade exata desse ângulo, ou seja, 11 e 1/4 graus.

. O espaço-porto, situado na interseção da trajetória de vôo e o paralelo 30, é eqüidistante de Heliópolis e Umm Shumar.

Seria um mero acidente de geografia Delfos (DL) estar eqüidistante do Centro de Controle da Missão em Jerusalém e do espaço-porto na planície central do Sinai? Será simples coincidência o ângulo criado por essas linhas (também um corredor de vôo?) ter 11 e 1/4 graus? E o outro, ligando Delfos a Baalbek, também com 11 e 1/4 graus?
Será por mero acaso que as linhas que ligam Delfos, Jerusalém e o oásis de Siwa (SW) - centro do oráculo de Amon, que Alexandre apressou-se a consultar - formam de novo o ângulo de 45 graus?
Será que as outras cidades e centros de oráculo do Egito, como Tebas e Edfu, foram fundados em aprazíveis curvas do Nilo apenas atendendo aos caprichos de um faraó qualquer, ou devido a posições determinadas pela Rede de Orientação?
Na verdade, se nos dispuséssemos a estudar a posição de todos esses marcos naturais, centros de oráculo e antigas cidades, conseguiríamos demarcar toda a Terra. Mas não era isso que Baal já sabia quando instalou seu equipamento clandestino em Baalbek? Sua meta, como bem nos recordamos, era se comunicar não apenas com os territórios mais próximos, mas também com toda a Terra, para assim dominá-la.

O Deus da Bíblia também sabia dessa demarcação, pois quando Jó tentou deslindar “as maravilhas de El", o Senhor "falando do meio de um redemoinho”: respondeu às perguntas com perguntas:

Perguntar-te-ei e responde-me:
Onde estavas tu quando eu
Lançava os fundamentos da Terra?
Dize-mo, se é que tens inteligência:
Quem deu as medidas para ela,
Se é que o sabes?
Ou quem sobre ela estendeu o cordel?
Quem erigiu suas plataformas?
Quem assentou a Pedra Angular?

Então Iahweh respondeu a suas próprias perguntas. Todos esses atos de medição da Terra, de instalação de plataformas, o assentamento da Pedra Angular foram feitos, disse Ele:

Quando as estrelas da manhã se rejubilavam,
E todos os filhos dos deuses gritavam de alegria.

O homem, por mais sábio que possa ter sido, não teve nada a ver com isso. Baalbek, as pirâmides de Gizé, o espaço-porto, todos foram construídos apenas para os deuses.
O homem, porém, buscando a imortalidade, jamais deixou de seguir o olhar da Esfinge.

FIM

Texto fonte doc: Desconhecido

Formatação/conversão ePub:

ZECHARIA SITCHIN

A ESCADA PARA O CÉU